

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CLAUDIA MALGARESI ADAMANTE

TRA(D)IÇÃO DA MEMÓRIA NA (RE)CRIAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: O
PROGRAMA DE INTERVENÇÃO CROMÁTICA NAS FACHADAS DO LARGO DA
ORDEM EM CURITIBA – PR

CURITIBA

2023

ANA CLAUDIA MALGARESI ADAMANTE

TRA(D)IÇÃO DA MEMÓRIA NA (RE)CRIAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: O
PROGRAMA DE INTERVENÇÃO CROMÁTICA NAS FACHADAS DO LARGO DA
ORDEM EM CURITIBA – PR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Adamante, Ana Claudia Malgaresi

Tra(d)ição da memória na (re)criação de centros históricos: o programa de intervenção cromática nas fachadas do Largo da Ordem em Curitiba PR / Ana Claudia Malgaresi Adamante. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientador: Alessandro Filla Rosaneli

1. Patrimônio cultural – Curitiba (PR). 2. Cromática. 3. Paisagens – Proteção. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Rosaneli, Alessandro Filla. IV. Título.

Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA CLAUDIA MALGARESI ADAMANTE** intitulada: **TRA(D)IÇÃO DA MEMÓRIA NA (RE)CRIAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO CROMÁTICA NAS FACHADAS DO LARGO DA ORDEM EM CURITIBA PR.**, sob orientação do Prof. Dr. ALESSANDRO FILLA ROSANELI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Julho de 2023.

Assinatura Eletrônica

03/08/2023 15:07:50.0

ALESSANDRO FILLA ROSANELI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

03/08/2023 22:18:55.0

LUCIA VERAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Assinatura Eletrônica

03/08/2023 17:39:18.0

TIAGO CAVALCANTI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC)

Dedico este trabalho àqueles que se empenham em preservar e transmitir nosso legado cultural às gerações futuras, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente, resiliente e enriquecedora culturalmente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela saúde, pela minha família e pelas oportunidades que me foram concedidas. Agradeço também à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que todas as quartas-feiras me amparou e deu forças para seguir firme na realização de mais um sonho.

Expresso meu profundo agradecimento à Universidade Federal do Paraná, ao Setor de Ciências da Terra e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, assim como ao seu Colegiado e Docentes, por proporcionarem um ambiente de aprendizado e debates enriquecedores, mesmo diante do período desafiador da pandemia. Agradeço também ao Ministério da Educação e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro fornecido para a realização deste trabalho.

Não tenho palavras para expressar minha gratidão ao meu orientador, professor e amigo, Alessandro Filla Rosaneli, pelos ensinamentos, oportunidades e pela sua contribuição fundamental para a minha formação como pesquisadora e arquiteta urbanista. Filla é uma inspiração como profissional e mentor, pela sua ética de pesquisa, excelência em orientação e generosidade ao compartilhar conhecimentos. É curioso como a vida nos surpreende, pois cruzamos nossos caminhos há alguns anos em outra conquista, quando ele foi membro da banca avaliadora da minha defesa de TCC. Que essa parceria continue a florescer na busca pelo reconhecimento da Arquitetura da Paisagem.

Tenho imenso apreço por cada membro do Observatório do Espaço Público (OEP) pelas valiosas conversas, insights e pelo trabalho conjunto em projetos, curadorias e edições. Também sou grata por todas as dicas acadêmicas e gastronômicas compartilhadas ao longo dessa jornada.

Agradeço de todo o coração aos meus amigos e amigas, que compreenderam minhas ausências, incentivaram minha trajetória acadêmica e tiveram paciência durante momentos de desabafos. Em especial, quero agradecer à Aline Galinari Santoro, uma grande amiga que a vida acadêmica me presenteou e com quem compartilho a realização de sonhos.

Sou verdadeiramente grata à minha família curitibana, em particular pelo meu sogro, Carlos Augusto Laffitte Mineto, e minha sogra, Cíntia Mara Adam Laffitte

Mineto. Sua presença amorosa, palavras de incentivo e os momentos maravilhosos que compartilhamos à mesa com sua comida deliciosa, encham meu coração de alegria e gratidão.

Ao Tony - sim, sou mãe de pet - que esteve ao meu lado durante a escrita de parte da dissertação, obrigada por seu olhar carinhoso e pelos momentos mágicos de distração que proporcionou durante os momentos caóticos que habitavam em mim.

Agradeço imensamente ao meu amado Gustavo Adam Laffitte Mineto que durante a jornada da dissertação se tornou meu marido. Obrigada pelo apoio incondicional – ele quem me auxiliou com as transcrições das entrevistas – e pelo cuidado com minha saúde física e mental. Ter você ao meu lado torna tudo mais leve e divertido. *Grazie di esserci sempre.*

Por fim, aos meus pais, Volnei Antônio Adamante e Analcir Luzia Malgaresi, valorizo imensamente todo o amor e apoio que me deram ao longo da vida, mesmo estando distantes. Vocês são minhas referências de resiliência e coragem, e sou profundamente grata por ter vocês como pais.

RESUMO

A dissertação aborda as intervenções urbanas nos centros históricos brasileiros, examinando a transformação da paisagem e a pasteurização da cultura. O processo de (re)criação da paisagem é abordado como um fenômeno complexo e controverso, em que áreas urbanas são transformadas em ambientes estilizados e comerciais, com o objetivo de atrair visitantes e impulsionar a economia. Embora essas intervenções tragam benefícios econômicos e estéticos, também geram preocupações em relação à perda de identidade local e descaracterização cultural. Nesse contexto, surge a problemática de que a singularidade do patrimônio cultural e das paisagens brasileiras, bem como as de outras partes do mundo, estão ameaçadas pela homogeneização e "carnavalização" cromática. Essas intervenções não apenas apagam as marcas do tempo e da história, mas também causam degradações pictóricas ofensivas à paisagem, ao patrimônio e à identidade dessas cidades. O foco da pesquisa é o Largo da Ordem em Curitiba, Paraná, onde se investiga a percepção das intervenções pela população e os impactos na preservação do patrimônio cultural e na construção da identidade local. Os resultados revelam a falta de reconhecimento histórico e patrimonial por parte dos moradores e comerciantes locais, assim como a aprovação e o incentivo ao uso de cores vibrantes na paisagem. Diante disso, evidencia-se a necessidade premente de abordagem voltada para a valorização do patrimônio cultural. É fundamental implementar programas de educação patrimonial para fortalecer o senso de identidade e pertencimento, a fim de valorizar e preservar esse legado para as gerações futuras. Dessa forma, será possível conscientizar a população curitibana, assim como a sociedade brasileira como um todo, sobre a importância de proteger e respeitar a história, a cultura e as paisagens que tornam nossas cidades únicas e significativas.

Palavras-chave: Paisagem 1. Patrimônio Cultural 2. Memória 3. Cor 4. Intervenções Urbanas 5.

ABSTRACT

The dissertation addresses urban interventions in Brazilian historic centers, examining the transformation of the landscape and the pasteurization of culture. The landscape (re)creation process is approached as a complex and controversial phenomenon, in which urban areas are transformed into stylized and commercial environments, with the aim of attracting visitors and boosting the economy. Although these interventions bring economic and aesthetic benefits, they also raise concerns about the loss of local identity and cultural mischaracterization. In this context, the problem arises that the singularity of the Brazilian cultural heritage and landscapes, as well as those of other parts of the world, are threatened by homogenization and chromatic "carnavalization". These interventions not only erase the marks of time and history, but also cause offensive pictorial degradations to the landscape, heritage and identity of these cities. The focus of the research is Largo da Ordem in Curitiba, Paraná, where the perception of interventions by the population and the impacts on the preservation of cultural heritage and the construction of local identity are investigated. The results reveal the lack of historical and heritage recognition by local residents and traders, as well as the approval and encouragement of the use of vibrant colors in the landscape. In view of this, the urgent need for an approach aimed at valuing cultural heritage is evident. It is essential to implement heritage education programs to strengthen the sense of identity and belonging, in order to value and preserve this legacy for future generations. In this way, it will be possible to make the population of Curitiba, as well as Brazilian society as a whole, aware of the importance of protecting and respecting the history, culture and landscapes that make our cities unique and meaningful.

Keywords: Landscape 1. Cultural Heritage 2. Memory 3. Color 4. Urban Interventions

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1: Exemplos na Europa e na América Central, no sentido horário: Wrocław na Polônia ; Arco de Santa Catalina em Antigua, Guatemala; Curaçao, Antilhas Holandesas; e Burano, ilha de Veneza na Itália.....68
- FIGURA 2: Alguns exemplos na América Latina, no sentido horário: *Jirón de la Unión* em Lima, Peru; Bogotá, Colômbia; Cartagena das Índias, Colômbia; e *Plaza Murillo*, em La Paz na Bolívia.....69
- FIGURA 3: No Brasil, somente alguns exemplos, no sentido horário: João Pessoa (PB); Fortaleza (CE); Olinda (PE); e Tiradentes (MG). 69
- FIGURA 4: A atuação do movimento “*Let’s Colour*” da AkzoNobel Ltda pelo mundo.71
- FIGURA 5: Ponte Siti Nurbaya, na Indonésia, em 2017 antes da intervenção cromática feita pela AkzoNobel; e depois, em 2022.....71
- FIGURA 6: A atualização do edifício histórico de Xanguai, a primeira imagem mostra os pórticos antes sendo preparados para a adição de cor; a segunda imagem traz o resultado da pintura.....72
- FIGURA 7: O edifício histórico *Stadhuis* na sua identidade cromática original; e nos dias de hoje reconhecido como Patrimônio Mundial da UNESCO.....73
- FIGURA 8: Coreto da Praça em Brodowski, um dos pontos históricos que faz parte dos Caminhos de Portinari. A primeira fotografia antes da revitalização; a segunda após a intervenção do Movimento Tudo de Cor.....75
- FIGURA 9: Intervenções na paisagem de cidades brasileiras. No sentido horário: Pelourinho em Salvador-BA; Ouro Preto-MG; Porto Alegre-RS; Porto Seguro-BA; Paraty-RJ; Farroupilha-RS; Recife-PE; Salvador-BA.76
- FIGURA 10: Imagens do resultado da pintura artística com a temática voltada à promoção e conscientização da importância da preservação da biodiversidade.....77
- FIGURA 11: Curitiba em 1857, o círculo azul indica a localização do Largo da Ordem; os retângulos pretos são as igrejas existentes na época, além da Igreja do próprio Largo. A igreja abaixo é a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, o marco zero de Curitiba e existente até os dias de hoje.....80

- FIGURA 12: Largo da Ordem na década de 1900, ao centro ponto para captação d'água. Interessante notar o desenho da rua, calçadas que vão mudando com o passar o tempo.....81
- FIGURA 13: Largo em 1914 já com o mictório público instalado e o piso com nova configuração, ao fundo a Casa Romário Martins.81
- FIGURA 14: Planta da delimitação do Setor Histórico feita no Plano de Revitalização de 1970 e o traçado das vias que se tornariam área pedonal. O retângulo preto é a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais; o círculo azul o Largo da Ordem.....82
- FIGURA 15: Largo da Ordem na década de 1970 já transformado em área para pedestre com bancos de praça. É possível notar que as fachadas das edificações históricas já haviam sofrido alteração cromáticas. A Casa Vermelha já apresenta o contraste entre parede e ornamentos próximo dos atuais, assim como os imóveis adjacentes.....83
- FIGURA 16: Largo da Ordem em 2023, em uma perspectiva próxima da fotografia anterior com a Casa Vermelha, parte da Casa de Rodolfo Strobel (amarela), e inserindo no recorte o bebedouro.84
- FIGURA 17: O polígono branco representa a Zona Histórica 1 (ZH-1) e o círculo branco é o Largo da Ordem. Já as linhas coloridas são as ruas que circundam o objeto empírico, sendo: R. Barão do Serro Azul (fúcsia); R. Treze de Maio (laranja); Tv. Nestor de Castro (verde); R. do Rosário (amarela).....87
- FIGURA 18: Largo da Ordem nos dias de hoje, a Zona Histórica em contraste com a paisagem urbana da cidade em evolução da Zona Central. Foto feita no mirante do Memorial de Curitiba.87
- FIGURA 19: Ortofoto com zoneamento de 2019 que está em vigor: azul claro Zona Histórica 1 (ZH-1); azul escuro Zona Histórica 2 (ZH-2); marrom Zona São Francisco (ZFR); verde água Zona Central (ZC); laranja escuro Zona Saldanha Marinho (ZSM); laranja claro Zona Residencial (ZR4); verde Unidade de Conservação (UC). Os pontos pretos são equipamentos urbanos reconhecidos como Patrimônios Históricos Edificados, já o ponto branco é Largo da Ordem. As linhas representam

o SEPE e subsetores: magenta o Setor Central; vermelho o Setor XV de Novembro; e amarelo o Setor Barão-Riachuelo.....	88
FIGURA 20: Ortofoto do recorte do objeto empírico; 1-Igreja da Ordem em laranja por se tratar de Imóvel Tombado pelo Estado do Paraná; em azul as UIPs. O círculo branco é o Largo da Ordem, local onde a coleta de dados será feita.	89
FIGURA 21: Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, na década de 1940, já com a torre e os sinos. A frente um cavalo na carroça toma água no bebedouro existente até os dias de hoje.....	90
FIGURA 22: A Igreja da Ordem em 2023, como trata-se de um imóvel tombado pelo Estado, seu grau de proteção é mais inflexível, com isso, segue próxima do que sempre foi. Neste momento encontra-se em processo de restauração, inclusive foram descobertos novos detalhes artísticos.	90
FIGURA 23: Casa Romário Martins, entre 1902-1911, período em que abrigava o Armazém de Secos e Molhados de Guilherme Etzel. A segunda fotografia quando era o Armazém Roque na década de 1960.....	91
FIGURA 24: Nos dias de hoje, depois de ser restaurada, conhecida como Casa Romário Martins.....	91
FIGURA 25: Casa Vermelha em 1913 e em 2023: apesar de ser uma fotografia preta e branca nota-se que o contraste entre as cores da parede e dos ornamentos não é a mesma dos dias de hoje, da mesma forma que o tom do vermelho utilizado é mais pigmentado e escuro do que a cor preexistente.....	92
FIGURA 26: Largo da Ordem na década de 1920, onde aparecem as carroças e automóveis. À esquerda a Casa das Fábricas, à direita a Casa Vermelha e os sobrados azul e bege.....	93
FIGURA 27: Casa Strobel em 1930 quando tinha no seu térreo a Casas Pernambucanas; e nos dias de hoje tendo como uso o Largo's Bar. Nota-se que a cort utilizada antigamente apresentava um maior contraste entre a parede e os ornamentos.	93
FIGURA 28: Memorial de Curitiba, vista a partir da Rua Dr. Claudino dos Santos e uma foto do seu interior.	94

FIGURA 29: Casa Hoffmann na década de 1990; e Casa Hoffmann nos dias atuais. Nota-se a diferença do contraste entre as cores utilizadas nos ornamentos.	95
FIGURA 30: Os colonos e suas carroças no Largo na década de 1950; em primeiro plano o edifício à esquerda é a Casa Hoffmann; à direita uma parte da Casa de Rodolfo Strobel. Ao fundo a Igreja da Ordem já com a torre, e a Casa Romário Martins.	96
FIGURA 31: Obras para construção e reforma da nova sede da Casa da Memória 1998. Casa da Memória em 2023.	97
FIGURA 32: Casa da Memória vista a partir da Rua São Francisco, do lado esquerdo a edificação de 1998; do lado direito a Unidade de Interesse de Preservação onde se estende seu uso.	97
FIGURA 33: Feira do Largo da Ordem que acontece em todo o Setor Histórico aos domingos transformando a paisagem do Largo e transbordando pessoas.....	98
FIGURA 34: Exemplo de proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados na Rua Barão do Rio Branco, 174, 158 e 146 em 1998.	99
FIGURA 35: A celebração do Programa Tudo de Cor para Curitiba em 2014 no Largo da Ordem, em primeiro plano o prefeito à época Gustavo Fruet, ao fundo a Casa Vermelha fresca de tinta.	100
FIGURA 36: Polígono onde estava prevista a promoção da pintura pelo Programa Rosto da Cidade e as etapas relativas. O círculo azul é o Largo que estava previsto ser palco do programa na etapa 2.	102
FIGURA 37: Casa Hoffman cenário da primeira etapa do projeto “Rosto da Cidade”. Ao fundo a torre da Igreja da Ordem, e as mesas que ocupam diariamente o calçadão.	103
FIGURA 38: Recorte específico da Rua Dr. Claudino dos Santos e do Largo da Ordem, que estão relacionados com a Etapa 2 - Fase 1 do projeto “Rosto da Cidade”. De forma esquemática as elevações com as propostas cromáticas feitas pelo IPPUC. O círculo branco se refere ao Largo.	104
FIGURA 39: Na fotografia a Rua Dr. Claudino dos Santos, que dá acesso ao Largo da Ordem propriamente dito, com implantação de faixa de concreto de 1,5	

metros de largura visando a acessibilidade e pintura das fachadas.	104
FIGURA 40: Rua São Francisco revitalizada com implantação de faixa acessível e preservação do piso histórico; novo sistema de iluminação pública; e a pintura das fachadas conforme estudo elaborado.	105
FIGURA 41: Exemplo de fichamento com a proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados no Largo da Ordem. Está em específico é referente a Casa Vermelha.	105
FIGURA 42: Cine Passeio foi construído em 1930 e abrigou o setor administrativo do Exército até final da década de 1990; hoje o novo projeto recupera o passado dos cinemas de rua e funciona como um complexo de cultura e lazer.	106
FIGURA 43: Etapa 6 com requalificação da Rua Voluntários da Pátria e pintura do Instituto de Educação do Paraná, construído em 1922.....	107
FIGURA 44: Esquema ilustrando os quatro campos – elipses azuis – definidos para coleta das entrevistas.	114
FIGURA 45: Paisagens brasileiras coloridas: Ladeira de Santa Efigênia, Ouro Preto – MG; Pelourinho em Salvador – BA; Paraty – RJ.....	120
FIGURA 46: Paisagens da América Latina monocromática e com cores mais claras: Praça das Armas, Santiago – Chile; Praça de Armas, Cusco – Peru; Praça da Independência, Quito - Equador.....	121
FIGURA 47: Casa Vermelha em 1913 e em 2023. Apesar de ser uma fotografia preta e branca nota-se que o contraste entre as cores da parede e dos ornamentos não é a mesma dos dias de hoje, da mesma forma que o tom do vermelho utilizado é mais pigmentado e escuro do que a cor preexistente.....	122
FIGURA 48: Pintura de Paul Garfunkel em 1957, óleo sob tela; e a realidade dos dias de hoje em 2023. Nota-se a substituição das cores nas fachadas da Casa Orion e da Casa Romário Martins, além do crescimento da cidade ao fundo.	122
FIGURA 49: Casa Romário Martins, na década de 1960 quando era o Armazém Roque; atualmente.....	122

- FIGURA 50: Casa Hoffmann na década de 1990; e Casa Hoffmann nos dias atuais.
Nota-se a diferença do contraste entre as cores utilizadas nos
ornamentos. 123**
- FIGURA 51: Rua São Francisco, em primeiro plano à direita a Casa Orion e mais ao
fundo a Igreja da Ordem, já do lado esquerdo em primeiro plano a atual
Casa da Memória e ao lado a Casa Romário Martins, mais ao fundo a
Casa Strobel, em 1945 e em 2023..... 124**
- FIGURA 52: Rua São Francisco esquina com a Rua Mateus Leme e o Largo da Ordem.
Em primeiro plano à direita a Casa Romário Martins e à esquerda a
Casa Orion, em 1945 e nos dias de hoje. 125**
- FIGURA 53: O Largo da Ordem apresenta diversas facetas conforme o dia da semana
e horário do dia: sexta-feira ao meio-dia com bares abrindo para o
almoço, sexta-feira à noite com vida noturna e presença de artesãos, e
domingo de manhã durante a Feira do Largo com grande fluxo de
pessoas..... 134**
- FIGURA 54: Outro comparativo mostrando a diferença de fluxo existente no Largo da
Ordem entre uma manhã de terça-feira e uma manhã de domingo. 135**

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Resume e auxilia na escolha da estratégia de pesquisa	111
QUADRO 2: Let's colour	168
QUADRO 3: Entrevistas Partes 1 e 2.....	258
QUADRO 4: Entrevistas Parte 3	261

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CEP	- Convenção Europeia da Paisagem
HUL	- <i>Historic Urban Landscape</i>
ICOMOS	- Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IFLA	- <i>International Federation of Landscape Architects</i>
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
SEH	- Setor Especial Histórico
SEPE	- Setor Preferencial de Pedestres
UC	- Unidade de Conservação
UIP	- Unidade de Interesse de Preservação
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e
a Cultura	
ZR4	- Zona Residencial
ZC	- Zona Central
ZFR	- Zona São Francisco
ZH	- Zona Histórica
ZH-1	- Zona Histórica 1
ZH-2	- Zona Histórica 2
ZSM	- Zona Saldanha Marinho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1.1 OBJETIVOS	27
Objetivo geral	27
Objetivos específicos:	27
CAPÍTULO 01 PAISAGEM: UMA, NENHUMA, CEM MIL	28
1.1 AS CEM MIL PAISAGENS	30
1.1.1 PAISAGEM COMO PATRIMÔNIO CULTURAL	39
1.2 RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM, MEMÓRIA E COR	54
1.2.1 PAISAGEM E MEMÓRIA	54
1.2.2 PAISAGEM E COR NO PATRIMÔNIO	59
1.2.2.1 Desafios técnicos da cor na paisagem	63
CAPÍTULO 02 ANALISANDO AS INTERVENÇÕES CROMÁTICAS: DO MUNDO AO LARGO DA ORDEM	65
2.1 PASTEURIZAÇÃO CROMÁTICA PELO MUNDO	67
2.2 O PROGRAMA DE INTERVENÇÕES CROMÁTICAS	70
2.3 DA CRIAÇÃO À (RE)CRIAÇÃO DA PAISAGEM DO LARGO DA ORDEM	78
2.3.1 CRIAÇÃO DA PAISAGEM CENTRAL CURITIBANA E O LARGO DA ORDEM 79	
2.3.1.1 Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.....	89
2.3.1.2 Casa Romário Martins.....	91
2.3.1.3 Casa Vermelha.....	92
2.3.1.4 Casa Strobel.....	93
2.3.1.5 Memorial de Curitiba	94
2.3.1.6 Casa Hoffmann	94
2.3.1.6 Casa da Memória	96
2.3.2 (RE)CRIAÇÃO CROMÁTICA DA PAISAGEM CURITIBANA E DO LARGO DA ORDEM.....	98
CAPÍTULO 03 INVESTIGAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA	108
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA	110
3.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	112
3.2.1 PARTE 1 IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE.....	115

3.2.2 PARTE 2 A PAISAGEM E A PALAVRA	117
3.3 FOTO-ELICITAÇÃO	118
3.3.1 PARTE 3 A PAISAGEM E A IMAGEM	119
3.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	126
CAPÍTULO 04 (DES)ENCONTROS NO MODO DE VER O LARGO	129
4.1 PARTE 1 IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE	131
4.1.1 MORADORES.....	131
4.1.2 COMERCIANTES	132
4.2 PARTE 2 A PAISAGEM E A PALAVRA	132
4.3 PARTE 3 A PAISAGEM E A IMAGEM.....	138
CONCLUSÃO TRADIÇÃO OU TRAIÇÃO: OS MODOS DE VER A PAISAGEM DO LARGO DA ORDEM.....	148
REFERÊNCIAS.....	158
APÊNDICE A TABELA PROGRAMA LET’S COLOUR – AKZNOBEL.....	168
APÊNDICE B ROTEIRO PARA ENTREVISTA CAMPO Nº _____	173
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 01 01	174
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 02 01	177
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 03 01	180
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 04 01	182
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 05 02	184
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 06 02	187
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 07 02	190
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 08 02	193
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 09 04	196
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 10 04	199
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 11 04	202
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 12 04	205
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 13 03	207
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 14 03	209
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 15 03	211
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 16 03	213
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 17	215
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 18.....	218

APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 19	221
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 20	225
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 21	229
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 22	232
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 23 04	235
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 24 04	238
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 25 04	241
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 26 04	244
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 27 01	247
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 28	250
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº CAMPO: 29	254
APÊNDICE E TABELA SINTESE ENTREVISTAS	258

INTRODUÇÃO

Desta forma, o mundo inteiro acaba se transformando em uma monumental disneylândia onde as coisas – os monumentos, os edifícios, as cidades, as paisagens – se convertem em sua própria atração com o valor agregado de um aparente realismo (CATALÁ, 2013, p. 63).

No século XXI, a comunicação mudou radicalmente. A civilização pós-moderna vive uma relação intensa e direta com as imagens, as quais invadem a vida diária. Pode-se dizer que a fotografia apresenta a sociedade estetizando uma realidade em movimento, registrando a paisagem através de uma imagem. O olho leva ao cérebro, de forma direta, a imagem; o pensamento vem depois. Diariamente somos atingidos por imagens que apresentam uma realidade estetizada, seja de pessoas, marcas, espaços comerciais ou a própria cidade.

Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Mas existe ainda outro sentido no qual ver precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos esse mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados (BERGER, 1999, p. 09).

Berger (1999) ainda afirma que uma imagem é uma representação destacada de uma cena, recriada ou reproduzida, que preserva uma aparência separada do lugar e do tempo em que originou. Cada imagem incorpora uma perspectiva única e, ao olhar uma fotografia, mesmo que de forma superficial, pode-se reconhecer o fotógrafo selecionando aquela cena entre inúmeras outras possibilidades.

Sobre a espetacularização da cidade, Debord (1997) afirma que esse aspecto caracteriza a sociedade, não apenas devido ao grande volume diário de imagens produzidas, mas também pela relação social estabelecida sobre e por meio dessas imagens. A realidade reflete um mundo fictício à parte, objeto de pura contemplação, onde o espetáculo não se limita a ser um conjunto de imagens, mas é uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Além disso, segundo o autor, a especialização das imagens do mundo culmina em uma imagem automatizada, na qual o mentiroso mente para si mesmo. Que enquadramentos foram feitos? Que paisagem foi capturada? O que se quer mostrar através dessas imagens? Nessa "sociedade" marcada pela influência da mídia e impulsionada pelo capital, o bem

cultural tende a se tornar um espetáculo e uma mercadoria. O patrimônio, ao buscar simular uma imagem, acaba se transformando no simulacro de si mesmo.

Na atualidade, observamos um amplo processo de transformação e embelezamento dos centros urbanos, evidenciado pelo crescente foco na contemplação visual, no desenho de espaços públicos e mobiliário urbano, na arquitetura de fachadas, na valorização do patrimônio e na construção de impressionantes edifícios concebidos por arquitetos renomados. Neste contexto, Lipovetsky e Serroy (2013) apontam que é dessa forma que as cidades competem intensamente para se destacar em termos de atrativos e a dimensão estética se tornou um fator-chave para impulsionar o turismo, atrair investidores e organizadores de eventos. Em poucas palavras, o desenvolvimento da encenação da cidade e do marketing urbano, também conhecido como *city marketing*¹, dedica-se a construir uma identidade visual, imagem e comunicação para conquistar "fatias de mercado", semelhante às marcas comerciais.

As cidades ao redor do mundo passam a competir para se tornarem cenários dessas milhões de fotos produzidas por dia. Para Sánchez (2001), a visão de mundo dessa sociedade acaba refletindo na homogeneização das cidades através da criação de parâmetros e "modelos" de sucesso, acentuado, dessa forma, a competitividade entre as cidades que transformam sua paisagem na busca em serem mais atraentes à "sociedade da imagem". Dentro das políticas de reestruturação urbana do *city marketing* está o encontro entre os interesses econômicos e a dimensão cultural. A lógica estético-espetacular não se limita apenas à remodelação de shoppings, lojas e bares, mas agora estende seu domínio ao próprio espaço urbano. Muitas cidades pelo mundo viveram esse "casamento" como Barcelona, Bilbao, Paris, Boston, Lisboa e cidades latino-americanas como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba, esta última sendo o foco de estudo da presente dissertação.

O fenômeno conhecido como disneyficação e (re)criação da paisagem é um processo que envolve complexidade e gera debates, no qual áreas urbanas passam por transformações para se tornarem espaços estilizados e comerciais, com o intuito de atrair visitantes e impulsionar a economia local. Embora esse processo traga

¹ Segundo Keller e Machado (apud PUJOL; CORRÊA COUTINHO, 2019) um dos objetivos do *city marketing* é criar uma imagem positiva da cidade, de forma que ela apareça no radar, seja de pessoas ou de empresas, que possam visitá-la de forma temporária ou permanente.

benefícios tanto em termos econômicos quanto estéticos, também suscita preocupações relacionadas à perda de identidade local e descaracterização cultural. Essa questão central é o foco da pesquisa e serve como inspiração para o título da dissertação.

O que se evidencia na disneylandização é a transformação do planeta em conjunto de parques temáticos, graças à construção de singularidades locais destinadas a justificar o deslocamento. Os centros das cidades são eclipsados em decorações cinematográficas ou em museus a céu aberto, as florestas, os desertos e o campo em “paraísos perdidos”, lugares de recreação (re-criação) para o turista em dificuldade experimentar novos ares (BRUNEL, 2009, p. 09).

No contexto atual do capitalismo globalizado, a estilização dos bens de consumo de massa tem se expandido, resultando na criação de produtos estilizados, moda e entretenimento que permeiam uma cultura de massa globalizada. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2013), esse processo de estilização adota elementos de sedução, design e entretenimento comercial em todo o mundo, com os atores envolvidos em uma competição econômica acirrada. Ao mesmo tempo, a preservação do patrimônio construído tem ganhado importância crescente nas políticas urbanas, com um movimento de intervenções em prédios e bairros antigos, atribuindo valor tanto ao aspecto histórico quanto ao estético. Além das estruturas tradicionais, também são alvo dessas intervenções edifícios de menor destaque histórico e sítios patrimoniais mais recentes, como antigas instalações industriais, cais de portos, galpões e quartéis, que recebem novas funções relacionadas à cultura, ao entretenimento e ao lazer (LIPOVETSKY; SERROY, 2013). Essa preocupação está presente na Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana.

Por um lado, a urbanização traz consigo oportunidades econômicas, sociais e culturais suscetíveis de melhorar a qualidade de vida e o caráter tradicional das áreas urbanas; por outro lado, as alterações descontroladas da densidade e do crescimento urbano podem colocar em risco o espírito do lugar, a integridade do tecido urbano e a identidade das comunidades. Algumas áreas históricas urbanas estão a perder a sua funcionalidade, o seu papel tradicional e a sua população (UNESCO, 2011, p. 05).

No cenário brasileiro, essas intervenções em áreas históricas tiveram início na década de 1980, com o objetivo de promover a requalificação e revitalização de regiões urbanas, visando impulsionar a economia e valorizar o patrimônio construído (SANT’ANNA, 2007). Nos anos 1990, o Nordeste foi uma das primeiras regiões a

passar por essa transformação, com intervenções realizadas em áreas centrais e sítios históricos: o projeto de recuperação do Pelourinho, em Salvador, além de Recife, Natal e Fortaleza. Essas intervenções, que resultaram em espaços turísticos e de lazer semelhantes, foram um grande sucesso e colocaram essas cidades em evidência nacional. As cidades históricas brasileiras, anteriormente consideradas monumentos artísticos e testemunhos da formação nacional, encerraram o século XX como atrações urbanas (SANT'ANNA, 2007).

Assim, pode-se considerar que a valorização do patrimônio histórico e o trabalho de conservação podem ser influenciados por demandas comerciais, estéticas e midiáticas. A preservação de bairros e edifícios históricos muitas vezes acaba resultando em meras fachadas vazias, transformadas em espaços de entretenimento e consumo estético e turístico. As cidades antigas passam a ser tratadas como cenários, com cores vibrantes e reconstituições que buscam uma aparência nítida e perfeita. Esse processo de estetização do mundo leva à criação da cidade-atração, onde a ênfase na aparência estética é privilegiada em detrimento da singularidade histórica.

A questão abordada nesta pesquisa está centrada na relação entre o processo de transformação da paisagem, a mercantilização da cultura e a consequente criação de paisagens cenográficas. Surge, assim, a necessidade de reflexões sobre o tema, considerando a homogeneização cromática no patrimônio cultural edificado e a pasteurização da identidade da paisagem, resultando no cancelamento dos estratos do tempo e das singularidades locais. A pasteurização da paisagem pode ser compreendida como um processo no qual as características distintas e autênticas de um determinado ambiente ou paisagem são substituídas por elementos uniformes, homogêneos e previsíveis. Isso está relacionado à perda de identidade e originalidade de um lugar, quando estruturas, aparências e estilos padronizados são implementados, sem considerar a história, cultura ou características locais. Por analogia, a padronização da paisagem sugere a transformação de uma paisagem única e diversificada em algo superficial, seguro e comercialmente viável, mas que perde suas características originais.

A partir dessas reflexões, a questão de pesquisa busca compreender, por meio de uma abordagem multidisciplinar, o fenômeno da pasteurização cultural e a sua relação com as intervenções cromáticas nos centros históricos, resultando na

perda da singularidade do patrimônio cultural e das paisagens brasileiras. O objetivo foi investigar como tais intervenções são percebidas pela população que frequenta o Largo da Ordem em Curitiba – PR e compreender os impactos dessas intervenções na preservação do patrimônio cultural e na construção da identidade local. Esse problema de pesquisa abarca a constante dialética entre conservação e transformação, bem como a busca por uma harmonização dos vestígios do passado com o presente. As cidades estão em constante mudança, e, com isso, as estruturas preexistentes passam a conviver em um ambiente diferente daquele de tempos passados.

Cardone (2017) propõe que a dialética do presente discurso seja feita através da reflexão entre tradição e traição da paisagem e da identidade nela impregnada. Ambos os termos apresentam a mesma origem etimológica, derivada do latim, *tradere*, que seria o mesmo que “entregar”. Para esclarecer a diferença entre eles, o autor afirma que “o limite é sutil e deve ser reconhecido no desejo de entregar ao futuro, um patrimônio herdado no passado, da qual reconhecemos valores precisos”² (CARDONE, 2017, p. 214). A reflexão se concentra nas frequentes intervenções cromáticas e para onde essas intervenções estão conduzindo os valores histórico-artísticos, arquitetônicos e culturais das nossas paisagens dos centros históricos³.

Os centros históricos desempenham um papel importante na construção da identidade nacional e local, sendo considerados como espaços de memória e atividades econômicas. A Recomendação de Nairobi da UNESCO ressalta a importância dos conjuntos históricos, que englobam edifícios, estruturas e espaços abertos, reconhecendo seu valor arqueológico, arquitetônico, histórico, estético, sociocultural e ecológico. Essas paisagens urbanas desempenharam um papel fundamental na configuração da sociedade moderna e são essenciais para a compreensão do modo de vida atual. A preservação dos elementos da paisagem

² Tradução livre para “[...] il limite è sottile e va riconosciuto nella volontà di consegnare, appunto, al futuro un patrimonio ereditato dal passato, del quale riconosciamo precisi valori” (CARDONE, 2017, p. 214).

³ Se utilizará “centro histórico” de acordo com a definição da Carta do Restauro “Para efeito de identificar os centros históricos, levam-se em consideração não apenas os antigos centros urbanos, assim tradicionalmente entendidos, como também, de um modo geral, todos os assentamentos humanos cujas estruturas, unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, hajam se constituído no passado ou, entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial como testemunho histórico ou características urbanísticas ou arquitetônicas particulares (ITÁLIA, 1972, p. 16)

urbana histórica, como telhados, eixos visuais e tipos de construção, desempenha um papel crucial na manutenção da identidade desses locais.

Como visto, os perigos da pasteurização cultural e degradação de centros históricos e a possível perda de identidade urbana tem sido objeto de preocupação desde 1960 em diversas Cartas Patrimoniais, Recomendações e Convenções, discutidas e publicadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e pelo Conselho Europeu. Embora tenham ocorrido reflexões e debates sobre a cor dos edifícios históricos há algumas décadas, os resultados práticos ainda não são muito encorajadores. A relevância contemporânea e a preocupação em torno dessa temática continuam sendo discutidas globalmente. Através de uma análise do estado da arte, diversos artigos publicados na Europa por autores como Santopuoli (2012), Cardone (2017), Vitiello (2011, 2012) e Aguiar (2003) investigam a relação entre restauração, cor, identidade e preservação nos centros históricos. Essas pesquisas abordam a importância de considerar a cor como parte integrante da restauração e da preservação desses espaços, levando em conta o impacto visual e simbólico que a escolha das cores pode ter na identidade histórica e cultural das áreas históricas. No entanto, apesar desses estudos, ainda há muito a ser feito para avançar na prática da aplicação adequada das cores nos edifícios históricos.

No território brasileiro, a discussão envolvendo a temática da policromia e identidade da paisagem urbana segue com Ribeiro e Florenzano (2020; 2020a, 2020b, 2021) e Naoumova (2007; 2020), que traz a cor no patrimônio cultural como paradigma contemporâneo e debate sobre a construção da imagem urbana de cidades históricas através da cor. Brendle (2012) se aproxima da preocupação proposta na presente dissertação, refletindo sobre a perda da identidade na imagem urbana e a alteração da peculiaridade do valor cultural material causado por intervenções cromáticas, produto de campanhas publicitárias da indústria de tintas AkzoNobel⁴. Como panorama de fundo da pesquisa tem-se o projeto “*Let’s Colour*”⁵, patrocinado por esse conglomerado industrial. Trata-se de um programa mundial que busca inspirar pessoas a transformarem, além de seus lares, o espaço urbano. Desde

⁴ AkzoNobel é a maior indústria de tintas decorativas do mundo e faz parte de um grupo holandês, do qual a Coral Tintas passou a ser integrante desde 2008 (CORAL, 2022)

⁵ No Brasil segue pelo título de “Movimento Tudo de Cor”

2009, o movimento já teve 2.566 projetos ao redor do mundo (AKZONOBEL, 2022a). O Brasil foi cenário de várias intervenções cromáticas, muitas delas em centros históricos e/ou edificações tombadas e protegidas pelo seu valor histórico e cultural, de modo díspar de muitos outros países. Dentre as diversas cidades brasileiras, encontra-se o município de Curitiba.

O debate em torno da paisagem e sua representação é relevante na contemporaneidade, evidenciando a tensão entre veracidade e simulacro, originalidade e cópia (NOGUÉ, 2008). A discussão sobre esse fenômeno que ocorre nos centros históricos de muitas cidades - não somente brasileiras, como pode ser apreendido da literatura - baseia-se na concepção de paisagem. Além de ser um conceito multifacetado amplamente debatido na Geografia, também é abordado por outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, adota-se a perspectiva de que a paisagem é uma representação cultural, onde a sua percepção é subjetiva, ou seja, para cada observador a paisagem se manifesta de uma maneira diferente, influenciado pelas distintas experiências e culturas que coabitam a sua mente e a sua história. Assim, tanto a noção do termo “paisagem” quanto a percepção da própria paisagem são leituras que espelham o interior de cada indivíduo, suas experiências e os campos ou disciplinas científicas em que estão inseridos, sendo a paisagem, dessa forma paisagem “é um modo de ver o mundo”⁶ (COSGROVE, 1998, p. 13).

A paisagem também pode ser compreendida como uma forma de linguagem, pois pode ser lida, compreendida e interpretada. Para Duncan e Duncan (1988) entender a paisagem implica compreender a sua linguagem. A percepção da paisagem gera uma imagem que carrega consigo aspectos simbólicos expressos em seus elementos físicos. A comunicação dessas imagens para o consumo visual torna-se um meio implícito de influência social, pois está associada a uma forma de apropriação cultural baseada em estratégias de poder e dominação (DUNCAN; DUNCAN, 1988). Do mesmo modo, Nogué (2008) ressalta que, através da criação e manipulação de paisagens com mensagens ideológicas, é possível exercer controle sobre o comportamento das pessoas, que absorvem e consomem essas paisagens fabricadas. Essa prática serve para estabelecer, manipular e legitimar relações sociais e de poder. É essencial analisar os símbolos deixados na paisagem pela nação,

⁶ Tradução livre para “is a way of seeing the world” (COSGROVE, 1998, p. 13)

estado ou religião, uma vez que essas paisagens são utilizadas pelo *city marketing* para criar espetáculos e reinterpretar o passado.

Refletindo sobre o desafio contemporâneo de conciliar a conservação da memória coletiva e a identidade cultural impressas na paisagem com as transformações cromáticas resultantes de intervenções urbanas, bem como com a tendência de homogeneização e esvaziamento da paisagem, pode-se considerar as observações de Bandarin e Van Oers (2012). Eles sugerem que o desenvolvimento urbano contemporâneo tende a diminuir tanto os valores materiais quanto os valores imateriais dos lugares históricos. Para minimizar esses impactos visuais resultantes de novas construções, é essencial que sejam feitas medições e avaliações desde as fases iniciais do processo de transformação.

Nos últimos tempos, as intervenções cromáticas têm provocado uma descaracterização de muitos centros históricos, resultando em paisagens questionáveis, banais, incoerentes e desordenadas. A ameaça ao patrimônio cultural surge da universalização de hábitos e padrões estéticos, nos quais diferentes culturas, países, regiões geográficas e pessoas são regidas pelos mesmos critérios, levando à homogeneização e pasteurização dessas culturas, espaços e indivíduos. Nesse cenário, tudo se parece e nada tem originalidade. Diante da globalização e da banalização de muitas paisagens, Sabaté (2008) argumenta que é necessário intervir preservando sua particularidade. A propósito, Andreotti (2012, p. 12) levanta a questão de se “é possível encontrar na paisagem a essencialidade das marcas distintivas e únicas desta civilização, desta cultura e desta história? Como recolhê-las e compreendê-las?” Levando em consideração a ideia de paisagem como um texto ou um poema, seriam as paisagens homogêneas pelo mundo plágio uma das outras? Ou ainda, um pastiche de outra cultura? Essas são questões fundamentais que orientam a presente pesquisa.

É importante ressaltar que não se pretende enfatizar uma nostalgia de um passado e de sua cultura cromática, já que as cores das cidades mudam sempre que as próprias cidades avançaram em sua trajetória temporal. A problemática não reside na transformação, e sim na mentalidade do “copia e cola” (VAN HELLEMONDT et al., 2022), na homogeneização das paisagens onde projetos são reproduzidos fora no seu contexto histórico respondendo às tendências comerciais. Ou seja, o esvaziamento

de paisagens culturais e a pasteurização da cultura, de maneira atraente às mídias visuais e a consequente replicação de paisagens cromáticas pelo mundo.

1.1 OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como as intervenções cromáticas impactam no imaginário da população que frequenta o Largo da Ordem em Curitiba – PR e as suas implicações na perda da singularidade do patrimônio cultural e da paisagem local.

Objetivos específicos:

- a) Reconhecer os diferentes conceitos e abordagens sobre a "paisagem", aprofundando a discussão acerca da relação entre paisagem, memória e cor no contexto do patrimônio cultural;
- b) Compreender a construção histórica da paisagem central curitibana, em particular do Largo da Ordem;
- c) Descrever os programas adotados pela Prefeitura de Curitiba para promover a (re)criação cromáticas das fachadas de algumas edificações no centro histórico;
- d) Analisar a percepção subjetiva da paisagem do Largo da Ordem por diferentes grupos e indivíduos, procurando identificar se há um reconhecimento da reprodução cromática.

CAPÍTULO 01 | PAISAGEM: UMA, NENHUMA, CEM MIL

[...] com a descoberta dos cem mil Moscardas que eu não era só para os outros, mas também para mim, todos com esse único nome de Moscarda, feio até a crueldade, tudo dentro desse meu pobre corpo que também era um, um e não um infelizmente⁷ (PIRANDELLO, 2005, p. 15)

⁷ [...] con la scoperta dei centomila Moscarda ch'io ero non solo per gli altri ma anche per me, tutti con questo solo nome di Moscarda, brutto fino ala crudeltà, tutti dentro questo mio povero corpo ch'era uno anch'esso, uno e nessuno ahimè(PIRANDELLO, 2005, p. 15)

O título do capítulo faz alusão ao romance “Um, nenhum, cem mil” do poeta e dramaturgo italiano Luigi Pirandello, o qual desperta uma reflexão sobre a consciência humana, mostrando que a realidade é subjetiva.

Na busca de compreender o juízo de valor que as pessoas têm a seu respeito, o personagem-narrador – Vitangelo Moscarda – inicia a história acreditando que ele é percebido como UM único na leitura dos outros; dando início a sua crise existencial, ele passa a acreditar que talvez não seja NENHUM; e então, abordando pessoas próximas ele percebe as suas CEM MIL facetas, pois para cada sujeito ele é percebido como uma identidade diferente. Deixando o questionamento: afinal, quem é você? Como você é visto pelas pessoas? Quantos de você existem? Existe semelhança entre o que você acha que é, e o que as pessoas acham que você seja?

Com isso em mente, retorna-se à questão de pesquisa que traz um panorama da complexidade que envolve o termo “paisagem” desde a sua origem etimológica, passando por algumas, entre tantas outras, abordagens epistemológicas. Estimulada pela reflexão do romance, abarca-se as diversas facetas que, assim como Moscarda, são assumidas pela paisagem conforme a esfera em que está inserida. Busca-se traçar o percurso para chegar na leitura de paisagem utilizada na dissertação.

1.1 AS CEM MIL PAISAGENS

Eu achava, santo Deus, que havia provado isso para você! Eu conheço o Tizio. De acordo com o conhecimento que tenho dele, dou-lhe uma realidade: para mim. Mas você também conhece Tizio, e certamente o que você conhece não é o mesmo que eu conheço, porque cada um de nós o conhece à sua maneira e lhe dá uma realidade à sua maneira. O que significa que Tizio é realmente um comigo, um com você, outro com um terceiro, outro com um quarto e assim por diante, embora ele também, aliás ele especialmente, tenha a ilusão de ser um para todos⁸ (PIRANDELLO, 2005, p. 58).

Inspirada na reflexão do romance *pirandelliano*, no qual o personagem-narrador Moscarda é visto de diferentes maneiras conforme o olhar daquele que o observa, a presente seção busca definir através de diferentes autores essa mesma abordagem à leitura da paisagem, onde cada sujeito que a observa tem diferentes percepções. Dessa forma a paisagem que “chega” para cada pessoa é subjetiva, está relacionada ao olhar que cada um de nós vem desenvolvendo ao longo da vida, onde vários filtros de apreensão são inseridos conforme as experiências vividas e área de atuação.

O termo “paisagem” cada vez mais tem sido utilizado por diferentes campos do conhecimento – Filosofia, Geografia, Arquitetura, Urbanismo, História da Arte e Arquitetura da Paisagem – em que cada um deles colabora com novos entendimentos da relação entre o homem e o meio. Nesta seção, o objetivo é explorar a origem da palavra “paisagem” e as diversas abordagens epistemológicas do termo. Existem muitos autores que buscam definir a paisagem, seja através de diferentes perspectivas, abordagens, entradas ou desdobramentos. O objetivo aqui não é limitar as questões relacionadas à paisagem, mas sim apresentar, de forma introdutória, algumas das muitas possibilidades de abordagem que esse conceito oferece.

Como exemplo, Besse (2014) propõe cinco problemáticas paisagísticas contemporâneas, ou “portas de leitura da paisagem”, as quais se configuram como perspectivas epistemológicas da paisagem. As abordagens não se superpõem, mas podem ser articuladas umas às outras. Assim, a paisagem pode ser considerada

⁸ Mi pareva, santo Dio, d'avvelo dimostrato! Conosco Tizio. Secondo la conoscenza che ne ho, gli do una realtà: per me. Ma Tizio lo conoscete anche voi, e certo quello che conoscete voi non è quello stesso che conosco io perché ciascuno di noi lo conosce a suo modo e gli dà a suo modo una realtà. Il che vuol dire che Tizio è realmente uno con me, uno con voi, un altro con un terzo, un altro con un quarto e via dicendo, pur avendo l'illusione anche lui, anzi lui specialmente, d'esser uno per tutti (PIRANDELLO, 2005, p. 58).

como: I. uma representação cultural e social; II. um território produzido pelas sociedades na sua história; III. um complexo sistêmico; IV. um espaço de experiências sensíveis; V. um local ou contexto de projeto. Cada uma dessas posições se aproxima do pensamento e vocabulário de uma profissão ou grupo de profissionais, ou ainda de uma formação acadêmica.

Outra possibilidade proposta pelo geógrafo Meinig (2003) elenca dez possíveis leituras da mesma cena, podendo a paisagem ser considerada como: I. natureza; II. habitat; III. artefato; IV. sistema; V. problema; VI. riqueza; VII. ideologia; VIII. história; XIX. lugar; e X. estética. Contudo, essas leituras não esgotam as outras infinitas maneiras de ver a mesma paisagem, reforçando a complexidade do termo. Duarte e Santos (2020), indicam alguns dos desdobramentos que segundo elas a paisagem pode se apropriar:

[...] *entre nós e os lugares de nossas vivências nascem paisagens, tecidas ao longo do tempo, nos caminhos do nosso cotidiano, no espaço público que vivenciamos, e expressas no espírito do lugar. Também nascem paisagens quando nos apropriamos de um território e da natureza ou quando criamos um jardim e outras formas de arte. Paisagens que se valorizadas como bem comum são consideradas patrimônio* (DUARTE; SANTOS, 2020, p. 18).

Por outro lado, uma abordagem que ressalta a interdependência entre os seres humanos e o ambiente natural e construído, buscando compreender a sociedade por meio da apropriação do espaço. Seguindo essa perspectiva, Berque (1994, apud MENESES, 2002) estabelece critérios para definir a sociedade e a sua relação com a paisagem. Segundo ele, em um determinado período histórico, uma sociedade pode ser definida “de paisagem” quando existe a presença da ideia de paisagem, em que a paisagem é vista como uma herança comum, um patrimônio coletivo que deve ser preservado e valorizado; ou, no caso contrário, “sem paisagem”, em que a paisagem é vista como um recurso a ser explorado e manipulado em benefício econômico, sem considerar os impactos sociais e ambientais. O autor propõe quatro critérios de apropriação do ambiente para diferenciar as civilizações paisagísticas: I. o uso de uma ou mais formas para dizer “paisagem”; II. a existência de uma literatura (oral ou escrita) que descreva paisagens ou a sua beleza; III. representações pictóricas de paisagens; e, por fim, IV. a existência de jardins de deleite. O primeiro critério é o mais determinante: algumas civilizações não

apresentaram nenhum dos critérios; outras, somente os três últimos. Somente duas civilizações apresentaram os quatro critérios: a China e a Europa.

Outro fator que reforça a complexidade da ideia de paisagem é a busca na compreensão da etimologia do termo, a qual matriz linguística exemplifica a multiplicidade semântica. O termo apresenta duas raízes: a germânica e a neolatina. A mais antiga, do século VIII, é a origem germânica, da qual derivam os termos *Landschaft* (alemão), *landskip* (holandês) e *landscape* (inglês), como resultado da união de um prefixo (*land*) que indica a extensão real de um território e de um sufixo (*shaft/scape/shape*) que indica a forma ou o aspecto (FERRANDO, 2012). Apesar disso, segundo Ferrando (2012), até o Renascimento o termo *Landschaft* foi utilizado exclusivamente para indicar uma área geográfica delimitada por confins políticos, sem algum referimento ao aspecto da área propriamente dita.

Sandeville Júnior (2005, p. 51) observa que “nas línguas latinas, paisagem tem origem no latim *pagus* (marco ou baliza inserida na terra, território rural delimitado por marcos, distrito, aldeia, povoação)”. Ferrando (2012) acrescenta que o termo *pago* apareceu em documentos espanhóis já em 1100, sendo usado tanto para se referir às questões da vida rural quanto à extensão de uma propriedade. Porém a acepção topográfica do termo *pago* se perdeu com o tempo, sendo substituído pelo atual termo “país”, o qual exprime a ideia de região, província e território, além da ideia de nação. Dessa forma, a partir de 1550 começam a ser registrados os novos termos nos dicionários das línguas latinas, de onde deriva: *paysage* (francês); *paysaje* (espanhol); *paesaggio* (italiano); e “paisagem” (português). Para Berque (1995) o sufixo utilizado, “país” (*pays* em francês, *paese* em italiano), expressa a ideia de um todo, apreendido em um único olhar.

Esses novos termos eram utilizados para indicar, concomitantemente, um território e as características do seu aspecto. Por esse ângulo, de acordo com Besse (2014), a noção de paisagem a partir de um território produzido e praticado pelas sociedades humanas vai além da representação mental, em que é colocado em evidência as relações desse território com questões econômicas, culturais e políticas. Portanto, considerando a paisagem como uma produção cultural, em que a cultura está encarnada na morfologia da paisagem, ou seja, na sua forma e estrutura física. Os elementos arquitetônicos, as construções e os objetos presentes na paisagem são manifestações tangíveis da cultura de uma sociedade. Duarte e Santos (2020) trazem

que a paisagem pode ser um modo de organização da sociedade no território, sendo uma maneira de habitar o espaço particular de cada sociedade, pois é produzida em uma determinada realidade cultural, social, econômica e política. Nessa perspectiva, a paisagem é uma interpretação mais geral sobre a sociedade e está sujeita às técnicas e aos diferentes suportes de percepção.

Porém, compreender as razões e a cultura que estão incorporadas em uma paisagem requer uma abordagem multidisciplinar, que vá além da sua aparência física. A análise de diferentes elementos, contextos históricos e sociais, bem como a inclusão de perspectivas diversas, é essencial para uma compreensão abrangente e significativa da paisagem. De acordo com Sandeville Júnior (2005), as palavras “país”, “paisagem” e ainda “imagem” se associam a um conteúdo cultural, relacionando espaço e representação. Em concordância, Meneses (2002) expressa que quando se considera a paisagem como fato cultural, deve-se ir além do objeto que através da interação humana é transformado e impregnado de marcas e símbolos, deve-se tratar a paisagem como um processo cultural.

Besse (2014) ainda traz a noção de paisagem tida como a construção do imaginário da identidade de uma nação ou de uma cultura. O valor estético tem relevância, mas passa a ser questionado o seu valor e a sua função dentro da cultura. À vista disso, Cosgrove (2004) sugere que a paisagem representa uma forma específica de vivenciar o mundo, feita por alguns grupos sociais. Assim, um grupo dominante “procura impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras” impondo uma experiência de mundo do grupo dominante pode ter implicações significativas, como a marginalização ou apagamento das perspectivas e experiências de outros grupos sociais (COSGROVE, 2004, p. 105). O propósito é propagar as normas culturais e reproduzir os valores do grupo em questão à toda a sociedade. Diferente dos autores da escola humanista, nesta visão, os aspectos da paisagem são influenciados pelos meios de produção de uma sociedade. Os meios de produção referem-se aos processos, tecnologias e relações sociais envolvidos na produção de bens materiais e na organização da vida social e econômica.

Em concordância, Bellentani (2016) declara que a paisagem expressa os significados de grupos de elite, suas necessidades e interesse, podendo ser vista como instrumento utilizado para construir e controlar sua autoridade sobre a

sociedade. A paisagem passa a ter um papel crucial como instrumento para a transmissão da identidade de grupos ou nações. Além disto, o autor sugere que as interpretações dos textos da paisagem podem ser feitas de várias maneiras, variam conforme as experiências de vida, os valores pessoais, o conhecimento cultural de cada leitor. Elas podem se distinguir entre grupos de leitura, e ainda entre leitores e autores. Independente do propósito do autor e das interpretações dos leitores, os textos de paisagem possuem seu próprio significado.

Da mesma forma, Besse (2014) interpreta a paisagem como um texto, impregnado de pensamentos e signos que devem ser decifrados para além dos objetos, palavras e olhares. Assim, algumas paisagens são selecionadas por seu valor histórico, natural ou memorial, tornando-se a síntese de um grupo social. Muitas delas são apresentadas como estereótipos da comunidade, criando a ideia de pertencimento nacional.

Uma outra perspectiva de concepção da paisagem, que envolve a contemplação estética da beleza da natureza na arte e na poesia, emergiu a partir do século IV no Oriente, conforme mencionado por Berque (2019). Na Europa, a ideia associada ao pitoresco na paisagem surge apenas no século XVI, sendo inicialmente utilizada para descrever pinturas e quadros de paisagem. Essa concepção introduziu uma nova forma de relação entre o homem e a natureza, representando um conceito visual e um novo modo de ver o mundo (COSGROVE, 2004). Além disso, de acordo com Besse (2014), o surgimento histórico da paisagem também está relacionado à pintura renascentista e à ideia de "janela" proposta pelo quadro. Tanto em uma pintura quanto em uma janela, o sujeito cria um recorte de acordo com seus interesses, remetendo à ideia de uma paisagem emoldurada e estabelecendo uma dinâmica entre o exterior e o interior.

Conforme observado durante o Renascimento, os artistas encontraram uma maneira de capturar a natureza em um quadro por meio da pintura. O ato de enquadrar uma paisagem na pintura ou na poesia reflete uma escolha intencional. Segundo Duarte e Santos (2020), essa escolha deliberada do enquadramento, que nos dias de hoje poderia ser relacionada à fotografia, reflete o que deve ser incluído e excluído na representação da paisagem, da arte e dos sentimentos. A pintura, a poesia e a fotografia são formas de traduzir a experiência sensorial e transferir a paisagem externa para dentro das pessoas. A experiência ocorre por meio da imersão na

paisagem, observando suas cores e formas, percebendo suas texturas, ouvindo seus sons, sentindo seus aromas e sabores. Essa experiência estimula a ressonância de memórias e sentimentos.

Os estudos sobre paisagem têm sido destacados na Geografia, indo além dos aspectos materiais, e são encontrados nos escritos de historiadores alemães e franceses desde meados do século XIX (FOWLER, 2003). No entanto, somente em 1925, na tentativa de romper com o determinismo ambiental, Carl Sauer publica um estudo americano intitulado *The Morphology of Landscape*. Nesse trabalho, conforme mencionado por Ribeiro (2007), o autor reconhece as dimensões estética e subjetiva da paisagem. No entanto, Sauer define a paisagem como o resultado da ação da cultura ao longo do tempo sobre a paisagem natural, sem levar em consideração o fator subjetivo relacionado à simbologia presente na paisagem. A cultura é vista como o agente que molda a paisagem natural, resultando na paisagem cultural.

Diferentemente da abordagem proposta por Sauer, uma nova abordagem humanista surge, rompendo com o positivismo e a concepção de uma paisagem objetiva. Com essa nova perspectiva, a paisagem cultural passa por um momento de renovação ou recriação sobre os vestígios da antiga cultura. Assim, a representação da paisagem vai além do visível e das marcas físicas das atividades humanas, destacando o simbólico e o subjetivo da paisagem. A questão estética da paisagem é considerada uma produção simbólica, com marcas e impressões impregnadas que refletem a identidade cultural e o pensamento de um povo. Mesmo dentro do movimento humanista, houve diferentes abordagens, porém, a característica comum a todas elas foi a percepção da paisagem como um documento a ser lido (RIBEIRO, 2007).

Conforme apontado por Sauer, a paisagem pode ser compreendida como um produto social, resultado de uma transformação coletiva da natureza e uma expressão cultural de uma sociedade em um determinado espaço. No entanto, vai além disso. Corrêa (2014) acrescenta que a paisagem não deve ser reduzida apenas à sua morfologia, mas é carregada de significados, símbolos densos de valores, memórias e experiências, possuindo, assim, uma dimensão simbólica. A experiência proporcionada pela paisagem permite a criação de novos significados.

Andreotti (2012) também sugere que a paisagem não pode ser dissociada do ser humano, de sua imaginação e percepção. De fato, a paisagem reflete o ser

humano e sua história. Nesse sentido, ela argumenta que por meio de representações textuais, o ser humano, como um agente, atribui valores simbólicos à paisagem, que “exprime o homem, mas ao mesmo tempo faz o homem” (ANDREOTTI, 2012, p. 7). Em outras palavras, a paisagem simboliza e representa uma sociedade, uma cultura, ao mesmo tempo em que influencia os costumes, hábitos e vivências desse grupo cultural.

Vivenciar a paisagem vai além da simples observação visual e envolve a experiência sensorial completa. Segundo Berque (2012), as relações entre o ser humano e o ambiente são caracterizadas por influências mútuas, e a análise da paisagem não se restringe à percepção visual, uma vez que a visão por si só não é suficiente para compreender e interpretar o simbolismo presente na paisagem. Nesse sentido, o autor argumenta que:

[...] não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 2012, p. 241)

A paisagem como representação cultural e social é uma manifestação humana, uma imagem que leva em consideração a subjetividade da percepção e os códigos culturais. Segundo Besse (2014), a paisagem nos fala sobre as pessoas, seus olhares e seus valores, e não apenas sobre o mundo externo. Meinig (2003, p. 35) também ressalta que “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”, definindo-a como um pensamento, uma interpretação, uma leitura ou uma forma de olhar, destacando seu caráter subjetivo.

Schama enfatiza que a paisagem, antes de ser uma experiência sensorial, é uma criação da mente, composta por lembranças e camadas de significado. Abordando a simbologia da paisagem, Cosgrove (1998, p. 13) afirma que a paisagem “é um modo de ver o mundo”⁹ e não apenas a representação do mundo observado, envolvendo a construção e composição desse mundo externo através da vivência do ser humano. Nogué (2007, p. 12) concorda ao definir que “a paisagem, portanto, não

⁹ Tradução livre para “is a way of seeing the world” (COSGROVE, 1998, p. 13)

apenas nos mostra como é o mundo, mas também é uma construção, uma composição desse mundo, uma forma de vê-lo¹⁰.

Sob essa perspectiva, a noção de paisagem adotada considera que toda paisagem existe em relação a uma sociedade, um grupo cultural ou um sujeito coletivo que imprime marcas e símbolos nela. Cada cultura, assim como diferentes momentos históricos dentro dessa mesma cultura, cria suas próprias interpretações da paisagem, tornando-se centros de significado e símbolos que expressam pensamentos, ideias e emoções dos mais diversos tipos

A paisagem como uma experiência fenomenológica assume a perspectiva da relação do ser humano com aquilo que é exterior, com os elementos sensíveis do mundo. Como definido por Besse (2014, p. 47), provoca a noção de “estar no mundo e ser atravessado por ele”, de vivenciá-lo e ser “tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, estruturas e espacialidades”. São aspectos que estão abertos aos cinco sentidos, à emoção, e possibilitam a experiência. Neste caso, a paisagem não é um objeto apreensível pelo pensamento: primeiramente ela é vivenciada, para somente depois ser falada. Assim, Pallasmaa (2014, p. 232) defende que a qualidade do espaço não é somente a percepção visual, “à medida que entramos em um espaço, o espaço entra em nós, e a experiência é essencialmente uma troca e fusão do objeto e do sujeito¹¹”, ou seja, a sua leitura da paisagem passa a ser uma experiência multissensorial, onde diversos fatores como a atmosfera, as emoções e o humor, se fundem.

Da mesma forma, Berque (2012) destaca que a paisagem não reside exclusivamente no sujeito nem no objeto, mas sim na complexa interação entre ambos. Ele também ressalta o duplo papel da paisagem, sendo ao mesmo tempo uma "marca" e uma "matriz". A "paisagem marca" está relacionada à expressão de uma civilização, podendo ser descrita e inventariada. Ela é resultado dos processos culturais de uma sociedade, sendo vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada por uma estética e uma moral, e gerada por uma política. Por sua vez, a "paisagem matriz" é considerada um meio que

¹⁰ Tradução livre para “el paisaje, por tanto, no sólo nos muestra cómo es el mundo, sino que es también una construcción, una composición de este mundo, una forma de verlo” (NOGUÉ, 2007, p. 12).

¹¹ Tradução livre para “As we enter a space, the space enters us, and the experience is essentially an exchange and fusion of the object and the subject” (PALLASMAA, 2014, p. 232)

reúne e determina as relações entre a sociedade, o espaço e a natureza. Ela representa o contexto no qual a interação entre o homem e seu ambiente se desenrola, influenciando e sendo influenciada pelas práticas culturais e pelos significados atribuídos pelos indivíduos e pela coletividade (BERQUE, 2012).

Dessa forma, Berque destaca a importância da paisagem como expressão cultural e social, ao mesmo tempo em que reconhece sua influência e sua capacidade de moldar as relações entre a sociedade, o espaço e a natureza. A paisagem é entendida como um produto e um reflexo das práticas e dos valores de uma civilização, ao mesmo tempo em que atua como um meio que molda as experiências e as interações humanas com o ambiente.

A acepção moderna da paisagem não é simplesmente uma evolução ortográfica, mas sim uma mudança de significado que varia de acordo com as diferentes culturas e momentos históricos. A concepção de paisagem surge em cada sociedade em momentos distintos, não se desenvolvendo simultaneamente ao redor do mundo. Observa-se que as várias facetas da noção de paisagem estão inter-relacionadas, havendo uma sobreposição natural entre os desdobramentos conceituais. O trânsito entre as diferentes abordagens da paisagem pode ser fluido e contínuo.

Embora esta seção represente apenas uma introdução à complexidade envolvida no termo "paisagem" e suas diversas abordagens, já fica evidente a presença da subjetividade na sua interpretação. A origem e a área de atuação do indivíduo influenciam sua percepção e compreensão do que é a paisagem, assim como a forma como ela é interpretada. É importante reconhecer que a noção de paisagem é moldada pela subjetividade humana e que a interpretação da paisagem varia de acordo com a experiência e o contexto cultural de cada indivíduo.

A abordagem presente neste trabalho busca se aproximar da ideia de paisagem, tomando como referência a distinção proposta por Andreotti (2012) entre "paisagem" e "paisagem cultural". Segundo a autora, a "paisagem *tout court*¹²", refere-se à representação genérica, cotidiana e objetiva do mundo, sendo uma forma de estruturar e dar forma ao ambiente. Por outro lado, a "paisagem cultural" é uma

¹² Expressão francesa que significa "sem mais; só isto; sem haver nada a acrescentar; simplesmente; somente"

construção que remonta à antiguidade, incorporando valores, ideias e significados conforme as marcas deixadas pelas civilizações ao longo do tempo.

Essa definição atribuída por Andreotti (2012) à noção de paisagem se aproxima de algumas abordagens presentes nas cartas patrimoniais, que tratam da preservação cultural. A próxima seção do trabalho tem como objetivo abordar a inserção do termo "paisagem" nas discussões sobre patrimônio, destacando o interesse crescente na paisagem como categoria de preservação cultural.

1.1.1 PAISAGEM COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Dando sequência à discussão sobre paisagem, a análise nessa subseção será feita com aprofundamento no contexto do patrimônio cultural com base em organismos internacionais, convenções e cartas patrimoniais. A elaboração de um panorama histórico do conceito de paisagem, a partir desses documentos, auxilia na compreensão da evolução da perspectiva sobre a temática a nível mundial e nacional no campo da preservação patrimonial.

Para compreender como o termo paisagem é abordado nessas instâncias, é importante entender a concepção do termo "patrimônio" e sua relação com a cultura. A palavra "patrimônio" tem origem latina (*patrimonium*), refere-se a algo que pertence ao pai e que pode ser transmitido aos herdeiros. Inicialmente, estava relacionada ao direito de propriedade. No contexto do patrimônio cultural, o termo é utilizado para se referir àquilo que foi ou pode ser herdado e possui valor cultural (DUARTE; SANTOS, 2020). Em diferentes idiomas, encontramos termos semelhantes, como *heritage* em inglês, que tem um significado próximo a "patrimônio" e refere-se ao que foi herdado. Já os alemães utilizam o termo *Denkmalpflege*, que significa "o cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar". Essas expressões destacam a ideia de lembrança e de algo que nos leva a refletir, remetendo à origem latina da palavra patrimônio. No entanto, também existe uma definição mais econômica e jurídica do termo, especialmente na expressão italiana *beni culturali*, que se refere à "propriedade cultural". Essa perspectiva ressalta um vínculo menos pessoal entre o patrimônio e a sociedade, tratando-o como uma propriedade tangível (FUNARI, 2009).

O Artigo 216 da Constituição Federal amplia a antiga denominação de "Patrimônio Histórico e Artístico" por meio do conceito de "Patrimônio Cultural",

estabelecendo uma conexão teórica entre o termo "patrimônio" e o conceito antropológico de "cultura".

No passado, de acordo com Magnani (2014), o discurso dos órgãos oficiais de preservação costumava se referir ao "patrimônio histórico" e "patrimônio artístico". No entanto, à medida que outras áreas se tornaram objeto de ação e preocupação da preservação, foram adicionadas novas qualificações, resultando em uma lista cada vez mais extensa, incluindo o patrimônio edificado, arqueológico, ecológico, ambiental-urbano, paisagístico, turístico, entre outros. Essa ampliação reflete a compreensão de que o patrimônio não se limita apenas a aspectos históricos e artísticos, mas abrange uma diversidade de elementos culturais. Assim, o termo "patrimônio cultural" engloba uma série de expressões e manifestações que adquirem significado e inteligibilidade por referência aos códigos culturais existentes.

A noção de patrimônio cultural abrange todas as manifestações sociais e culturais, sejam elas materiais ou imateriais. No âmbito material, inclui objetos, técnicas, espaços, instrumentos, edificações e outros elementos tangíveis. No âmbito imaterial, abrange crenças, rituais, costumes, danças, expressões e outras formas intangíveis de expressão cultural. Esses elementos constituem o suporte físico e as formas concretas e tangíveis de expressão de uma cultura. Em conjunto, representam o legado cultural de uma sociedade, transmitido ao longo do tempo, desempenhando um papel fundamental na identidade coletiva e na preservação da diversidade cultural.

Nesse contexto, a paisagem desempenha um papel significativo no patrimônio cultural, pois é um elemento que incorpora tanto os aspectos materiais quanto os imateriais da cultura. De acordo com Nogué (2007, p. 21), a paisagem é um termo impregnado de conotações culturais e pode ser interpretado como um código dinâmico de símbolos que fala sobre a cultura do passado, presente e possivelmente do futuro.

Assim como reflete a cultura, a paisagem também participa da construção cultural e patrimonial de um povo. Através da paisagem, podemos observar as transformações e as marcas deixadas pela sociedade ao longo do tempo. Ela revela as relações e interações entre as pessoas e o ambiente, testemunhando a história, os valores e a identidade de uma comunidade. Ao preservar e valorizar a paisagem, se está protegendo e promovendo a herança cultural de uma sociedade, contribuindo

para a conservação da diversidade cultural e para a compreensão de sua identidade coletiva.

No contexto da investigação sobre a adoção da noção de paisagem no âmbito do patrimônio cultural, o termo ganhou destaque internacional na Carta de Atenas de 1931. Essa carta foi a primeira carta patrimonial¹³, e tratou das doutrinas e princípios gerais da proteção dos monumentos e abordou a preocupação com os aspectos de visibilidade dos monumentos e sua relação com o entorno. A Carta (CIAM, 1931, p. 2) recomenda “respeitar, na construção dos edifícios, o caráter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidados especiais”. Além disso, destaca que “em certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas” (CIAM, 1931, p. 2).

Embora o termo "paisagem" não seja explicitamente utilizado, é possível perceber uma referência à paisagem por meio de expressões como "fisionomia das cidades" e "perspectivas pictóricas". Essas referências indicam uma preocupação com a integração dos monumentos em seu ambiente, buscando criar uma ambientação visualmente agradável e esteticamente harmoniosa. O uso do termo "pitoresco" remete à concepção renascentista de paisagem, na qual a paisagem era associada à pintura e à arte. Onde se valoriza somente o aspecto estético do conjunto.

De acordo com Aragão (2019) cria-se um vínculo da preservação da paisagem em relação ao edifício, apresentando um visão na qual o monumento tem maior importância em detrimento da visão paisagística. Em concordância, Costa (2012) reforça que a Carta aborda a preservação de edifícios isolados, construções significativas que remetem à memória do passado, por outro lado o conjunto urbano, seus quarteirões e edificações, que não se encontravam contemplados como bens, seriam destruídos e transformados em áreas verdes. Assim o monumento é tratado de forma isolada, desconsiderando o centro histórico como um todo, coincidindo com o período histórico de propagação das renovações urbanas.

A Recomendação de Paris de 1962 foi resultado da 12ª Conferência Geral da UNESCO, em que foram consideradas as várias agressões à beleza e ao caráter das

¹³ De acordo com Lyra (2016) cartas patrimoniais, refletem as preocupações e os conceitos vigentes no momento em que foram elaboradas; por isso, são importantes para a compreender como a noção de paisagem vem evoluindo internacionalmente ao longo da história no campo do patrimônio.

paisagens e sítios. De acordo com Aragão (2019), essas violações empobreceram o patrimônio cultural e a estética pelo mundo. Em seus princípios gerais, afirma que os estudos e medidas a serem adotados para a salvaguarda das paisagens e sítios deve se estender a todo o território do Estado, não se limitando a determinadas paisagens ou sítios. Além disso, destaca que “a salvaguarda não deveria limitar-se às paisagens e aos sítios naturais, mas se estender também às paisagens e sítios cuja formação se deve, no todo ou em partes, à obra do homem” (UNESCO, 1962, p. 3). A Recomendação segue indicando que as paisagens extensivas deveriam ser objeto de proteção legal:

Quando, numa zona protegida por lei, o carácter estético é de interesse primordial, a protecção legal ‘por zona’ deveria abranger o controle dos loteamentos e a observação de algumas prescrições gerais de carácter estético referentes à utilização dos materiais e sua cor, às normas relativas à altura [...] porções de paisagem que ofereçam um interesse excepcional, deveriam ser protegidos por lei (UNESCO, 1962, p. 5).

Neste documento fica clara a relevância dada à percepção visual da paisagem, tida no seu aspecto estético, a ponto de sugerir a criação de normas para o controle de materiais, cores e alturas. Ainda é sugerida a existência de uma “paisagem natural” e uma “paisagem antropizada” tida como “obra do homem”; a distinção que ocorre entre paisagens também se reforça na possibilidade que algumas delas possam apresentar “interesse excepcional”.

Dois anos depois, em 1964, a preocupação com a conservação e restauração de monumentos e sítios continuou no Congresso do ICOMOS que resultou na Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), na qual a noção de monumento é definida abrangendo o “sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização” (ICOMOS, 1964, p. 02). De maneira não direta, o reconhecimento do contexto em que o monumento está inserido aparece, porém, sem relacionar a ideia de paisagem. Em concordância, Bandarin e Van Oers (2012) afirmam que o foco recai quase exclusivamente no monumento e no seu restauro.

Um retrocesso ocorre nas Normas de Quito (OEA, 1967), que discorre sobre a conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico, em específico da América. De acordo com Aragão (2019), esse atraso aparece quando constata-se o retorno ao vínculo da preservação da paisagem e do espaço ao monumento. A ideia de paisagem é associada à “marca histórica ou artística” impressa

pelo homem; sua apropriação ou transformação é condição imprescindível para a consideração de tal área como categoria de preservação, conforme verifica-se no trecho a seguir:

Os lugares pitorescos e outras belezas naturais, objeto de defesa e proteção por parte do Estado, não são propriamente monumentos nacionais. A marca histórica ou artística do homem é essencial para imprimir a uma paisagem ou a um recinto determinado essa categoria específica (OEA, 1967, p. 2).

Para Aragão (2019), trata-se de uma visão econômica do patrimônio, em que os monumentos são valorizados em função do turismo, os quais exercem o papel de promover a cultura nacional ou local. Essa Norma (OEA, 1967, p. 6) ainda traz que “um monumento restaurado adequadamente, um conjunto urbano valorizado, constituem não só uma lição viva da história como uma legítima razão de dignidade nacional”. A ideia de conjunto urbano se aproxima do exposto por Besse (2014) em uma de suas portas de leitura, em que algumas paisagens são selecionadas pelo valor que representam e passam a ser síntese estereotipadas relacionadas à construção da identidade de uma nação. Da mesma forma como traz Cosgrove (2004), em que um grupo dominante procura comunicar e reforçar através da impressão na paisagem os seus princípios e crenças.

O Ministério da Instrução Pública da Itália divulgou a Carta do Restauo em 1972, visando estabelecer normas e instruções na restauração de obras de arte. Aborda também a tutela dos centros históricos, definidos como assentamentos que se apresentam como testemunho de civilizações passadas e como documento cultural, onde a restauração não se limita “a conservar unicamente os caracteres formais de arquiteturas ou ambientes isolados, mas se estende também à conservação substancial das características conjurais do organismo urbanístico completo” (ITÁLIA, 1972, p. 16). Apesar de não ser explícito o uso do termo “paisagem”, a ideia que envolve a identificação do centro histórico alude a ideia da conversação além da dimensão estética, se preocupando com a expressão e o processo cultural de uma civilização.

A Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural foi organizada pela UNESCO e aprovada como Recomendação Paris em 1972. A proposta da Convenção é de assegurar a identificação, proteção, conservação, apresentação e transmissão às gerações futuras do patrimônio cultural e natural de

“valor universal excepcional” (FOWLER, 2003). De acordo com Ribeiro (2007), alguns anos depois foi criado o Comitê do Patrimônio Mundial, constituído por 21 representantes dos estados membros da UNESCO, eleitos periodicamente, tendo uma reunião anual ordinária para discutir temas ligados à implementação da Convenção e para a inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial.

Com base nos parâmetros de excepcionalidade, autenticidade e integridade¹⁴, alguns critérios foram criados para a inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial. Os bens poderiam ser inventariados e inscritos de acordo com o valor a eles conferido; como patrimônio cultural, ou como patrimônio natural. Os critérios culturais para inscrição do bem como Patrimônio Mundial pela UNESCO até 2005:

- i. representar uma obra-prima do gênio criativo humano, ou;
- ii. ser a manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos durante um determinado período ou em uma área cultural específica, no desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais, de planejamento urbano ou de paisagismo, ou
- iii. aportar um testemunho único ou excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização ainda viva, ou que tenha desaparecido, ou
- iv. ser um exemplo excepcional de um tipo de edifício ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre uma ou várias etapas significativas da história da humanidade, ou
- v. constituir um exemplo excepcional de habitat ou estabelecimento humano tradicional ou do uso da terra, que seja representativo de uma cultura ou de culturas, especialmente as que se tenham tornado vulneráveis por efeitos de mudanças irreversíveis, ou
- vi. estar associado diretamente ou tangivelmente a acontecimentos ou tradições vivas, com ideias ou crenças, ou com obras artísticas ou literárias de significado universal excepcional (RIBEIRO, 2007, p. 36).

¹⁴ “Integridade” é geralmente entendida como integridade física e/ou contextual e/ou ambiental, questões muitas vezes confundidas com questões de autenticidade. O desenvolvimento insensível em torno de um sítio, ou dentro de uma paisagem, seria prejudicial às qualidades intrínsecas de um sítio, por exemplo, considerado, em termos de Patrimônio Mundial, como tendo diminuído sua autenticidade. Uma nova auto-estrada dividindo uma obra-prima arquitetônica de seu parque e jardins, prejudicaria seriamente a integridade do bem (FOWLER, 2003)

Os critérios naturais para inscrição do bem como Patrimônio Mundial pela UNESCO até 2005:

- i. ser exemplo excepcional representativo dos diferentes períodos da história da Terra, incluindo o registro da evolução, dos processos geológicos significativos em curso, do desenvolvimento das formas terrestres ou de elementos geomórficos e fisiográficos significativos, ou
- ii. ser exemplo excepcional que represente processos ecológicos e biológicos significativos para a evolução e o desenvolvimento de ecossistemas terrestres, costeiros, marítimos e de água doce e de comunidades de plantas e animais, ou
- iii. conter fenômenos naturais extraordinários ou áreas de uma beleza natural e uma importância estética excepcionais,
- iv. conter os habitats naturais mais importantes e mais representativos para a conservação in si tu da diversidade biológica, incluindo aqueles que abrigam espécies ameaçadas que possuam um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação (RIBEIRO, 2007, p. 37).

Segundo Ribeiro (2007), desde o início, no texto da Convenção, nota-se um antagonismo entre as categorias cultural e natural, refletindo um pensamento que, na época, começava a se tornar crônico. Essa divisão refletia a ideia de que, para muitos conservacionistas da natureza, quanto menos interferência humana houvesse em uma área, melhor ela seria considerada. Da mesma forma, para muitos arquitetos, historiadores da arte e outros cientistas humanos, os monumentos, estruturas, edifícios e ruínas eram vistos como fenômenos isolados.

Na 19ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1976, foi lançada a Recomendação de Nairobi relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea, que trouxe a definição do que se entende como conjunto histórico:

[...] todo agrupamento de construções e de espaços, inclusive os sítios arqueológicos e paleontológicos, que constituam um assentamento humano, tanto no meio urbano quanto no rural e cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitetônico, pré-histórico, histórico, estético ou sociocultural. Entre esses “conjuntos”, que são muito variados, podem-se distinguir especialmente os sítios pré-históricos, as cidades históricas, os bairros urbanos antigos, as aldeias e lugarejos, assim como os conjuntos monumentais homogêneos (UNESCO, 1976, p. 3).

Além disso, a Recomendação (UNESCO, 1976) abordou as medidas técnicas tradicionais, bem como algumas medidas sociais e econômicas, destacando a importância de estudar os dados demográficos e realizar análises das atividades econômicas, sociais e culturais, modos de vida e relações sociais. Também ressaltou a necessidade de colaboração e participação entre autoridades públicas, proprietários, habitantes e usuários do conjunto histórico. É relevante observar que essa recomendação demonstra uma preocupação com os laços sociais estabelecidos, ampliando o discurso para além dos aspectos técnicos e estéticos.

Assim como na Recomendação de Nairobi, a paisagem aparece na Carta de Florença sendo relacionada aos sítios históricos. O Comitê Internacional de Jardins Históricos e Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), juntamente com a IFLA (Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas), redigiu a Carta de Florença em 1981, relativa à proteção dos jardins históricos.

A referência à paisagem surge no Artigo 8º, o qual estabelece que “um sítio histórico é uma paisagem definida, evocadora de um fato memorável” (ICOMOS/IFLA, 1981, p. 2). Nesse sentido, Aragão (2019) argumenta que a preservação de um sítio histórico está intrinsecamente relacionada à preservação da paisagem em si. Ao considerar o sítio histórico como “uma paisagem definida”, reconhece-se a importância da preservação das características visuais, culturais e históricas da área, destacando a necessidade de proteger a identidade da paisagem como um todo.

A Carta de Washington (ICOMOS, 1986) destaca a preocupação com a degradação e destruição das cidades e centros históricos como resultado da industrialização. Seu objetivo principal é preservar não apenas o ambiente natural, mas também o ambiente construído, que além de seu valor como documento histórico, expressa os valores das civilizações urbanas. Além disso, a Carta ressalta a importância da participação popular para o sucesso da salvaguarda. Reconhece-se que a comunidade local desempenha um papel fundamental na preservação e na valorização do patrimônio cultural, e sua participação ativa é essencial para o processo de conservação.

A adoção da categoria de paisagem cultural da UNESCO, em 1992, se diferenciou dessas concepções anteriores por adotar a própria paisagem como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem. É nesse sentido que a categoria de paisagem cultural da UNESCO representa uma ruptura com esses

modelos anteriores. Assim a paisagem é o foco central na Convenção do Patrimônio Mundial de 1992, a qual desempenha um papel fundamental na proteção e promoção das paisagens culturais, reconhecendo sua importância como um componente valioso do patrimônio mundial. A convite do ICOMOS e do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, especialistas de diversas áreas se reuniram para discutir critérios para a inclusão de paisagem cultural na Lista do Patrimônio Mundial. De acordo com a UNESCO (2022), “existe uma grande variedade de paisagens que são representativas das diferentes regiões do mundo. Obras combinadas da natureza e da humanidade, expressam uma longa e íntima relação entre os povos e seu ambiente natural¹⁵”.

As paisagens culturais passam a representar as "obras combinadas da natureza e do homem¹⁶" designadas no Artigo 1º da Convenção (UNESCO, 2022). São consideradas ilustrativas da evolução da sociedade humana e de seus assentamentos ao longo do tempo, sob a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais que nelas interferem. Essas paisagens devem ser selecionadas por seu valor universal e representatividade em uma região claramente definida, assim como por sua capacidade de ilustrar elementos culturais essenciais e distintos dessa região (RIBEIRO, 2007).

Portanto, desde então, os critérios naturais ou culturais utilizados para a inscrição de um bem como patrimônio mundial não se referem especificamente às interações entre o homem e seu ambiente, sendo esse papel atribuído à categoria de paisagem cultural. O encontro resulta na criação de três formas distintas de classificação da paisagem:

- i. Paisagem claramente definida
- ii. Paisagem organicamente evoluída
 - a. Paisagem relíquia (ou fóssil)

¹⁵ Tradução livre para “There exist a great variety of Landscapes that are representative of the different regions of the world. Combined works of nature and humankind, they express a long and intimate relationship between peoples and their natural environment” (UNESCO, 2022)

¹⁶ Tradução livre para “combined works of nature and of man” (UNESCO, 2022)

b. Paisagem contínua

iii. Paisagem cultural associativa¹⁷ (UNESCO, 2022).

De acordo com o exposto pela UNESCO (2022), “paisagem claramente definida” é projetada e criada intencionalmente pelo homem, abrangendo paisagens de jardins e parques caracteristicamente construídos por razões estéticas, sociais e recreativas. “Paisagem organicamente evoluída” resulta de uma imposição social, econômica, administrativa e/ou religiosa inicial e desenvolveu sua forma atual em relação com o seu meio natural. Essa paisagem se divide em duas subcategorias: “paisagem relíquia (ou fóssil)” é aquela em que um processo evolutivo terminou em algum momento no passado, mas cujas características ainda visíveis como vestígios materiais; e a “paisagem contínua” é aquela que permanece tendo seu papel na sociedade contemporânea, associada a um modo de vida tradicional, a qual segue evoluindo e apresentando significativas evidências materiais da passagem do tempo. A terceira categoria é a de “paisagem cultural associativa”, na qual o seu valor é dado em função de associações religiosas, artísticas ou culturais e, dessa forma, as evidências culturais materiais podem ser insignificantes ou mesmo ausentes.

Em 2005, na revisão das Orientações para Guiar a Implementação da Convenção do Patrimônio Cultural, na tentativa de acabar com a dicotomia entre cultural e natural, os seis critérios culturais e os quatro critérios naturais para inscrição do bem na Lista criados na Recomendação Paris de 1972 foram unificados em dez critérios. Segundo Ribeiro (2007), a ideia de paisagem cultural da UNESCO considera uma interpretação do termo o que identifica na “paisagem a inscrição das relações do homem com a natureza e estabelece como objeto para reconhecimento e proteção aquelas paisagens culturais detentoras de valores excepcionais” (RIBEIRO, 2007, p. 49).

Dessa forma, representando uma ruptura com as concepções de paisagem das Cartas Patrimoniais até então, a adoção da categoria de paisagem cultural propôs a noção de paisagem como bem, valorizando as interações entre o homem e a natureza, visando proteger as culturas vivas e os vestígios daquelas que

¹⁷ Tradução livre para “Combined works of nature and of man”; “Clearly defined landscape”; “Organically evolved landscape”; “Relict (or fossil) landscape”; “Continuing landscape”; e “Associative cultural landscape” (UNESCO, 2022).

desapareceram. No mundo, foram classificadas 121 paisagens culturais. O Brasil possui somente quatro paisagens culturais classificadas na Lista: Paisagens Cariocas entre a serra e o mar, inscrita em 2012; Conjunto Moderno da Pampulha em Belo Horizonte, reconhecida em 2016; Paraty e Ilha Grande – Cultura e Biodiversidade, a qual entrou na lista em 2019; Sítio Roberto Burle Marx no do Rio de Janeiro, aceita na categoria em 2021.

Apenas algumas paisagens são reconhecidas como tendo um valor excepcional e merecedoras de serem classificadas como paisagens culturais. Isso demonstra que a categoria de paisagem cultural é reservada a um número limitado de paisagens que possuem características e qualidades específicas que as distinguem e as tornam merecedoras desse reconhecimento. Portanto, nem todas as paisagens têm o mérito de serem classificadas como paisagens culturais, apenas aquelas que demonstram um valor excepcional.

Em uma perspectiva diferente da abordada pela UNESCO, tem-se a experiência da Convenção Europeia da Paisagem (CEP) assinada em Florença no ano 2000. Conforme Figueiredo (2013), a CEP configura-se como uma tentativa de estabelecer políticas públicas comuns, tendo a paisagem como meio para estabelecer e atualização da identidade europeia. A Convenção Europeia da Paisagem (CEP, 2000), em seu preâmbulo, reconhece a contribuição da paisagem para a formação das culturas locais e destaca sua importância como componente fundamental do patrimônio cultural e natural europeu, promovendo o bem-estar humano e fortalecendo a identidade europeia. No Artigo 1º como “uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da inter-acção de factores naturais e/ou humanos” (CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM, 2000). Além disso, a CEP ressalta que a paisagem é um patrimônio comum e um recurso compartilhado por todos.

Dessa forma, a CEP abarca a paisagem de forma mais abrangente, indo além das paisagens excepcionais, se preocupando também com as paisagens da vida cotidiana e as paisagens degradadas. Nesse sentido, no Artigo 5º, a CEP (2000) propõe entre as medidas gerais a necessidade do reconhecimento jurídico da paisagem “como uma componente essencial do ambiente humano, uma expressão da diversidade do seu patrimônio comum cultural e natural e base da sua identidade”.

A inovação trazida pela CEP está exatamente de acordo com Ribeiro (2007), quando se reconhece que todas as paisagens são cruciais para a qualidade de vida do cidadão. O documento não faz distinção entre o que seria natural e o que seria cultural. O próprio termo paisagem cultural não é utilizado, adotando-se unicamente “paisagem” vista como produto cultural. De acordo com Veras (2014, p. 132), a Convenção define duas categorias: “as paisagens notáveis, do ponto de vista da arte, da história, da excepcionalidade e da beleza, por exemplo; e as paisagens da vida cotidiana, as paisagens ordinárias, reveladoras da cultura local da vida vivida, inclusive aquelas com qualidades mínimas e degradadas”. Figueiredo (2013) sugere que seriam três tipos de classificação da paisagem: de considerável importância ou extraordinárias; ordinárias; e degradadas.

Veras (2014) elucida a diferença de noção de paisagem entre a Convenção Europeia da Paisagem (CEP) e os documentos citados anteriormente (Recomendações da UNESCO, as Cartas do ICOMOS e as Cartas Patrimoniais), “é esta incorporação da apreensão de paisagem pela população e inserção de paisagens da vida cotidiana no conjunto do que se deve considerar para proteger, gerir e ordenar” (VERAS, 2014, p. 133). Ribeiro (2007) aponta que a diferença fundamental é que a CEP atinge a todas as paisagens e não apenas aquelas entendidas como bens patrimoniais. Diante disso, a CEP não se limita a inventariar os bens de valor excepcional, mas sim gerenciar e planejar todas as paisagens através da criação de regras de proteção da paisagem, ou seja, como definido no Artigo 1º “ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem, justificadas pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e/ou da intervenção humana” (CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM, 2000).

Segundo Bandarin e Van Oers (2012), o Memorando de Viena (UNESCO, 2005) constitui a primeira tentativa em vinte anos de revisar e atualizar o paradigma moderno de conservação urbana reconhecendo a abordagem paisagística na *Historic Urban Landscape* (HUL). Assim como a CEP, o Memorando de Viena (UNESCO, 2005) foca em uma abordagem mais integrada para a conservação das características naturais e culturais da paisagem. Enquanto a maior parte das Cartas existentes fala da necessidade de preservar “enquadramentos” e “envolventes” ou “conjuntos”, a abordagem da *Historic Urban Landscape* (HUL), ou Paisagem Urbana Histórica,

encara os elementos naturais como fatores geradores dos valores urbanos, diretamente ligados à sua constituição. Visa discutir algumas das limitações da abordagem tradicional, ao definir áreas históricas urbanas:

“não como uma 'soma' de monumentos e tecido urbano, mas como um sistema abrangente, marcado por relações históricas, geomorfológicas e sociais com seu contexto e seu ambiente, e caracterizado por uma complexa sobreposição de significados e expressões”¹⁸ (BANDARIN; VAN OERS, 2012, p. 72).

Recentemente, em 2011, a Recomendação sobre a Paisagem Urbana Histórica (2011) vem para reforçar o que foi exposto no Memorando de Viena (2005), reconhecendo a relevância dessa abordagem para preservar o patrimônio e gerenciar as cidades históricas. A Recomendação (2011) define:

a área urbana que resulta da estratificação histórica de valores e atributos culturais e naturais, que transcende a noção de "centro histórico" ou de "conjunto histórico" para incluir o contexto urbano mais abrangente e a sua envolvente geográfica (UNESCO, 2011, p. 04).

Incluindo nesse “contexto mais abrangente” a topografia, a geomorfologia, e as características naturais do local, o ambiente construído (tanto histórico como contemporâneo), os espaços livres e os jardins, a ocupação do solo, as percepções e relações visuais (UNESCO, 2011). Inclui, ainda, as práticas e os valores sociais e culturais, os processos econômicos e as dimensões imateriais do patrimônio, enquanto vetores de diversidade e identidade.

A Paisagem Urbana Histórica não constitui uma “categoria de patrimônio” separada. Pelo contrário, o conceito inscreve-se na definição de áreas históricas urbanas, ao mesmo tempo que acrescenta uma nova lente à prática da conservação urbana, propondo uma visão que leva em consideração as funções sociais e econômicas de uma cidade histórica, uma abordagem para gerenciar às demandas que vem surgindo no século XXI, exatamente para lidar com a dicotomia conservação x mudança.

¹⁸ Tradução livre para “[...]not as a ‘sum’ of monuments and urban fabric, but as a comprehensive system, marked by historical, geomorphologic and social relationships with its setting and its environment, and characterised by a complex layering of meanings and expressions” (BANDARIN; VAN OERS, 2012, p. 72).

A preocupação do Memorando (2005) sobre a participação da sociedade em qualquer alteração na Paisagem Urbana Histórica segue na Recomendação (2011), em que se propõe “alcançar consensos através do planejamento participativo e da consulta às partes interessadas sobre os valores a proteger para transmissão às gerações futuras, e determinar os atributos que sustentam esses valores” (UNESCO, 2011, p. 01). Deixando claro que se trata de uma decisão horizontal em que todos, independente do cargo ou posição social, podem participar. Dessa forma, a paisagem é a representação de uma sociedade e de sua cultura, a paisagem é tida como um patrimônio cultural. A consulta pública vem com a ideia de minimizar a construção da paisagem somente por um grupo dominante, preocupação posta anteriormente por Cosgrove (2004).

Os princípios de preservação do patrimônio cultural têm origem na conservação arquitetônica. Com o evoluir das cartas, a visão começa a se abrir para além do monumento singular; abrindo espaço para pensar na conservação urbana, vendo a cidade ou o centro histórico como patrimônio, porém, a primeira abordagem é àquela relacionada à matéria, ao objeto, à questão estética. Esse processo de aceitação e adoção da paisagem como representação do patrimônio cultural não vem sendo linear, alguns documentos apresentam um certo retrocesso na valorização do termo. A seguinte etapa traz a amarração das ideias que embasam a paisagem como patrimônio cultural adotada na dissertação.

Ao considerar que o conceito de paisagem não é universal, Meneses (2002) destaca a perda da sua especificidade nos diversos contextos em que é aplicado. Isso representa um risco de banalização do conceito. Ribeiro (2007) acrescenta que é necessário atenção na escolha da definição de paisagem em qualquer pesquisa científica, pois a utilização de uma abordagem refletirá nas conclusões da pesquisa sobre um mesmo objeto. O extenso emprego do termo em variados campos científicos e situações investigativas demanda um esclarecimento inicial a que paisagem se refere a pesquisa. Assim como Moscarda a paisagem é multifacetada, o objetivo dessa seção é definir a faceta de paisagem que será utilizada na presente dissertação.

Duarte e Santos (2020) destacam a paisagem patrimônio como uma expressão dos valores históricos e da memória coletiva. Essa herança vai além de simplesmente uma porção de terra, pois carrega consigo as marcas da história e os estratos de memórias resultantes da interação entre as pessoas e a natureza. Em acordo, Nogué (NOGUÉ, 2007, p. 20) expõe que a paisagem é presente e passado, se enquadra na ordem do “quase invisível, embora sempre presente”, representando um legado histórico com camadas sobrepostas de paisagens antigas. O conjunto de marcas e memórias contribui para construção da identidade dos lugares, na ideia de que as pessoas que vivenciam esta paisagem reconheçam o seu valor e o compromisso com a sua conservação.

Na abordagem de Duncan e Duncan (1988), é defendido que ela pode ser interpretada como um texto, carregado de significados e símbolos que podem ser lidos e compreendidos. Os textos na paisagem são um espaço em que o leitor se torna escritor, navegando por um processo contínuo e infinito, no qual é encorajado a explorar, criar e reproduzir os textos presentes na paisagem. Ele destaca a importância de considerar os aspectos culturais, históricos e sociais que influenciam a construção e percepção da paisagem. Por meio da perspectiva textual da paisagem, é possível entender as múltiplas camadas de significados presentes no ambiente construído. A paisagem é, assim, compreendida como linguagem, sendo lida, entendida e interpretada.

Cada observador é influenciado pelo espaço, pelo tempo, pelas experiências e culturas distintas que coabitam a sua mente, a sua história, refletindo os infinitos prismas possíveis de percepção da paisagem. Dessa maneira, pode-se considerar que para cada pessoa se manifesta uma paisagem diferente. Nogué (2007) traz uma definição que se aproxima muito do que buscou expor até então:

A paisagem é, ao mesmo tempo, uma realidade física e a representação que dela fazemos culturalmente; a fisionomia externa e visível de uma determinada porção da superfície terrestre e a percepção individual e social que ela gera; uma interpretação geográfica tangível e sua interpretação intangível¹⁹ (NOGUÉ, 2007, p. 19).

¹⁹ Tradução livre para “el paisaje es, a la vez, una realidad física y la representación que culturalmente nos hacemos de ella; la fisonomía externa y visible de una determinada porción de la superficie terrestre y la percepción individual y social que genera; un tangible geográfico y su interpretación intangible” (NOGUÉ, 2007, p. 19)

Assim, ao se falar de paisagem nesta pesquisa, entende-a como a representação de uma cultura e de uma sociedade. Por sua vez, nessa mesma cultura haverá diferentes leituras da paisagem em função dos diferentes grupos sociais e culturais existentes. Dessa forma, a paisagem é um texto ou poema que conta a história de uma cidade e sua evolução no tempo. A leitura ou interpretação desse "poema" impresso na paisagem é realizada de forma subjetiva, através da vivência das pessoas nos espaços, e está relacionada à compreensão de mundo de cada indivíduo. Cada pessoa pode ter uma interpretação única e pessoal da paisagem, influenciada por suas experiências, valores e referências culturais.

1.2 RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM, MEMÓRIA E COR

No âmbito desta investigação, é pertinente refletir sobre a interação entre paisagem, memória e cor, abordando o desafio contemporâneo de conciliar a preservação da memória coletiva e da identidade cultural expressas na paisagem com as transformações cromáticas decorrentes das intervenções urbanas. Essas transformações podem levar à pasteurização da cultura em escala global, contribuindo para a homogeneização da paisagem. Através dessa reflexão, busca-se compreender como a dimensão cromática das intervenções urbanas pode afetar a preservação dos elementos simbólicos e históricos presentes na paisagem, e como encontrar um equilíbrio entre a necessidade de renovação urbana e a valorização da diversidade cultural e da memória coletiva.

1.2.1 PAISAGEM E MEMÓRIA

O palimpsesto²⁰, assim como a paisagem, apresenta superposições, mas que deixam traços. Essas impressões são camadas de experiência de vida que estimulam a investigação, uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se

²⁰ O palimpsesto é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, o palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos os séculos de VII a IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação (PESAVENTO, 2004, p. 26).

encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (PESAVENTO, 2004). De fato,

(a) narrativa do passado só será objeto de compreensão e rememoração se ele ensinar a montar e desmontar o puzzle em chaves de sentido, traduzindo o outro tempo para os homens do presente. Caso contrário, sinais do passado não serão traços do antigo, vestígios que incorporam uma temporalidade histórica, mas só velhas materialidades, diferentes ou anacrônicas com relação ao presente, tal com as práticas e significados de uma outra época serão apenas pitorescas ou, no máximo, interessantes [...] (PESAVENTO, 2004, p.28).

Esta acumulação de marcas de historicidade deixadas no tempo se amplia para além dos traços materiais ou de escrita, pois se estende ao plano das recordações. Nesta etapa, busca-se compreender um pouco a ideia de memória e sua relação com a paisagem. Da mesma forma que a paisagem, a memória comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou indivíduo que esteja se utilizando dela. O aparecimento da escrita foi um dos fatores que transformaram a ideia de memória coletiva. Com a escrita, é possível imprimir inscrições nas pedras e mármore dos templos e monumentos, produzindo uma sobrecarga de memória e uma maior transmissão da memória, que se transforma e passa do campo da audição para o campo da visão. Segundo Gondar (2008), esses documentos escritos concedem suporte material à memória, ampliando-a, transformando-a.

Com isso, cada espaço da cidade tem uma configuração específica, definida pela aparência dos edifícios que o circundam, pelas suas relações recíprocas, pelo caminho no qual está inserido, pela sua própria configuração geométrica e, sobretudo, pela historicidade na qual ganha forma. A presença constante de uma "memória visível" no espaço urbano é, segundo Assunto (1994 *apud* FERRANDO, 2012), o que confere à cidade o seu encanto específico.

A percepção individual é resultado da ordenação de uma cultura a partir da dinâmica e dos usos do espaço em que está inserida. Assim, a relação (positiva ou negativa) com cheiros, ruídos, vistas, texturas e sabores, está associada à construção cultural. Para Duarte e Santos (2020) são as memórias, os cheiros e os sons próprios do espaço, capazes de despertar emoções nos indivíduos. Em concordância, para Terraza (2015), a paisagem é formada não só pelo aspecto visual e espacial, mas também pela esfera auditiva e olfativa.

Todos estes aspectos possibilitam a identificação do sujeito com a paisagem a partir de uma memória individual que se encontra inserida na memória coletiva, sendo assim a memória é repleta de interpretações individuais. Para Terraza (2015, p. 44), a criação de uma memória “relaciona-se com as dobras de sentido constituídas pelas formas de apreensão e de compreensão, efetuadas inclusive na experiência do sensível, dos fenômenos que são exteriores ao ser”. Desta forma, a apreensão é realizada por meio da relação entre o que já se sabe e o que está sendo apreendido.

Pallasmaa (2014) vai além quando propõe que a relação do sujeito entrar no espaço, o espaço entrar no sujeito e a experiência em si, resultam na transformação e modelação não somente do sujeito, mas também do espaço. Essa vivência única é absorvida pelo sujeito, refletindo na sua essência e percepção de vida. As transformações vividas pelo sujeito e pela paisagem se fundem e criam a dimensão subjetiva que compõe a memória. Esta é resultado da conexão e sobreposição da história individual do sujeito e da história coletiva da paisagem, ou seja, conexão e sobreposição da memória individual e da memória coletiva.

De acordo com Pidner (2014), a relação entre o sujeito e o espaço pode resultar em sentimentos de identidade, de pertencimento e afetividade conforme novos significados são atribuídos diariamente à paisagem. A memória tem essa dimensão individual, porém muitos dos seus referentes são sociais, assim o sujeito precisa recorrer a instrumentos que lhe são fornecidos pelo meio social, tais como as ideias e as palavras, os quais permitem que, além da memória individual, tenha-se também uma memória compartilhada, uma memória coletiva. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas; ela evolui de acordo com suas próprias leis. Dessa forma, para o autor, a memória coletiva não é a união de várias memórias subjetivas, trata-se de uma construção social, constituindo-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos.

[...] No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51).

O mesmo autor argumenta que a memória individual depende da pertença à um grupo social. O indivíduo isolado não consegue formar ou manter lembranças sem o apoio de testemunhos de outros. As memórias individuais são moldadas pelas interações sociais, resultando em um patrimônio comum de recordações. Embora a memória seja coletiva, apenas o indivíduo é capaz de lembrar. No entanto, o sujeito é um instrumento das memórias coletivas, mesmo ao lembrar individualmente. A percepção individual é influenciada por códigos sociais que funcionam como linguagem (HALBWACHS, 1990). Assim, a memória é social porque toda forma de experiência também o é.

A participação do indivíduo em grupos diferentes resulta em memórias fragmentadas, formando um mosaico. Rios (2014) sustenta a ideia de que o mesmo processo ocorre com a paisagem, sendo moldada de forma única por cada grupo social, refletindo assim a sua identidade cultural específica. Os grupos projetam sua imagem na paisagem, que se torna um depósito de seus valores e modos de vida. A paisagem permite que os grupos materializem suas memórias e identidades, através de monumentos, prédios históricos e patrimônio arquitetônico. Quando uma memória desaparece, significa que os laços sociais que a sustentavam não existem mais, indicando que o grupo que cultivava essa lembrança deixou de existir.

De acordo com Lerner (2011, p. 13), “a memória da cidade é nosso velho retrato de família. Assim como não se rasga um velho retrato de família [...] não se pode perder um ponto de referência tão importante para nossa identidade”. Ou seja, a memória coletiva reforça a identidade de uma sociedade, tem papel fundamental na conexão da população com a paisagem de sua cidade. A memória coletiva presente nessa paisagem impregnada de significados auxilia na construção da identidade local.

A paisagem revela ainda a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, afirma Callai (2002, p. 97) “o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos”. Portanto, agrega-se a paisagem um valor afetivo, um sentido estético capaz de marcar o imaginário das pessoas e a identidade cultural, consequentemente afetando a memória coletiva.

As memórias são constituídas não apenas por experiências vividas diretamente, mas também por experiências herdadas e aprendidas transmitidas pelos grupos durante o processo de socialização. Segundo Pollak (1992), as memórias, tanto individuais quanto coletivas, são compostas por três elementos: acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Os acontecimentos podem ser vivenciados diretamente pelo indivíduo ou “por tabela”, por meio do pertencimento a um grupo. As pessoas que fazem parte das lembranças podem ter sido do convívio pessoal ou podem ser figuras públicas relevantes. Quanto aos lugares, eles podem ter sido frequentados pessoalmente por um período de tempo ou terem sido incorporados indiretamente às experiências do sujeito.

A memória desempenha um papel fundamental no sentimento de identidade, tanto a nível individual quanto coletivo. Para Pollak (1992, p. 203) “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, com isso o autor afirma que mesmo as lembranças dos acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas são modificadas ao serem registradas, não correspondendo totalmente à realidade.

Refletindo sobre isso, Rios (2014) propõe que a memória é uma reconstrução do passado influenciada pelos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Dessa forma, ela se torna relativa e mutável, sujeita a processos de reinterpretação e mudança. Embora a memória possa variar, é importante que haja algum nível de concordância entre as novas representações e aquelas já existentes. As lembranças tendem a trabalhar para preservar as representações do grupo. No entanto, se a continuidade entre o novo e o antigo for rompida abruptamente, pode ocorrer uma crise de identidade.

Assim como a paisagem, diferentes autores apresentam diversas leituras do que seria a memória, porém não cabe na presente pesquisa a discussão aprofundada do termo. Com isso, para a pesquisa, entende-se que “a memória é uma reconstrução do passado que se realiza no presente” (RIOS, 2014, p. 17). As memórias pessoais são importantes, mas não são o único nem o mais confiável caminho para acessar o passado. O sujeito, mesmo ao lembrar individualmente, é um instrumento das memórias do grupo. As lembranças dos indivíduos são influenciadas pelos grupos sociais aos quais pertencem. A memória é tanto coletiva quanto individual, e o indivíduo não está completamente excluído do processo de formação das lembranças.

Dessa forma, reforça-se a relação da paisagem com a memória coletiva e individual. De acordo com a Andreotti (2012, p.8), a paisagem “é logos, discurso da memória, da história e da cultura, e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos”. Na paisagem estão representados os valores culturais de uma sociedade, seus estilos, costumes, significados, formas simbólicas densas de valores, experiências e memórias (individuais e coletivas).

1.2.2 PAISAGEM E COR NO PATRIMÔNIO

Assim como no romance *pirandelliano*, a relação entre paisagem e a cor no patrimônio pode ser comparada com a primeira leitura que se faz do rosto de uma pessoa. Esse juízo de valor pode causar impressões sobre questões estéticas e de beleza, ou informações sobre o estado de conservação e de saúde da pessoa. A leitura do rosto – ou paisagem – deixa transparecer muito sobre o estilo “da(s) alma(s) que habitam(ram) essa pele” (AGUIAR, 2003, p. 1).

Através das pistas materiais, a paisagem mostra seu caráter histórico, esses “traços fósseis”, como chama Meneses (2002, p. 36), permitem compreender as suas sucessivas expressões na paisagem ao longo do tempo até sua formação social nos dias de hoje. Dessa forma, é possível ler e apreender muito através do rosto – ou paisagem – sobre o que o indivíduo – ou a cidade – já vivenciou.

São memórias, cicatrizes, eventos e fatos; um palimpsesto denso de valores histórico-culturais, que de acordo com Fernand Braudel (1986-87 *apud* MENESES, 2002), devem ser carregados e conservados na pele – ou na paisagem. Essa percepção da passagem do tempo e das marcas históricas na paisagem, são reconhecidas em umas das cidades visitadas por Marco Polo:

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladura. (CALVINO, 2003, p. 22)

A leitura visual da passagem do tempo identifica as marcas e cicatrizes contidas na paisagem, porém não interpreta esses símbolos, sugerindo a ideia de que eles estão lá, impressos na cidade e na sua paisagem, mas para compreendê-los verdadeiramente, um aprofundamento nas suas origens seria necessário. A somatória

desses símbolos faz com que as cidades, e as paisagens, sejam únicas, portadoras de uma identidade ímpar. Nenhuma cidade viveu as mesmas experiências ou trilhou o mesmo percurso.

A discussão da cor em patrimônio urbano transporta-nos imediatamente para a eterna dialética entre conservação e mudança. De acordo com Aguiar (2003), as intervenções cromáticas, sejam pela substituição ou pelo reestabelecimento da cor de um patrimônio urbano, interferem nas dimensões formais e espaciais – relação entre arquitetura e cidade – e ainda na dimensão histórico-culturais – relação entre a cor original e a cor contemporânea, interferindo na leitura da paisagem como conjunto. Além disso, pode-se falar da dimensão técnica, observando a relação dos materiais existente e as novas inserções, assim como o grau e tipo de degradação.

O tema se torna mais dramático a partir do momento que algumas cidades são tidas e categorizadas como testemunhos fundamentais da história e da arte. Como tal, devem ser conservadas para o futuro, garantindo a herança dos seus valores materiais e culturais, situação que retorna a dialética de chegar a um acordo coma as demandas do urbanismo contemporâneo. A preocupação com a manutenção dos centros históricos sempre esteve presente nas Cartas Patrimoniais, onde se atenta a conservar a relação existente entre os elementos da paisagem, como os volumes e as cores, a Carta de Veneza já traz essa consideração:

Artigo 6º - A conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda construção nova, toda destruição e toda modificação que poderia alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas (ICOMOS, 1964, p. 2).

A Carta de Veneza segue e define que na necessidade de uma restauração – a qual deve ser de caráter excepcional – a mesma deve conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento, respeitando o material original e os documentos autênticos; e deve “terminar onde começa a hipótese” (ICOMOS, 1964, p. 2). A Carta de Washington – que veio para complementar a Carta de Veneza – objetiva que os valores a preservar na cidade ou centro histórico é o seu caráter histórico e conjunto de elementos materiais e espirituais. Elenca alguns deles, entre estes “estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração” (ICOMOS, 1986, p. 02). Da mesma forma, as Diretrizes para Gestão de Conservação do Memorando de Viena (UNESCO, 2005) traz a preocupação, em que:

[...] o planejamento urbano, a arquitetura contemporânea e a preservação da paisagem urbana histórica devem evitar todas as formas de design pseudo-histórico, pois constituem uma negação tanto do histórico quanto do contemporâneo parecido. Uma visão histórica não deve suplantiar outras, pois a história deve permanecer legível, enquanto a continuidade da cultura por meio de intervenções de qualidade é o objetivo final²¹ (UNESCO, 2005, p. 05).

A paisagem é um extraordinário palimpsesto composto por camadas centenárias de significado. Com isso, existe a necessidade de respeitar a continuidade das características de um determinado lugar, regra básica de intervenção em paisagens. Porém, de acordo com Bandarin e Van Oers (2012) muitas vezes essas regras são ignoradas pela em nome da criatividade arquitetônica contemporânea. As Normas de Quito (1967) já vislumbravam esse movimento de intervenções na paisagem, prevendo além da conservação das técnicas locais, a conservação das marcas do tempo e da estratificação histórica.

Todo processo de acelerado desenvolvimento traz consigo a multiplicação de obras de infraestrutura e a ocupação de extensas áreas por instalações industriais e construções imobiliárias que não apenas alteram, mas deformam por completo a paisagem, apagando as marcas e expressões do passado, testemunhos de uma tradição histórica de inestimável valor (OEA, 1967, p. 3)

A cor é um dos elementos constituintes da paisagem, a partir disso imagens e discursos expressam a cultura e identidade local. Veiga e Tavares (2002) trazem que a cor do edifício histórico é a imagem estética de um monumento, de uma rua, de um centro histórico, de uma paisagem urbana. Representa o valor patrimonial de determinada paisagem e reflete a peculiaridade da sua identidade e histórica. Como proposto pelas autoras “a manutenção da cor original permite preservar a riqueza cromática e técnica existente em cada região” (VEIGA; TAVARES, 2002, p. 6).

Cardone (2017) traz uma visão mais aprofundada, na qual propõe que a cor de um centro histórico não deve ser definida por todas as cores que caracterizam a paisagem urbana – abrangendo, além das edificações, os pavimentos, ruas, telhados, etc. Ele defende a reciprocidade da relação que todas essas cores criam, compreendendo as variações do claro-escuro, a dinâmica do sombreamento, os

²¹ “[...]urban planning, contemporary architecture and preservation of the historic urban landscape should avoid all forms of pseudo-historical design, as they constitute a denial of both the historical and the contemporary alike. One historical view should not supplant others, as history must remain readable, while continuity of culture through quality interventions is the ultimate goal” .

materiais do patrimônio, os sinais da passagem do tempo nas respectivas estratificações. Para ele, a cor, no singular, reflete o caráter do centro histórico e, por extensão, da paisagem urbana histórica.

As superfícies arquitetônicas, principalmente as fachadas externas – as quais emolduram a paisagem urbana – vão além da simples interface entre edifício e espaço público, nessa troca física e recíproca acumulam-se lentamente os sinais da passagem do tempo.

Sinais que não podem ser ignorados, mas que muitas vezes, são apagados por intervenções de reformas casuais [...] favorecendo a conservação de uma imagem arbitrária, ainda que embasada por provas documentais, em detrimento da conservação do material, e portanto, da sua autenticidade²² (CARDONE, 2017)

Dessa forma, a cor na paisagem representa o caráter e a identidade de uma cultura e de uma região. Ao longo da história, a cor em Arquitetura era reflexo dos materiais disponíveis no local. Com esses materiais, tinha-se uma restrita gama de cores, impossível de se comparar com às quase infinitas possibilidades dos dias de hoje. Aguiar (2003) segue observando que cada cidade, cada região, tinha as suas próprias cores, dentro de específicos tons, resultantes das diferentes composições dos minerais presentes nos seus solos. Destas diferenças surgiam os efeitos de *sfumatura*, que são muito utilizados nos tratados italianos, assim dizendo, trata-se de uma leve variação de cor que se torna único a um lugar urbano e de sua cultura visual.

As cores da paisagem urbana refletem a identidade local e estão diretamente associadas aos condicionantes culturais da região, chamada por Raimondo (1987 apud BRENDELE, 2012) de *Colore Loci*²³. Esta identidade é expressa, seja pelas cores, seja pelas texturas das fachadas das antigas edificações. São extratos da história que conectam a sua construção às condicionantes socioculturais e técnicas, compondo o palimpsesto urbano, ou como já expresso anteriormente, “a alma da cidade”.

²² Tradução livre para “Segni che non possono essere ignorati ma che, troppo spesso, vengono oblitterati da interventi disinvolti di rifacimento, nel migliore dei casi [...] privilegiando la conservazione di una immagine, arbitraria pur se avallata da riscontri documentari, a scapito della conservazione della materia e, dunque, della sua autenticità”

²³ O termo alude a ideia do conceito de *genius loci*, segundo Norberg-Schulz (2006), trata-se da essência do lugar, envolvendo a forma, textura e cor, que juntas determinam uma “qualidade ambiental”. Com nisso a terminologia se concentra na cor como essência do espaço.

Para Naoumava (2007), esse processo de "autoidentificação", com suas raízes históricas, pode promover efeitos positivos no desenvolvimento da sociedade e continuidade da civilização, servindo como uma ponte entre a história e o futuro de sociedade. Através do reconhecimento e familiaridade da cor, cria-se um sentimento de pertencimento, o espaço passa a ser visto como "lugar", interferindo na experiência estética e na avaliação da paisagem.

1.2.2.1 Desafios técnicos da cor na paisagem

A estreita relação entre arquitetura e natureza se manifesta, muitas vezes, pela caracterização cromática dos edifícios e caracterização geológica local, entre a vegetação da paisagem e as modificações provocadas pelas diversas degradações nas quais ocorre a alteração do material.

Como aponta Aguiar (2005 *apud* PIDNER; ANTONINO; DA SILVA, 2014), o papel identitário do patrimônio histórico, no novo quadro de reconhecimento e valorização da diversidade cultural, é essencial. Uma das características significativas desse acervo é a sua policromia, que também constrói parte importante da identidade urbana refletindo-se nela em diferentes níveis.

Como alerta Brendle (2012), paisagens históricas urbanas têm sido objeto de um processo de pintura onde a rapidez das intervenções e a aplicação de tintas acrílicas de propriedades inadequadas e de cores aleatórias e fantasiosas têm infligido a perda da identidade cromática da paisagem de diferentes cidades. Fantasiosa, pois não corresponde à realidade

A disponibilidade dos produtos industriais possibilitou um amplo leque de formas de se expressar, mas de acordo com Aguiar (2003), por outro lado, contribuiu também para a construção de uma realidade hiper artificial e massiva, que afastou a cultura da imagem da cidade da cultura material do seu próprio território. É através desse processo que as paisagens históricas urbanas acabam por perder de forma abrupta o seu *Colore Loci*.

Para Brendle (2012), as paisagens urbanas dos centros históricos brasileiros sofrem com a distorção e a pasteurização cultural e cromática, a qual esvazia a paisagem da sua história e memória, eliminando os traços da passagem do tempo em suas edificações. Além da preocupação entre a relação cromática e a paisagem como palimpsesto, a autora aborda outro impacto causado ao patrimônio edificado quando

observa-se a dimensão técnica das novas intervenções, pois a tinta, além de sua função estética, integra a camada material que protege a integridade do reboco contra as intempéries, ou seja, ela se destrói para proteger a alvenaria, o que não ocorre com as tintas sintéticas contemporâneas, comprometendo também a preservação dos materiais e dos sistemas construtivos.

A ideia da presente seção é indicar, em um viés mais técnico, a invasão de cores nas paisagens culturais pelo mundo. Para evoluir a ideia, serão abordadas algumas questões do restauro diante da problemática.

CAPÍTULO 02 | ANALISANDO AS INTERVENÇÕES CROMÁTICAS: DO MUNDO AO LARGO DA ORDEM

No entanto, vou me esforçar para lhe dar, não duvide, aquela realidade que você afirma ter; ou seja, de querer você em mim como você quer a si mesmo. Não é possível, já sabemos bem, pois, por mais que eu me esforce para representá-lo do seu jeito, sempre será "do seu jeito " só para mim, não "um jeito seu" para você e para os outros²⁴ (PIRANDELLO, 2005, p. 61).

²⁴ Tradução livre para "Tuttavia mi sforzerò di darvi, non dubitate, quella realtà che voi credite d'avere; cioè a dire, di volervi in me come voi vi volete. Non è possibile, ormai lo sappiamo bene, giacché, per quanti sforzi io faccia di rappresentarvi a modo vostro, sarà sempre "un modo vostro" soltanto per me, non "un modo vostro" per voi e per gli altri" (PIRANDELLO, 2005, p. 61).

Com finalidade de abarcar a problemática, onde a originalidade do patrimônio cultural e das paisagens históricas urbanas está ameaçada pela homogeneização cromática, que além de estar apagando marcas do tempo e da história, estão acarretando degradações à paisagem, ao patrimônio e à identidade destas cidades. Com isso, pasteurizando a herança cultural coletiva reduzindo a cidade à cenários vazios de significado, memória e identidade.

Como pano de fundo, tem-se o movimento mundial *“Let’s Colour”* da AkzoNobel, que vem colorindo os quatro cantos de mundo, porém de forma mais intensa no patrimônio cultural brasileiro, e Curitiba tem sido palco de várias dessas intervenções.

Tendo o Centro Histórico de Curitiba (PR), em específico o Largo da Ordem, como objeto empírico, o presente capítulo busca caracterizá-lo desde a construção da paisagem curitibana ao longo da evolução da cidade, passando pelo reconhecimento da paisagem do recorte físico como representação da memória coletiva e da identidade local, até a (re)criação dessa paisagem através de intervenções cromáticas nas fachadas de imóveis históricos.

2.1 PASTEURIZAÇÃO CROMÁTICA PELO MUNDO

Na 19ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1976, foi lançada a Recomendação de Nairobi relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea.

Numa época em que a crescente universalidade das técnicas construtivas e das formas arquitetônicas apresentam o risco de provocar uma uniformização dos assentamentos humanos no mundo inteiro, a salvaguarda dos conjuntos históricos ou tradicionais pode contribuir extraordinariamente para a manutenção e o desenvolvimento dos valores culturais e sociais peculiares de cada nação e para o enriquecimento arquitetônico do patrimônio cultural mundial (UNESCO, 1976, p. 4)

Da mesma forma, a Recomendação sobre Paisagem Urbana Histórica (2011) define que a abordagem da paisagem histórica urbana deva considerar “a diversidade e a criatividade cultural como recursos essenciais para o desenvolvimento humano, social e econômico” e “assegurar que as intervenções contemporâneas sejam integradas de forma harmoniosa com o patrimônio numa envolvente histórica e respeitem os contextos regionais” (UNESCO, 2011, p. 04). Com isso chega-se a problemática, onde a singularidade do patrimônio cultural e das paisagens históricas urbanas do Brasil – e do mundo - está ameaçada pela homogeneização e “carnavalização” cromática resultante da aplicação de tintas sintéticas, que além de estarem apagando marcas do tempo e da história, estão infligindo ofensivas degradações pictóricas à paisagem, ao patrimônio e à identidade destas cidades. Neste contexto, carnavalizar/disneyficar/espacularizar a paisagem trata-se de uma forma de manipular a herança cultural coletiva reduzindo a paisagem histórica à “brinquedo urbano” (BRENDLE, 2012, p. 2) utilizado para criar cenários vazios de significado, memória e identidade.

Diante do acelerado processo de globalização e urbanização, de acordo com Barreto (2006), o surgimento da mercantilização da paisagem teve início na excessiva valorização de locais específicos com potencial de investimentos. A pasteurização paisagística surge a partir do momento que esses espaços são transformados com o intuito de se tornarem imitações de uma realidade, ou ainda, simulacro de uma cultura. Essa cenografia não reflete um tempo, uma criação histórico-social. Este tipo de paisagem é construído por um grupo social com o objetivo do retorno financeiro. Não

refletindo as manifestações de grupos culturais, os quais moldam a paisagem imprimindo os diversos momentos históricos vividos pela sociedade.

A sociedade brasileira – mas não exclusivamente – arca com as consequências da agressão, uso e exploração pelo qual o patrimônio cultural é submetido através de programas de intervenção urbana. A (re)criação de paisagens por programas de intervenção cromática em fachadas históricas, vem ocorrendo em vários países, porém de forma mais enfática nos centros históricos das cidades latinas. Essa realidade pode ser verificada em diferentes graus e intensidades na FIGURA 1, a qual traz o panorama com exemplos as paisagens milenares na Europa e na América Central; a FIGURA 2 ilustra a situação em cidades centenárias latinas; e a FIGURA 3 mostrando de forma sucinta a realidade brasileira.

FIGURA 1: Exemplos na Europa e na América Central, no sentido horário: Wrocław na Polônia ; Arco de Santa Catalina em Antigua, Guatemala; Curaçao, Antilhas Holandesas; e Burano, ilha de Veneza na Itália.



FONTE: Nunes (2020).

FIGURA 2: Alguns exemplos na América Latina, no sentido horário: *Jirón de la Unión* em Lima, Peru; Bogotá, Colômbia; Cartagena das Índias, Colômbia; e *Plaza Murillo*, em La Paz na Bolívia.



FONTE: Flickr (2014); Nunes (2020).

FIGURA 3: No Brasil, somente alguns exemplos, no sentido horário: João Pessoa (PB); Fortaleza (CE); Olinda (PE); e Tiradentes (MG).



FONTE: Nunes (2020).

Como exposto por Brendle (2012), junto com as alterações cromáticas, perde-se também a relação de identidade cultural e memória coletiva. Barreto (2006) acrescenta que a intensa exploração econômica das paisagens pode alterar sua essência e incentivar a criação de paisagens cenográficas. Onde não ocorre relação entre a sociedade e o espaço, seus usuários são temporários.

Da mesma forma, Meneses (2002) aponta que, nos dias de hoje, o turismo é uma das atividades de maior peso econômico, sustentando cidades e até mesmo países. Considerando a relevância da paisagem como atrativo, a indústria do turismo muitas vezes promove o seu esvaziamento e abstração. Esse processo de pasteurização da paisagem reflete na mercantilização da cultural pelo e para o turismo. A preocupação também é levantada por Nogué (2008) quando afirma que perda do imaginário paisagístico de muitas paisagens deve-se, transformações físicas a que foram submetidas, e agravada pela crise de representação.

Assim, a transformação de paisagens geralmente segue os padrões criados pelo mercado, se inspirando em casos de relevância, que servem como modelos. Dessa forma, através desses parâmetros ocorre uma perda de conexão identitária e cultural com o local. De acordo com Barreto (2006), a construção de paisagens desconectadas do contexto vem se tornando uma prática comum. A (re)criação de paisagens e a sua transformação em imagens comerciais, que não agregam valor à memória urbana e coletiva, traz a luz uma realidade artificial, atendendo a sociedade imagética - instagramável muitas vezes. Cidades que dispõem de atrativos históricos e são ricas do ponto de vista do patrimônio cultural, utilizam-se de suas potencialidades como recursos para a criação de paisagens de consumo.

2.2 O PROGRAMA DE INTERVENÇÕES CROMÁTICAS

A (re)criação de paisagens, em específico as cromáticas, pode ser vista através do Movimento *Let's Colour* da indústria de tintas internacional AkzoNobel. Trata-se de um programa mundial que busca inspirar pessoas a transformarem além de seus lares o espaço urbano.

O programa internacional teve início em 2009 no Brasil com a transformação da tradicional comunidade do Bixiga, em São Paulo. Desde então, o movimento *Let's Colour* se expandiu e já teve mais de 2.566 projetos ao redor do mundo. O movimento vem atuando em vários continentes, transformando as cores de comunidades,

escolas, orfanatos, asilos, seus corredores, muros, paredes e pisos. A FIGURA 4 ilustra a atuação do movimento de forma mapeada. Com destaque para a Europa e o Brasil pela concentração de projetos executados.

FIGURA 4: A atuação do movimento “Let’s Colour” da AkzoNobel Ltda pelo mundo.



FONTE: AkzoNobel (2022a).

No site do Movimento *Let’s Colour* (AKZONOBEL, 2023) somente 168 dos mais de 2.500 projetos estão disponíveis para acesso. Foram coletadas e organizadas as informações referentes aos projetos (ver Apêndice A), o que resultou na identificação de 25 projetos, dos 168 analisados, que se localizam em patrimônios culturais, englobando edificações e centros históricos ao redor do mundo. Na Indonésia, o cenário foi na cidade de Pandang, onde foram renovados os edifícios antigos do Centro Histórico, além da adição de cores à Ponte Siti Nurbaya, como mostra a FIGURA 5 (AKZONOBEL, 2022b).

FIGURA 5: Ponte Siti Nurbaya, na Indonésia, em 2017 antes da intervenção cromática feita pela AkzoNobel; e depois, em 2022.



FONTE: AkzoNobel (2022b)

O colorido chegou aos Pórticos de Xangai com mais de 200 anos. O edifício de dois pavimentos com decoração tradicional chinesa e estilo arquitetônico ocidental é símbolo da antiga cultura de Xangai (AKZONOBEL, 2010a). Na FIGURA 6 o comparativo do antes com o resultado final após a intervenção de pintura.

FIGURA 6: A atualização do edifício histórico de Xanguai, a primeira imagem mostra os pórticos antes sendo preparados para a adição de cor; a segunda imagem traz o resultado da pintura.



FONTE: AkzoNobel (2010a).

Na Malásia, o *Stadhuys*, termo que remonta ao holandês antigo e significa prefeitura, encontra-se no centro da área central da cidade de Melaka, que é reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO. O edifício foi construído pelos ocupantes holandeses em 1650 como escritório do governador holandês. É um dos mais antigos edifícios históricos holandeses remanescentes no Oriente, agora é utilizado como Museu de História e Etnografia. A repintura do museu faz parte do trabalho de conservação e preservação e ocorreu duas vezes, em 2010 e em 2014. Ainda, de acordo com a AkzoNobel (2014a), foi mantida a cor vermelha do edifício com base nos requisitos históricos especificados pelo departamento de patrimônio nacional, uma vez que é um patrimônio nacional e mundial. Porém, como nota-se na FIGURA 7 o edifício originalmente não tinha essa pigmentação.

Com esses exemplos já se nota a semelhança cromática entre a FIGURA 6 e a FIGURA 7. Além do tom ser parecido, a estratégia de pintura é a mesma: vãos e aberturas na cor branca; alvenaria e paredes na cor vermelha. Isso ocorre mesmo estando em localizações geográficas distintas e uma das edificações espelhar a arquitetura ocidental, construída por holandeses; e a outra os ornamentos orientais.

FIGURA 7: O edifício histórico *Stadhuys* na sua identidade cromática original; e nos dias de hoje reconhecido como Patrimônio Mundial da UNESCO.



FONTE: Muhammad (2014); AkzoNobel (2014a).

Dentre as 25 intervenções cromáticas citadas anteriormente, mais da metade, isto é, 14 delas ocorrem nas cidades brasileiras, alterando a identidade cromática da paisagem tida como patrimônio cultural. O programa, a nível nacional, é organizado pela Coral Tintas e segue pelo título “Tudo de cor” acrescido do nome da cidade onde está sendo executado. O “Manual Tudo de Cor” elaborado pela Coral Tintas explica que “a ideia é trocar o cinza das cidades por uma onda de cores, enchendo de vida, energia positiva e esperança a rotina das pessoas” (CORAL, 2019, p. 19).

A Coral também participa ativamente de projetos socioambientais, com destaque para o “Tudo de cor para você” – iniciativa que renova as fachadas de prédios históricos e relevantes para a comunidade, promovendo o voluntariado e o treinamento de aprendizes de pintores, e estimulando a cidadania. Em cinco anos de atividade, o “Tudo de cor para você” já realizou mil projetos, impactando cerca de 16 milhões de brasileiros em todo o País (CORAL, 2022)

De norte a sul, de leste a oeste, diferentes cidades brasileiras foram pano de fundo para as diversas alterações cromáticas na paisagem patrimônio cultural. Em 2017 já haviam sido pintados aproximadamente 8.500 imóveis pelo Brasil (PORTINARI, 2017). Dentre as intervenções que ocorreram no Brasil, muitas delas não se encontram no site oficial – nacional ou internacional – do movimento, porém através de pesquisas em sites secundários é possível notar que os projetos brasileiros são muitos, seguem alguns exemplos de intervenções cromáticas nas paisagens de áreas ou edificações históricas.

Tudo de cor para Salvador, em 2010, quando 56 casarões do Pelourinho – reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial – foram coloridos pelo programa, mais de 8.500 metros quadrados de fachada (BAZOTE, 2014). No mesmo

ano ocorreu o Tudo de cor para Ouro Preto, o qual teve a Rampa Santa Efigênia como cenário. De acordo com a AkzoNobel “o desafio aqui foi adicionar cor à área, mantendo a cor real e a essência do período barroco” (AKZONOBEL, 2010b). E também o Tudo de Cor em Porto Alegre que encarou o desafio de reforçar e preservar a Rua João Alfredo, um dos principais pontos turísticos da cidade, “devolvendo cor à arquitetura com tons que lembrem o pôr-do-sol” (CORAL, 2010).

Em 2011 o Tudo de Cor para Porto Seguro, no qual o foco era a sua área histórica e o desafio de “pintar 150 casas em apenas oito semanas” (AKZONOBEL, 2011). No ano seguinte ocorreu o Tudo de Cor para Paraty nas ruas do centro histórico, dessa forma “as construções históricas e a Ilha das Cobras receberão pinceladas de alegria, cor e cidadania” (PARATYONLINE, 2012).

O programa retornou para o sul, na cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul, onde foi escolhida a Igreja Nossa Senhora de Caravaggio, motivado pelo fato do santuário atrair mais de 1,8 milhões de turistas anualmente, sendo referência religiosa da Serra Gaúcha (AKZONOBEL, 2012). O Tudo de Cor para Recife, teve como palco a Rua do Bom Jesus, local que combina história, cultura, negócios e entretenimento, “essa diversidade presente no bairro inspirou a escolha das cores que deixaram o local ainda mais iluminado” (AKZONOBEL, 2013).

Novamente em Salvador, 4 anos depois da primeira intervenção, o programa teve como cenário o Elevador Lacerda, o Centro Cultural da Barroquinha e o Mercado Modelo. A escolha dos locais deu-se à sua relevância histórica e social, bem como à presença de milhares de turistas por ano (AKZONOBEL, 2014b). O Movimento revitalizou os Caminhos de Portinari em Brodowski, cidade natal do artista no interior de São Paulo. Os pontos históricos que integram os Caminhos de Portinari – Praça Candido Portinari, Igreja Santo Antônio, Estação Ferroviária, Coreto da Praça e Bebedouro Público de Animais – são elementos da paisagem urbana de Brodowski muito presentes na obra de Portinari (PORTINARI, 2017). A FIGURA 8 exemplifica o antes e o depois do Coreto de Brodowski.

FIGURA 8: Coreto da Praça em Brodowski, um dos pontos históricos que faz parte dos Caminhos de Portinari. A primeira fotografia antes da revitalização; a segunda após a intervenção do Movimento Tudo de Cor



FONTE: Museu Casa de Portinari (2017).

Estas são somente algumas dentre tantas outras intervenções cromáticas realizadas na paisagem brasileira. Interessante notar que a justificativa para escolha das áreas de intervenção se repete, além do viés histórico, busca-se o atrativo turístico. A FIGURA 9: Intervenções na paisagem de cidades brasileiras. No sentido horário: Pelourinho em Salvador-BA; Ouro Preto-MG; Porto Alegre-RS; Porto Seguro-BA; Paraty-RJ; Farroupilha-RS; Recife-PE; Salvador-BA. FIGURA 9 ilustra um pouco das intervenções citadas, apesar de serem espalhadas pelo país, nota-se o uso das mesmas cores – sempre muito vibrantes – e mesma estratégias de pinturas, (re)criando as paisagens de forma muito similar.

FIGURA 9: Intervenções na paisagem de cidades brasileiras. No sentido horário: Pelourinho em Salvador-BA; Ouro Preto-MG; Porto Alegre-RS; Porto Seguro-BA; Paraty-RJ; Farroupilha-RS; Recife-PE; Salvador-BA.



FONTE: Bazote (2014); AkzoNobel (2010b, 2011, 2012, 2013, 2014b); Coral (CORAL, 2010); ParatyOnline (2012).

Recentemente, o Pão de Açúcar – que foi declarado Patrimônio Mundial da UNESCO em 2012 – também entrou na lista de intervenções cromáticas feitas pelo

programa Tudo de Cor (AKZONOBEL, 2021). A pintura foi feita nas estações do Bondinho, resultado da parceria entre o UIA2021RIO EXPO, o 27º Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos e com o designer e artista visual Bruno Big, “para adicionar um toque de cor à paisagem do Rio de Janeiro” (AKZONOBEL, 2021).

FIGURA 10: Imagens do resultado da pintura artística com a temática voltada à promoção e conscientização da importância da preservação da biodiversidade.



FONTE: AkzoNobel (2021).

Brendle (2012) reflete sobre a perda da identidade na imagem urbana e a alteração da singularidade do valor cultural material causado por intervenções cromáticas, produto de campanhas publicitárias de indústrias de tintas AkzoNobel em específico em João Pessoa, Areia e Olinda. A autora (2012, p. 10) diz se tratar de “uma parceria obscura” entre o governo estadual, os institutos responsáveis pela salvaguarda dos edifícios tombados e a empresa de tintas. Ela segue trazendo a preocupação técnica relacionada à especificidade local quando fala sobre o uso de “tintas acrílicas de propriedades inadequadas e de cores aleatórias e fantasiosas, infligindo a perda da identidade cromática do centro tombado” (BRENDLE, 2012, p. 10), dessa forma a escolha das cores seria fruto da imaginação.

Dentre as diversas cidades brasileiras onde o Movimento Tudo de Cor esteve, encontra-se o município de Curitiba. A capital paranaense tem sido referência do uso do *city marketing* associado às políticas de gestão urbana na busca por ser uma “cidade-modelo”, o que deram à cidade inserção nacional e internacional. Entre os “produtos” da cidade, à época de sua escrita, Sánchez (2010) elencou a Ópera de Arame; as Ruas da Cidadania; as bibliotecas Faróis do Saber; a galeria chamada de “Rua 24 Horas”; o ponto de ônibus da linha do Ligeirinho.

Pioneira no Brasil em *city marketing*, ao longo da década de 1990 Curitiba estruturou um discurso de valorização da imagem, utilizando técnicas de marketing

urbano, investindo na construção de símbolos de afirmação e identificação da cidade, desenvolvendo projetos arquitetônicos e urbanísticos como forma de promoção da cidade (VARGAS; CASTILHO, 2015). Entre as intervenções na paisagem urbana do Centro, se destacam: a revitalização conjunta da Rua XV de Novembro e da Praça Osório; a revitalização do Largo da Ordem; a renovação do Bairro Rebouças; a revitalização da Rua São Francisco e da Rua Riachuelo; entre tantas outras intervenções (SÁNCHEZ, 2010). E obras como a Ópera de Arame, o Jardim Botânico, a Rua 24 horas, juntamente com as soluções de transporte de massa e programas ambientais (CRESTANI, 2015). Através da preservação de edifícios históricos, a preocupação com a imagem da capital será reforçada no âmbito da valorização da memória com a formulação de normativas e legislações em defesa do patrimônio histórico, legitimadas por gerarem o sentimento de pertencimento na população.

A história das transformações da paisagem de Curitiba, desde os anos 90, insere-se na relação entre as grandes intervenções urbanas e a construção de imagem que, quando somadas, resultam na cidade-espetáculo. Onde se percebe a proliferação de imagens culturais que retratam a cultura local, porém com o filtro do *city marketing*. São construções sem uma real identificação com o local de inserção e relação identitária de pertencimento com a sociedade local. Dessa forma “o patrimônio é reabilitado e montado à maneira dos cenários cinematográficos. O centro das cidades é figurinizado, cenografado, disneyficado tendo em vista o consumo turístico” (LIPOVETSKY; SERROY, 2013, p. 18). O próximo tópico da dissertação visa conhecer a construção da paisagem curitibana e a sua (re)criação através das intervenções cromáticas. O enfoque principal será no objeto empírico da pesquisa, o Largo da Ordem.

2.3 DA CRIAÇÃO À (RE)CRIAÇÃO DA PAISAGEM DO LARGO DA ORDEM

Primeiramente, é necessário caracterizar o objeto empírico. A preocupação do conhecimento da origem e estudo da cultura que registrou tais manifestações estão presentes em Abreu (1998), pois é nas origens da paisagem que compreende-se o processo histórico e as suas estruturas dentro do discurso sobre cultura e sociedade. Além da capacidade de imaginação em incorporar a memória da cidade no espaço e no tempo em que a paisagem foi moldada.

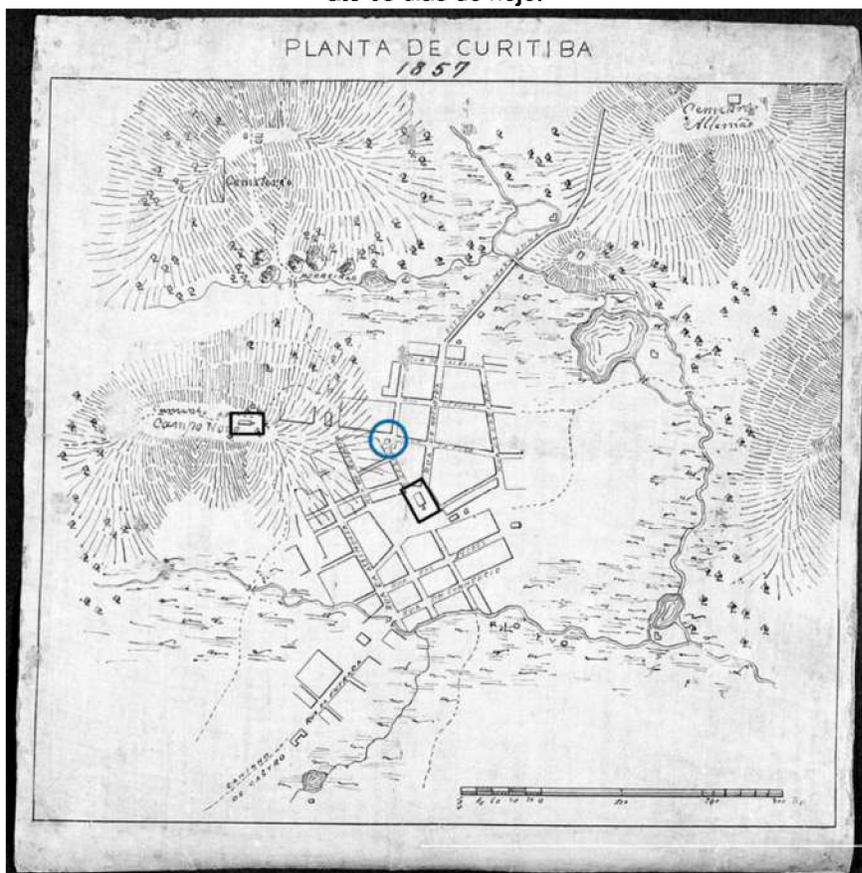
Dessa forma, o presente tópico busca conhecer a construção da paisagem da porção central da cidade de Curitiba, o Largo da Ordem, utilizando-se de mapas da evolução da cidade, suas legislações e decretos. Com isso, se caminha verso a compreensão da (re)criação da paisagem local.

2.3.1 CRIAÇÃO DA PAISAGEM CENTRAL CURITIBANA E O LARGO DA ORDEM

No início do século XVIII, Curitiba era uma pequena vila composta por casas de pau-a-pique e uma igreja de pedra e barro, sendo um ponto de passagem das tropas que vinham do Sul em direção a Sorocaba. A estrutura urbana da cidade colonial era caracterizada por ruas estreitas, alargando-se apenas nas áreas próximas às igrejas, onde se formavam largos e praças. É nesse contexto que surge o Largo da Ordem, como é conhecido atualmente. Inicialmente, era chamado de Pátio de Nossa Senhora do Terço, em referência à capela construída em 1737 com o mesmo nome.

Em 1752, a igreja foi doada aos religiosos franciscanos e passou a ser chamada de Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, ou simplesmente Igreja da Ordem, e o espaço ficou conhecido como Pátio de São Francisco das Chagas. Em 1860, os registros já mencionam a denominação de "Largo da Ordem Terceira" (GONZAGA; VIEIRA, 2010). Desde 1917, o nome oficial é Largo Coronel Enéas, em homenagem ao coronel Benedito Enéas de Paula, um militar e político curitibano que ocupou os cargos de deputado provincial, vereador e presidente da Câmara Municipal (BONZATTO; POLICHUK, 2014).

FIGURA 11: Curitiba em 1857, o círculo azul indica a localização do Largo da Ordem; os retângulos pretos são as igrejas existentes na época, além da Igreja do próprio Largo. A igreja abaixo é a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, o marco zero de Curitiba e existente até os dias de hoje.



FONTE: Amorim (2019), evidências feitas pela autora (2023).

Meio século depois, a vila se transformou no centro econômico-social e político da região devido a intensificação do transporte do gado e o desenvolvimento das atividades comerciais. Em meados do século XIX a exportação do mate deu um novo impulso à vida econômica e, como consequência, várias colônias estrangeiras se instalam nos arredores da cidade. Essas colônias assumem um papel decisivo na construção da paisagem de Curitiba através da forte influência de suas tradições culturais (IPPUC, 1970).

Durante esse período, o Largo era reconhecido como um ponto de comércio, onde os colonos vendiam os alimentos trazidos da periferia da cidade, além de servir como um local de encontro. Sua importância era ainda mais enfatizada devido à presença de uma fonte de água que abastecia a cidade. Posteriormente, essa fonte foi transformada em um chafariz, conforme ilustrado na FIGURA 12, para facilitar o acesso à água. Em 1910, no entanto, o chafariz foi demolido e substituído por um

mictório público, como mostrado na FIGURA 13. Algum tempo depois, o mictório também foi removido, e em 1932, no contexto em que o deslocamento era realizado principalmente por carroças, foi construído um bebedouro para animais, que se encontra preservado até os dias de hoje. Nas décadas seguintes, o Largo passou a ser caracterizado pelo comércio de produtos secos e molhados (GONZAGA; VIEIRA, 2010).

FIGURA 12: Largo da Ordem na década de 1900, ao centro ponto para captação d'água. Interessante notar o desenho da rua, calçadas que vão mudando com o passar o tempo.



FONTE: Perin (2019).

FIGURA 13: Largo em 1914 já com o mictório público instalado e o piso com nova configuração, ao fundo a Casa Romário Martins.

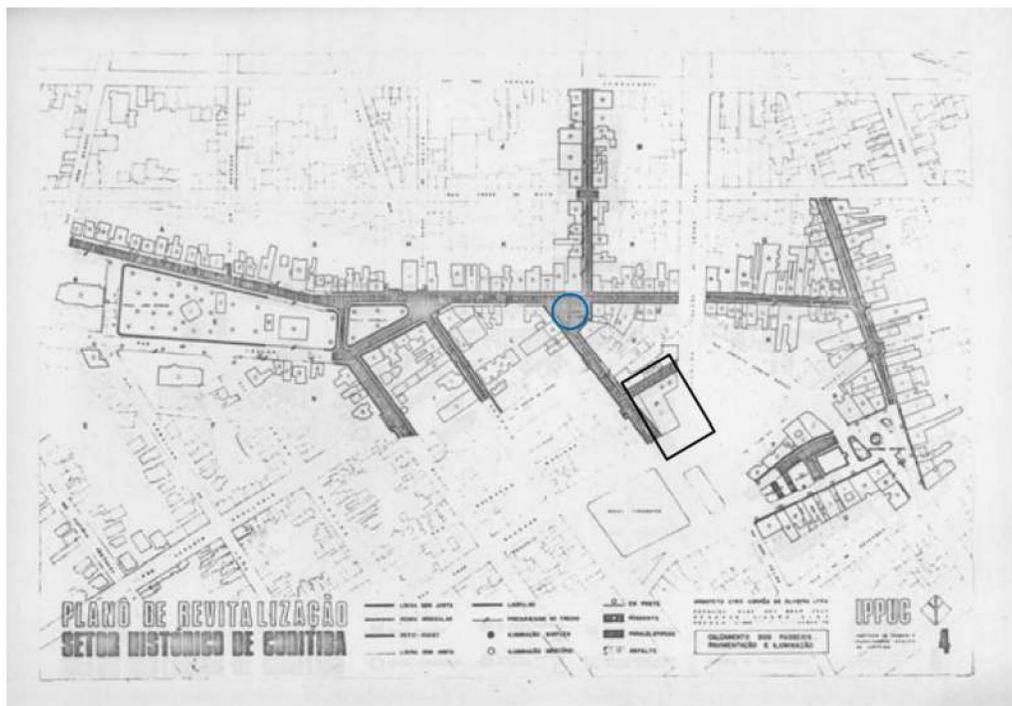


FONTE: Acervo Casa da Memória.

A história formal do planejamento urbano inicia em 1943 com o Plano Agache. O Plano Diretor de Urbanização de Curitiba, como também era conhecido, estabeleceu diretrizes e normas para ordenar o crescimento da cidade, com ênfase no tráfego e no zoneamento das funções urbanas (IPPUC, 2023). A importância histórica do Largo e seu entorno foi reconhecida no Plano Diretor de 1966, através da Lei nº 2828/66, foi estabelecida no Artigo 52º a Política de Preservação e Revitalização de Setores Históricos-Tradicionais “com a finalidade de resguardar os valores históricos e urbanos de determinadas áreas” (CURITIBA, 1966).

Na década de 70, a preocupação com a preservação da área segue com o Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba, elaborado pelo IPPUC (1970), que tinha por diretriz converter todo o Setor em uma ampla área para pedestres e transformar o Largo Coronel Enéas em local de exposições e espetáculos ao ar livre, como estratégia turística, como mostra a FIGURA 14. Na introdução do Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba já estava presente a preocupação com a paisagem patrimônio cultural, através da frase: “A vida de um povo lê-se nas ruas de sua cidade” (IPPUC, 1970, p. 1). O Zoneamento do Uso do Solo de 1972 intitula a área como Setor Especial Histórico (CURITIBA, 1972).

FIGURA 14: Planta da delimitação do Setor Histórico feita no Plano de Revitalização de 1970 e o traçado das vias que se tornariam área pedonal. O retângulo preto é a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais; o círculo azul o Largo da Ordem.



FONTE: IPPUC (1970), alterações feitas pela autora (2023).

Com isso, assim como a Rua XV de Novembro, o Setor Histórico foram fechados para automóveis, procurando fazer deste local um espaço destinado ao lazer, oferecendo várias atividades comerciais e culturais, como mostra a FIGURA 15 de 1970 e o cenário atual na FIGURA 16. (GONZAGA; VIEIRA, 2010).

FIGURA 15: Largo da Ordem na década de 1970 já transformado em área para pedestre com bancos



de praça. É possível notar que as fachadas das edificações históricas já haviam sofrido alteração cromáticas. A Casa Vermelha já apresenta o contraste entre parede e ornamentos próximo dos atuais, assim como os imóveis adjacentes.

FONTE: Acervo Casa da Memória.

FIGURA 16: Largo da Ordem em 2023, em uma perspectiva próxima da fotografia anterior com a Casa Vermelha, parte da Casa de Rodolfo Strobel (amarela), e inserindo no recorte o bebedouro.



FONTE: Acervo da autora (2023).

No início dos anos 80 a discussão sobre a institucionalização do solo criado surge ligada à preservação patrimonial. Em Curitiba, surgiu o "Incentivo Construtivo" para imóveis tombados, evoluindo para a "Transferência do Direito de Construir". Esse instrumento compensa proprietários de imóveis históricos, culturais, paisagísticos ou ambientais que precisam preservá-los. A compensação envolve transferir ou vender a diferença entre a área construída permitida e a área preservada. Essa transferência é possível mediante participação em programas de preservação aprovados pelo poder público ou entidades técnicas (PÓLIS, 2001).

Nesse período a transformação da paisagem de Curitiba, que tem como base a criação de uma identidade curitibana, é marcada pela revitalização de setores históricos tradicionais (IPPUC, 2023). A preservação de edifícios históricos também aparece como pauta de ações municipais, como na Lei 6.337/1982 (CURITIBA, 1982a), a qual institui o incentivo construtivo para a preservação de imóveis de valor cultural ou arquitetônico. A ênfase na conservação da paisagem é notável no Artigo 3º, o qual estipula que, embora seja permitido promover construções no próprio terreno do imóvel histórico, essa ação deve ser conduzida "sem prejudicar o ambiente circundante do imóvel a ser preservado" (CURITIBA, 1982a). Além disso, essa mesma preocupação com a preservação do entorno é refletida no Artigo 5º, que aborda a

hipótese de destruição do imóvel e estabelece que "a construção de um novo edifício deve obrigatoriamente respeitar a área e o volume do anterior"(CURITIBA, 1982a).

Essa Lei é regulamentada pelo Decreto nº 410/1982 (CURITIBA, 1982b) que define, no Artigo 2º, o que são considerado imóveis de valor cultural, histórico ou arquitetônico, como sendo "aqueles que representarem parte da memória histórica ou cultural de Curitiba e contribuírem para a preservação da paisagem urbana tradicional da cidade" (CURITIBA, 1982b). A preocupação com a preservação da memória histórica e cultural, que moldam a paisagem, se alinha com o conceito de paisagem adotado na pesquisa. Entretanto, essa abordagem se inclina mais para uma perspectiva objetiva e concreta dos valores históricos e culturais.

No novo Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo de 2000 (CURITIBA, 2000a) prevê incentivo à proteção e preservação do patrimônio cultural. O Setor Especial Histórico (SEH) já se encontrava subdividido em Subsetor 1 e Subsetor 2. No Artigo 23º o SEH é definido como sendo:

[...] parte da área central, engloba um grande número de edificações originárias do processo de ocupação da cidade do fim do século XIX e início do século XX, caracterizando o núcleo urbano com maior expressão histórica e cultural (CURITIBA, 2000a).

O Decreto nº185/2000 (CURITIBA, 2000b) regulamento a Lei do Zoneamento de 2000, nota-se que ocorre o congelamento da paisagem do SEH e a preocupação com a materialidade do objeto quando no Artigo 10º afirma que "toda a obra construída ou elemento colocado [...] de maneira incompatível com a paisagem urbana, deverão ser retirados e a edificação reconstituída no seu aspecto original" (CURITIBA, 2000b).

A revisão do Plano Diretor de Curitiba ocorreu em 2015, entre seus objetivos gerais que constam no Artigo 14º está o de "fortalecer a identidade e a paisagem urbana, mantendo escalas de ocupação compatíveis com seus valores naturais, culturais, históricos e paisagísticos" (CURITIBA, 2015). Mais especificamente falando em Patrimônio Cultural, o artigo 68º propõe diretrizes de "identificar e definir os bens de valor cultural, de natureza material e imaterial, de interesse de preservação" (CURITIBA, 2015). Com isso nota-se a preocupação indo além da materialidade, incluindo os bens imateriais como patrimônio.

E ainda, o Capítulo IV apresenta a primeira seção dedicada exclusivamente a Paisagem Urbana, a qual é entendida como "a configuração visual dos espaços livres

e construídos, nos seus contextos históricos, ambientais, sociais, culturais e econômicos” (CURITIBA, 2015). Deste modo, nota-se uma evolução no entendimento de paisagem, apesar de ser considerada a configuração visual dos espaços o Plano Diretor de 2015 leva em conta o contexto no qual essa paisagem está inserida, aspectos históricos e sociais apresentam um peso na representação da identidade local.

A preocupação com a identidade da paisagem urbana segue sendo objeto no Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo de 2019 (CURITIBA, 2019a) como exposto no artigo 3º, entre os objetivos do documento está a ideia de “fortalecer a identidade da paisagem urbana, mantendo escalas de ocupação compatíveis com seus valores naturais, culturais, históricos e paisagísticos” (CURITIBA, 2019a). A mesma lei define a Zona Histórica (ZH), no artigo 71º, como sendo “o núcleo histórico de Curitiba, com uma paisagem urbana caracterizada por edificações de valor histórico, cultural e paisagístico relevantes para a preservação da memória do processo de ocupação da cidade” (CURITIBA, 2019a).

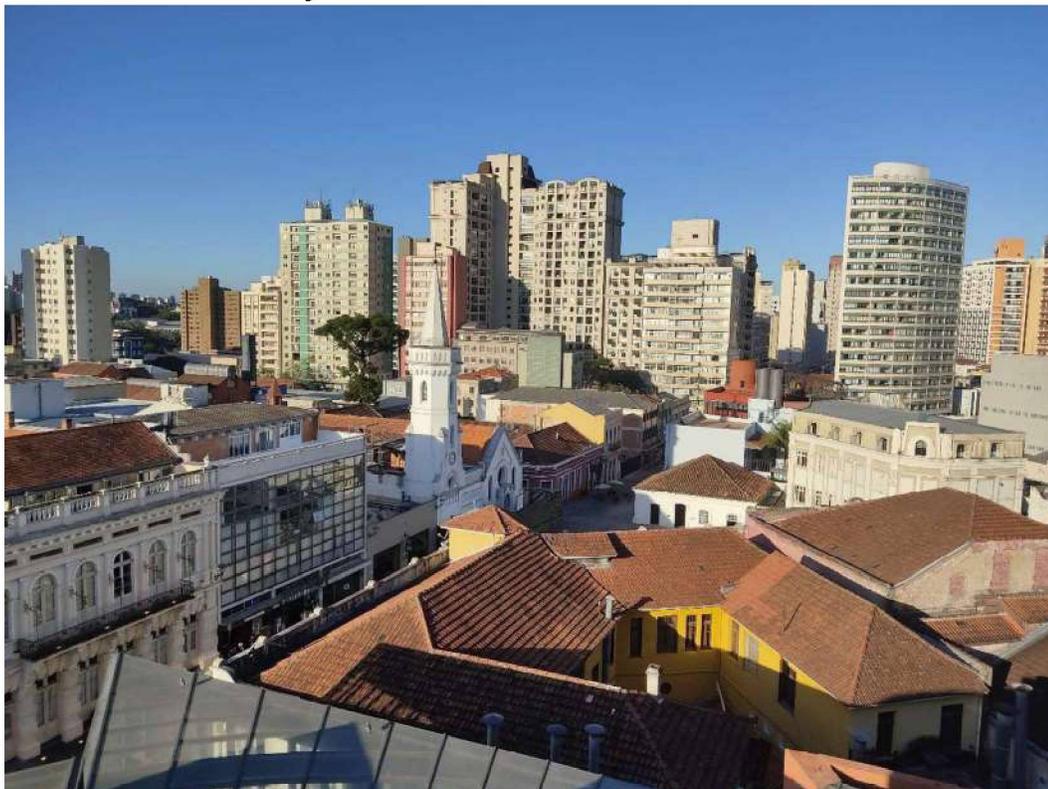
A FIGURA 17 mostra as ruas que passam ao redor do Largo da Ordem. Algumas delas, como a Travessa Nestor de Castro, a Rua Treze de Maio e a Rua Barão do Serro Azul (continuação da Avenida Cândido de Abreu), apresentam 3-4 faixas de circulação na via, conseqüentemente um alto fluxo de automóveis. Dessa forma se caracterizam como barreiras na conexão do pedestre entre o Largo com o restante da cidade. Para minimizar essa segregação, foi criada uma galeria subterrânea, Galeria Júlio Moreira, que transpassa a Travessa Nestor de Castro chegando diretamente no Largo. Essas ruas coincidem com a mudança ou transição de zoneamento, o que de forma consolidada reflete no contraste entre a cidade antiga e a cidade moderna, como proposto na FIGURA 18.

FIGURA 17: O polígono branco representa a Zona Histórica 1 (ZH-1) e o círculo branco é o Largo da Ordem. Já as linhas coloridas são as ruas que circundam o objeto empírico, sendo: R. Barão do Serro Azul (fúcsia); R. Treze de Maio (laranja); Tv. Nestor de Castro (verde); R. do Rosário (amarela).



FONTE: Ortofoto e informações obtidas através do IPPUC (2022), montagem feita pela autora (2023).

FIGURA 18: Largo da Ordem nos dias de hoje, a Zona Histórica em contraste com a paisagem urbana da cidade em evolução da Zona Central. Foto feita no mirante do Memorial de Curitiba.



FONTE: Acervo da autora (2023).

O Zoneamento (CURITIBA, 2019a) também instituiu o Setor Preferencial de Pedestres (SEPE) que, através do bloqueio total ou parcial ao tráfego de veículos, privilegia o pedestre. A SEPE tem subsetores: o Setor Central, onde está o Largo da Ordem; o Setor XV de Novembro, referente ao calçadão de mesmo nome; e o Setor Barão-Riachuelo. Essas zonas e setores ficam mais claros na FIGURA 19, onde a ZH segue subdividida em duas zonas: Zona Histórica 1 (ZH-1) onde o Largo da Ordem está situado; e a Zona Histórica 2 (ZH-2). A imagem reforça o caráter histórico, não somente da ZH mas também do seu entorno, onde cada ponto preto representa uma Unidade de Interesse de Preservação (UIP), ou seja, um imóvel reconhecido por representar a memória histórica da cidade.

FIGURA 19: Ortofoto com zoneamento de 2019 que está em vigor: azul claro Zona Histórica 1 (ZH-1); azul escuro Zona Histórica 2 (ZH-2); marrom Zona São Francisco (ZFR); verde água Zona Central (ZC); laranja escuro Zona Saldanha Marinho (ZSM); laranja claro Zona Residencial (ZR4); verde Unidade de Conservação (UC). Os pontos pretos são equipamentos urbanos reconhecidos como Patrimônios Históricos Edificados, já o ponto branco é Largo da Ordem. As linhas representam o SEPE e subsetores: magenta o Setor Central; vermelho o Setor XV de Novembro; e amarelo o Setor Barão-Riachuelo.



FONTE: Ortofoto e informações obtidas através do IPPUC (2022), montagem feita pela autora (2023).

Direcionando o olhar para o Largo da Ordem que mesmo não sendo o marco zero da cidade abrange parte das edificações mais antigas de Curitiba, como por exemplo, a Casa Romário Martins e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, alguns dos únicos remanescentes da arquitetura colonial da cidade de Curitiba. Na FIGURA 20 o recorte do objeto empírico nos dias de hoje. Os usos existentes se configuram na maioria como comércio e serviço, voltados para o lazer e atividades culturais, como: bares, restaurantes, museus, memoriais, igrejas. A FIGURA 20

também ilustra o Largo da Ordem e todas as edificações que fazem parte da sua história e da evolução da cidade, e hoje são reconhecidas como Patrimônio Histórico Edificado, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Com isso em mente, vale conhecer um pouco da história dos edifícios históricos que configuram a paisagem do Largo da Ordem.

FIGURA 20: Ortofoto do recorte do objeto empírico; 1-Igreja da Ordem em laranja por se tratar de Imóvel Tombado pelo Estado do Paraná; em azul as UIPs. O círculo branco é o Largo da Ordem, local onde a coleta de dados será feita.



FONTE: Imagem e informações obtidas através do IPPUC (2022), arte produzida pela autora (2023).

2.3.1.1 Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

Trata-se do imóvel mais antigo do recorte. A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco foi construída em 1737 sendo a terceira igreja de Curitiba, à época chamada de Igreja Nossa Senhora do Terço. Sem adequada manutenção, parte da igreja desmoronou um século depois de construída. Somente em 1880 foi reformada para receber a visita de Dom Pedro II e sua esposa. A torre da igreja e os sinos foram finalizados em 1883 (PERIN, 2019). Seu tombamento como Patrimônio Cultural do Estado do Paraná ocorreu em 1966, justificado pelo seu significado na história da cidade, além de marcar a paisagem com o seu volume (IPPUC, 1970). Como mostra a FIGURA 21 e a FIGURA 22, nota-se que a Igreja da Ordem se mantém próxima do que era na década de 1940. A edificação à esquerda foi substituída por outra, respeitando a volumetria da pré-existente. No momento, a Igreja e o seu Museu de Arte Sacra se encontram em processo de restauração, inclusive pinturas do século

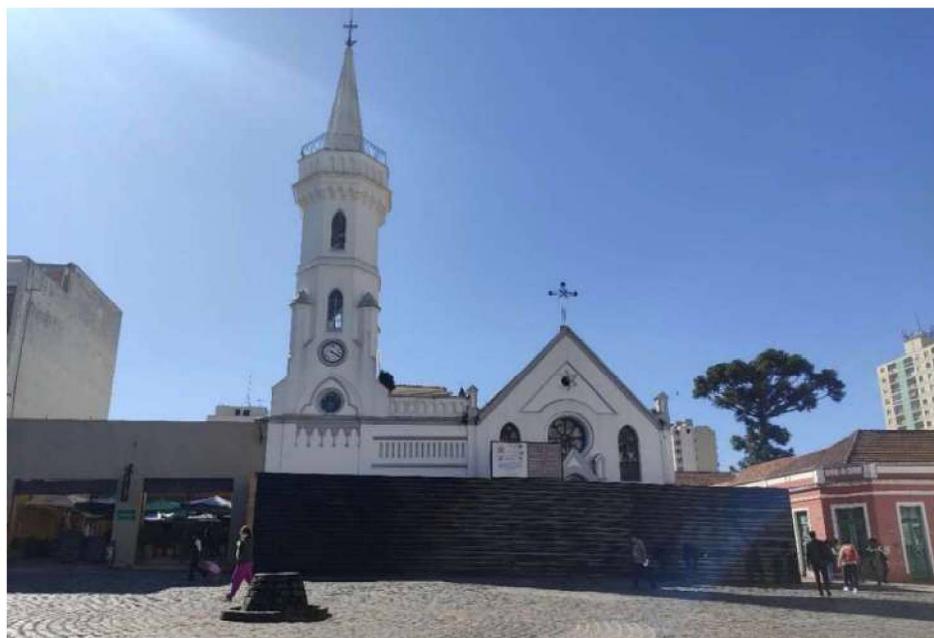
XIX foram descobertas embaixo de camadas de tinta que o prédio recebeu ao longo dos últimos anos (OLIVEIRA, 2023)

FIGURA 21: Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, na década de 1940, já com a torre e os sinos. A frente um cavalo na carroça toma água no bebedouro existente até os dias de hoje.



FONTE: Acervo Casa da Memória.

FIGURA 22: A Igreja da Ordem em 2023, como trata-se de um imóvel tombado pelo Estado, seu grau de proteção é mais inflexível, com isso, segue próxima do que sempre foi. Neste momento encontra-se em processo de restauração, inclusive foram descobertos novos detalhes artísticos.



FONTE: Acervo da autora (2023).

2.3.1.2 Casa Romário Martins

Com características arquitetônicas do século XVIII, é o único exemplar residencial luso-brasileiro no Setor Histórico. Teve uso residencial e abrigou alguns armazéns, como ilustra a FIGURA 23, o último deles o Armazém do Roque, que funcionava ali desde 1928. Em 1970 foi desapropriada e restaurada pela Prefeitura de Curitiba, se encontra até os dias de hoje conservada como mostra a FIGURA 24. Depois de 1981 foi nomeada em homenagem ao pesquisador e historiador Alfredo Romário Martins²⁵ (1874-48). Quando foi criada a Casa da Memória, que está localizada no edifício ao lado, a Casa Romário passa a abrigar exposições históricas que divulgam o acervo da Casa da Memória, lançamentos de livros e encontros para debate (PERIN, 2019).

FIGURA 23: Casa Romário Martins, entre 1902-1911, período em que abrigava o Armazém de Secos e Molhados de Guilherme Etzel. A segunda fotografia quando era o Armazém Roque na década de 1960.



FONTE: Perin (2019), Acervo Casa da Memória.

FIGURA 24: Nos dias de hoje, depois de ser restaurada, conhecida como Casa Romário Martins.



FONTE: Acervo da autora (2023).

²⁵ Considerado o idealizador do Movimento Paranista, foi um dos atores mais relevantes para os intelectuais e artistas paranaenses. No seu percurso, dedicou-se a divulgação da cultura do Estado do Paraná, sendo um dos fundadores, em 1900, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, e principal fundador, em 1927, do Centro Paranista. Dedicou-se à pesquisa documental e à elaboração de leis, dentre elas, a da criação da Bandeira e do Brasão do Estado do Paraná e a da proposição da data de 29 de março para o aniversário da cidade de Curitiba (SALTURI, 2014).

2.3.1.3 Casa Vermelha

O imóvel da atualmente conhecida “Casa Vermelha” foi construído em 1891 pelo alemão Wilhelm Peters. A parte superior funcionava como residência, já o térreo sempre teve uso comercial. Foi em 1919 que ganhou a pintura vermelha e passou a ser conhecida como “Casa Vermelha”, quando também se tornou a casa de ferragens de Eurico Fonseca dos Santos & Cia. De 1992 a 1997 foi alugada pela Prefeitura Municipal de Curitiba e funcionou como espaço de exposições (PERIN, 2019). Na FIGURA 25, é possível observar o imóvel antes de ter sido pintado e em sua condição atual. No presente momento, o térreo deste edifício é ocupado em parte pelo Bar do Alemão.

Ao lado da Casa Vermelha é possível encontrar dois sobrados, um de cor bege e outro de cor azul. Ambos os sobrados foram residências do pintor Waldemar Curt Freyesleben. O sobrado azul abrigava o ateliê do pintor mencionado, além de ter funcionado anteriormente como a Casa Cruzeiro. Atualmente o sobrado azul abriga o Boesia Bar, já o sobrado bege se encontra sem uso. Em frente aos sobrados, há um edifício onde funcionou a Casa das Fábricas, hoje o edifício tem como uso o Curso Dinamico (PERIN, 2019).

FIGURA 25: Casa Vermelha em 1913 e em 2023: apesar de ser uma fotografia preta e branca nota-se que o contraste entre as cores da parede e dos ornamentos não é a mesma dos dias de hoje, da mesma forma que o tom do vermelho utilizado é mais pigmentado e escuro do que a cor preexistente.



FONTE: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

FIGURA 26: Largo da Ordem na década de 1920, onde aparecem as carroças e automóveis. À esquerda a Casa das Fábricas, à direita a Casa Vermelha e os sobrados azul e bege.



FONTE: Casa da Memória; Acervo da autora (2023).

2.3.1.4 Casa Strobel

Ao lado da Casa Vermelha está um edifício com estilo arquitetônico típico das casas germânicas, como mostra a FIGURA 27. Em sua parte mais alta, tem a inscrição “R. 1930 S.”, o ano de 1930 diz respeito à data em que o imóvel foi construído e as letras são as iniciais de quem a construiu - Rodolfo Strobel. A família Strobel é uma família de imigrantes alemães que veio para o Brasil no século XIX.

FIGURA 27: Casa Strobel em 1930 quando tinha no seu térreo a Casas Pernambucanas; e nos dias de hoje tendo como uso o Largo's Bar. Nota-se que a cort utilizada antigamente apresentava um maior contraste entre a parede e os ornamentos.



FONTE: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

Já na década de 1980, o Largo começa a se tornar um “point” da cidade, tendo o lazer noturno como seu principal uso. Exemplo dessa transformação é um dos mais tradicionais bares da região, o Bar do Alemão. O bar surgiu no depósito de uma loja, o que já demonstra o antigo caráter comercial do espaço de Rodolfo Strobel. O espaço com o tempo se ampliou e veio a se tornar o famoso Bar do Alemão (PERIN, 2019). Conforme ilustrado na FIGURA 27, o edifício anteriormente abrigava uma loja da Casas Pernambucanas. Atualmente, o térreo do imóvel continua sendo utilizado para fins comerciais, abrigando o Largo's Bar e uma parte do Bar do Alemão.

2.3.1.5 Memorial de Curitiba

Próximo ao Bar do Alemão, encontra-se o Memorial de Curitiba, uma edificação relativamente nova em comparação com o restante do Largo da Ordem, como mostra a FIGURA 28. Foi inaugurado em 1996, em celebração ao tricentenário da cidade de Curitiba. O Memorial, como órgão da prefeitura, é administrado pela Fundação Cultural de Curitiba e tem como objetivo preservar a história da cidade, oferecendo um espaço versátil para diversas atividades culturais, como exposições e apresentações. O prédio possui três andares destinados a exposições. Além disso, conta com um mirante, que oferece uma vista panorâmica da cidade, e uma praça coberta.

FIGURA 28: Memorial de Curitiba, vista a partir da Rua Dr. Claudino dos Santos e uma foto do seu interior.



FONTE: Acervo da autora (2023).

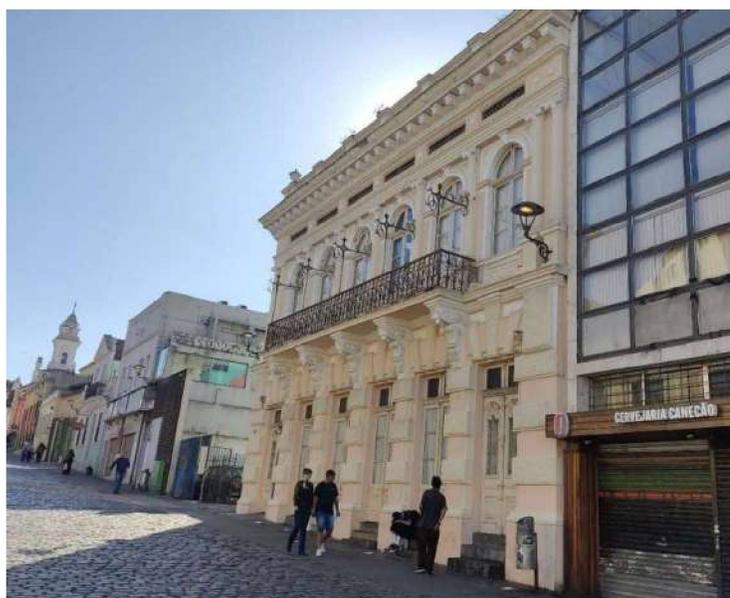
2.3.1.6 Casa Hoffmann

Trata-se de um sobrado construído em 1892 pelo arquiteto alemão Neuman, além da influência na arquitetura, como pode ser visto na FIGURA 29, os materiais

utilizados tinham origem germânica. O uso original seguia o programa tradicional à época: comércio no térreo e residência no pavimento superior (IPPUC, 1970). Abrigou uma loja de tecidos e foi moradia de uma família de imigrantes alemães. Em 2003 a casa foi inaugurada como Centro de Estudos do Movimento, surgindo com a proposta de ser um centro de estudos e experimentações do movimento, valorizando a expressão artística e o desenvolvimento cultural da região (HOFFMANN, 2023).

Ao lado da Casa Hoffmann o imóvel histórico pré-existente foi substituído por uma edificação contemporânea, mantendo a volumetria e alinhamento próximos aos antigos como pode ser vista na FIGURA 30. No nos dias de hoje tem no seu térreo a Cervejaria Canecão e a Loja Mister Mundo.

FIGURA 29: Casa Hoffmann na década de 1990; e Casa Hoffmann nos dias atuais. Nota-se a diferença do contraste entre as cores utilizadas nos ornamentos.



FONTE: Acervo Casa da Memória; Acervo da autora (2023).

FIGURA 30: Os colonos e suas carroças no Largo na década de 1950; em primeiro plano o edifício à esquerda é a Casa Hoffmann; à direita uma parte da Casa de Rodolfo Strobel. Ao fundo a Igreja da Ordem já com a torre, e a Casa Romário Martins.

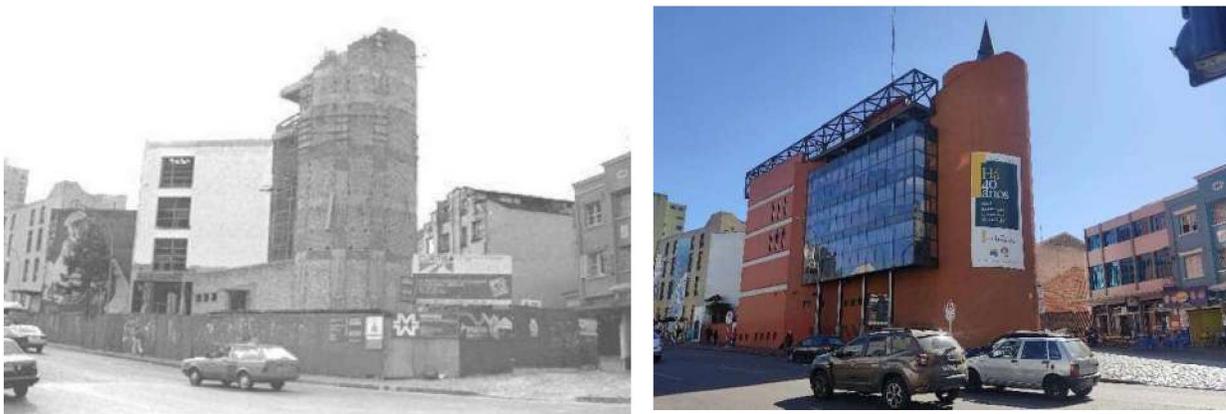


FONTE: Perin (2019), Acervo da autora (2023).

2.3.1.6 Casa da Memória

Na Rua São Francisco, ao lado do Largo da Ordem, encontra-se a Casa da Memória, que compartilha o objetivo do Memorial de Curitiba de preservar a história da capital paranaense. Inaugurada na década de 1980, a Casa da Memória passou por diferentes endereços no centro histórico de Curitiba até ser transferida para sua sede definitiva e atual, inaugurada em 2000, representada pela FIGURA 31. A Casa da Memória abriga um vasto acervo documental relacionado à cidade de Curitiba, sendo um importante centro de pesquisa histórica. Além disso, a Casa da Memória abriga a Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural da Fundação Cultural de Curitiba. Essa diretoria desempenha um papel fundamental na proteção e promoção do patrimônio histórico e cultural da cidade, trabalhando na preservação de monumentos, prédios históricos e outros elementos que contam a história de Curitiba.

FIGURA 31: Obras para construção e reforma da nova sede da Casa da Memória 1998. Casa da Memória em 2023.



FONTE: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

FIGURA 32: Casa da Memória vista a partir da Rua São Francisco, do lado esquerdo a edificação de 1998; do lado direito a Unidade de Interesse de Preservação onde se estende seu uso.



FONTE: Acervo da autora (2023).

Aos domingos, como pode ser visto o cenário do Largo e de todo o Setor Histórico se transforma, dando espaço às barraquinhas da “Feira do Largo da Ordem” onde são comercializados diferentes tipos de artesanatos e *souvenirs*, e diversidade gastronômica.

FIGURA 33: Feira do Largo da Ordem que acontece em todo o Setor Histórico aos domingos transformando a paisagem do Largo e transbordando pessoas.



FONTE: Acervo da autora (2023).

Com a descrição do percurso histórico do objeto empírico, seu reconhecimento através da setorização da área e do seu entorno como zona histórica, as histórias que se fundem com a construção da paisagem, passam-se para a (re)criação da paisagem curitibana através de programas cromático, onde, alguns deles foram realizados no Largo da Ordem.

2.3.2 (RE)CRIAÇÃO CROMÁTICA DA PAISAGEM CURITIBANA E DO LARGO DA ORDEM

Sobre as alterações cromáticas na paisagem curitibana, em 1994 foi celebrado um Termo de Cooperação entre o Município de Curitiba e a Fundação Roberto Marinho, com interveniência da AkzoNobel. A mesma empresa internacional que realiza o projeto *Let's Colour* pelo Mundo chega em Curitiba ainda antes do projeto existir sob esse título, o que ocorreu somente em 2009, como visto anteriormente.

Levando esse Termo em consideração foi sancionado o Decreto nº 246/1995 (CURITIBA, 1995), que dispõe sobre o projeto "Cores da Cidade", que abrange parte da Rua XV de Novembro e das Ruas Barão do Rio Branco e Riachuelo. Trata-se de

uma parceria público-privado onde as tintas para a pintura externa foram fornecidas aos proprietários gratuitamente pela AkzoNobel. O interesse do projeto está em “recuperar, revitalizar, preservar e valorizar o patrimônio constituído das edificações históricas do centro da Cidade” (CURITIBA, 1995, p. 01).

Depois de quatro anos, o Termo de Cooperação volta a ser firmado e resulta no projeto “Cores da Cidade – Fase II”, dando sequência a fase I, que seria parte integrante do Projeto de Revitalização do eixo Barão/Riachuelo (CURITIBA, 1998). De acordo com o Decreto nº 508/1998 (CURITIBA, 1998), critérios técnicos são estabelecidos pelo IPPUC, além de orientações para implementação do projeto de conservação, restauração e revitalização do patrimônio edificado. As orientações para as intervenções cromáticas nas fachadas históricas do Centro podem ser vistas na FIGURA 34, onde é proposto como e com quais cores a pintura deve ocorrer.

FIGURA 34: Exemplo de proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados na Rua Barão do Rio Branco, 174, 158 e 146 em 1998.



FONTE: IPPUC (apud WEIGERT, 2020).

As revitalizações cromáticas de fachadas históricas continuaram nos anos seguintes. Em 2005, iniciaram-se ações no âmbito do projeto "Tudo de Cor para Curitiba", mais uma vez em parceria com a AkzoNobel, que resultaram em intervenções ao longo da Avenida Marechal Deodoro. Esse esforço teve sequência em 2010 com a intervenção em 53 imóveis situados na Rua Riachuelo e, dois anos depois, com a renovação de 14 edifícios na Rua São Francisco. Em 2013, a parceria com a Coral voltou ao Setor Histórico, dando início a um processo abrangente de

revitalização que começou com a pintura das fachadas dos prédios (CURITIBA, 2013, 2014).

Setor Histórico mais bonito: O Setor Histórico ficou mais colorido, como resultado do projeto Tudo de Cor para Curitiba, que pintou as fachadas de 32 prédios da região, em parceria com a empresa Tintas Coral e a Rede Empresarial do Centro Histórico (CURITIBA, 2016, p. 183).

De acordo com a AkzoNobel (2014c) “o centro histórico de Curitiba foi escolhido para receber o ‘Tudo de Cor para você’ devido às edificações de grande importância histórica e cultural para a cidade”, com isso a o programa “promoveu a reforma da pintura de 32 prédios no centro histórico da cidade, uma das áreas mais importantes de Curitiba”. A celebração do programa no Largo da Ordem na FIGURA 35. Ao fundo a Casa Vermelha que se assemelha com as pinturas das figuras vistas anteriormente, a FIGURA 6 que traz os pórticos de Xangai e a FIGURA 7 que ilustra o *Stadhuys* na Malásia.

FIGURA 35: A celebração do Programa Tudo de Cor para Curitiba em 2014 no Largo da Ordem, em primeiro plano o prefeito à época Gustavo Fruet, ao fundo a Casa Vermelha fresca de tinta.



FONTE: AkzoNobel (2014c).

Em 2018, a Prefeitura de Curitiba lançou um novo projeto: “Rosto da Cidade”, “um programa de recuperação dos endereços e caminhos importantes para a memória coletiva da população” (IPPUC, 2020, p. 28), com essa citação nota-se a preocupação

indo além dos aspectos visuais, englobando a memória coletiva que está inscrita na paisagem. Como exposto pela Prefeitura de Curitiba (2018b), o projeto tinha como meta resgatar o Centro como área de moradia, turismo e lazer, tratando-se de um investimento voltado para geração de empregos e renda através do turismo, além da preservação cultural da cidade.

Além disso, de acordo com a Lei (CURITIBA, 2019b) que instituiu o programa, o objetivo era a “Recuperação da Paisagem” através do combate à poluição visual, pichação e degradação da cidade. No Artigo 4º deixa clara as responsabilidades dos proprietários, os quais deveriam “adotar e manter as cores determinadas para a pintura da fachada” (CURITIBA, 2019b). Esse modelo segue iniciativas do passado de parcerias entre a Prefeitura Municipal de Curitiba e a AkzoNobel como o projeto “Cores da Cidade” de 1995 para a pintura do Eixo Barão-Riachuelo, e o projeto “Tudo de Cor para você” de 2010 a 2014, para a pintura da Rua Riachuelo, da Rua São Francisco e do Setor Histórico (IPPUC, 2018).

A execução do projeto foi prevista em seis etapas, mapeadas na FIGURA 36, onde estavam previstas a limpeza das pichações e aplicação de nova pintura com resina antipichação (CURITIBA, 2018a).

FIGURA 37: Casa Hoffman cenário da primeira etapa do projeto “Rosto da Cidade”. Ao fundo a torre da Igreja da Ordem, e as mesas que ocupam diariamente o calçadão.

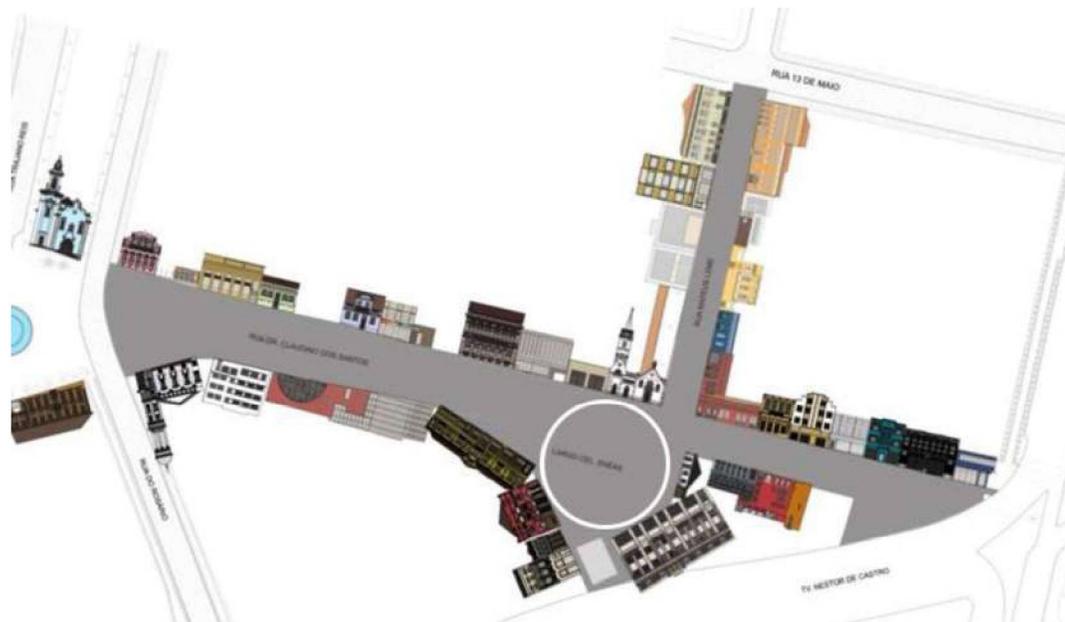


FONTE: Curitiba (2018a).

Na Etapa 2 foram objetos das intervenções o Largo da Ordem (fase 1) e a Rua São Francisco (fase 2) que fazem parte do Setor Histórico de Curitiba, um dos conjuntos edificados com maior importância histórica e cultural da cidade (IPPUC, 2018). Na FIGURA 38 o desenho em planta do recorte que engloba a Etapa 2 – fase 1, ou seja, o Largo e seu entorno, com os 66 imóveis que fizeram parte da recuperação cromática proposta pelo IPPUC. Já na FIGURA 39 traz o entorno do Largo após a execução do projeto.

A fase 2, envolvendo a Rua São Francisco, envolvendo 28 imóveis, tinha como objetivo a valorização dos pedestres e de sua paisagem, o resultado da proposta pode ser visto na FIGURA 40. A definição de cores foi feita pelo IPPUC, na FIGURA 41 um exemplo de como foi feito o fichamento dos imóveis relacionados a essa etapa.

FIGURA 38: Recorte específico da Rua Dr. Claudino dos Santos e do Largo da Ordem, que estão relacionados com a Etapa 2 - Fase 1 do projeto “Rosto da Cidade”. De forma esquemática as elevações com as propostas cromáticas feitas pelo IPPUC. O círculo branco se refere ao Largo.



FONTE: IPPUC (2018), modificada pela autora (2023).

FIGURA 39: Na fotografia a Rua Dr. Claudino dos Santos, que dá acesso ao Largo da Ordem propriamente dito, com implantação de faixa de concreto de 1,5 metros de largura visando a acessibilidade e pintura das fachadas.



FONTE: Mauro Magnabosco (IPPUC, 2020).

FIGURA 40: Rua São Francisco revitalizada com implantação de faixa acessível e preservação do piso histórico; novo sistema de iluminação pública; e a pintura das fachadas conforme estudo elaborado.



FONTE: Carla Choma Franki (IPPUC, 2020).

FIGURA 41: Exemplo de fichamento com a proposta de cores realizada pelo IPPUC para imóveis históricos localizados no Largo da Ordem. Está em específico é referente a Casa Vermelha.

DADOS DO IMÓVEL	FACHADA PRINCIPAL										
1. ENDEREÇO Rua José Bonifácio, 143											
2. INDICAÇÃO FISCAL 11.059.004											
3. PROPRIETÁRIO Jorge Tonato (Gerente que administra o imóvel)											
4. CONTATO 998411477											
5. ÁREA Terreno: 807,00m ² Construída: 1280,00m ²											
6. HISTÓRICO Ano de construção: 1938											
7. OBSERVAÇÕES Imóvel de interesse de preservação; Unidade de interesse preservação; Entorno de Bem Tombado											
Localização: 	<table border="1"> <thead> <tr> <th>CORES DE PINTURA DA FACHADA</th> <th>ÁREA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Paredes - Tinta látex PVA cor Carmesim Vermelho 31YR 10/591</td> <td>172m²</td> </tr> <tr> <td>Ornamentos - Tinta látex PVA cor Branco Neve</td> <td>87m²</td> </tr> <tr> <td>Esquadrias de madeira - Verniz</td> <td>20m²</td> </tr> <tr> <td>Portas de aço - Tinta esmalte sintético fosco cor Velho Caçador 97GY 07/135</td> <td>35m²</td> </tr> </tbody> </table>	CORES DE PINTURA DA FACHADA	ÁREA	Paredes - Tinta látex PVA cor Carmesim Vermelho 31YR 10/591	172m ²	Ornamentos - Tinta látex PVA cor Branco Neve	87m ²	Esquadrias de madeira - Verniz	20m ²	Portas de aço - Tinta esmalte sintético fosco cor Velho Caçador 97GY 07/135	35m ²
CORES DE PINTURA DA FACHADA	ÁREA										
Paredes - Tinta látex PVA cor Carmesim Vermelho 31YR 10/591	172m ²										
Ornamentos - Tinta látex PVA cor Branco Neve	87m ²										
Esquadrias de madeira - Verniz	20m ²										
Portas de aço - Tinta esmalte sintético fosco cor Velho Caçador 97GY 07/135	35m ²										

ROSTO DA CIDADE
ETAPA 02 - IMÓVEL 148



FONTE: IPPUC (2018).

A Etapa 3 parte abrangendo as Praças Tiradentes e Generoso Marques juntamente com o entorno da região. Foram mapeados 75 imóveis para essa etapa, que prevê implantação da faixa acessível em concreto, juntamente com a preservação do pavimento e dos desenhos em *petit-pavé* existentes (IPPUC, 2020). A quarta Etapa compreende os 136 imóveis do Eixo Barão-Riachuelo até o Passeio Público (parque municipal mais antigo, Patrimônio Estadual desde 1999), incluindo o Cine Passeio, ilustrado na FIGURA 42 que também foi renovado (IPPUC, 2020).

FIGURA 42: Cine Passeio foi construído em 1930 e abrigou o setor administrativo do Exército até final da década de 1990; hoje o novo projeto recupera o passado dos cinemas de rua e funciona como um complexo de cultura e lazer.



FONTE: Daniel Castellano (IPPUC, 2020).

A Etapa 5 envolve a Rua Trajano Reis, onde estava prevista a pintura de 71 exemplares arquitetônicos e a adaptação à acessibilidade do trecho. A última Etapa compreende as Praças Osório e Rui Barbosa, e sua ligação pela Rua Voluntários da Pátria. As intervenções, como ilustra a FIGURA 43, visavam dar acesso qualificado ao pedestre, preservação dos desenhos históricos em pedra do calçamento, melhoria na iluminação e pintura do Instituto de Educação do Paraná (IPPUC, 2020).

FIGURA 43: Etapa 6 com requalificação da Rua Voluntários da Pátria e pintura do Instituto de Educação do Paraná, construído em 1922.



FONTE: Daniel Castellano (IPPUC, 2020).

Como se pode perceber, as ações que ocorrem por todo o mundo, com vistas a transformar as paisagens históricas, também estão presentes em Curitiba. Há 24 anos, um conjunto expressivo de imóveis históricos vindo sendo cenário de repetidas alterações cromáticas, com nítidas preocupações com a imagem da cidade perante turistas e possíveis investidores.

CAPÍTULO 03 | INVESTIGAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA

Para você que mora em um barraco, esta casa parece um belo palácio; para você que tem um certo gosto artístico, parece uma casa muito vulgar; você que passa com relutância pela rua onde ela se encontra porque lhe lembra um episódio triste de sua vida, você a olha de soslaio; você, por outro lado, com um olhar carinhoso porque – eu sei – sua pobre mãe morava aqui em frente, ela era uma grande amiga minha²⁶ (PIRANDELLO, 2005, p. 60).

²⁶ A voi che abitate una catapecchia, questa casa sembra un bel palazzo; a voi che avete un certo gusto artistico, sembra una volgarissima casa; voi che passate malvolentieri per la via dov'essa sorge perché vi ricorda un triste episodio della vostra vita, la guardate in cagnesco; voi, invece, con occhio affettuoso perché – lo so – qua dirimpetto abitava la vostra povera mamma che fu buona amica della mia (PIRANDELLO, 2005, p. 60).

Tanto a paisagem quanto a abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa demonstram uma ruptura com o pensamento positivista, que valoriza a objetividade como produção de conhecimento. Nesse contexto, o objetivo central deste estudo foi desvendar a subjetividade da leitura da paisagem.

Para alcançar esses objetivos, a coleta de dados envolveu a utilização de entrevistas semiestruturadas, que combinaram conversas guiadas e a técnica de foto-elicitação. Essa abordagem permitiu aos participantes expressarem e exteriorizarem suas percepções e experiências em relação à paisagem. A entrevista foi estruturada em três partes distintas: a identificação do participante; a exploração e a leitura entre a paisagem e a palavra; e a análise da percepção entre a paisagem e a imagem. Assim, a pesquisa buscou compreender a paisagem a partir das vivências e opiniões dos participantes.

No intuito de aprofundar a compreensão da temática, este estudo adotou uma abordagem de estudo de caso único, com foco específico no Largo da Ordem, em Curitiba. Essa escolha permitiu uma análise detalhada do impacto das transformações cromáticas na paisagem e da maneira como essas transformações são interpretadas pelos participantes. Ao se concentrar nos significados atribuídos à paisagem pelos envolvidos no estudo, a pesquisa buscou capturar a multiplicidade de percepções que moldam a compreensão e a apreensão da paisagem.

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, um campo multifacetado de investigação, marcado por diferentes orientações e metodologias. Yin (2016) afirma que se pode considerar que essa abordagem apresenta a característica de representar as opiniões e perspectivas das pessoas (participantes) de um estudo. De acordo com Gerhardt *et al.* (2009), os pesquisadores que se utilizam da abordagem qualitativa buscam explicar o porquê dos fatos, se preocupando com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, buscando compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

Os pesquisadores que utilizam essa abordagem trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade, um nível de realidade que não pode ser quantificado. Para Minayo (2002, p. 21), essa abordagem investiga os “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, que correspondem a um aprofundamento indo além das relações e dos fenômenos, o que inviabiliza reduzi-los a variáveis numéricas. Por outro lado, é uma abordagem que sofre algumas críticas relacionadas a seu empirismo, sua subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, com a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias (GIL, 2008). Ainda segundo o autor, este tipo de pesquisa envolve: levantamento bibliográfico, como feito nos primeiros dois capítulos; entrevistas não padronizadas, que serão detalhadas neste mesmo capítulo mais à frente; e estudo de caso. Sobre o estudo de caso, Yin (2015) traz as três condições que devem ser levadas em consideração e propõe o QUADRO 1, que resume de forma clara e direta a reflexão na escolha da estratégia de pesquisa: i. tipo de questão de pesquisa proposto; ii. extensão do controle que o pesquisador tem sobre os eventos comportamentais; e iii. grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimento contemporâneos.

Dessa forma, se retorna à problemática da presente dissertação, ou seja, refletir sobre o impacto que o programa de intervenção cromática do Largo da Ordem causa no imaginário paisagístico dos frequentadores. Respondendo às questões: como esse programa tem impactado o imaginário paisagístico da população; e como essa paisagem é lida. Trata-se de evento que não exige controle, além de serem

fenômenos contemporâneos, ou seja, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real.

QUADRO 1: Resume e auxilia na escolha da estratégia de pesquisa

Método	Tipo de questão de pesquisa	Exige controle dos eventos comportamentais?	Enfoca eventos contemporâneos?
Experimento	Como? Por quê?	Sim	Sim
Levantamento	Quem? O quê? Onde? Quantos? Quanto?	Não	Sim
Análise de Arquivos	Quem? O quê? Onde? Quantos? Quanto?	Não	Sim/Não
Pesquisa Histórica	Como? Por quê?	Não	Não
Estudo de Caso	Como? Por quê?	Não	Sim

FONTE: Yin (2015), A autora (2023).

Segundo Gil (2008), o estudo de caso é caracterizado pelo estudo aprofundado de um ou poucos objetos, ou seja, um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro da realidade vivida. Para definição do objeto empírico, teve-se em mente Andreotti (2012), a qual considera que a paisagem contém o cruzamento da vivência do homem no espaço, no tempo e os seus usos, e ressalta que essa densidade histórica é especialmente evidente nos centros históricos, onde estão concentrados os bens culturais e as referências do imaginário social. Com isso, o estudo de caso proposto teve como recorte o Largo da Ordem, no município de Curitiba-PR. Como caracterizado nos capítulos anteriores, o Largo faz parte do Setor Histórico, que abrange algumas das edificações mais antigas de Curitiba que datam a partir do século XVIII (BONZATTO; POLICHUK, 2014).

Visando compreender a subjetividade da percepção da paisagem, em sua tese, Veras (2014), busca exteriorizar as paisagens que existem nas pessoas, “sugerindo ao sujeito, colocar para fora suas paisagens ‘de dentro’” (VERAS, 2014, p. 160). A autora busca capturar a noção de paisagem urbana considerando a sua conservação, através da identificação de paisagens-postais na cidade do Recife, a partir da “imagem” e da “palavra”. O uso da “imagem” e da “palavra” para extrair a paisagem das pessoas se reforça na consideração de Besse (2014, p. 14), na qual a paisagem “é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em um papel ou no solo”.

Tendo como inspiração o uso da “imagem” e da “palavra” como linguagem utilizada por Veras (2014), adotou-se a coleta de dados através do uso de dados

visuais para entrevistas semiestruturadas, utilizando-se da sobreposição entre conversas guiadas e o uso da técnica de foto-elicitación. Este cruzamento de uso de métodos distintos é possível em virtude da adequação que a abordagem qualitativa apresenta (VERAS, 2014). Somada à consideração de Besse (2014, p. 16) sobre a paisagem ser “pensada, descrita, falada, antes de ser vista e representada”, a entrevista foi dividida em dois momentos: 1) a paisagem e a palavra (onde ela é “pensada, descrita e falada”); 2) a paisagem e a imagem (onde ela é “vista e representada”).

De acordo com Yin (2016), a mesma pessoa pode ser entrevistada em três momentos: na primeira entrevista poderia cobrir a história de vida do participante; na segunda, os eventos envolvidos no tema de estudo; e na terceira poderia abranger as reflexões do participante sobre o significado de suas experiências. Dessa forma, adotou-se uma etapa introdutória para coleta dos dados do participante, resultando na entrevista composta por três atos: PARTE 1 - Identificação do participante; PARTE 2 - A paisagem e a palavra; e PARTE 3 - A paisagem e a imagem. Pensou-se nessa ordem de maneira que não fossem fornecidas informações sobre as cores dos centros históricos de forma prévia, pois essa informação poderia chamar a atenção do entrevistado para esse aspecto.

De acordo com Gerhardt *et al.* (2009), uma das características da pesquisa qualitativa é a hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar. Assim, a coleta de dados em campo busca a descrição da paisagem feita pelo participante através de entrevista semiestruturada, ou seja, a exteriorização da paisagem através da palavra; em seguida passa-se a compreensão do que foi descrito pelo entrevistado através da análise dos dados coletados abarcando os desdobramentos dos diversos olhares para a mesma paisagem. Visando compreender a subjetividade da percepção da paisagem, tanto como as paisagens são exteriorizadas através da palavra, quanto como é o impacto das transformações cromáticas da paisagem através da imagem.

3.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista é a oportunidade de interagir com pessoas e mundos que não seriam acessíveis de outras maneiras, assim como a paisagem que existe dentro de cada um. Trata-se de uma forma de obter informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem, desejam, bem como explicações e razões (GIL,

2008). É uma técnica de interação social, uma forma de coletar dados que não estão documentados e podem ser obtidos através de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra é vista com a fonte de informações (GERHARDT et al., 2009).

Sobre os níveis de estruturação, existem variados tipos de entrevistas. Gil (2008) afirma que as entrevistas mais estruturadas visam um maior grau de resposta a serem obtidas, enquanto as menos estruturadas ocorrem de forma mais espontânea, sem a necessidade de um modelo preestabelecido de questionário. De acordo com Kapp (2020) quase todas as entrevistas nomeadas semiestruturadas se encaixariam na categoria geral da entrevista guiada. A entrevista guiada geralmente se inicia com uma pergunta mais abrangente e, dependendo da resposta do participante, o pesquisador adapta a ordem e o formato das perguntas seguindo o seu roteiro por temas ou categorias que devem ser abordados.

Próxima a esta ideia Gil (2008) intitula “entrevista focalizada” quando o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas caso este se desvie da temática, o entrevistador deve conduzir a conversa de volta à temática. Segundo o autor, é uma estratégia de coleta de dados com o objetivo de explorar alguma experiência vivida, como é o caso da exteriorização da paisagem, já que essa leitura é consequência de todas as experiências de vida do entrevistado. Minayo (2002) reforça que não significa que se trate de uma conversa despreziosa, uma vez que objetiva na coleta de fatos relatados pelo participante, tipos de dados relacionados aos valores, às atitudes e às opiniões do sujeitos entrevistados. Os participantes são sujeitos e falam a partir de sua subjetividade, a ser respeitada e reconhecida, a pesquisa pretende elucidar relações entre pessoas e espaços.

O roteiro, utilizado na entrevista guiada, é uma lista dos tópicos que devem ser abordados pelo entrevistador, permitindo flexibilidade em relação à ordem das questões, possibilitando o surgimento de novas questões durante a entrevista (GERHARDT et al., 2009). Os autores ainda sugerem levar em consideração o tempo previsto em cada área e temática; a formulação de perguntas visando evitar respostas dicotômicas; e a atenção em manter o controle e foco nos objetivos propostos. Para fazer o registro das respostas de modo confiável, Gil (2008) sugere que pode ser feito através de anotações ou com o uso do gravador. A primeira opção tem o lado negativo dos limites da memória humana, além da distorção devido a elementos subjetivos.

Dessa forma, o gravador é a melhor opção, porém a gravação deve ser consentida pelo entrevistado.

Para a coleta das entrevistas, foram definidos quatro campos no Largo da Ordem que coincidem com os quatro acessos pedonais existentes, como ilustrado na FIGURA 44. Foi utilizada a estratégia de permanecer por 1 hora em cada campo em diferentes dias da semana e períodos do dia. A partir disso, entrevistou-se a primeira pessoa que adentrasse no campo em vigor no momento. Com o objetivo de evitar a seleção inconsciente do entrevistado, foi dado um intervalo de 5 minutos desde a última entrevista, e em seguida abordava-se uma nova pessoa, sendo a primeira que cruzasse o campo de entrevistas do momento. Na situação em que a pessoa se recusasse a participar da entrevista, a abordagem continuava até que um participante aceitasse colaborar com a pesquisa. Para as entrevistas dos comerciantes e trabalhadores do comércio local, as abordagens foram feitas dentro das lojas, sendo que nessas situações as entrevistas não apresentam o número do campo.

FIGURA 44: Esquema ilustrando os quatro campos – elipses azuis – definidos para coleta das entrevistas.



FONTE: Ortofoto IPPUC (2022), montagem feita pela autora (2023).

Como foi exposto anteriormente, a entrevista foi composta por três atos: PARTE 1 - Identificação do participante; PARTE 2 - A paisagem e a palavra; e PARTE 3 - A paisagem e a imagem. O roteiro na íntegra, com as informações e questões propostas, encontra-se ao fim da dissertação, no Apêndice B. Nos subcapítulos a seguir, cada parte será desenvolvida em específico.

3.2.1 PARTE 1 | IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

A presente pesquisa focou na investigação da leitura da paisagem a partir dos olhares dos leitores. Como proposto por Duncan (2013), a paisagem possui uma definição objetiva semelhante à de um texto escrito. Se distancia das intenções de seus autores e, em termos de impacto social, as várias leituras de paisagens importam mais do que quaisquer intenções autorais. Com isso, o grupo abordado nas entrevistas são leitores, pessoas que vivenciam e interpretam o texto da paisagem. Dessa maneira, a pesquisa considera que as pessoas que trabalham na prefeitura, nas secretarias, nos demais órgãos institucionais sejam possíveis produtores da paisagem, ou seja, poetas que atuam na inscrição dos textos na cidade. Com isso, esses autores da paisagem não serão abordados nas entrevistas.

Veras (2014) trabalha com três grandes grupos: o Grupo 1, os que pensam a Paisagem pela Transformação (arquitetos e técnicos); o Grupo 2, os que pensam a Paisagem pela Percepção (fotógrafos, cineastas, pintores, escritores); e Grupo 3, os que pensam a Paisagem pelo Consumo (moradores e comerciantes). Como dito anteriormente, o foco é compreender o impacto da transformação cromática no imaginário dos usuários que vivem a e da paisagem, usuários que de alguma forma a consomem. Dessa forma, o foco aponta para o Grupo 3 proposto pela autora. Por se tratar de perfis que vivenciam a paisagem com diferente intensidade, profundidade, assiduidade, conhecimento da cultura e conseqüentemente do poema que está inscrito na paisagem, partiu-se da ideia de que as leituras de paisagem provavelmente refletiriam essas diferentes relações. Com isso, para cada perfil se deveria obter uma leitura da paisagem distinta das demais.

Em um primeiro momento, a pesquisa adotou 3 grupos visando atingir essa variedade de pontos de vistas com diferentes percepções e leituras da paisagem para as entrevistas, os quais foram divididos da seguinte maneira: Grupo 1, os comerciantes e trabalhadores do Largo da Ordem; Grupo 2, os moradores de Curitiba e Região Metropolitana; e Grupo 3, os turistas. Porém, o pré-campo e a coleta de dados inicial mostrou que os turistas são ínfimos, situação que causa um pouco de estranheza e não se compreende, pois apesar de a cidade ser irrigada de turistas eles não surgiram na coleta de dados, o que levou à exclusão desse grupo. Com isso, o foco se manteve nos dois consumidores: comerciantes e trabalhadores do Largo; e moradores de Curitiba e Região Metropolitana.

A questão da amostragem e saturação em pesquisa qualitativa é um tópico de grande importância que requer uma análise mais aprofundada. Estabelecer o número de entrevistas necessárias para atingir a saturação, ou seja, o ponto em que novas entrevistas não acrescentam informações substanciais, é um desafio metodológico. Autores como Gerhardt *et al.* (2009) e Minayo (2002) defendem a ideia de que a pesquisa qualitativa busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, priorizando a profundidade e a riqueza das informações em detrimento da representatividade numérica. Nesse sentido, a amostra qualitativa não deve ser determinada com base em números fixos de entrevistas, mas sim por meio de uma abordagem reflexiva que considere a diversidade e a relevância dos participantes, assim como o contexto e os objetivos da pesquisa.

Embora não exista um consenso absoluto sobre o número ideal de entrevistas, alguns estudiosos sugerem faixas de valores como referência. Bardin (1977) propõe um intervalo entre 15 e 30 entrevistas, enquanto Bauer e Gaskell (2008) mencionam um limite máximo entre 15 e 25. No entanto, é importante ressaltar que essas sugestões devem ser consideradas como orientações gerais e não como regras rígidas. O foco principal, de acordo com Minayo (2017), deve ser a busca pela saturação, ou seja, a coleta de dados até que surjam poucas ou nenhuma nova informação relevante. A qualidade das interações e a profundidade da compreensão alcançada são mais significativas do que o número absoluto de entrevistas realizadas. É fundamental que o pesquisador esteja atento às nuances do fenômeno em estudo e às características do grupo social em questão, garantindo que a amostra seja representativa o suficiente para capturar as múltiplas perspectivas e experiências relevantes.

Durante esta fase inicial da coleta de dados, seguindo as orientações de Gil (2008), é recomendado adotar uma abordagem amigável, discutindo tópicos de interesse do entrevistado. O entrevistador deve então explicar o propósito de sua visita, o objetivo da pesquisa, o nome da instituição envolvida e sua relevância para a comunidade, enfatizando também a importância da colaboração pessoal do entrevistado. É fundamental estabelecer, desde o primeiro contato, que a entrevista será tratada de forma confidencial e que as informações fornecidas serão mantidas em anonimato.

A abordagem inicial consistiu na apresentação da autora, mencionando seu nome e formação em arquitetura e urbanismo. Foi informado que se tratava de uma pesquisa de mestrado em Geografia, com o objetivo de compreender as diferentes perspectivas sobre o Largo da Ordem. Um resumo genérico foi fornecido para evitar influenciar ou direcionar o olhar dos participantes para a questão da cor na paisagem.

Com essa introdução padrão, o entrevistado foi informado de que o gravador seria ligado, e deu-se início à primeira parte da entrevista, com o objetivo de identificar o participante. Durante essa etapa, foram coletados dados objetivos, como nome, profissão, idade, local de residência e local de trabalho. Solicitou-se também a assinatura caso o participante concordasse em ser mencionado na pesquisa. A abordagem dos comerciantes ocorreu dentro das lojas e bares localizados no Largo da Ordem. Já os moradores foram abordados nos quatro campos propostos anteriormente.

3.2.2 PARTE 2 | A PAISAGEM E A PALAVRA

Com o objetivo de explorar a paisagem *in loco* para entender a percepção da paisagem e o aspecto visível do espaço. De acordo com Ferrando (2012), a paisagem é um mediador cultural, ou seja, uma convenção que varia de uma sociedade para outra, manifestando-se nas diferentes interpretações que os observadores individuais, ou em grupos culturais, formam de um determinado espaço. Portanto, a paisagem só existe quando há uma interpretação por trás dela, não sendo somente um lugar físico, mas o nó ou cruzamento de uma série de ideias, sensações e sentimentos desenvolvidos a partir da observação de um entorno e seus elementos. Assim, a paisagem oferece informações ao observador que são captadas, organizadas ativamente e trabalhadas no cérebro, onde lhes são atribuídos significados diversos para cada leitor.

Explorando os aspectos da linguagem falada, inicia-se a captura da noção de paisagem por meio da palavra, a ideia de desencadear reflexões, comentários diante da paisagem existente. Cosgrove (2004) afirma que para compreender as expressões impressas por uma cultura na sua paisagem, é necessário o conhecimento da “linguagem” utilizada, os símbolos e os significados. No romance “As Cidades Invisíveis” de Italo Calvino (2003), em um dos diálogos fantásticos de Marco Polo, o viajante enfrenta dificuldades com a língua da cidade de Ipásia. Após ter questionado

o sábio local, obtém a resposta que “os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer”. A partir desse momento, o narrador compreende que ele deve se libertar das imagens preconcebidas até então, só dessa forma seria capaz de compreender a linguagem local. Essa liberação e o aprofundamento na cultura que criou os símbolos possibilitam a interpretação dos signos culturais.

Para compreender uma paisagem, Nogué (2008) menciona que é necessário entender suas representações escritas e orais não apenas como decorações dessa paisagem, mas como imagens impregnadas de significados. O mundo e seus múltiplos lugares e paisagens podem ser lidos como textos. Dado que tal interpretação não é imutável nem inquestionável, mas variável e prolixa, a proposta consistiu em examinar como tais textos são lidos por seus múltiplos leitores, com base nos dois grupos definidos anteriormente. Convidando o participante a observar a paisagem do entorno, no meio tempo seguiu com perguntas que o estimulasse a traduzir em palavras a sua percepção da paisagem, exteriorizando a sua paisagem interior. O objetivo era compreender como a paisagem é percebida pela pessoa: Pelos usos? Pelos aspectos estéticos? Pela descrição física? Através de qual sentido foi feita a descrição? A cor foi percebida? Que adjetivos foram usados?

A “Paisagem e a Palavra” forneceu a leitura subjetiva de diferentes indivíduos sobre a paisagem, ou seja, diferentes leitores interpretam o mesmo poema ou texto produzidos pela mesma cultura e sociedade, dessa forma exteriorizando a paisagem que existe dentro de cada pessoa, tendo como objetivo investigar a leitura de cada leitor do mesmo poema.

3.3 FOTO-ELICITAÇÃO

A técnica de foto- elicitação é o uso de imagens fotográficas como instrumento para despertar memórias ou provocar comentários ao longo de uma entrevista semiestruturada (BANKS, 2009). Está técnica explora a imagem como instrumento que desencadeia o processo de reflexão. Diante da imagem, facilita-se o processo de extração de informações. Para Harper (2002 apud MENDONÇA; VIANA, 2007) a foto- elicitação pode auxiliar na superação da dificuldade que envolve as entrevistas, pois essa técnica está baseada em imagens que são, de modo geral, compreendidas por ambas as partes envolvidas no processo de entrevista.

A foto-elicitación é uma metodologia qualitativa que utiliza imagens como auxiliares para o desenvolvimento de uma entrevista, o que ajuda o pesquisador a se aproximar dos sujeitos de pesquisa. Banks (2009) reforça que a imagem informa, elucida, documenta, acrescenta valor e sentido ao fenómeno em si, e aponta duas razões principais para utilizar a análise de dados visuais na investigação qualitativa: o fato de as imagens serem omnipresentes na sociedade contemporânea; e a possibilidade de revelar novas perspectivas sociológicas que não estão acessíveis através da utilização de outros tipos de dados, ou seja, a ideia de acessar a paisagem 'de dentro' comentado por Veras (2014).

3.3.1 PARTE 3 | A PAISAGEM E A IMAGEM

A leitura da paisagem é um exercício que exige observação e exploração por parte do observador, permitindo a descrição do que se observa, a paisagem pode ser lida pelas suas cores, texturas, elementos, formas. O exercício de leitura da paisagem através de imagens fotográficas foi feito com base em dois exercícios.

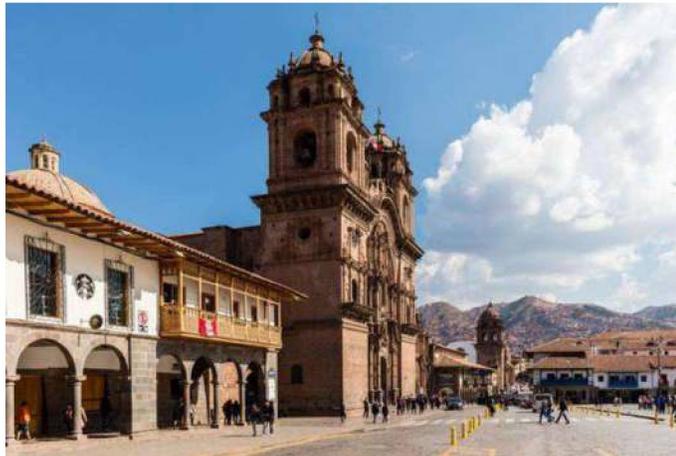
No primeiro exercício, através da foto-elicitación, foram apresentadas ao participante 6 fotografias de paisagens de centros históricos: 3 com paisagens brasileiras com centros históricos coloridos (FIGURA 45); e 3 com áreas históricas monocromáticas pela América Latina (FIGURA 46). Com isso, foi proposto um comparativo entre cidades latinas, com histórias similares e centenárias. Foi deixada à disposição do participante para que ele pudesse manuseá-las, e aguardado alguns segundos para que ele pudesse observar todas elas. Dando sequência ao exercício, foi solicitado que o entrevistado separasse as 6 fotografias em dois grupos e justificasse a motivação das escolhas. Questionou-se ao participante se alguma das fotografias se assemelhava ao Largo da Ordem, em caso positivo, qual ou quais delas se assemelhava e a justificativa da escolha. Como última interação com as 6 fotografias, foi requerido para que o entrevistado selecionasse as 3 fotografias preferidas e embasasse a decisão.

FIGURA 45: Paisagens brasileiras coloridas: Ladeira de Santa Efigênia, Ouro Preto – MG; Pelourinho em Salvador – BA; Paraty – RJ.



FONTE: Pontes (2021); Bazote (2014); Paraty Online (2012).

FIGURA 46: Paisagens da América Latina monocromática e com cores mais claras: Praça das Armas, Santiago – Chile; Praça de Armas, Cusco – Peru; Praça da Independência, Quito - Equador



FONTE: Eco (2023); Obscura (2023).

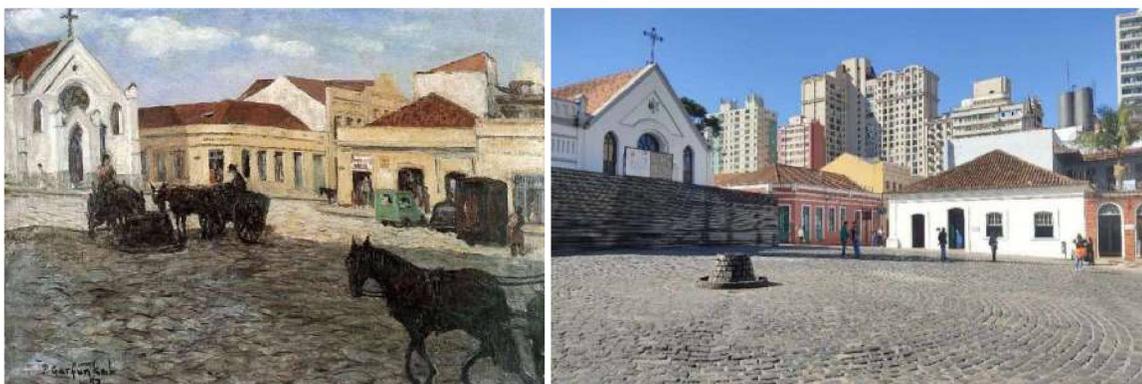
No segundo exercício, ainda utilizando a técnica de foto-elicitación, foram apresentadas aos entrevistados 6 fotografias antigas (FIGURA 47, FIGURA 48 e FIGURA 49, FIGURA 50, FIGURA 51 e FIGURA 52,) do Largo da Ordem de forma que o participante pudesse fazer uma leitura comparativa sobrepondo a paisagem antiga à paisagem contemporânea.

FIGURA 47: Casa Vermelha em 1913 e em 2023. Apesar de ser uma fotografia preta e branca nota-se que o contraste entre as cores da parede e dos ornamentos não é a mesma dos dias de hoje, da mesma forma que o tom do vermelho utilizado é mais pigmentado e escuro do que a cor preexistente.



FONTE: Perin (2019); Acervo da autora (2023).

FIGURA 48: Pintura de Paul Garfunkel em 1957, óleo sob tela; e a realidade dos dias de hoje em 2023. Nota-se a substituição das cores nas fachadas da Casa Orion e da Casa Romário Martins, além do crescimento da cidade ao fundo.



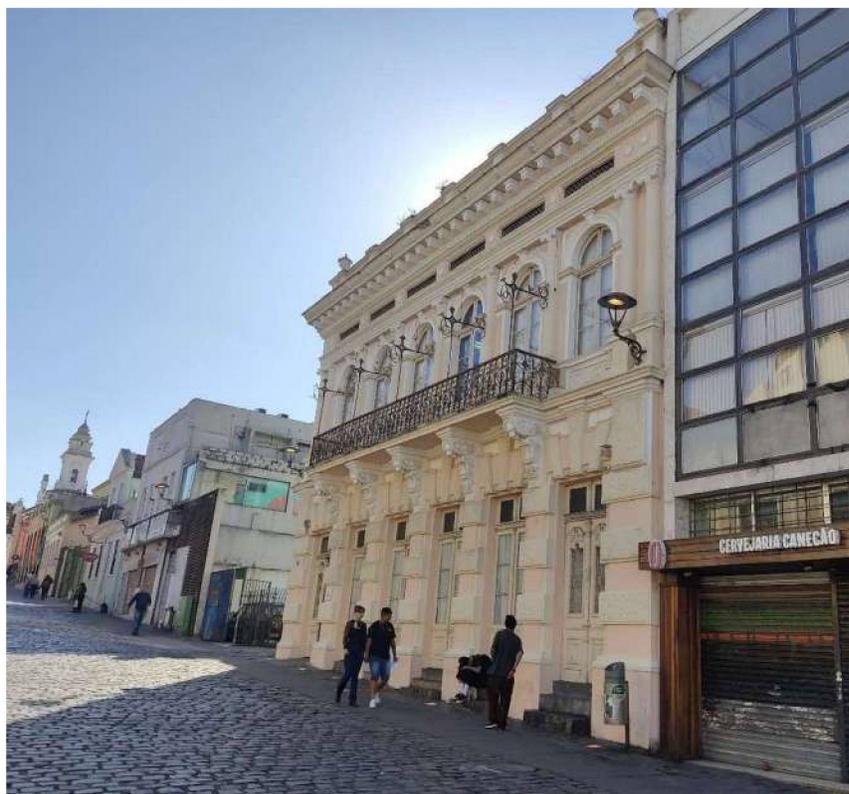
FONTE: Solar do Rosário (2001); Acervo da autora (2023).

FIGURA 49: Casa Romário Martins, na década de 1960 quando era o Armazém Roque; atualmente.



FONTE: Perin (2019), Acervo da autora (2023).

FIGURA 50: Casa Hoffmann na década de 1990; e Casa Hoffmann nos dias atuais. Nota-se a diferença do contraste entre as cores utilizadas nos ornamentos.



FONTE: Acervo Casa da Memória; Acervo da autora (2023).

FIGURA 51: Rua São Francisco, em primeiro plano à direita a Casa Orion e mais ao fundo a Igreja da Ordem, já do lado esquerdo em primeiro plano a atual Casa da Memória e ao lado a Casa Romário Martins, mais ao fundo a Casa Strobel, em 1945 e em 2023.



FONTE: Ciffoni; Sutil; Baracho (2006); Acervo da autora (2023).

FIGURA 52: Rua São Francisco esquina com a Rua Mateus Leme e o Largo da Ordem. Em primeiro plano à direita a Casa Romário Martins e à esquerda a Casa Orion, em 1945 e nos dias de hoje.



FONTE: Acervo Casa da Memória; Acervo da autora (2023).

Foi informado para o participante que se tratavam de fotografias antigas do mesmo local onde estava ocorrendo a entrevista, e foram referenciadas as edificações das fotografias com as edificações na paisagem atual, assim como ilustrado no comparativo acima. Alguns segundos depois, foi questionado se o indivíduo identificava alguma transformação entre a paisagem antiga da fotografia e a paisagem real, e qual seria essa ou essas transformações, buscando compreender o que salta aos olhos de cada indivíduo e se a cor estaria entre os aspectos percebidos. No caso de a pessoa titubear ou ser conciso na resposta, foi estimulado ao entrevistado

observar e refletir um pouco mais, comparando as fotografias com a realidade. Após uma resposta que atendesse ao objetivo da etapa, foi indicado ao participante o cerne da pesquisa, envolvendo a pasteurização da cultura através da transformação cromática de centros históricos pelo Brasil.

Com “as cartas na mesa”, foi pedido ao entrevistado se ele havia percebido as cores vibrantes nas fachadas. Também foi questionado se ele acreditava que a alteração cromática da paisagem tivesse gerado algum impacto na sua leitura de paisagem. Os acontecimentos nos chegam diretamente por meio dos sentidos, ou podem ser adquiridos de maneira indireta, ou seja, transmitidos pela escola, pessoas, livros, meios de comunicação, palavras escritas e verbais: são modos de ver e de vivenciar. E seria esse o objetivo: propor a reflexão sobre as alterações cromáticas que vem ocorrendo em Curitiba há mais de 25 anos, e levantar a bandeira da homogeneização das paisagens pelo Brasil, comparando com as fotografias do primeiro exercício. Para finalizar a entrevista, foi solicitado ao participante que expusesse o que ele gostaria que fosse feito no Largo para que o espaço fosse mantido para as gerações futuras. Novamente surgiu a subjetividade de cada indivíduo de acordo com o modo em que vê a paisagem do Largo, de acordo com a forma que a atravessa e se apropria.

A “Paisagem e a Imagem” retratou a representação cultural e social da paisagem a partir do seu viés visual. O objetivo foi investigar se cada grupo e cada indivíduo desse grupo identifica a reprodução cromática que vem acontecendo em Curitiba e no Brasil. Ocorre pasteurização da cultura e das paisagens brasileiras? Até que ponto as cores não refletem a identidade local? O que os entrevistados acham das cores? Eles notaram as cores?

3.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A metodologia adotada nesta pesquisa qualitativa visou uma análise aprofundada dos dados coletados. Inicialmente, foi realizado um teste das entrevistas para identificar possíveis ajustes, modificações e esclarecimentos necessários. Isso permitiu determinar o tempo necessário e aprimorar a abordagem utilizada. Durante essa fase inicial, observou-se a ausência de turistas durante os períodos diurnos e noturnos nos dias de semana, o que levou à decisão de excluí-los como grupo de interesse.

As entrevistas foram planejadas para ocorrer em diferentes dias da semana e horários, com o objetivo de obter uma visão abrangente dos diversos públicos que frequentam e passam pelo Largo da Ordem. A coleta de dados ocorreu ao longo de 4 dias da semana: sexta, sábado, domingo e segunda.

As primeiras entrevistas foram realizadas em uma sexta-feira ensolarada. O levantamento foi feito durante os períodos da manhã e fim da tarde, quando as temperaturas seguiam agradáveis. Essa abordagem inicial permitiu obter uma perspectiva das pessoas que frequentam o Largo em diferentes momentos do dia.

Inicialmente tinha-se planejado retornar ao Largo no domingo para entrevistar os comerciantes e moradores durante a Feira do Largo. No entanto, devido ao dia chuvoso, optou-se por adiar a visita. Durante esse intervalo, aproveitou-se para organizar e analisar os dados coletados até então. Retomou-se as entrevistas no sábado seguinte, por volta do meio-dia, momento em que o Largo apresenta um fluxo maior de pessoas, coincidindo com a abertura do comércio local.

No dia seguinte, também próximo ao meio-dia, retornou-se ao Largo com a expectativa de se entrevistar comerciantes e feirantes que estariam presentes no domingo. Alguns comerciantes não puderam participar das entrevistas devido ao alto fluxo de clientes naquele momento. Diante disso, foi proposto retornar na segunda-feira, quando os bares estariam mais tranquilos. Seguindo o combinado, na segunda-feira, após o horário de almoço, foram realizadas as últimas entrevistas.

É interessante notar que, nos dias de entrevista, o clima estava favorável, com um típico dia de outono curitibano, caracterizado por céu azul, sol e temperatura amena. Essa condição climática cria um ambiente convidativo para que as pessoas circulem pela cidade a pé, aproveitando as atrações locais.

Além disso, a pausa após o primeiro dia de entrevistas coincidiu com o feriado nacional de Corpus Christi. Nesse dia, uma procissão estava prevista para ter início na Catedral de Curitiba, que fica ao lado do local onde as entrevistas foram realizadas. Compreendendo a singularidade desse evento, optou-se por não realizar entrevistas nesse dia específico. Essa decisão foi tomada pois a realização das entrevistas poderia ser afetada pela dinâmica alterada da cidade durante a celebração.

Ao final de cada dia de entrevistas, houve uma prévia organização dos documentos e tratamento das entrevistas, permitindo uma compreensão preliminar

das leituras emergentes. Paralelamente, deu-se início ao processo de transcrição das entrevistas, as quais se encontram disponíveis como Apêndice D.

Foram realizadas 29 entrevistas, atingindo a saturação quando novas entrevistas não forneciam informações substanciais. Observou-se que os grupos não apresentavam visões antagônicas; pelo contrário, os discursos começaram a se repetir, com apenas alguns poucos casos divergentes em relação à leitura geral. Assim que foi alcançada uma densidade relevante de informações para análise, as entrevistas foram encerradas, dando início à segunda etapa de organização dos dados coletados.

Na segunda etapa, elaborou-se uma tabela que sintetizava as leituras e percepções de cada participante por meio de palavras-chave ou frases-chave. Essa abordagem proporcionou uma visão ampla da análise de cada indivíduo e grupo, bem como das comparações entre os indivíduos e os dois grupos em estudo. A tese de Rosaneli (2009), que examina as "semelhanças e assimetrias" e "particularidades" identificadas ao longo da coleta de dados, serviu como inspiração para as análises.

Dessa forma, a análise foi conduzida de acordo com a "(Des)encontros no modo de ver o Largo", que foi subdividido em três partes, correspondentes aos três momentos propostos no roteiro de entrevista: Identificação do Participante; A Paisagem e a Palavra; e A Paisagem e a Imagem. O objetivo dessas análises foi compreender as paridades e discrepâncias nos perfis dos participantes, nas formas de leitura da paisagem e na percepção das transformações ocorridas nesse contexto.

CAPÍTULO 04 | (DES)ENCONTROS NO MODO DE VER O LARGO

Mas sim, sim, meu querido, pense bem: um minuto atrás, antes que esse caso acontecesse com você, você era outro; não apenas isso, mas você também foi uma centena de outros, cem mil outros. E não há nada a ver com isso, acredite em mim, não é de admirar. Em vez disso, veja se lhe parece que você pode ter tanta certeza de que daqui para amanhã você será o que você pensa que é hoje. Minha querida, a verdade é esta: são todas fixações. Hoje você olha para um lado e amanhã para outro²⁷ (PIRANDELLO, 2005, p. 33)

²⁷ Mas sì, ma sì, mio caro, pensateci bene: um minuto fa, prima che vi capitasse questo caso, voi eravate un altro; non solo, ma voi eravate anche cento altri, centomilla altri. E non c'è da farne, credite a me, nessuna meraviglia. Vedete piuttosto se vi sembra di poter essere così sicuro che di qui a domani sarete quel che assumete di essere oggi. Caro mio, la verità è questa: che sono tutte fissazioni. Oggi vi fissate in un modo e domani in un altro (PIRANDELLO, 2005, p. 33).

A análise dos dados coletados nesta dissertação busca desvendar os encontros e desencontros no modo de ver a paisagem do Largo da Ordem, extraindo a subjetividade da leitura da paisagem, levando em consideração as diversas abordagens do conceito de paisagem e sua relação com a memória e a cor no patrimônio cultural. A paisagem, como herança coletiva, carrega valores históricos e de memória, sendo compreendida como um poema que pode ser interpretado de diferentes maneiras por cada indivíduo. A compreensão da paisagem no contexto do patrimônio cultural está ligada ao conceito de patrimônio e sua relação com a cultura, sendo a paisagem um elemento fundamental desse legado cultural. No entanto, ao longo do tempo, houve diferentes intervenções cromáticas na paisagem no contexto do patrimônio cultural, levantando preocupações sobre a preservação da identidade e particularidade das cidades.

Para compreender essas questões, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas e a técnica de foto-elicitação. As entrevistas permitiram aos participantes expressarem suas percepções e experiências em relação à paisagem através da palavra, enquanto a foto-elicitação proporcionou uma oportunidade de explorar a relação e a percepção entre a paisagem e a imagem. A pesquisa foi conduzida em um estudo de caso único, com foco no Largo da Ordem, em Curitiba, a fim de analisar o impacto das transformações cromáticas nessa paisagem e compreender as interpretações dos participantes.

A análise dos dados coletados fornecerá *insights* sobre a relação entre a cor, a memória e a identidade cultural na paisagem, bem como as implicações das intervenções cromáticas no patrimônio cultural. Esses resultados têm o potencial de contribuir para uma abordagem mais crítica e reflexiva em relação à preservação e valorização da paisagem, buscando um equilíbrio entre as transformações estéticas e a preservação da identidade local.

4.1 PARTE 1 | IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

4.1.1 MORADORES

Essa etapa tem como objetivo compreender o perfil dos frequentadores do Largo da Ordem, em que se notou uma ampla faixa etária entre os participantes, abrangendo desde jovens estagiários até aposentados. Isso indica que o Largo é frequentado por pessoas de todas as idades. No entanto, a faixa etária mais antiga foi entrevistada ao longo do dia, principalmente durante a manhã, enquanto os jovens surgiram em maior número durante o período noturno. Assim como a faixa etária, a área de atuação e o local de residência refletem essa diversidade, uma vez que o Largo é frequentado por moradores de diversos bairros de Curitiba, e até mesmo da Região Metropolitana.

A maioria dos participantes frequenta o Largo com certa regularidade, muitos deles diariamente, enquanto outros o fazem com uma frequência semanal ou mensal. A passagem pelo Largo geralmente ocorre como uma ligação entre o local de moradia e o trabalho, ou entre o terminal de transporte e o trabalho. Dessa forma, o Largo se configura como um corredor de conexão e a maioria dos participantes não permanece no local, não ocorrendo interação significativa. Isso torna difícil a criação de uma memória individual, já que poucos eventos e acontecimentos ocorrem nesse curto intervalo de tempo. Alguns poucos participantes frequentam o Largo para lazer, e aqueles que o fazem são principalmente jovens que vivenciam o espírito boêmio do espaço. Entre as pessoas mais velhas, a passagem pelo Largo é motivada por interesse religioso ou pela conexão com os brechós da região. Alguns entrevistados mencionaram a Feira do Largo da Ordem, que ocorre aos domingos, como uma motivação para visitar o Largo.

Entre as curiosidades observadas, dois participantes apresentam uma relação peculiar com o Largo. Um dos entrevistados encontra-se desempregado e, como resultado, não possui uma moradia fixa, dormindo em espaços públicos, inclusive no Largo da Ordem. Ele frequenta o Largo a cada dois dias, pois nas redondezas existe uma casa de apoio onde ele pode tomar banho, se alimentar e fazer compras no bazar. A segunda participante, Celina, mora ao lado do Largo e tem uma relação diária com o local. Como artesã, ela expõe sua arte pelas praças de Curitiba, e o Largo serve como cenário para suas exposições ao ar livre.

4.1.2 COMERCIANTES

Ao analisar o perfil dos comerciantes e trabalhadores do Largo da Ordem, observa-se uma diversidade de faixas etárias, abrangendo desde jovens até idosos. No entanto, é notável que as pessoas mais velhas desempenham papéis específicos, como proprietários de bares, comerciante (da única loja do Largo) ou artesãos da Feirinha de Domingo. Por outro lado, a grande parte dos jovens desempenha funções de empregados, trabalhando na prestação de serviços e atendimento nos bares. Muitos desses jovens residem nas proximidades do Largo, nos bairros situados ao redor do Setor Histórico, enquanto a maioria dos comerciantes mais velhos reside em bairros mais distantes.

A grande maioria dos comerciantes frequenta o Largo diariamente devido às suas ocupações, enquanto alguns comparecem algumas vezes por semana, geralmente a partir das quartas-feiras, que é quando ocorre o maior fluxo de clientes. É interessante observar que poucas pessoas retornam ao Largo nos dias de folga, mas quando o fazem, é principalmente para visitar a Feirinha de domingo.

4.2 PARTE 2 | A PAISAGEM E A PALAVRA

Almeja-se obter uma compreensão mais aprofundada da leitura da paisagem do Largo, explorando a abordagem paisagística adotada, bem como o entendimento do conceito de paisagem em si. Verificou-se uma sobreposição de interpretações e repetição de respostas nas questões sobre "o que é o espaço do Largo" e a "descrição do Largo", uma vez que muitas vezes foram compreendidas de maneira semelhante. Frequentemente, a última pergunta sobre a descrição do Largo da Ordem foi respondida relacionando-se aos seus usos, o que levou à reformulação da pergunta, buscando uma descrição mais concreta e física do local.

Quando questionados sobre "o que seria o Largo da Ordem", várias pessoas enfatizaram sua atmosfera boêmia e sua função como ponto de encontro e área de lazer. Isso fica evidente nas declarações de diferentes indivíduos, como Marjorie, que observou que as pessoas frequentam o local principalmente por causa dos bares e da vida social que eles proporcionam. Marcel, por exemplo, mencionou que visita o Largo exclusivamente para se divertir nos bares e tomar uma cerveja, enquanto Marcos descreveu o espaço como tendo pubs interessantes e uma variedade de cervejas

artesanais. Jonatas resumiu o Largo da Ordem como um lugar com muitas opções para desfrutar de cervejas e se divertir bebendo.

Outros participantes destacaram o Largo como um espaço multicultural, enfatizando seus usos culturais e religiosos. Segundo Viviane, o Largo representa a mistura de culturas e línguas, descrevendo-o como um lugar genuinamente cultural. Renan adotou uma perspectiva semelhante, descrevendo-o como uma mistura de tudo o que envolve uma sociedade urbana, onde todas as culturas estão mais concentradas no centro. Ele ressaltou que o Largo é um local cultural onde se pode conhecer a história da cidade, abrangendo todas as pessoas, gêneros e classes sociais. Essas diferentes perspectivas revelam a complexidade do Largo da Ordem, retratando-o como um espaço que oferece tanto opções de lazer e convívio social, quanto um ambiente multicultural que abraça a diversidade cultural e histórica da cidade.

Além de Renan, muitos indivíduos destacaram a relevância do Largo da Ordem como Centro Histórico, enfatizando a história da cidade e a presença de arquitetura antiga e edifícios históricos. Patriciane, por exemplo, percebeu os diferentes padrões e a mistura de culturas representadas na paisagem, onde cada indivíduo deixa sua herança. Ela observou que o Largo carrega a história impressa em sua paisagem, sendo um calçadão com casas antigas que refletem o início da cidade. Mesmo que algumas dessas edificações históricas tenham sido reformadas, ainda mantêm a essência da sua origem. Janice também expressou um olhar próximo ao mencionar o "Cavalo Babão", os prédios mais antigos e o calçamento da rua. Uma participante anônima seguiu a mesma linha de interpretação, descrevendo poeticamente a arquitetura preservada como o passado no presente. O Largo foi descrito por Jairo como o "cartão postal de Curitiba" e por Viviane e Gabrielly como o "coração de Curitiba". Essas percepções ressaltam a importância histórica e simbólica do Largo da Ordem para a cidade.

Outra observação relevante refere-se à preocupação manifestada por alguns entrevistados em relação à segurança no Largo da Ordem. Marcel, por exemplo, recomenda cautela ao visitá-lo, enquanto Roseli Ponce ressalta que o Largo possui um lado positivo e bonito, mas também tem seu lado negativo. Essas diferentes facetas do Largo são ilustradas na FIGURA 53 e corroboradas pelo grupo de comerciantes, como os garçons Jonatas e Bruno. Jonatas afirma que, dependendo do

horário, o ambiente pode ser bastante hostil, descrevendo o Largo como um local complexo que passa por grandes transformações ao longo do dia. Durante a semana, ele observa que o ambiente é tranquilo e até bonito de se apreciar, mas à noite se torna completamente diferente e mais inóspito. Bruno reforça essa percepção, destacando a dualidade entre o dia e a noite, com uma realidade diurna voltada para famílias e uma atmosfera noturna voltada para a diversão. Aos domingos, especialmente devido à Feira do Largo, há um aumento significativo no fluxo de pessoas, como evidenciado na comparação apresentada na FIGURA 54.

FIGURA 53: O Largo da Ordem apresenta diversas facetas conforme o dia da semana e horário do dia: sexta-feira ao meio-dia com bares abrindo para o almoço, sexta-feira à noite com vida noturna e presença de artesãos, e domingo de manhã durante a Feira do Largo com grande fluxo de pessoas.



FONTE: Acervo da autora (2023).

FIGURA 54: Outro comparativo mostrando a diferença de fluxo existente no Largo da Ordem entre uma manhã de terça-feira e uma manhã de domingo.



FONTE: Acervo da autora (2023).

Outra particularidade mencionada é a comparação feita por Gabrielly entre o Largo da Ordem e a Vila do Chaves, estabelecendo uma relação com a cenografia e o esvaziamento da paisagem. Essas perspectivas enfatizam a complexidade e as diversas dinâmicas presentes no Largo da Ordem.

Alguns depoimentos despertaram memórias individuais e coletivas, revelando a profundidade do vínculo afetivo com o Largo da Ordem. Roseli Ponce expressa uma nostalgia ao mencionar que acredita que o Largo era ainda melhor no passado. Francisca também compartilha essa perspectiva, afirmando que apesar de ficar triste ao ver as transformações atuais, o lugar ainda guarda suas memórias. Marjorie e Laura estabelecem uma conexão emocional entre a Feirinha e suas memórias pessoais, especialmente relacionadas à infância. Uma delas até menciona uma memória auditiva, lembrando os músicos que tocavam chorinho próximo a Igreja. Francisca e Sérgio compartilham suas memórias individuais de frequentar o Largo durante a juventude, descrevendo-o como um local de encontros e paqueras entre jovens bem-vestidos.

Outros participantes evocam a memória coletiva ligada ao espaço, que carrega consigo as lembranças dos primórdios da cidade e a origem da Feira do Largo da Ordem, que teve início como Feira das Pulgas de acordo com Marjorie. Vários participantes citam os marcos notáveis do Setor Histórico, como o Cavalo Babão e o Relógio das Flores. Essas diversas lembranças individuais e coletivas enriquecem a narrativa do Largo da Ordem como um lugar carregado de significado histórico e emocional.

É importante destacar as percepções dos participantes do grupo comercial, que relacionam o Largo ao sustento financeiro. Para o proprietário da Loja Mister Mundo, é seu "ganha pão", enquanto o garçom Bruno o vê como uma forma de ganhar dinheiro. Para uma feirante, representa um auxílio complementar de renda.

A leitura da paisagem pode ser abordada a partir de diversas perspectivas. De acordo com Berge (1999, p. 10), "a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos e acreditamos [...] Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolhas". Quando os participantes discutem a ideia de paisagem, muitos deles a associam a elementos verdes, à natureza e à vegetação. Francisca expressa essa visão ao descrever paisagem como um lugar tranquilo e com muito verde. Rozeli relaciona paisagem com tudo que é bonito e destaca a presença do verde. Patriciane associa paisagem à mata. Roseli Ponce também menciona a paisagem como um lugar bonito, com ar puro e mata verde. Essa visão destaca a presença de elementos naturais e sua influência na percepção da paisagem.

De acordo com Besse (2014), a paisagem é considerada o ambiente material e vivo das sociedades humanas, transcendendo as significações subjetivas ou sociais. Ela passa a ser vista como um conjunto complexo e articulado de objetos, incluindo o vento, a chuva, a água, o calor, o clima, as rochas, a topografia e a vegetação. Em outras palavras, a paisagem é tudo o que envolve o ser humano, cujo desenvolvimento é influenciado pelo homem, suas ações, emoções e pensamentos.

A perspectiva de que a paisagem é uma expressão do belo, como proposto por Kalinny, está relacionada ao conceito de pitoresco e à imagem do espaço. Jorge afirma que a paisagem é algo bonito, belo, uma harmonia de espaço que enche os olhos. De acordo com Sandeville Júnior (2005), paisagem e imagem estão associadas a um conteúdo cultural, conectando espaço e representação. Nessa construção de significados, surge a ideia de forma e aparência como "a alma do lugar", onde a estetização coloca em destaque a forma das coisas, sendo vistas como paisagem.

Gabrielly propõe uma exploração mais profunda do conceito de beleza, ressaltando que essa noção é relativa e cada pessoa possui suas próprias referências e percepções sobre o tema. A paisagem é compreendida como uma expressão humana, uma imagem que pode ser individual ou coletiva, levando em consideração tanto a subjetividade da percepção quanto os códigos culturais que influenciam nossa compreensão do belo.

Jonatas estabelece uma relação entre paisagem e estética, descrevendo-a como um lugar bonito, onde se pode se maravilhar e apreciar o ambiente ao redor. A conexão entre visão e estética resulta na experiência da paisagem, na capacidade de se encantar e apreciar aquilo que é visualmente percebido.

Dessa forma, a paisagem é compreendida como uma expressão estética carregada de significados culturais e individuais, em que a percepção e interpretação são influenciadas pelas referências pessoais e pelos contextos culturais de cada indivíduo. É um conceito multifacetado, que vai além do simples visual, incorporando elementos arquitetônicos, históricos, culturais e subjetivos, e que pode ser apreciado e interpretado de diferentes maneiras.

A conexão estabelecida entre a paisagem, a história e a imaginação por alguns participantes refletem a valorização do patrimônio histórico e da memória associados a determinados lugares. Através da observação do "casario" e de elementos antigos presentes na paisagem, como prédios históricos e ruas de paralelepípedos, Marilu e Marcos despertam a curiosidade de imaginar como eram a vida e as experiências das pessoas que viveram naquelas épocas passadas.

Nesse contexto, a paisagem é entendida como uma expressão de valores históricos e memórias coletivas. De acordo com Duarte e Santos (2020), a paisagem patrimônio é uma herança compartilhada pela comunidade, que vai além de um simples pedaço de terra. Ela representa marcas da história e estratos de memórias construídas pela interação entre as pessoas e a natureza. Essas marcas e memórias contribuem para a construção da identidade dos lugares, e é importante que as pessoas reconheçam o valor dessas paisagens e se comprometam com sua conservação. Dentro dessa abordagem, alguns participantes relacionam a paisagem à arquitetura, à arte e aos edifícios históricos, destacando a relevância do patrimônio histórico e cultural do Largo da Ordem. A paisagem é considerada uma representação cultural e social, definida a partir do ponto de vista da dimensão mental do ser humano, como um pensamento, uma interpretação ou uma leitura. Portanto, possui um caráter subjetivo.

Porém, essa abordagem também traz à tona a ideia de que a paisagem é uma construção imaginária da identidade de uma nação ou cultura. Embora o valor estético ainda seja relevante, questiona-se seu significado e função dentro da cultura. Algumas paisagens são escolhidas com base em seu valor histórico, natural ou memorial, e

passam a representar uma síntese de um grupo social, muitas vezes apresentadas como estereótipos da comunidade, criando a ideia de pertencimento nacional. Essa abordagem destaca a importância da dimensão histórica e da capacidade de imaginar a evolução da paisagem ao longo do tempo.

É interessante observar as diversas perspectivas apresentadas pelos participantes em relação ao conceito de paisagem. João Felipe destaca a importância da intenção do observador na interpretação da paisagem, sugerindo que a percepção varia de acordo com aquilo que se deseja observar. Por sua vez, Janice adota uma abordagem mais abrangente, considerando que tudo o que está diante dela e ao seu redor faz parte da paisagem.

Além disso, outros participantes trazem à tona a questão da intervenção humana na paisagem. Para João Victor, a paisagem pode ser ou não resultado da intervenção humana. A participante anônima destaca a harmonia entre a arquitetura e a natureza como parte da paisagem. Essas perspectivas levantam o debate sobre a distinção entre paisagem natural e paisagem cultural, bem como a crítica ao dualismo tradicional entre homem e natureza.

Essa diversidade de visões e interpretações enriquece a compreensão da paisagem, evidenciando a sua complexidade e a influência dos valores, sensibilidades e experiências individuais na forma como ela é percebida e significada. A paisagem é um fenômeno multidimensional que envolve tanto elementos naturais quanto culturais, e sua apreensão varia de acordo com o olhar de cada observador.

4.3 PARTE 3 | A PAISAGEM E A IMAGEM

A terceira parte desta pesquisa teve como propósito principal captar a percepção dos participantes em relação à paisagem e compreender se eles identificam a pasteurização das paisagens brasileiras. Além disso, buscou-se investigar se as cores presentes no Largo da Ordem são reconhecidas pelos participantes e qual é o impacto da intervenção cromática nesse contexto no imaginário de cada um.

Ao investigar a possível pasteurização das paisagens brasileiras, procurou-se compreender se os participantes percebem uma homogeneização das características naturais e culturais das paisagens, muitas vezes causada pela influência massiva de padrões estéticos globalizados. Essa abordagem multidimensional permitirá

enriquecer o debate sobre a valorização e a preservação da diversidade paisagística, bem como sobre a importância do contexto cultural na apreciação estética e no imaginário coletivo.

No que se refere à separação em dois grupos das fotografias de centros históricos pela América Latina, a grande maioria dividiu Salvador, Ouro Preto e Paraty em um grupo, enquanto Santiago, Cusco e Quito foram agrupados em outro. No entanto, as motivações para essa divisão foram variadas. Alguns participantes consideraram a estrutura das edificações, relacionando-as aos estilos arquitetônicos predominantes. O engenheiro civil Sérgio separou os grupos com base na arquitetura portuguesa (presente nos centros históricos brasileiros) e na arquitetura espanhola (nas demais cidades latinas). Outra abordagem utilizada foi a presença ou ausência de igrejas nos centros históricos. O senhor Gerovane atribuiu um valor mais histórico às cidades brasileiras devido à presença de igrejas, enquanto para as demais cidades latinas, o aspecto religioso foi menos evidente.

A dialética entre o novo e o antigo, a preservação e a contemporaneidade nas paisagens dos centros históricos também foi abordada pelos participantes. Eles observaram a mistura de prédios históricos com edificações e urbanismo contemporâneos, destacando a coexistência de diferentes épocas no mesmo local. Alguns participantes mencionaram a cidade de Santiago como exemplo dessa combinação. João Victor ressaltou que Salvador e Paraty são espaços e prédios mais reservados à cultura, enquanto Santiago apresenta uma mistura mais evidente entre o passado e a atualidade. Patriciane destacou que Santiago possui tanto o passado quanto a atualidade, coexistindo no mesmo lugar, mas representando épocas totalmente diferentes. Marcel observou que Santiago construiu prédios modernos, mas também preservou o antigo.

Nesse contexto, a evolução tecnológica na área da construção civil foi mencionada, com destaque para a arquitetura e a engenharia bem executadas, bem como para os ornamentos artesanais. Participantes que trabalham na construção civil, como o gesseiro Jandir e o azulejista Marcel, concentraram sua leitura na compreensão da construção dos imóveis históricos. Eles refletiram sobre as técnicas perdidas ao longo do tempo e reconheceram a facilidade atual na execução, graças à tecnologia e à pré-fabricação de elementos e ornamentos das fachadas.

Essas observações demonstram a valorização das técnicas tradicionais de construção e o reconhecimento da evolução tecnológica na preservação e na contemporaneidade das paisagens urbanas históricas. Os participantes destacaram a importância de manter e valorizar as técnicas artesanais, ao mesmo tempo em que reconhecem os benefícios trazidos pela tecnologia na conservação e na construção desses espaços históricos.

É interessante observar como algumas percepções equivocadas podem surgir em relação à identificação das cidades nas fotografias dos centros históricos. Alguns participantes associam erroneamente as imagens a cidades diferentes, o que pode ser um indício de pasteurização da cultura e homogeneização da paisagem. Por exemplo, ao olhar a fotografia de Quito, alguns participantes afirmam que se assemelha a Minas Gerais, ou ao olhar Santiago, dizem que parece São Paulo. Além disso, há confusões entre Ouro Preto e a Bahia ou o Maranhão. Esses equívocos podem ser indícios de como a padronização estética e a homogeneização das características arquitetônicas podem ocorrer entre diferentes cidades brasileiras.

A existência da homogeneização da paisagem se reforça em outra situação, quando os participantes Kalinny e Jonatas, que nasceram no Maranhão, fazem referência à imagem de Salvador e dizem: "essa é Bahia, eu sei que não é Maranhão porque conheço muito bem o centro histórico lá, mas é muito semelhante em relação aos formatos das janelas, as pinturas, as cores" e o segundo diz "esse aqui me recorda muito do lugar de onde eu nasci, de onde eu venho, do Maranhão, que tem um centro histórico parecido com esse". Os comentários feitos por ambos revelam como a padronização estética e a homogeneização das características arquitetônicas podem ocorrer entre diferentes cidades brasileiras. É fundamental reconhecer e valorizar as peculiaridades de cada cidade, buscando manter viva a sua história.

A afirmação de João Felipe e Gabrielly sobre a associação de cores vibrantes nos centros históricos brasileiros com a brasilidade e o carnaval reflete a problemática do Movimento "Tudo de Cor para Você" da AkzoNobel. Esse programa incentiva a utilização de cores vivas nas fachadas dos centros históricos brasileiros, como forma de expressar a alegria e o Carnaval. No entanto, é importante observar que fora do Brasil, a aplicação desse programa em centros históricos ou edificações históricas é insignificante e pontual. Isso evidencia a permissividade e o descaso com a

singularidade presente no contexto brasileiro em relação à intervenção nas paisagens históricas.

Essa tendência de utilizar cores vibrantes nas fachadas dos centros históricos, associando-as à brasilidade e ao carnaval, acaba criando uma imagem estereotipada e simplificada do patrimônio arquitetônico. Essa simplificação pode reduzir a riqueza e a complexidade das histórias e identidades presentes nos centros históricos, limitando a compreensão da diversidade cultural e arquitetônica do país. Como mencionado por Marjorie, a presença de cores mais vibrantes remete à alegria do Carnaval, enquanto cores mais sóbrias remetem à cultura. Essa associação simplista entre cores e significados culturais pode reforçar estereótipos e não considerar a complexidade das expressões culturais presentes nos centros históricos.

É interessante observar como as vivências e experiências individuais podem influenciar a percepção e interpretação da paisagem. No caso de Renan, skatista, sua separação em grupos e preferência de centros históricos foram baseadas na adequação dos espaços abertos para a prática do skate, levando em consideração o revestimento do piso e a ausência de obstáculos. Sua perspectiva da paisagem está diretamente relacionada às suas demandas e interesses como skatista, refletindo sua realidade e os conflitos que enfrenta ou já enfrentou ao buscar espaços adequados para a prática do esporte. Da mesma forma, Celine, uma artesã que expõe sua arte em praças e espaços públicos, interpreta as fotografias de acordo com sua experiência pessoal. Ela destaca a presença de praças e espaços amplos nas suas preferências, refletindo sua própria vivência e a importância desses locais como espaços de interação e exposição artística.

Esses exemplos evidenciam como as vivências, práticas e interesses individuais podem moldar a percepção da paisagem e como diferentes pessoas podem ter leituras e preferências distintas com base em suas experiências particulares. Isso ressalta a subjetividade da paisagem e a importância de considerar uma variedade de perspectivas ao analisar e interpretar os espaços urbanos e históricos.

Ao serem questionados sobre a semelhança entre as fotografias do Largo da Ordem e outra cidade, a maioria dos participantes apontou Salvador como uma referência. Eles destacaram pontos em comum, como a cor e o estilo arquitetônico dos casarões presentes em ambas as localidades. No entanto, a maior conexão foi

estabelecida em relação à paisagem, comparando o percurso das ruas do Setor Histórico de Curitiba com a ladeira do Pelourinho em Salvador.

Os participantes perceberam uma similaridade na forma das ruas, que apresentam uma declividade acentuada, assim como o estreitamento das calçadas. Essas características remetem à sensação de caminhar por um ambiente histórico e íntimo, proporcionando uma experiência semelhante em ambas as cidades. Além disso, o revestimento do piso também foi mencionado como um elemento que contribui para a aproximação visual entre as duas localidades. Essas observações evidenciam como o Largo da Ordem possui características arquitetônicas e urbanísticas que estabelecem uma conexão com o cenário histórico de Salvador. Essa percepção reforça a importância de valorizar e preservar o patrimônio cultural dessas regiões, promovendo uma identidade única e rica em ambas as cidades.

Ao abordar as fotografias antigas do Largo da Ordem, alguns participantes mencionaram transformações na paisagem, mas posteriormente concluíram que as transformações não foram tão significativas. Isso pode indicar uma falta de profundidade na percepção, talvez devido ao fato de as fotografias serem inéditas para os entrevistados, levando a uma leitura superficial sem muita clareza de detalhes. A leitura das transformações na paisagem do Largo da Ordem destaca a influência das transformações sociais e urbanas ao longo do tempo. Os participantes observaram que a evolução das pessoas e as novas necessidades decorrentes da globalização foram fatores significativos que influenciaram as mudanças na paisagem.

Por exemplo, o senhor Jandir mencionou que a transformação da paisagem foi influenciada pela evolução das pessoas e suas demandas em resposta às mudanças sociais e econômicas. Ele destacou que a indústria teve um papel importante nesse processo, citando que, antes, as pessoas se locomoviam à cavalo, enquanto hoje em dia a tecnologia desempenha um papel central em suas vidas. Apesar dessas transformações, Jandir ressaltou que as mudanças estéticas foram relativamente pequenas, com algumas casas passando por reformas, mas sem uma mudança drástica na aparência geral.

Além das transformações sociais e tecnológicas mencionadas anteriormente, a leitura das alterações na paisagem do Largo da Ordem destacou algumas mudanças específicas. A presença predominante de bares foi apontada por Gerovane como uma das principais transformações, resultando em uma diminuição do uso comercial em

comparação ao passado. Patríciane observa que o comércio tradicional de vendas e trocas deu lugar ao comércio voltado para o consumo, com a presença de diversos estabelecimentos de alimentação e entretenimento. Outro aspecto mencionado foi a situação das pessoas em situação de rua, evidenciando as transformações sociais e os desafios enfrentados na paisagem urbana.

A importância da conservação histórica também foi ressaltada por alguns participantes, como Larissa, que destacou a necessidade de cuidado e preservação do Largo da Ordem devido à sua relevância histórica. Em termos de alterações urbanísticas, foram mencionados pela feirante anônima o revestimento da calçada e a presença de prédios mais modernos, como o Memorial de Curitiba e a Loja Mister Mundo. Essas mudanças arquitetônicas, juntamente com a transformação de antigas edificações, como Quintal do Monge, que era um antigo shopping que pegou fogo, exemplificam como a paisagem urbana está sujeita a constantes alterações ao longo do tempo.

Essas observações destacam como as transformações sociais e tecnológicas têm um impacto significativo na paisagem urbana. À medida que as necessidades e as demandas das pessoas evoluem, a paisagem também passa por alterações para se adaptar a essas mudanças. No entanto, é interessante notar que, apesar dessas transformações, algumas características estéticas e arquitetônicas se mantêm ao longo do tempo, conferindo uma certa continuidade visual à área do Largo da Ordem.

Quando questionados sobre as cores impostas pelas intervenções no Largo da Ordem, alguns participantes, como Patríciane, expressaram incerteza sobre as cores devido às fotografias em preto e branco, indicando a falta de conhecimento sobre as cores originais das intervenções. Essa incerteza pode estar refletindo a falta de conhecimento sobre as cores originais das intervenções, dificultando a compreensão completa das mudanças cromáticas ao longo do tempo.

As opiniões dos participantes em relação à percepção das cores na paisagem do Largo da Ordem são divergentes. A maioria, representada por Celine, João Felipe, João Victor, Marilu e Marjorie, valoriza o uso de cores vibrantes, que são vistas como uma maneira de conferir vitalidade e alegria ao ambiente, além de atrair a atenção dos turistas para os bares. Para alguns deles, os tons pastel são considerados menos atrativos e podem tirar a graça do espaço. Por outro lado, indivíduos como Marcel Gerovane e Patríciane acreditam que a cor não desempenha um papel significativo

na percepção do ambiente, uma vez que a preservação da estrutura histórica do local é o aspecto mais importante, mantendo os vestígios da história da época.

Sob outra perspectiva, a senhora Francisca e o senhor Sérgio argumentam que a aplicação de cores retirou a aparência de sujeira das fachadas e defendem a restauração do colorido devido ao desbotamento ao longo do tempo. João Victor, por sua vez, acredita que o colorido traz vida ao espaço, fazendo uma conexão com o Pelourinho, na Bahia. Ele argumenta que as cores conferem alegria ao ambiente, tornando-o mais convidativo. Além disso, João Victor e outros participantes acreditam que as cores originais deixariam o local feio e transmitiriam uma sensação de abandono.

Enquanto alguns defendem a manutenção das cores originais como forma de refletir a cultura local e preservar as características únicas do espaço, a maioria parece não estar consciente da pasteurização cultural que ocorre no Brasil. Mesmo quando informados sobre essa questão, muitos ainda preferem que os centros históricos sejam coloridos de maneira aleatória, sem considerar as especificidades culturais e a perda de originalidade resultante dessa padronização.

Nesse contexto, a observação de João Victor sobre a pintura ter sido inspirada no Pelourinho traz à tona a preocupação com a perda da singularidade cultural. Essa constatação ressalta a importância de preservar a identidade e a originalidade das paisagens, evitando a descaracterização e a diluição da expressão cultural. O debate em torno das cores na paisagem do Largo da Ordem revela a necessidade de um equilíbrio delicado entre a revitalização dos espaços históricos e a preservação de sua essência cultural. É fundamental considerar as raízes culturais e a singularidade de cada localidade, a fim de evitar a homogeneização e garantir a especificidade das paisagens urbanas.

O Largo da Ordem desperta diversas opiniões e sugestões de melhorias por parte dos moradores e frequentadores. Através das vozes dos participantes, podemos identificar uma série de aspectos que merecem atenção para preservar a identidade e promover o desenvolvimento desse espaço único. Há quem aprecie a arquitetura antiga e destaque a importância de preservar as fachadas originais, como Gerovane, que expressa sua admiração pelas características únicas do local. Por outro lado, Francisca menciona a necessidade de mais conservação, ressaltando que o Largo da

Ordem tem sido afetado pelo abandono e pela presença do tráfico de drogas, o que afasta as pessoas e cria um clima de insegurança.

A preservação da arquitetura e dos elementos característicos também é mencionada por Laura, que destaca a importância de manter o chão de pedrinhas, as fontes e o formato dos prédios para preservar a identidade visual do Largo da Ordem. Janice enfatiza a necessidade de aumentar a segurança no local, acreditando que isso contribuiria para torná-lo ainda mais bonito. Rozeli sente nostalgia ao olhar as fotografias antigas do Largo da Ordem, ressaltando a importância de trazer vida e cuidado adequado ao local. Por sua vez, Patriciane enfatiza a importância da preservação do Largo, alegando que qualquer mudança poderia comprometer sua história e essência.

Uma participante anônima ressalta a importância de um plano contínuo de restauração, evitando que os prédios históricos se deteriorem completamente antes de serem reparados. Jonathas observa a existência de uma mistura de lugares abandonados e iniciativas de mudança, sugerindo a revisão dos espaços abandonados e a busca por negociações para revitalizá-los.

Sérgio destaca a necessidade de direcionar um olhar mais atento ao turismo como um todo, alegando que o centro histórico de Curitiba não tem atraído turistas como deveria. Nesse sentido, indo de encontro com o pré-campo, onde o número de turistas foi ínfimo. Viviane, por sua vez, ressalta a importância de fornecer informações claras e indicativas sobre os pontos turísticos do Largo da Ordem, facilitando o acesso dos visitantes aos locais culturais.

As opiniões e sugestões dos participantes revelam a importância de medidas de conservação, segurança, valorização do patrimônio histórico, promoção turística, conscientização cultural e equilíbrio entre revitalização e preservação. A combinação desses esforços pode transformar o Largo da Ordem em um espaço capaz de atrair visitantes e preservar sua identidade para as gerações futuras.

Durante as entrevistas, os comerciantes expressaram uma forte sugestão quanto à necessidade de participação da prefeitura para impulsionar o turismo e promover a região. A questão da segurança foi mencionada repetidamente, com Jairo, do Boesia Bar, enfatizando a falta de atenção dada a esse aspecto ao longo dos anos. Os comerciantes sentem que a região foi deixada de lado, independente do prefeito

em exercício, e estão preocupados com a percepção negativa do Largo da Ordem pelos moradores locais, que têm medo de trazer suas famílias para o local.

Além disso, Jairo também levantou a falta de infraestrutura adequada como um fator contribuinte para a sensação de abandono e falta de atratividade da região. Além disso, Jorge, da Loja Mister Mundo, destaca a falta de respeito e a falta de ação do urbanismo em relação aos problemas causados pelos demais comerciantes que perturbam com som alto e deixam o local sujo.

A disposição das barracas da feira também foi mencionada como um problema pelos feirantes de domingo. Os comerciantes sentem que a configuração atual não é favorável aos negócios, e a presença de pessoas dormindo dentro das barracas contribui para uma atmosfera desfavorável e marginalizada. Esses aspectos podem afastar tanto os turistas quanto os moradores locais.

No entanto, Sérgio, proprietário do Quintal do Monge, destaca que alguns comerciantes têm uma voz ativa e organizada por meio de sua associação. Essa associação busca envolver os órgãos públicos e trabalhar em parceria com a prefeitura para promover eventos como o festival de inverno, com o objetivo de atrair um público diversificado. O apoio da prefeitura a eventos desse tipo é fundamental para impulsionar o turismo e trazer melhorias para a região.

Os comerciantes enfatizam a importância da participação da prefeitura para impulsionar o turismo e promover o Largo da Ordem. A segurança, a infraestrutura adequada, a gestão adequada da feira e a colaboração entre o setor privado e as instituições governamentais são aspectos fundamentais para melhorar a atratividade do local. A implementação de medidas concretas baseadas nas sugestões dos comerciantes pode trazer benefícios significativos para a região e fortalecer sua posição como um destino turístico.

Inicialmente, planejava-se realizar uma análise comparativa entre o grupo de moradores e o grupo de comerciantes, com o intuito de verificar se as visões, interpretações e percepções da paisagem do Largo da Ordem diferiam entre os grupos, buscando identificar possíveis padrões dentro de cada um. No entanto, constatou-se que a subjetividade das interpretações ultrapassou as fronteiras dos grupos, uma vez que pessoas de diferentes grupos compartilharam leituras e percepções semelhantes, assim como dentro do próprio grupo surgiram prismas diversos. Isso reforça a natureza subjetiva da forma como a paisagem é vista.

No entanto, algumas leituras se destacaram, como a do entendimento do Largo da Ordem como um lugar histórico, a sua descrição com base nos usos que lhe são atribuídos, a associação da paisagem à natureza, a separação das fotografias de acordo com o estilo arquitetônico, a comparação entre o Largo e o Pelourinho com base na forma da paisagem, a preferência pela paisagem colorida do Largo da Ordem e a preocupação com a segurança local, seguida pela preservação da volumetria e características históricas das edificações.

A presença das cores foi percebida por alguns participantes em diversos momentos e exercícios da entrevista, embora isso tenha ocorrido em poucos casos. Mesmo após a discussão sobre a pasteurização da paisagem, muitos participantes ainda optaram pela paisagem com cores vibrantes. Essas interpretações revelam como a paisagem é apreendida e valorizada de maneira diversa por diferentes indivíduos, destacando a complexidade e as múltiplas perspectivas envolvidas na leitura, percepção e valorização do Largo da Ordem.

CONCLUSÃO | TRADIÇÃO OU TRAIÇÃO: OS MODOS DE VER A PAISAGEM DO LARGO DA ORDEM

[...] porque uma realidade não nos foi dada e não existe, mas temos que fazê-la nós mesmos, se quisermos ser: e nunca será uma para todos, uma para sempre, mas contínua e infinitamente mutável. A capacidade de nos iludirmos de que a realidade de hoje seja a única verdadeira, se por um lado nos sustenta, por outro nos mergulha num vazio sem fim, porque a realidade de hoje está destinada a descobrir a ilusão de amanhã. E a vida não conclui. Não pode terminar. Se amanhã conclui, acaba²⁸ (PIRANDELLO, 2005, p. 59).

No primeiro capítulo, explorou-se as diversas abordagens do conceito de paisagem e sua relação com a memória e a preservação do patrimônio cultural. A paisagem pode ser compreendida como uma herança coletiva, carregada de valores históricos e de memória, que carrega os vestígios do passado. Ela pode ser interpretada como um texto repleto de significados e símbolos, influenciada por aspectos culturais, históricos e sociais. Cada indivíduo possui sua própria interpretação da paisagem, moldada por suas experiências e culturas distintas, tornando-a como um poema subjetivo que conta a história da cidade e sua evolução ao longo do tempo.

No contexto do patrimônio cultural, a compreensão da paisagem está intrinsecamente ligada à concepção do termo patrimônio e sua relação com a cultura. O patrimônio, originado do termo latino *patrimonium*, refere-se àquilo que é transmitido aos herdeiros e está relacionado ao direito de propriedade. O termo "patrimônio cultural" abrange todas as manifestações sociais e culturais, sejam elas materiais ou imateriais, constituindo o legado cultural de uma sociedade. A paisagem é um elemento fundamental do patrimônio cultural, pois reflete e faz parte da construção cultural e patrimonial, testemunhando a história, os valores e a identidade de uma comunidade.

No entanto, ao longo do tempo, houve diferentes abordagens em relação à paisagem no contexto do patrimônio cultural. Os princípios de preservação do patrimônio cultural têm suas origens na conservação arquitetônica, onde a ênfase era

²⁸ [...] perché una realtà non ci fu data e non c'è, ma dobbiamo farcela noi, se vogliamo essere: e non sarà mai una per tutti, una per sempre, ma continuo e infinitamente mutabile. La facoltà d'illuderci che la realtà d'oggi sia la sola vera, se da un canto ci sostiene, dall'altro ci precipita in un vuoto senza fine, perché la realtà d'oggi é destinata a scoprire l'illusione domani. E la vita non conclude. Non può concludere. Se domani conclude, è finita (PIRANDELLO, 2005, p. 59)

dada à proteção de monumentos singulares. O processo de aceitação e adoção da paisagem como representação do patrimônio cultural não tem sido linear. A abordagem inicial estava mais relacionada à matéria, ao objeto e à questão estética e alguns documentos apresentam retrocessos na valorização desse termo.

A memória coletiva e individual são elementos essenciais na construção da identidade, influenciando a relação do sujeito com a paisagem. A memória é uma reconstrução do passado realizada no presente, moldada por interesses e preocupações do grupo, e a paisagem representa os valores culturais e as memórias de uma sociedade.

A paisagem é um discurso da memória, história e cultura, refletindo valores éticos e estéticos. Ela é portadora de significados simbólicos, representando as experiências e memórias individuais e coletivas. A memória, tanto individual quanto coletiva, é seletiva e passível de reconstrução, influenciada pelos grupos sociais e pelas interações do sujeito. A paisagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, contribuindo para a identidade e conexão das pessoas com o espaço.

A relação entre paisagem e cor no patrimônio é comparada à primeira leitura do rosto de uma pessoa, revelando informações sobre sua estética, conservação e história. A leitura visual da paisagem identifica marcas e cicatrizes que exigem um aprofundamento para compreender sua origem e significado, tornando as cidades e paisagens únicas. A intervenção cromática no patrimônio urbano interfere nas dimensões formais, espaciais e histórico-culturais, desencadeando a eterna dialética entre conservação e mudança. A cor representa a identidade e a cultura local, refletindo o valor patrimonial e a singularidade da paisagem.

A cor na paisagem expressa a identidade cultural e está associada às condicionantes da região, refletindo a história e conectando as edificações aos aspectos socioculturais e técnicos. Essa autoidentificação promove um senso de pertencimento. Respeitar a unidade das características de um lugar é essencial, mas muitas vezes as intervenções contemporâneas ignoram essas regras em nome da criatividade arquitetônica, deformando a paisagem. A cor na paisagem é um elemento fundamental que preserva a riqueza cromática e técnica de cada região, contribuindo para a continuidade da cultura e a preservação da herança histórica.

A Recomendação de Nairobi, lançada em 1976 durante a 19ª Conferência Geral da UNESCO, destacou a importância da preservação dos conjuntos históricos

como forma de manter os valores culturais e sociais únicos de cada nação. No entanto, a aplicação de tintas sintéticas em fachadas históricas tem ameaçado a identidade dessas paisagens, transformando-as em cenários vazios de significado e memória.

A pasteurização paisagística, impulsionada pela mercantilização e pelo turismo, pode contribuir para a perda da conexão identitária e cultural com o local. A transformação de paisagens segue padrões comerciais e muitas vezes resulta em uma realidade artificial, desvinculada da memória urbana e coletiva. O Movimento *Let's Colour*, liderado pela AkzoNobel, é um exemplo desse processo de intervenção cromática que ocorre em diversas partes do mundo, inclusive em locais considerados como patrimônio cultural, resultando em uma padronização visual e perda de originalidade.

No Brasil, o programa "Tudo de cor" da Coral Tintas tem realizado intervenções cromáticas em diversos imóveis históricos, alterando a paisagem urbana e descaracterizando o patrimônio cultural. Embora o programa também esteja envolvido em projetos socioambientais, a aplicação indiscriminada de cores nas fachadas sem considerar o contexto histórico e cultural tem levantado preocupações sobre a preservação da identidade das cidades brasileiras, entre elas a cidade de Curitiba.

Ao longo do tempo, o Largo da Ordem em Curitiba passou por mudanças significativas. Durante o processo de modernização e crescimento da cidade, algumas estruturas históricas foram demolidas ou descaracterizadas. A partir do Plano Agache, em 1943, houve uma preocupação maior com o planejamento urbano e a preservação do patrimônio histórico. No entanto, na década de 1970, um programa de revitalização foi iniciado para preservar e restaurar o patrimônio arquitetônico da região, incluindo o Largo da Ordem. Esse esforço de conservação ajudou a manter a identidade histórica e cultural da área, tornando-a uma atração turística popular.

Leis e decretos foram estabelecidos para preservar e proteger os edifícios históricos e a paisagem urbana. A revisão do Plano Diretor em 2015 e o Zoneamento de 2019 também destacaram a importância da identidade e paisagem urbana, levando em consideração aspectos históricos, culturais e sociais. A história da construção da paisagem curitibana, incluindo o Largo da Ordem, e a legislação urbana e patrimonial

de Curitiba são elementos interligados que evidenciam o compromisso da cidade com a preservação de sua herança cultural.

A recriação da paisagem central curitibana revela uma série de intervenções realizadas ao longo dos anos com o objetivo de revitalizar e valorizar o patrimônio histórico da cidade. Essas intervenções foram fruto de parcerias público-privadas, sendo a empresa AkzoNobel uma das principais envolvidas nesses projetos. Iniciado em 1994 com o projeto "Cores da Cidade", essas ações continuaram com o projeto "Tudo de Cor para Curitiba" em 2005 e o mais recente "Rosto da Cidade" lançado em 2018.

Embora essas intervenções possam ser vistas como uma forma de preservação e valorização do patrimônio histórico, é importante considerar algumas questões críticas, como o fato de que as cores das fachadas históricas estão sendo determinadas sem levantar questões sobre a preservação da identidade arquitetônica local. Além disso, a preocupação em atrair turistas e investidores pode levar a uma padronização estética que descaracteriza a diversidade arquitetônica e histórica da cidade.

Outro ponto a ser considerado é o impacto dessas intervenções na memória coletiva da população. Embora as mudanças cromáticas possam trazer uma sensação de renovação e embelezamento, é necessário refletir sobre como essas transformações afetam a percepção e a relação das pessoas com o seu ambiente urbano. A preocupação com a preservação da memória coletiva deve ir além da estética visual e abranger também a preservação dos valores culturais e históricos que estão intrinsecamente ligados à arquitetura e à paisagem.

Em suma, as alterações cromáticas na paisagem curitibana representam uma série de intervenções com o objetivo de revitalizar e valorizar o patrimônio histórico da cidade. No entanto, é necessário ter uma abordagem crítica em relação a essas intervenções, considerando questões como singularidade, preservação da diversidade arquitetônica, impacto na memória coletiva e preservação dos valores culturais. O equilíbrio entre as transformações estéticas e a preservação da identidade local é essencial para garantir uma intervenção urbana verdadeiramente significativa e sustentável.

Ainda que seja intrigante obter as perspectivas e análises dos técnicos e especialistas para aprofundar a compreensão sobre a motivação dessas intervenções,

a presente dissertação optou por se concentrar na visão subjetiva das pessoas que vivenciam e experienciam a paisagem – aquelas que consomem o "produto" resultante do trabalho dos especialistas. Essa abordagem deixa em aberto a possibilidade de futuras investigações e estudos mais aprofundados, oferecendo um potencial campo de exploração para pesquisas posteriores.

Os participantes das entrevistas apresentaram diferentes percepções da paisagem do Largo da Ordem, revelando uma complexidade de interpretações e significados associados a esse espaço. Algumas pessoas enfatizaram sua atmosfera boêmia e sua função como ponto de encontro e área de lazer, enquanto outras destacaram seu caráter multicultural e seus usos culturais e religiosos. Além disso, houve ênfase na importância histórica e simbólica do Largo como Centro Histórico, com a presença de arquitetura antiga e edifícios históricos.

No entanto, também foram levantadas preocupações em relação à segurança no Largo da Ordem, com alguns participantes destacando a dualidade entre a atmosfera tranquila durante o dia e a transformação para um ambiente mais hostil durante a noite. Essas diferentes facetas do Largo foram ilustradas pela variação do fluxo de pessoas ao longo da semana e dos horários do dia.

Além disso, as entrevistas revelaram memórias individuais e coletivas associadas ao Largo da Ordem, demonstrando um vínculo afetivo e emocional com o local. Algumas pessoas evocaram lembranças do passado e destacaram a importância histórica do Largo, enquanto outras compartilharam suas experiências pessoais de frequentar o espaço durante a juventude.

A leitura da paisagem foi abordada a partir de diferentes perspectivas. Alguns participantes associaram a paisagem a elementos verdes e à natureza, enquanto outros a relacionaram à arquitetura, à arte e aos edifícios históricos. A subjetividade da percepção da paisagem foi destacada, assim como a influência dos contextos culturais e das referências pessoais na compreensão do belo. A memória, a história e a imaginação também foram citadas como elementos importantes na interpretação da paisagem.

No geral, a percepção da paisagem do Largo da Ordem foi complexa e multifacetada, abrangendo aspectos sociais, culturais, históricos e subjetivos. As diferentes perspectivas dos participantes enriqueceram a compreensão desse espaço como um lugar carregado de significado e simbolismo para a cidade.

A investigação sobre a possível pasteurização das paisagens brasileiras busca compreender se os participantes percebem a descaracterização cultural influenciada pelos padrões estéticos globais. A análise das fotografias dos centros históricos latino-americanos revelou a divisão das cidades em dois grupos, com base em diferentes critérios, como estilos arquitetônicos, a coexistência de prédios históricos e estruturas contemporâneas nos centros históricos, e destacando a evolução tecnológica na construção civil. Eles valorizaram as técnicas tradicionais de construção e reconheceram os benefícios da tecnologia na preservação e construção desses espaços históricos.

No que se refere à divisão das fotografias dos centros históricos da América Latina, os participantes agruparam Salvador, Ouro Preto e Paraty em um grupo, enquanto Santiago, Cusco e Quito foram agrupados em outro. As motivações para essa divisão foram variadas, incluindo a arquitetura predominante, a presença de igrejas e a coexistência entre o antigo e o contemporâneo. Alguns participantes valorizaram as técnicas tradicionais de construção, reconhecendo também os benefícios trazidos pela evolução tecnológica.

Algumas percepções equivocadas surgiram em relação à identificação das cidades nas fotografias dos centros históricos, revelando a padronização estética e a homogeneização das características arquitetônicas entre diferentes cidades brasileiras. Isso demonstra a importância de reconhecer e valorizar as peculiaridades de cada cidade, mantendo viva sua história.

Além disso, a associação de cores vibrantes nos centros históricos brasileiros com a brasilidade e o Carnaval foi mencionada, refletindo a problemática do Movimento "Tudo de Cor para Você". Essa tendência pode simplificar e estereotipar a diversidade cultural e arquitetônica dos centros históricos, reduzindo a compreensão de suas histórias e identidades complexas. A percepção e a interpretação da paisagem também foram influenciadas pelas vivências e experiências individuais dos participantes, evidenciando a subjetividade da paisagem e a importância de considerar diferentes perspectivas na análise dos espaços urbanos e históricos.

Ao analisar as fotografias antigas do Largo da Ordem, os participantes perceberam transformações na paisagem, mas concluíram que essas mudanças não foram tão significativas. Isso pode indicar uma falta de profundidade na percepção, possivelmente devido à falta de familiaridade dos entrevistados com as fotografias, o

que levou a uma leitura superficial sem muitos detalhes. No entanto, eles observaram que as transformações na paisagem foram influenciadas pelas mudanças sociais e urbanas ao longo do tempo, como a evolução das pessoas e as novas necessidades resultantes da globalização.

As opiniões sobre as cores na paisagem do Largo da Ordem foram divergentes, com alguns participantes valorizando cores vibrantes para conferir vitalidade e atratividade ao ambiente, enquanto outros enfatizaram a preservação da estrutura histórica e as características únicas do espaço.

Os moradores e comerciantes do Largo da Ordem destacaram vários aspectos que merecem atenção para preservar a identidade e promover o desenvolvimento do local. Houve apreciação pela arquitetura antiga e a importância de preservar as fachadas originais. A necessidade de segurança, conservação adequada, infraestrutura, e promoção turística também foram mencionadas. Os comerciantes ressaltaram a importância da participação da prefeitura para impulsionar o turismo e melhorar a região, destacando a necessidade de colaboração entre o setor privado e as instituições governamentais. As opiniões e sugestões refletem a importância de medidas de conservação, segurança e valorização do patrimônio histórico, bem como a necessidade de equilíbrio entre intervenção urbana e preservação patrimonial. A implementação dessas medidas pode contribuir para transformar o Largo da Ordem em um espaço atraente e preservar sua identidade para as gerações futuras.

As intervenções cromáticas nos centros históricos levam à (re)criação da paisagem? Essa é uma das questões que norteia a pesquisa, e para isso considerou-se que há recriação da paisagem e pasteurização da cultura. Ao longo das últimas décadas, os centros históricos brasileiros têm passado por recriações cromáticas promovidas pelo programa "Tudo de Cor para Você" da empresa AkzoNobel, resultando em alterações que não refletem as cores originais desses espaços. Pelo contrário, essa "carnavalização" das paisagens indica um esvaziamento da paisagem, caracterizado pela repetição estereotipada de padrões de cores em todo o país.

Diante desse contexto, surge a questão de como tais intervenções cromáticas impactam o imaginário da população que frequenta o Largo da Ordem em Curitiba-PR. Seriam as cores nas fachadas notadas pelos indivíduos? Quais são as opiniões em relação às cores utilizadas? Haveria tra(d)ição da memória decorrente dessas

intervenções? Nesse sentido, a paisagem é concebida como um texto ou poema que conta a história de uma cidade e sua evolução, cuja interpretação é subjetiva e depende da experiência e compreensão de cada indivíduo. No entanto, a leitura da paisagem do Largo da Ordem tem sido predominantemente pautada por seus usos e pelo espírito boêmio do lugar, aspectos relacionados à contemporaneidade desse espaço. Somente em um segundo momento, o aspecto histórico e o fato de o Largo da Ordem guardar a história da cidade emergem nas análises.

A fala de um dos entrevistados reflete a preocupação com o panorama atual, pois ele expressa que não tem muito conhecimento sobre a história de Curitiba, mesmo tendo nascido e vivido toda a sua vida no município. Essa falta de conhecimento demonstra a necessidade de uma maior valorização e divulgação da história da cidade, a fim de que os moradores locais possam se conectar e se apropriar do seu patrimônio cultural de forma mais significativa.

Nesse contexto, observa-se a ausência de reconhecimento histórico e patrimonial por parte dos moradores e comerciantes locais, o que fundamenta as respostas às questões levantadas anteriormente. Infelizmente, poucas vezes as cores nas fachadas das edificações históricas são notadas, o que revela que a memória, tanto individual quanto coletiva, e a identidade podem ser facilmente negociadas e alteradas. Se os frequentadores do Largo da Ordem não valorizam a história local, é de se esperar que as cores passem despercebidas. Alguns indivíduos chegam a afirmar que cores vivas são mais atrativas, enquanto outros minimizam a importância das cores como elementos de identidade local, argumentando que a preservação do estilo arquitetônico é o aspecto mais relevante a ser considerado.

Nesse contexto, surge a possibilidade de uma traição à memória na recriação cromática da paisagem do Largo da Ordem. Essa hipótese não pode ser afirmada de maneira definitiva, uma vez que considera as limitações inerentes ao levantamento iconográfico, o qual se mostrou insuficiente. Os dados visuais coletados predominam em preto e branco, o que dificulta a confirmação das cores históricas nas edificações. Tal situação merece maior atenção em estudos futuros, a fim de explorar o plano de cores do centro curitibano.

Entretanto, ao considerar exemplos notórios tanto no Brasil quanto no exterior, é plausível que o contexto insinue a possibilidade de uma traição à memória. Essa percepção levanta preocupações devido à aparente falta de reconhecimento da

importância histórica e patrimonial por parte dos residentes e comerciantes locais. A ausência de uma reflexão sobre as alterações no patrimônio ressalta uma lacuna na apreciação da continuidade entre o passado e o presente. Proteger os bens culturais, materiais e imateriais garante que os aspectos fundamentais da identidade dos grupos sociais que as produzem possam ser repassados às gerações futuras.

Através da implementação de programas de educação patrimonial, é possível incentivar a formação de um senso de identidade e pertencimento que permita preservar e transmitir esse legado às gerações futuras. Por meio da conscientização e aquisição de conhecimento, pode-se despertar o interesse e a curiosidade da população, promovendo uma compreensão mais profunda da história, tradições, costumes e expressões culturais presentes na comunidade. Para alcançar tal objetivo, é fundamental envolver diversos atores, gestores culturais, instituições de ensino, organizações da sociedade civil, autoridades locais e a própria comunidade, reconhecendo a importância dos moradores locais como detentores de conhecimento, memórias e histórias que impulsionam iniciativas de valorização do patrimônio.

Acredita-se que da pesquisa apresentada possam se desprender muitas outras que tenham como suporte os dados aqui apresentados. Por exemplo, caberia um aprofundamento sobre a relação das cores no patrimônio edificado com o conceito de "valor de novidade" de Alois Riegl. Indaga-se o quanto um estudo do atual contexto social, caracterizado pelo surgimento de um regime de consumo experiencial, hedonista, emocional e estético, poderia ter relação na experiência da percepção da paisagem de centros históricos.

Como reflexão conclusiva, entende-se que a paisagem, como aponta Moscarda, carrega em si as marcas e cicatrizes que são testemunhas de sua história, vivências e experiências. Essa memória, seja individual ou coletiva, incorpora cada evento e acontecimentos, o que torna a busca por uma leitura única desse sujeito um desafio, uma vez que cada indivíduo vivenciou momentos distintos e estabeleceu interações diversas com o personagem. Da mesma forma, a paisagem, mesmo sendo compartilhada por um grupo social, é interpretada de maneira diversa, já que cada indivíduo traz consigo suas próprias lentes e enquadramentos que são moldados por suas experiências passadas.

Moscarda encontrou seu fim em um hospício, onde foi libertado da obrigação de ser "alguém" e pôde ser "ninguém", rejeitando sua identidade e renegando o seu

próprio nome, vivendo sem se cristalizar em nenhuma máscara. Para preservar a paisagem de um destino similar, é essencial que ela tenha suas cem mil facetas. O desafio reside em reconhecer e valorizar a singularidade da essência da paisagem, que reflete sua cultura, identidade e história. O reconhecimento do valor patrimonial presente na paisagem surge como resultado de um processo participativo e inclusivo, fortalecendo os vínculos entre as pessoas e os espaços, fomentando a diversidade cultural e promovendo um desenvolvimento sustentável e respeitoso com o patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras- Geografia I**, Porto, v. XIV, p. 77–97, 1998.

AGUIAR, José. Planear e Projectar a Conservação da Cor na Cidade Histórica : experiências havidas e problemas que subsistem. **III Encore**, [S. l.], 2003.

AKZONOBEL. **Let's Colour Project Reignites the Spirit of the Shanghai Gate**. 2010a. Disponível em: <https://letscolourproject.com/lets-colour-project-reignites-spirit-shanghai-gate/>. Acesso em: 9 maio. 2023.

AKZONOBEL. **Ouro Preto comes to Life with Colour**. 2010b. Disponível em: <https://letscolourproject.com/ouro-preto-comes-life-colour/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Adding Colour to Porto Seguro**. 2011. Disponível em: <https://letscolourproject.com/adding-colour-porto-seguro/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Church of Nossa Senhora de Caravaggio**. 2012. Disponível em: <https://letscolourproject.com/church-nossa-senhora-de-caravaggio/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Tudo de cor para Recife**. 2013. Disponível em: <https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-recife/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Dulux helped restore World Heritage**. 2014a. Disponível em: <https://letscolourproject.com/dulux-helped-restore-world-heritage/>. Acesso em: 9 maio. 2023.

AKZONOBEL. **Tudo de cor para Salvador**. 2014b. Disponível em: <https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-salvador/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Tudo de cor para Curitiba**. 2014c. Disponível em: <https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-curitiba/>. Acesso em: 4 maio. 2023.

AKZONOBEL. **Coloring Bondinho do Pão de Açúcar stations in Rio de Janeiro, Brazil**. 2021. Disponível em: <https://letscolourproject.com/coloring-bondinho-do-pao-de-acucar-in-rio-de-janeiro-brazil/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

AKZONOBEL. **Let's Colour Project - Map**. 2022a.

AKZONOBEL. **Let's Colour revives Padang in West Sumatra, Indonesia**. 2022b. Disponível em: <https://letscolourproject.com/lets-colour-revives-padang-in-west-sumatra-indonesia/>. Acesso em: 9 maio. 2023.

AKZONOBEL. **Let's Colour**, 2023. Disponível em: <https://letscolourproject.com/>.

AMORIM, Elizabeth. **Curitiba em 1855**. 2019. Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-ABfNEa0IzAQ/XaeZ0enFo2I/AAAAAAAAANrQ/D5gNhynuudozJaNOY9LY4CZaBAjgut>

kOwCEwYBhgL/s1600/img4788a.jpg. Acesso em: 30 abr. 2023.

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. **RA'E GA**, Curitiba, v. 24, n. 24, p. 5–17, 2012.

ARAGÃO, Solange de. A presença do jardim e da paisagem nas cartas patrimoniais e na legislação brasileira. **Arq.urb**, [S. l.], n. 16, p. 21–37, 2019. Disponível em: revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/189.

BANDARIN, Francesco; VAN OERS, Ron. **The Historic Urban Landscape**. [s.l.: s.n.]. DOI: 10.1002/9781119968115.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquis qualitativa**. Porto Alegre Artmed, , 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa.

BARRETO, Juliana Cunha; CRUZ, Maria de Fátima Plácida Da; PIMENTAL, Laís Carla de Miranda; MELO, Vera Mayrinck. Paisagem mercadoria: uma discussão sobre o consumo das paisagens urbanas. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], v. 22, p. 144–152, 2006.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manula prático**. , 2008.

BAZOTE, Sylvio Mário. **Tudo de cor para Salvador**. 2014. Disponível em: <http://historiasylvio.blogspot.com/2014/01/tudo-de-cor-para-salvador.html>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BELLENTANI, Federico. Landscape as text. **Concepts for Semiotics**, Tartu, p. 76–87, 2016. Disponível em: <http://orca.cf.ac.uk/96406/>.

BERGER, John. **Modos de ver**. , 1999.

BERQUE, Augustin. Les raisons du paysage. De la Chine antique aux environnements de synthèse. [S. l.], 1995.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÉA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 239–243.

BERQUE, Augustin. **Onto/logique du paysage et dépassement de la modernité** Colloque AQAPA. Tours: Université de Tours, 2019.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo - Exercício de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BONZATTO, Eduardo Antonio; POLICHUK, Naja Kayanna. Origem da feira do Largo da Ordem, Curitiba, em 1970: diálogos de arte e zanato. **Revista Lumen et Virtus**, [S. l.], v. V, 2014.

BRENDLE, Betânia. Carnavalização Patrimonial: destruição da identidade cromática dos centros antigos de João Pessoa, Areia (PB) e Olinda (PE). **Urbi Centros#3**, [S. l.], n. 2, 2012.

BRUNEL, Sylvie. Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal? **Mercator**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 7–18, 2009. DOI: 10.4215/rm2009.0815.0001.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

CARDONE, Sergio. Il colore dei centri storici: tradizione versus tradimento. *In*: MARCHIAFAVA, Veronica; VALAN, Francesca (org.). **Colore e Colorimetria Contributi Multidisciplinari**. Milano: Gruppo del Colore, 2017. v. XIII/Ap. 270–281.

CATALÀ, Josep Domènech. Enquanto a cidade dorme. *In*: COSTA, Carlos; BUITONI, Dulcília (org.). **A cidade e a imagem**. Jundiaí: Huse, 2013.

CIAM. **Carta de Atenas**. 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

CIFFONI, Ana Lúcia; SUTIL, Marcelo; BARACHO, Maria Luiza. **Centro Histórico: espaço do passado e do presente**. [s.l: s.n.].

COLETIVO, Eco. **Chile – 6 dias**. , 2023.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Decreto n. 4/2005. Florença, 2000. DOI: 10.21800/2317-66602015000400021.

CORAL. Manual Tudo de Cor: Guia de engajamento social (e de pintura!) da Coral. [S. l.], 2019.

CORAL, Tintas. **Movimento Tudo de Cor em Porto Alegre - RS**. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O_6sAgUOUal. Acesso em: 30 abr. 2023.

CORAL, Tintas. **Quem Somos**. 2022. Disponível em: <https://www.coral.com.br/pt/sobre-nos>. Acesso em: 1 out. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37–46, 2014.

COSGROVE, Denis. The idea of landscape. *In*: **Social formation and symbolic landscape**. 2. ed. Wisconsin: University of Wisconsin, 1998. p. 13–38.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92–123.

COSTA, Everaldo Batista Da. Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. *Finisterra*, [S. l.], v. 47, n. 93, p. 5–28, 2012.

CSEPCSÉNYI, Ana Cristina; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. A intervenção contemporânea no patrimônio arquitetônico e a indústria cultural. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, [S. l.], v. 18, p. 1–15, 2020. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2020.158337.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei Nº 2828/66. [S. l.], 1966.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei nº 4199/1972. [S. l.], 1972.

CURITIBA, Prefeitura De. **LEI Nº 6337/1982**. , 1982. a.

CURITIBA, Prefeitura De. **Decreto nº 410/1982**. Curitiba, 1982. b.

CURITIBA, Prefeitura De. Decreto nº 246/1995. [S. l.], 1995.

CURITIBA, Prefeitura De. Decreto nº 508/1998. [S. l.], p. 8–10, 1998.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei nº 9800/2000. [S. l.], 2000. a.

CURITIBA, Prefeitura De. Decreto nº 185/2000. [S. l.], 2000. b.

CURITIBA, Prefeitura De. **Cidade mais bonita: Setor histórico de Curitiba será revitalizado**. 2013.

CURITIBA, Prefeitura De. **Ippuc: Setor histórico de Curitiba está renovado com pintura de 32 prédios**. 2014.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei nº 14771/2015. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2015/1477/14771/lei-ordinaria-n-14771-2015-dispoe-sobre-a-revisao-do-plano-diretor-de-curitiba-de-acordo-com-o-disposto-no-art-40-3-do-estatuto-da-cidade-para-orientacao-e-controle-do-desenvolvim>.

CURITIBA, Prefeitura De. **100% Curitiba humana**. [s.l: s.n.].

CURITIBA, Prefeitura De. **Rosto da Cidade**. 2018a. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/rostodacidade>.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei nº 15511/2019. [S. l.], 2019. a.

CURITIBA, Prefeitura De. Lei nº 15388/2019. [S. l.], 2019. b.

CURITIBA, Prefeitura De. **Anexo Decreto nº 316/2019**. , 2019. c.

CURITIBA, Prefeitura. **Resgate da identidade: Programa Rosto da Cidade dá início à recuperação urbana do Centro de Curitiba**. 2018b. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/programa-rosto-da-cidade-da-inicio-a-recuperacao-urbana-do-centro-de-curitiba/48326>. Acesso em: 9 jul. 2022.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. [S. l.], p. 1–169, 1997.

DUARTE, Mirela; SANTOS, Luisa Acioli Dos. **Pensar paisagem**. Recife: Laboratório da Paisagem, 2020.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environment and Planning D: Society and Space**, Vancouver, v. 6, n. 1983, p. 117–126, 1988.

DUNCAN, James S. Writing Worlds. **Writing Worlds**, [S. l.], 2013. DOI: 10.4324/9781315823782.

FERRANDO, Davide Tommaso. La città come. Storia dell'idea di paesaggio urbano. [S. l.], n. March, 2012. DOI: 10.6092/polito/porto/2497223.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 32, p. 83, 2013. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i32p83-118.

FLICKR. **Noon, Plaza Murillo, La Paz, Bolivia**. , 2014. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/ru_boff/14689720998.

FLORENZANO, Luciana da Silva; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Problemas contemporâneos quanto ao uso da cor em restaurações arquitetônicas. **Gestão e Gerenciamento**, [S. l.], v. 13, n. 13, p. 9–17, 2020. a. DOI: 10.17648/nppg-gestaoe Gerenciamento-2447-1291-v13-2.

FLORENZANO, Luciana de Silva;; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Os bens culturais edificados no Brasil e suas cores na construção da imagem urbana de cidades históricas. **4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil**, [S. l.], n. 1, 2020. b.

FLORENZANO, Luciana de Silva;; RIBEIRO, Rosina Trevisan Martins. Da cor à imagem urbana: paradigmas contemporâneos nas cores do patrimônio cultural brasileiro. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 29, p. 1–45, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29e55.

FOWLER, P. J. **World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002**. World Heritage ed. Paris. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133121>. Acesso em: 25 set. 2022.

FUNARI, Pedro Paulo A. Patrimônio e memória: considerações sobre os bens culturais. **Portal do Centro Universitário Barão de Mauá**, [S. l.], 2009.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise; NEIS, Ignacio; ABREU, Sabrina De; RODRIGUES, Rosany. **Métodos de pesquisa**. [s.l.] : Ed. UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. v. 10

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. [S. l.], 2008.

GONZAGA, Flavia; VIEIRA, Lopes. Espaços Públicos De Lazer No Centro De

Curitiba : a Transformação Da Cidade Espaços Públicos De Lazer No Centro De Curitiba : [S. l.], p. 2–104, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HOFFMANN, Casa. **Histórico**. , 2023. Disponível em: <https://casahoffmann.org/sobre/>.

ICOMOS/IFLA. **Carta de Florença**. 1981. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

ICOMOS. **Carta de Washinton**. 1986. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Plano de revitalização do setor histórico de Curitiba**. Curitiba, 1970. Disponível em: <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/pergamumweb/vinculos/000042/00004212.pdf>.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Rosto da Cidade - Etapa 02**. [S. l.], 2018.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Rosto da Cidade: um novo olhar sobre as construções do passado**. *In: Revista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba*. Curitiba. p. 28–44.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Mapa Cadastral**. 2022. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/mapacadastral/#>. Acesso em: 30 abr. 2023.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Linha do Tempo Planejamento Urbano**. 2023. Disponível em: [linha do tempo planejamento urbano](#). Acesso em: 3 maio. 2023.

ITÁLIA, Ministério da Educação Pública. **Carta do Restauo**. 1972. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

KAPP, Silke. Entrevistas na pesquisa sócio-espacial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], p. 1–32, 2020. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202006.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. [s.l.] : Record, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LYRA, Cyрто Corrêa. **Preservação do patrimônio edificado: a questão do uso**. Brasília, DF: IPHAN, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Pensar grande o patrimônio cultural. [S. l.], 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300011.

MEINIG, Donald. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, RJ, v. 16, 2003.

MENDONÇA, José Ricardo Costa De; VIANA, Marcilio Freire Tabosa. Entrevista com Foto-Elicitação (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações. I **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, [S. l.], p. 1–9, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra De. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29–65.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], 2017.

MUHAMMAD, Ziela. **Malacca Historical Background: The Stadhuys**. 2014. Disponível em: <https://gponeit.wordpress.com/2014/05/26/the-stadhuys/>. Acesso em: 9 maio. 2023.

NAOUMOVA, Natalia;; LAY, Maria Cristina Dias. Policromia histórica e identidade cromática da paisagem urbana. **Eanpgppur**, [S. l.], 2007.

NAOUMOVA, Natalia;; ZANELLA, Márcio. O PAPEL DA COR NA CONSTRUÇÃO DO HABITAR DA PAISAGEM CULTURAL DE SANTA TEREZA-RS. **ENPOS (Encontro de Pós-Graduação)**, [S. l.], v. XXII, 2020.

NOGUÉ, Joan. **La construcción social del paisaje**. Madrid.

NOGUÉ, Joan. **El paisaje en la cultura contemporánea**. [s.l: s.n.].

NORBERG-SHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. [s.l: s.n.].

NUNES, Brunella. **Confira algumas das cidades mais coloridas do Brasil e do mundo!**, 2020. Disponível em: <https://quantocustaviajar.com/blog/cidades-mais-coloridas-brasil-mundo/>.

OBSCURA, Atlas. **Plaza De Armas**. , 2023.

OEA. **Normas de Quito**. 1967. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

OLIVEIRA, Bruno De. Em restauração do Museu de Arte Sacra, pinturas do século 19 são descobertas em Curitiba. **CBN Curitiba**, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://cbncuritiba.com.br/materias/em-restauracao-do-museu-de-arte-sacra-pinturas-do-seculo-19-sao-descobertas-em-curitiba/>. Acesso em: 20 maio. 2023.

PALLASMAA, Juhani. Space, place and atmosphere. Emotion and peripheral perception in architectural experience. **Lebenswelt. Aesthetics and philosophy of experience.**, [S. l.], v. 0, n. 4, p. 230–245, 2014. DOI: 10.13130/2240-9599/4202.

PARATYONLINE. **A Coral esteve em Paraty, aquecendo o projeto “Tudo de Cor para você”**. 2012. Disponível em: <http://www.paratyonline.com/jornal/2012/01/a-coral-ja-esteve-em-paraty-aquecendo-o-projeto-tudo-de-cor-para-voce/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PERIN, Gabriel Brum. **A História do Largo da Ordem de Curitiba**. 2019. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-historia-do-largo-da-ordem-de-curitiba>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PESAVENTO, Sandra. Com os olhos no passado : a cidade como palimpsesto. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, [S. l.], v. 11, n. 11, p. 25–30, 2004.

PIDNER, Flora Sousa; ANTONINO, Lucas Zenha; DA SILVA, Maria Auxiliadora. Os lugares da memória de Carlos Drummond de Andrade: imagens poéticas de Belo Horizonte (MG). **Geograficidade**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 60, 2014. DOI: 10.22409/geograficidade2015.51.a12919.

PIRANDELLO, Luigi. Uno, nessuno e centomila. **Athenaeum**, [S. l.], v. 2005, n. 1, p. 51–70, 2005.

PÓLIS, Instituto. **Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos**. São Paulo.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Aids**, [S. l.], p. 200–212, 1992.

PONTES, Márcio. **A importância do patrimônio cultural para o turismo de Minas Gerais**. 2021. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/patrimonio-4/>.

PORTINARI, Museu Casa De. **Movimento “Tudo de Cor” vai revitalizar os Caminhos de Portinari, em Brodowski**. 2017. Disponível em: <https://www.museucasadeportinari.org.br/noticias/movimento-tudo-de-cor-vai-revitalizar-os-caminhos-de-portinari-em-brodowski/>.

PUJOL, Francine da Silva; CORRÊA COUTINHO, Renata Patricia. City Marketing, Aspectos Culturais e Relações Simbólicas na Construção da Imagem-Marca de Cidades. **Revista de Estudos Universitários - REU**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 359–371, 2019. DOI: 10.22484/2177-5788.2019v45n2p359-371.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf %0Ahttp://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Paisagem+cultural+e+patrimônio#0.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista**

Intratextos, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 1–20, 2014. DOI: 10.12957/intratextos.2013.7102.

ROSANELI, Alessandro Filla. Cidades novas da fronteira do café: História e morfologia urbana das cidades fundadas por companhias imobiliárias no norte do Paraná. [S. l.], p. 268, 2009.

ROSÁRIO, Solar Do. **Pintores da Paisagem Paranaense**. [s.l.: s.n.].

SABATÉ, Joaquín. Paisajes culturales y proyecto territorial. *In: El paisaje en la cultura contemporánea*. [s.l.: s.n.].

SALTURI, Luis Afonso. O Movimento Paranista e a Revista Ilustração Paranaense. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 43, p. 127–158, 2014.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, [S. l.], n. 16, p. 31–49, 2001. DOI: 10.1590/s0104-44782001000100004.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó, SC.

SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Paisagem. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 20, p. 47, 2005. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i20p47-59.

SANT´ANNA, Márcia. A Cidade-atração: patrimônio e valorização de áreas centrais no Brasil dos anos 90. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, [S. l.], 2007.

SANTOPUOLI, Nicola; MAIETTI, Federica; ALVISI, Alessandra;; LABINI, Azzurra Sylos. Restauro e colore dei Centri storici fra identità e salvaguardia. *In: ROSSI, Maurizio;; SINISCALCO, Andrea (org.). Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari*. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2012. v. VIII/A.

TERRAZA, Cristiane Herres. Cultura visual: memória coletiva e a estética do espaço urbano. **Revista Ciclos**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 40–50, 2015.

UNESCO. **Recomendação de Paris Paisagens e Sítios**. 1962. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

UNESCO. **Recomendações de Nairóbi**. Nairóbi. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 24 set. 2022.

UNESCO. Vienna Memorandum on World Heritage and Contemporary Architecture. **Unesco**, [S. l.], 2005. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/2005/whc05-15ga-inf7e.pdf> Erişim:02.05.2021.

UNESCO. Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana. [S. l.], v. 2011, n. Categoria II, p. 10, 2011. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000215084>.

UNESCO. **Cultural Landscapes**. 2022. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#1>. Acesso em: 25 set. 2022.

VAN HELLEMONDT, Imke; LARSEN, Janike Kampevoid; KERAVEL, Sonia; LEGER-SMITH, Anais; ARANA, Usue Ruiz; YİĞİT-TURAN, Burcu; BENEDETTI, Ursula Wieser. Copy and paste landscapes. **Journal of Landscape Architecture**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 4–5, 2022. DOI: 10.1080/18626033.2022.2110412.

VEIGA, Maria do Rosário; TAVARES, Martha. Características das paredes antigas: requisitos de revestimentos por pintura. **Actas do Encontro A indústria das tintas no início do século XXI**, Lisboa, p. 1–16, 2002.

VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. **Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano**. 2014. Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2014.

VITIELLO, Maria. Il testo e il contesto: per una scrittura narrativa della facies urbana attraverso le superfici e le cromie. *In*: ROSSI, Maurizio (org.). **Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari**. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2011. v. VII/Ap. 604–610.

VITIELLO, Maria. Identità cromatica e paesaggio. *In*: **Colore e colorimetria: contributi multidisciplinari**. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2012. v. VIII/Ap. 215–221.

WEIGERT, Ivilyn. Entre a Preservação e o Desenvolvimento: a Rua Riachuelo na área central de Curitiba. [S. l.], p. 148, 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre.

APÊNDICE A | TABELA PROGRAMA LET'S COLOUR – AKZNOBEL

QUADRO 2: Let's colour

PAÍS	CIDADE	BAIRRO	DATA	LOCAL DA INTERVENÇÃO	PATRIMÔNIO	LINK
China	Shanghai	Dongjiadu	17/06/2010	Shanghai Gate	x	https://letscolourproject.com/lets-colour-project-reignites-spirit-shanghai-gate/
China	Tianjan		30/05/2019	SOS Children's Village		https://letscolourproject.com/dulux-delivers-a-colorful-makeover-to-sos-childrens-village-tianjin/
China	Dali		29/07/2016	School		https://letscolourproject.com/dali-yongzheng-school/
China	Hebei	Shijiazhuang	22/08/2014			https://letscolourproject.com/children-left-behind-not-forgotten/
China	Shanghai		01/09/2012	Village		https://letscolourproject.com/shanghai-guangzhou-wuhan-tianjin-add-colour/
China	Guangzia		01/10/2010	Square		https://letscolourproject.com/colourful-square-surprises-youth-guangzhou/
Hong Kong	Hong Kong		01/11/2017	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-helped-kam-tin-village-mural-project-in-hong-kong/
Hong Kong	Hong Kong	Kowloon	24/06/2016	School		https://letscolourproject.com/play-arts-nam-wah-catholic-secondary-school/
Hong Kong	Hong Kong		11/10/2012	School		https://letscolourproject.com/dulux-staff-create-colourful-campus-students/
Hong Kong	Hong Kong		07/09/2012	School		https://letscolourproject.com/dulux-creates-wonder-school-kids/
Índia	Jodhpur	Blue City	25/08/2022	Village	x	https://letscolourproject.com/lets-colour-refreshes-the-iconic-city-of-jodhpur-india/
Índia	New Delhi	Jonapur	15/12/2021	School		https://letscolourproject.com/bringing-bright-skies-to-the-sdmc-pratibha-school-in-jonapur-new-delhi-india/
Índia	Gurugram		15/12/2020	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-delivers-a-surprising-new-years-gift-to-the-government-school-in-gurugram-india/
Índia	Maharashtra		13/05/2014	Community Event		https://letscolourproject.com/add-colour-lives-underprivileged/
Índia	Gurgaon	Badshahpur	26/11/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-badshahpur-gurgaon-india/
Índia	Faridabad		11/01/2019	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/breaking-the-record-in-india-faridabad/
Índia	Jodhpur		04/04/2010	Village		https://letscolourproject.com/lets-colour-brings-jodhpur-life/
Indonésia	Pandang	Heritage buildings and the Siti Nurbaya Bridge	10/11/2022	Buildings and Bridge	x	https://letscolourproject.com/lets-colour-revives-padang-in-west-sumatra-indonesia/
Indonésia	Banda Aceh & Meulaboh		31/08/2022	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/brighter-future-for-young-people-of-sos-childrens-villages-indonesia/
Indonésia	Yogyakarta		20/12/2020	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/lets-colour-and-sos-childrens-villages-indonesia-welcome-2021-with-hope/
Indonésia	Kemayoran		21/07/2018	Thematic Kampong		https://letscolourproject.com/lets-colour-thematic-kampong-in-kemayoran-indonesia/
Indonésia	Lembang		28/07/2018	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/sos-childrens-village-and-dulux-organize-painting-activities-in-lembang-indonesia/
Indonésia	Bandung		27/08/2020	Mural		https://letscolourproject.com/delivering-a-vivid-transformation-to-bandung/
Indonésia	Jakarta		16/12/2017	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/dulux-painters-academy-for-sos-childrens-villages-in-jakarta-indonesia/
Indonésia	Jakarta		07/09/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-jakarta-indonesia/
Indonésia	Yogyakarta		26/07/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-yogyakarta-indonesia/
Indonésia	Jakarta		17/06/2014	Community Event		https://letscolourproject.com/akzonobel-decorative-paints-indonesia-empowering-jobless-train-life/
Indonésia	Jakarta		17/06/2014	Community Event		https://letscolourproject.com/gk-communities-volunteering-employees-transform-life-poor-families-flooded-area/
Malasia	Melaka	The Stadhuys Melaka UNESCO World Heritage	03/02/2014	Building	x	https://letscolourproject.com/dulux-helped-restore-world-heritage/
Malasia	Melaka	The Stadhuys Melaka UNESCO World Heritage	12/10/2010	Building	x	https://letscolourproject.com/lets-colour-project-adds-colour-melaka/
Malasia	Kuala Lumpur		30/03/2017	NASOM's vocational centre		https://letscolourproject.com/akzonobel-gave-nasoms-vocational-centre-facelift/
Nepal	Kavre		17/06/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-kavre-nepal/
Pakistan	Lahore		30/01/2021	Village		https://letscolourproject.com/rainbow-village-in-lahore-pakistan/

PAÍS	CIDADE	BAIRRO	DATA	LOCAL DA INTERVENÇÃO	PATRIMÔNIO	LINK
Pakistan	Lahore		09/01/2018	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/a-brighter-future-for-young-people-at-sos-childrens-village-with-akzonobels-color-training-program-in-pakistan/
Pakistan	Karachi		24/05/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-karachi-pakistan/
Papua New Guinea	Port Moresby		31/05/2021	Murals		https://letscolourproject.com/a-hundred-meter-long-mural-in-port-moresby-papua-new-guinea/
Papua New Guinea	Port Moresby		03/02/2020	Bus Stations		https://letscolourproject.com/adding-color-to-port-moresby-papua-new-guinea/
Philippines	Gawad Kalinga Village		30/06/2010	Village		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-adds-colour-gawad-kalinga-village/
Singapore	Clementi West Zone		07/06/2014	Community Event		https://letscolourproject.com/peace-art-community-project-residence-public-clementi-west-zone/
Singapore	Ang Mo Kio Thye Hua Kwan		03/08/2010	Hospital		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-adds-colour-lives-patients-ang-mo-kio-thye-hua-kwan-hospital/
Taiwan	Kaohsiung		26/07/2013	Communities		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-taiwan/
Taiwan	Dawu	Village in Taitun	21/05/2011	Village		https://letscolourproject.com/adding-colour-dawu/
Taiwan	Miaoli	Lian-Da Road	11/05/2011	Roadside		
Thailand	Bangkok		01/07/2022	Wat Arun	x	https://letscolourproject.com/restoring-wat-arun-bangkok-thailand/
Thailand	Sisaket		23/09/2022	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-paints-colorful-murals-for-the-sound-of-sisaket-thailand/
Thailand	Ayuthaya Province	Rang Chorake School	17/03/2018	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-wat-rang-chorake-school-thailand/
Thailand	Bangkok		05/05/2018	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-bangkok-thailand/
Turkey	Istanbul	Ayrılık Çeşmesi Sokağı	01/07/2010	Street	x	https://letscolourproject.com/forgotten-street-af-ayrilik-cesmesi-sokagi-breaths-new-life/
Turkey	Yeldeğirmeni Sokağı		04/07/2011	Street	x	https://letscolourproject.com/lets-color-project-added-splash-colour-yeldegirmeni-sokagi/
Turkey	Manavgat	reconstruction of a city	30/09/2021	Village		https://letscolourproject.com/marshall-supports-the-reconstruction-of-manavgat-antalya-turkey/
Turkey	Kuşadası	Hill Kuşadası	07/10/2018	Village		https://letscolourproject.com/colorful-hill-kusadasi-turkey/
Turkey	Hatay	Antakya	14/05/2015	Street	x	https://letscolourproject.com/marshall-brings-colour-historic-city-turkey/
Vietnam	Ho Chi Minh		24/11/2020	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/adding-color-to-sos-childrens-villages-in-ho-chi-minh-city-vietnam/
Vietnam	Ho Chi Minh		11/08/2018	School		https://letscolourproject.com/akzonobel-supports-education-development-and-green-summer-campaign-in-vietnam/
Vietnam	Ho Chi Minh		17/08/2011	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-add-life-vamcodong-primary-school-start-new-school-year/
Albania	Tirana		21/09/2017	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-tirana-albania/
Austria	Wien	Brunnenmarkt	01/07/2012	Market		https://letscolourproject.com/centre-art-culture-brunnenmarkt/
Belgium	Nationwide		15/06/2013	School		https://letscolourproject.com/together-lets-colour-belgiums-schools/
Belgium	Charleroi	Nexans Château d'eau	29/07/2011	The old water tower in Charleroi	x	https://letscolourproject.com/torch-passion-shines-bright-charleroi/
Belgium	Charleroi	Ville Basse	22/07/2011	Le Vecteur	x	https://letscolourproject.com/le-vecteur-becomes-beacon-ville-basse/
Belgium	Charleroi		15/07/2011	hospital		https://letscolourproject.com/mosaic-new-life/
Bosnia and Herzegovina	Sarajevo		09/05/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-sarajevo-bosnia-herzegovina/
Croatia	Ludberg		19/06/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-ludberg-croatia/
Cyprus	Nicosia		05/06/2014	Mural		https://letscolourproject.com/students-parents-teachers-helped-add-colour-life/
Cyprus	Aglandjia		28/05/2011	Theatre		https://letscolourproject.com/lets-colour-lifts-off-cyprus/
Denmark	Holstebro		21/09/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-holstebro-denmark/
Denmark	Bredgade	Løgstør	17/06/2011	Village		https://letscolourproject.com/logstor-gets-colourful-makeover/
Estonia	Antsla Kraavi		18/06/2022	Mural		https://letscolourproject.com/bringing-colors-and-art-to-antsla-kraavi-estonia/

PAÍS	CIDADE	BAIRRO	DATA	LOCAL DA INTERVENÇÃO	PATRIMÔNIO	LINK
France	Paris		17/06/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-theatre-de-verre-paris-france/
France	Toulouse		17/06/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-toulouse-france/
France	Paris		17/06/2011	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-adds-colour-streets-paris/
France	Paris, Lion, Marseille		01/06/2010	Murals		https://letscolourproject.com/walls-are-dancing/
France	Paris		10/03/2010	Murals		https://letscolourproject.com/moving-walls/
Greece	Vari		25/10/2019	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/adding-colour-to-sos-childrens-village-in-vari-greece/
Greece	Athens		14/07/2011	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-teams-carpe-diem-brighten-athens-inner-city-areas/
Greece	Elafonisos		20/06/2010	School		https://letscolourproject.com/elafonisos-school-brought-life-colour/
Hungary	Nyúl and Soroksár		29/07/2022	School		https://letscolourproject.com/uplifting-communities-in-nyul-and-soroksar-hungary/
Hungary	Pest County		26/07/2019	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-supports-community-to-renew-two-schools-in-pest-county-hungary/
Hungary	Debrecen		01/08/2018	School		https://letscolourproject.com/renewing-the-headquarters-of-folk-ensemble-in-debrecen-hungary/
Hungary	Salgótarjáni		03/08/2017	School		https://letscolourproject.com/rejuvenating-school-50-years-without-renewal/
Hungary	Nyáregyháza		28/07/2017	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-nyary-pal-elementary-school-hungary/
Hungary	Dabas		21/07/2017	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-kossuth-lajos-elementary-school-hungary/
Hungary	Budapest		30/06/2016	Murals		https://letscolourproject.com/wall-centre-budapest-becomes-colourful-spot-city/
Hungary	Budapest		09/07/2015	School		https://letscolourproject.com/herman-otto-elementary-schools-swimming-pool-children/
Hungary	Sopron		27/08/2011	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-sopron/
Ireland	Nationwide		01/01/2013	Communities		https://letscolourproject.com/lets-colour-ireland-transforms-400-communities/
Ireland	Nationwide		01/09/2012	Communities		https://letscolourproject.com/lets-colour-ireland/
Ireland	Moneygall		11/05/2011	Village		https://letscolourproject.com/village-moneygall-brought-life-lets-colour-project-ahead-president-barack-obama-visit/
Ireland	Meath	Killenard	11/02/2011	Community Center		https://letscolourproject.com/killenard-community-centre-brought-life-thought-colour/
Malta	Mosta		04/02/2013	School		https://letscolourproject.com/art-design-students-giving-life-mcast-corridors/
Netherlands	Groningen		08/07/2021	Community Center		https://letscolourproject.com/empowering-the-women-of-jasmijn-center-in-groningen-the-netherlands/
Netherlands	Oosterbeek		01/07/2019	Community Center		https://letscolourproject.com/flexa-colors-pluyn-in-oosterbeek-the-netherlands/
Netherlands	Utrecht		20/05/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-utrecht-netherlands/
Netherlands	Various Locations		11/08/2011	School		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-cheered-clubhouses-around-country/
Netherlands	Mierlo		20/06/2012	Hotel for children		https://letscolourproject.com/hotel-children-normally-not-go-holidays/
Netherlands	Rotterdam		23/03/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-launched-rotterdam/
Netherlands	De Zoetermeerse Reddings Brigade		11/08/2011	Community Center		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-brought-dull-clubhouse-back-life-colour/
North Cyprus	Kyrenia		04/05/2014	Murals		https://letscolourproject.com/marshall-contemporary-art-project-highway-kyrenia/
Poland	Lublin		14/09/2019	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/lets-colour-and-sos-childrens-villages-deliver-a-powerful-transformation-to-lublin-poland/
Poland	Toruń		30/06/2013	Murals		https://letscolourproject.com/cosmic-mural-honors-great-cosmonaut-torunians-patron/
Poland	Poznan	Dębiec	16/07/2012	Railway Station	x	https://letscolourproject.com/poznan-citizens-help-lets-colour-project-added-colour-lives/

PAÍS	CIDADE	BAIRRO	DATA	LOCAL DA INTERVENÇÃO	PATRIMÔNIO	LINK
Poland	Powisłe	Warszawa	28/05/2011	Railway Station		https://letscolourproject.com/powisłe-gets-new-look/
Spain	Wad Ras Prison		12/07/2011	Prison		https://letscolourproject.com/women-wad-ras-prison-help-children-add-colour-lives/
Spain	Écija		02/04/2011	Murals		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-helps-rejuvenate-ecija-floods/
Sweden	Borås and Östergötland Region		13/10/2020	Murals		https://letscolourproject.com/coloring-lives-in-sweden/
United Kingdom	Slough		23/10/2018	School		https://letscolourproject.com/dulux-donates-paint-to-slough-eton-school-in-uk/
United Kingdom	London		05/10/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-in-london-uk/
United Kingdom	Nationwide		03/12/2013	Sport Club		https://letscolourproject.com/sports-clubs-across-uk-receive-support-lets-colour-project/
United Kingdom	Ravensbourne Community Centre		08/06/2012	Murals		https://letscolourproject.com/matthew-williamson-swaps-catwalk-community/
United Kingdom	Nationwide		01/12/2013	Murals		https://letscolourproject.com/adding-colour-lives-community-centers-across-uk/
United Kingdom	Nationwide		02/12/2013	School		https://letscolourproject.com/renewing-schools-across-uk/
United Kingdom	Slough		07/05/2011	Murals		https://letscolourproject.com/celebration-lets-colour-project-chalvey-slough/
United Kingdom	London		26/03/2011	School		https://letscolourproject.com/virginia-primary-school-gets-colourful-makeover/
Marrocco	El Jadida		01/02/2023	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/changing-young-peoples-lives-at-sos-childrens-village-el-jadida-morocco/
Marrocco	Casablanca		17/09/2011	School		https://letscolourproject.com/the-lets-colour-project-creates-a-colorful-educational-environment-in-casablanca/
Nigeria	Ejigbo		15/10/2017	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/dulux-adds-color-sos-childrens-villages-nigeria/
South Africa	Cape Town		14/02/2021	Murals		https://letscolourproject.com/transformation-beyond-walls-in-cape-town-south-africa/
South Africa	Mamelodi and Ennadale		18/07/2018	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/dulux-and-the-sos-childrens-villages-continue-to-empower-young-minds-in-south-africa/
South Africa	Johannesburg		18/07/2017	SOS Children's Villages		https://letscolourproject.com/dulux-adds-colour-to-the-sos-childrens-villages-johannesburg-south-africa-for-mandela-day/
South Africa	Johannesburg		22/06/2011	Theatre		https://letscolourproject.com/landmark-theatre-revived-lets-colour-project/
South Africa	Cape Town		17/11/2010	Theatre		https://letscolourproject.com/lets-colour-project-brings-new-lease-life-district-six/
Tunisia	Ben Arous		06/10/2012	Community Center		https://letscolourproject.com/center-integration-programs-youth-childhood/
Tunisia	Jebel Jelloud		13/02/2022	Murals		https://letscolourproject.com/color-revolution-in-jebel-jelloud-district-tunisia/
Tunisia	Beja	Hay Bouslama district	06/04/2019	Village	x	https://letscolourproject.com/colouring-lives-in-hay-bouslama-district/
Tunisia	Monastir		15/04/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-on-monastir-beach-tunisia/
United Arab Emirates	Dubai		26/08/2020	Painting		https://letscolourproject.com/lets-colour-supports-sacha-jafri-record-breaking-project-in-dubai/
United States of America	Nashville		08/05/2021	Communities		https://letscolourproject.com/colorful-band-aids-in-nashville-usa/
Argentina	Buenos Aires		22/05/2017	Walls of Connection		https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-connection-buenos-aires-argentina/
Argentina	Rosario		21/08/2015	Murals		https://letscolourproject.com/todo-el-color-para-rosario-mural-messi/
Argentina	Maquinista Savio	Garin	18/05/2013	Community Center		https://letscolourproject.com/community-program-maquinista-savio-argentina/
Bolivia	Santa Cruz de la Sierra		31/07/2020	Hospital		https://letscolourproject.com/adding-color-to-the-oncological-hospital-of-santa-cruz-bolivia/
Brazil	Rio de Janeiro		30/09/2021	Bondinho do Pão de Açúcar stations	x	https://letscolourproject.com/coloring-bondinho-do-pao-de-acucar-in-rio-de-janeiro-brazil/
Brazil	São Paulo		31/01/2021	Murals		https://letscolourproject.com/the-blue-macaw-mural-in-downtown-sao-paulo-brazil/
Brazil	Recife	Vasco da Gama	12/05/2019	Communities		https://letscolourproject.com/vasco-da-gama-in-recife-transformed-by-coral-paint/

PAÍS	CIDADE	BAIRRO	DATA	LOCAL DA INTERVENÇÃO	PATRIMÔNIO	LINK
Brazil	São Paulo		22/11/2017	OS Children's Village		https://letscolourproject.com/coral-added-colors-sos-childrens-villages-sao-paulo-brazil/
Brazil	Rio de Janeiro		02/06/2017	School		https://letscolourproject.com/rio-big-walls/
Brazil	Rio de Janeiro		03/08/2016	Communities		https://letscolourproject.com/unexpected-courts-middle-rio-de-janeiro-favela/
Brazil	Rio de Janeiro		02/08/2016	Communities		https://letscolourproject.com/unexpected-courts-launching-ceremony-guga-tennis-court/
Brazil	São Paulo		07/07/2016	Murals		https://letscolourproject.com/arapua-building-educacao-nao-e-crime/
Brazil	São Paulo		25/06/2016	Murals		https://letscolourproject.com/project-cidade-que-brinca-city-plays-phase-2-suica-village-estudantes-street/
Brazil	São Paulo		15/05/2016	Murals		https://letscolourproject.com/cidade-que-brinca-tudo-de-cor-para-sao-paulo/
Brazil	Santos		13/12/2015	Murals		
Brazil	Campinas	Joaquim Egidio	28/11/2015	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-sousas-joaquim-egidio-center/
Brazil	Pará de Minas		19/10/2015	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-para-de-minas-historic-city-center/
Brazil	Osasco		28/08/2015	Community Center		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-osasco-associacao-de-assistencia-crianca-deficiente/
Brazil	Piumhi	Nossa Senhora do Rosário Church	02/05/2015	Igreja	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-ferraz-de-vasconcelos/
Brazil	Florianópolis		27/04/2015	Mural		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-florianopolis/
Brazil	Rio de Janeiro		25/03/2015	Communities		https://letscolourproject.com/akzonobels-global-lets-colour-program-continues-transform-rios-favelas/
Brazil	Curitiba		29/05/2014	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-curitiba/
Brazil	São Paulo		18/05/2014	Community Center		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-sao-paulo/
Brazil	Caçapava		18/04/2014	Community Center		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-cacapava/
Brazil	Salvador	Lacerda's elevator, Barroquinha's Cultural Center and the Model Market	23/03/2014	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-salvador/
Brazil	Porto Ferreira	Santa Casa de Porto Ferreira Hospital	21/02/2014	Hospital	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-porto-ferreira/
Brazil	São Paulo		07/11/2013	Hospital		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-sao-paulo-2/
Brazil	Jandira		11/10/2013	Community Center		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-jandira/
Brazil	Porto Alegre		03/08/2013	Murals		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-porto-alegre/
Brazil	Caixias do Sul		12/04/2013	Building		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-caxias-sul/
Brazil	Recife	Rua Bom Jesus	22/03/2013	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-recife/
Brazil	Novo Airão		22/01/2013	Communities		https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-novo-airao/
Brazil	Farrópilha	Igreja Nossa Senhora de Caravaggio	25/11/2012	Building	x	https://letscolourproject.com/church-nossa-senhora-de-caravaggio/
Brazil	Mauá		10/10/2012	Barão de Mauá Museum	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-barao-de-maua-museum/
Brazil	Fortaleza		17/08/2011	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/tudo-de-cor-para-voce-adds-colour-fortaleza/
Brazil	Porto Seguro		09/02/2011	150 houses	x	https://letscolourproject.com/adding-colour-porto-seguro/
Brazil	Ouro Preto	Santa Efigenia Ramp	07/10/2010	Historical Center	x	https://letscolourproject.com/ouro-preto-comes-life-colour/
Brazil	Rio de Janeiro	Lapa Stairs	12/03/2010	Street		https://letscolourproject.com/lapa-stairs-transformed-tudo-de-cor-para-voce/
Brazil	São Paulo	Bixiga	14/08/2009	Bixiga	x	https://letscolourproject.com/bixiga-gets-colour-makeover/
Ecuador	Quito	Parede de conexão com Plaza República	24/06/2017	Murals	x	https://letscolourproject.com/lets-colour-walls-of-connection-on-plaza-republica-ecuador/
Uruguay	Montevideo	La Comercial - Mural Luis Suarez	13/04/2015	School		https://letscolourproject.com/veni-al-color-montevideo/

FONTE: AkzoNobel (2023); A autora (2023).

APÊNDICE B | ROTEIRO PARA ENTREVISTA | CAMPO Nº _____

Data: ___/___/___ | Dia da Semana: () seg-sex () sáb-dom | Horário: _____

Contato inicial: Agradecer pela disponibilidade. Explicar de forma breve o objetivo da entrevista e seu uso na dissertação desenvolvida no PPGGEO-UFPR. Explicar que a entrevista será gravada. Solicitar a assinatura que consente a citação do entrevistado.

GRUPOS:

() Grupo 1: comerciante e trabalhador local | Onde: _____

() Grupo 2: morador de Curitiba e RMC

PARTE 1: IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____

Onde trabalha: _____

Onde mora: _____

Permite ser citado na lista de entrevistados: _____ Ass: _____

PARTE 2: PAISAGEM E A PALAVRA

1. Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem? E por qual motivo?
2. O que é o espaço do Largo da Ordem para você?
3. Como você descreveria para um amigo o Largo da Ordem?
4. O que é paisagem para você?

PARTE 3: PAISAGEM E A IMAGEM

EXERCÍCIO 1: mostrar as fotografias de paisagens coloridas e monocromáticas

1. Separe as fotografias em grupos. Como foram definidos os grupos?
2. Alguma dessas fotografias parece com o Largo da Ordem? Qual? Porque?
3. Selecione as três fotografias preferidas e justifique.

EXERCÍCIO 2: mostrar as fotografias antigas do Largo da Ordem

1. Houve transformação entre a paisagem da foto e o que estamos vendo?
2. Você sabia que as cores do Largo da Ordem não são as cores originais? Nos últimos 25 anos ele foi (re)pintado várias vezes. Você acha que essa alteração das cores das fachadas gerou algum impacto na forma que você vê essa paisagem?
3. Mesmo com as transformações das cores das fachadas, o que gostaria que fosse mantido no Largo da Ordem para as futuras gerações?

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 01 | 01

Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 10:35

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Gerovane

Idade: 56

Profissão: Pedreiro

Onde trabalha: Strahl (reformando a Igreja da Ordem)

Onde mora: Colombo (RMC)

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade o senhor vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Todos os dias por causa da obra.

Entrevistadora: Sem a obra o senhor vem aqui?

Entrevistado: Uma vez por ano.

Entrevistadora: E então agora o motivo é a o trabalho senão o senhor vem por que motivo?

Entrevistado: Passeio.

Entrevistadora: E o que o espaço do Largo da Ordem é para o senhor?

Entrevistado: É um local de lazer, e de trabalho.

Entrevistadora: Como que você descreveria o lago pra um amigo que nunca veio aqui?

Entrevistado: Pra quem gosta de prédios históricos este é o local. Só tem prédios históricos. Inclusive a igreja que nós estamos restaurando.

Entrevistadora: E o que é a paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem é tudo né!? Eu acho essa região aqui muito bonita. Apesar dessas situações que a gente vê de pichações, de depredações, mas tirando isso é muito legal.

Entrevistadora: Primeiro exercício eu vou dar umas fotografias, pode ficar à vontade de olhar elas com calma. São paisagens de Centros Históricos pelo Brasil e pela

América Latina. Se quiser pode apoiar na prancheta. Em seguida, gostaria que separasse elas em dois grupos, e me dissesse a motivação dos grupos.

Entrevistado: Seria isso! (Quito, Cusco e Santiago x Salvador, Paraty e Ouro Preto)

Entrevistadora: O que motivou essa separação?

Entrevistado: Eu acho que essa aqui essa aqui é mais de cunho religioso (Quito, Cusco e Santiago). Essas aqui (Salvador, Paraty e Ouro Preto) já é mais histórico, apesar de que aqui tem uma torre aí.

Entrevistadora: Alguma delas se parece com o Largo da Ordem? E por qual motivo?

Entrevistado: Ah essa né! (Salvador) Pelo caminho descendo.

Entrevistadora: E se você fosse escolher as três preferidas?

Entrevistado: Ah eu iria nessas três. (Salvador, Paraty e Ouro Preto)

Entrevistadora: Nessas três, por quê?

Entrevistado: Se eu tivesse que visitar eu visitaria essas três. Não tem nenhum motivo. Se eu fosse visitar visitaria essas três aqui né mais histórico. Essa aqui deve ser Maranhão.

Entrevistadora: Essa é a Ouro Preto. O próximo exercício eu vou te dar seis fotografias do Largo da Ordem, pode dar uma olhada com calma a maioria delas são preto e branco. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E aí eu te pergunto, houve uma transformação entre o Largo da Ordem das fotografias e o que estamos vendo?

Entrevistado: Bem pouco, né? Bem pouca mudança.

Entrevistadora: O que que você diria que mudou?

Entrevistado: A ausência do comércio. Que hoje não tem tanto comércio. O que mudou basicamente foi mais o comércio. Hoje não existe mais, o comércio de hoje são muitos bares. E a presença do pessoal que vive em situação de rua.

Entrevistadora: Sobre as cores da Largo, você sabia que essas cores não são originais? Essa informação impacta a tua leitura de paisagem do largo?

Entrevistado: Não muito, acho que só a questão da cor não tem um impacto. Pouca coisa. Mesmo tendo mudado as cores, ainda mantiveram algum resquício da história, época. Acho que é isso.

Entrevistadora: Última pergunta, mesmo com as transformações das cores das fachadas. O que o senhor gostaria que fosse mantido no Largo para as futuras gerações?

Entrevistado: Ah, as fachadas! Eu acho muito legal esse tipo de fachada. Você vê o trabalho que foi feito, quando foi feito isso aí. Hoje a gente tem tecnologia, tem muita coisa pra fazer. Hoje você pega as molduras e vai colando e pronto. Isso aí é tudo feito na massa, sabe?! É uma coisa incrível! Igual essa Igreja aqui, é toda feita de pedra. As paredes são tudo de pedra. Não tem uma coluna. Tem parede de 2 metros de largura. Incrível. Hoje tem tecnologia pra fazer, você faz a estrutura de metal. Na época foi feita tudo com madeira e barro.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 02 | 01
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 10:50

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Francisca de Oliveira

Idade: 60

Profissão: Ex-cabeleleira | aposentada

Onde trabalha: -

Onde mora: Carapó (Mudou de Curitiba a pouco tempo)

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Iniciando as nossas perguntas com que regularidade que a senhora vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Quando eu morava aqui eu vinha quase todo dia, eu vinha aqui na capela São Francisco. Depois que eu fui embora é a primeira vez que estou vindo.

Entrevistadora: E qual o motivo?

Entrevistado: Motivo religioso.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra senhora?

Entrevistado: Olha antigamente era meu ponto de paquera. Quando o Largo não era isso aí ó. Eu morei muitos anos aqui, não sou curitibana, mas morei muitos anos daí passei toda a minha juventude aqui. No meu tempo os barzinhos eram bonitos, no tempo que quem frequentava era bonito, eram as patricinhas. Então me dá tristeza hoje vê o Largo em que se transformou. Fico bem triste. Era tão bonito, no meu tempo de juventude isso aqui era o nosso ponto de encontro.

Entrevistadora: E como que você descreveria o largo pra uma pessoa que nunca veio aqui

Entrevistado: Eu falaria mais ou menos isso, que eu já gostei muito. Hoje eu fico triste de ver, mas que ainda é um lugar que você tem as memórias. Acho que que é isso.

Entrevistadora: O que é paisagem pra senhora?

Entrevistado: Acho que é isso, um lugar tranquilo e com muito verde.

Entrevistadora: Agora eu vou mostrar umas fotografias para a senhora. São seis fotografias de centros históricos alguns deles no Brasil outros por cidades na América Latina. A senhora pode olhar com calma que aí o próximo exercício seria a senhora

separar essas fotografias em dois grupos. Com a justificativa que a senhora achar mais interessante

Entrevistado: Aqui é Bahia, né?

Entrevistadora: Essa é Ouro Preto.

Entrevistado: Ouro Preto. Ainda não conhecia lá.... Assim.

Entrevistadora: E qual foi a justificativa?

Entrevistado: A arquitetura dessas daqui. Eu gostei dessa igreja (Cusco) que deve ser maravilhosa por dentro, bem antiga. Aqui (Salvador) como eu conheci lá, andei aqui achei maravilhosa a história. Aqui (Santiago) como eu não conheço, achei mais moderno né esse. Esses daqui (Ouro Preto, Paraty e Quito) assim achei interessante também.

Entrevistadora: Alguma delas parece o Largo? Por qual motivo?

Entrevistado: Ah, Salvador! Por causa da estrada.

Entrevistadora: Então se fosse separar as três preferidas?

Entrevistado: Seriam essas (Cusco, Salvador, Santiago). Achei mais bonitas.

Entrevistadora: Agora eu vou pra um outro momento. Essas são fotos antigas do Largo da Ordem a senhora pode dar uma olhadinha. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que houve transformação entre o Largo da Ordem das fotografias e o que estamos vendo?

Entrevistado: Eu acho que não. Assim lógico que era mais novo. Mas eu acho que não. Houve conservação. Não tem muita diferença. Não vejo muita transformação.

Entrevistadora: E se eu disser para a senhora que essas cores não são originais.

Entrevistado: Ah sim, quando eu conheci eram originais. Aí quando o Greca foi a primeira vez prefeito, ele mandou pintar tudo.

Entrevistadora: E aí a senhora acha que essas alterações nas cores das fachadas geram algum impacto de como você vê essa paisagem?

Entrevistado: No começo quando pintaram, ficou muito bonito. Não agora, porque faz muitos anos. Mas no começo que deram umas restauradas, que o Largo ficou bem colorido e bonito. Lá no princípio que estavam todas as portas bonitinhas, as cores mais vivas. Tirou aquele aspecto de sujeira, aí ficou bonito.

Entrevistadora: Mesmo com essas transformações nas cores das fachadas, como que a senhora gostaria que o Largo fosse mantido para as futuras gerações?

Entrevistado: Tinha que fazer mais conservação, acho que ficou meio abandonado. Faz tempo que eu acho que não é feito nada. Bastante negócio fechado. O que agravou isso é que se tornou um ponto de venda de crack. As pessoas deixaram de vir, muita gente tem medo de vir. Muita gente gostaria de vir, e não vem por medo. Chega de tardezinha isso aqui é um horror. Talvez por isso não investiram mais, teria que tirar toda essa turma daqui. Querendo ou não, dá medo. Que foi isso que os barzinhos foram falidos. Porque na minha época os barzinhos eram cheios de noite, essa rua era cheia de jovens!

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 03 | 01
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 11:06

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Rozeli Carneiro

Idade: 63

Profissão: Ex-professora | Aposentada

Onde trabalha: -

Onde mora: Santa Felicidade | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Iniciando as nossas perguntas, com que regularidade que a senhora frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Claramente eu passo aqui. Gosto de ir nos brechós, então quando eu vou nos brechós eu passo aqui. Passo aqui também quando tem a feirinha ou encontro de brechós, eu venho.

Entrevistadora: E se você fosse descrever pra alguém o Largo da Ordem?

Entrevistado: Olha eu na verdade eu acho que tem bastante barzinho pra quem gosta. Eu sou evangélica então eu não frequento. Mas eu acho legal as feirinhas que tem os artesanatos. É bem legal também pra você vir passear encontrar uma lembrancinha, eu acho que tem muita coisa. Eu acho que as feirinhas são maravilhosas.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra senhora?

Entrevistado: Paisagem eu acho que tudo que é bonito. Paisagem tem a ver com o verde né. Acho que tudo que é bonito. Que nem na feirinha se você olhar é uma paisagem bonita, tem o relógio (das flores), eu acho que é bem bonita.

Entrevistadora: Começando nossos exercícios, eu vou mostrar algumas fotografias pra senhora, pode pegar e ficar a vontade pra olhá-las. São seis fotografias. Se a senhora quiser usar a prancheta pra apoiar, pode ficar tranquila também. Eu vou pedir pra senhora separar em dois grupos. E me dizer o porquê dos dois grupos. É um motivo que a senhora preferir.

Entrevistado: Olha eu achei tudo meio igual.

Entrevistadora: São centros históricos pela América Latina.

Entrevistado: Sim, centros históricos, coisas mais antigas, casarões antigos. Eu acho que na verdade eu separei sem uma ideia. Eu acho que é tudo quase que é a mesma coisa. Eu vou dizer os Centros históricos e casarões antigos e é isso.

Entrevistadora: Alguma delas lembra o Largo da Ordem?

Entrevistado: São muito parecidas, talvez essa (Salvador) por causa dos casarões antigos.

Entrevistadora: E se a senhora fosse selecionar três que você mais gostou? E qual o motivo?

Entrevistado: Acho mais bonito essas coisas mais pros casarões bem mais antigos. Lembra lá o passado.

Entrevistadora: Mais um exercício. Agora aqui no Largo da Ordem. Essas são fotos aqui do largo. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E aí eu peço pra senhora você vê alguma transformação entre a paisagem que a gente tá vendo aqui e as fotografias?

Entrevistado: Não vejo muito não. Acho que na foto está bem parecida.

Entrevistadora: Aí se eu dissesse pra senhora que há vinte e cinco anos o largo vem sendo pintado e essas cores não são originais.

Entrevistado: Ah sim, as cores sim, mas os casarões são os mesmos. Eu acho que na verdade está pintado, mas está bem feio. Na verdade, eu acho bonito as feirinhas que acontecem aqui. Mas os casarões antigos estão bem abandonados, porque uma pintura bem feita daria vida.

Entrevistadora: A ideia que essas cores não são originais, que impacto que tem na sua visão do Largo?

Entrevistado: Eu acho que é falta de cuidado. Já são casarões antigos, daí as cores desbotadas não dão vida, por não estarem cuidados.

Entrevistadora: Mesmo com essas transformações nas cores das fachadas, como a senhora gostaria que o Largo fosse mantido para as gerações futuras?

Entrevistado: Eu acho que os casarões antigos devem ser preservados, só que melhor cuidados. Olhando as fotos da uma saudade de lá atrás. Porque antigamente era assim, então se você olha você volta lá no passado. Da uma saudade. Mas eu acho que falta ter vida, melhor cuidado.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 04 | 01
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 11:21

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Celina

Idade: 38

Profissão: Artesã

Onde trabalha: Praças | Espaços Públicos

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu moro aqui do lado, então todo dia.

Entrevistadora: E por que motivo que você vem?

Entrevistado: Eu trabalho aqui também né?! Exponho minhas artes aqui, mais pro fim de semana. De noite.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Muito turismo, muitos encontros, tem muitos bares, encontro de pessoas.

Entrevistadora: Se você fosse descrever o largo da ordem pra uma pessoa?

Entrevistado: Acho que é o ponto principal de Curitiba. Tem museus, tem histórias, igrejas que conta histórias de Curitiba.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem ela representa muito, a história, a imaginação da gente também. Desse lugar. Acho que é isso.

Entrevistadora: Agora vou te propor um exercício. Vou te dar umas fotografias. São seis fotografias. Você pode olhar elas com calma. São fotografias de centros históricos na América Latina e no Brasil. Vou te pedir pra separar em dois grupos e me dizer o porquê de cada grupo. O que motivou a sua separação.

Entrevistado: Aqui mais rústico, mais antigo (Quito, Cusco, Santiago). E aqui mais as cores, as janelas estão um ar mais moderno (Salvador, Paraty e Ouro Preto).

Entrevistadora: Alguma dessas fotografias ela se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim. Essas aqui (Quito, Cusco, Santiago). Tem dois estágios, mas aqui lembra mais o estilo arquitetônico.

Entrevistadora: E as três preferidas?

Entrevistado: Essa (Salvador), que tem um espaço amplo, essa (Quito) tem praça e essa aqui (Paraty).

Entrevistadora: Ótimo. Muito obrigada. Por que que você escolheu essas três?

Entrevistado: Chamou atenção pela foto, pelas cores, o reflexo essa (Paraty) aqui por ter espaço bastante gente andando (Quito) e aqui (Salvador) que lembra o Largo da Ordem aqui também esse pedaço.

Entrevistadora: O próximo exercício eu vou te dar seis fotografias do Largo da Ordem, pode dar uma olhada com calma a maioria delas são preto e branco. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E aí eu te pergunto, houve uma transformação entre o Largo da Ordem das fotografias e o que estamos vendo?

Entrevistado: Teve! Bastante. Mudou um pouco o cenário, as cores. Os donos não são mais os mesmos.

Entrevistadora: É interessante o que você falou das cores e é exatamente esse o ponto principal da pesquisa. O Largo da Ordem ele vem, assim como outros lugares de Curitiba, vem há vinte e cinco anos sendo cenário de várias transformações da cor dessas fachadas. Então quer dizer, esse vermelho não é exatamente a cor original, assim como o azul. Você acha que essa transformação das cores nas fachadas ela impacta de alguma forma a leitura das pessoas?

Entrevistado: Sim. Dá um ânimo assim, um ar. As cores mexem muito com a gente. Importante. Ficou bom!

Entrevistadora: O que que você gostaria que fosse mantido no Largo da Ordem pra gerações futuras?

Entrevistado: Continuar assim sendo bem cuidado, e continuar assim sempre com as cores. Manter esse padrão assim, que a história também.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 05 | 02
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 11:35

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: João Victor

Idade: 20

Profissão: Estudante de Direito | Estagiário

Onde trabalha: Ministério Público (Ahú)

Onde mora: Colombo (RMC)

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Tipo não é diariamente, é assim pra sair pra umas três vezes por mês.

Entrevistadora: Então a motivação é pra você sair pra lazer?

Entrevistado: Isso. Agora por exemplo a gente está tranquilo a gente está dando uma volta.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Olha eu acho que é um espaço de multicultural. Tem regiões que são mais tradicionais. Mas eu gosto mais de ir pra parte mais underground. Eu acho que é uma parte de Curitiba que agrega tudo no mesmo espaço. Tudo meio que combina.

Entrevistadora: E se você fosse descrever eu largo pra um amigo?

Entrevistado: Tem dias que ele pode ser encantador, tem dias que não. Único. Peculiar. É o uma parte histórica de Curitiba que atualmente os prédios mais antigos pra continuarem conservados foram cedidos para os comércios. Nas noites assim sábado, sexta, tem uma concentração de pessoas ali por causa dos bares, é uma região mais movimentada de Curitiba. Eu acho que ela é a melhor.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem, nossa. É termo, né? Coisa, paisagem necessariamente toda imagem assim natural aí eu não sei explicar bem. Paisagem é toda imagem. É toda imagem construída pelo homem ou não, que é possível ser visualizado de perto ou de longe. Quando a gente fala em paisagem vem na mente imagens do horizonte. Mas pra definir assim é difícil. É uma coisa pitoresca! Você consegue visualizar, mas se você tirar da cabeça eu vou falar é difícil né.

Entrevistadora: Agora eu vou te mostrar umas fotografias. São seis fotografias de centros históricos no Brasil e na América Latina. Então se você quiser até apoiar na prancheta aqui, pode olhar com calma. E eu já vou te pedir pra ir olhando e pensando em separá-las em dois grupos. O que motivou essa separação em dois grupos?

Entrevistado: Seriam esses dois aqui mesmo. Eu entendi a estrutura dessas duas (Quito e Cusco) acredito que sejam duas igrejas é meio similar. Por isso que eu juntei elas. Essa aqui, não tem quase nada a ver com essa, estrutura mais colonial (Ouro Preto), mas ela é mais singular com essa aqui. Já, aqui eu também a estrutura da igreja. Foi o que mais me chamou atenção e também a questão urbana. Aqui (Salvador e Paraty) dá pra ver que é um espaço bem reservado da cultural, prédios preservados. Já aqui (Santiago), prédios mais misturados com o urbanismo.

Entrevistadora: Se você fosse escolher as três preferidas?

Entrevistado: Essas três. Nesses dois casos por causa do colorido delas (Salvador e Paraty) sai do cinza nós estamos tão acostumados. Já nesse caso (Quito), por causa do branco, mas me traz uma memória, me lembra da Igreja aqui do centro histórico.

Entrevistadora: Alguma delas parece com o Largo?

Entrevistado: Eu diria que essa (Pelourinho) por causa da rua, da extensão.

Entrevistadora: Agora eu vou te dar outras fotografias do Largo antigamente. Pode ir olhando com calma. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E aí eu te pergunto se você acha que houve transformação entre o que vemos e essas fotografias.

Entrevistado: É tem algumas mudanças como a calçada de concreto ao invés dos pavimentos de paralelepípedo, mas de regra geral não muda muito. Tem por exemplo aquele prédio mais moderno (Memorial de Curitiba) que tem uma estrutura diferente, toda de vidro preto. A Casa Mundo, que também é uma estrutura diferente do restante. Mas de regra geral que se manteve.

Entrevistadora: E aí se eu te dissesse que essas cores do Largo da Ordem não são originais?

Entrevistado: Deveriam ser em tons pastéis? Acho que não seria tão bonito. Eu acho assim mais bonito. Acho mais bonito colorido. Não sei quando foi pintado, mas imagino que a pintura tenha sido para se espelhar no Pelourinho. O tom pastel tira a graça, assim como se fosse tudo pintado de branco. O colorido eu acho que traz uma vida, acho que foi pra lembrar do Pelourinho na Bahia. Tem aquela questão que parece que tem vida no ambiente.

Entrevistadora: O que você gostaria que fosse mantido no Largo para as gerações futuras?

Entrevistado: De maneira principal, a vida que tem nele. A movimentação que tem nele. E a estrutura que caracteriza ele, porque se vira uma rua de casas atuais ele perde a característica principal dele, a diferença, acaba se tornando com a Rua Itupava (rua boêmia curitibana fora do centro histórico). A estrutura do Largo é um diferencial, traz um charme para a rua. Eu nunca fui para o Pelourinho, não sei se tem muitos bares como aqui, mas eu acho uma característica essencial daqui a vida no Largo.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 06 | 02
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 11:57

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Patriciane

Idade: 39

Profissão: Costureira | Estudante de Design de Moda

Onde trabalha: Rua Trajano Reis

Onde mora: Piraquara (RMC)

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta ao Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu frequento todo dia esse espaço. Eu vou até ali aquela ponte do Cavalão Babão, entro na Trajano Reis, na terceira ou quarta casa (apartamento), eu já estou no meu serviço.

Entrevistadora: Então todo dia você passa por aqui? Pra ir pro trabalho?

Entrevistado: Pra ir pro trabalho, daí eu desço, venho pra Tiradentes pra pegar o ônibus pra ir pra casa.

Entrevistadora: E sempre passando pelo Largo?

Entrevistado: Só esse pedaço. Eu não sei se o Largo vai até que a altura, mas é só esse pedaço.

Entrevistadora: É, a gente fala Largo meio que tudo, mas o real é que é só a praça aqui é o Largo. Só que é todo mundo chama tudo de Largo. Na verdade, é Largo Coronel Enéas.

Entrevistado: E por que Largo da Ordem?

Entrevistadora: Porque essa igreja se chama Igreja da Ordem Terceira. E aí o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Na minha visão, como eu faço só esse trajeto simples, não paro para comer nada, é um calçadão com casas antigas que reflete o início de tudo. Porque ela traz a memória de quando se iniciou a cidade. Por mais que algumas tenham o jeito de ter sido reformadas, mas ela não foi tirada delas aquela essência de quando começou. É a minha visão porque eu só faço esse trajeto.

Entrevistadora: E como que você descreveria o Largo da Ordem pra um amigo?

Entrevistado: Está bonito. O que faz você entender que pra você chegar aonde você chegou, muitos que vieram antes tiveram que batalhar muito. Pra deixar hoje uma lembrança de que as construções de hoje em dia não têm nada a ver com a visão deles do passado. Você vai ver os outros prédios, é tudo uma formalidade só. Tipo um padrão. Aí você olhando aqui, você vê padrões diferentes, culturas misturadas, que cada um quis deixar a sua herança aí. É o que eu vejo.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem no olhar da gente seria mata. Mas como aqui tem bem poucas árvores, então é o colorido que traz vida ao local. Porque se olhar pra região onde eu moro, a paisagem você vai ver bastante matas, porque nós temos o Parque das Águas lá, então tem mato, tem água, tem um espaço onde você se reúne ao ar livre. Como aqui a cidade tem um espaço que tem pra você se juntar, pra conversar, comer e outras coisas, não tem muitas árvores, então se reflete nas cores que tem em volta esteja.

Entrevistadora: Agora eu vou te dar umas fotografias, são seis fotografias, tá? Pode dar uma olhada. Essas são fotografias de centros históricos na América Latina, no Brasil e em outros países. Você pode olhar com calma, mas já pensando em separá-las em dois grupos. Então três fotografias e três fotografias. E aí me justifique o porquê.

Entrevistado: Essas fotos aqui se refletem mais a origem de como as coisas foram criadas (Ouro Preto, Salvador e Cusco). Você pode ver que todas elas carregam quase o mesmo design de fora do país, do oriente que veio pra cá trazendo a sua origem. Todas elas trazem mais ou menos a mesma descrição. Já essas aqui (Santiago, Paraty e Quito), elas têm a descrição do passado com as mudanças do presente. Aqui (Cusco) uma casa que precisa ser reformada, trazer uma nova pintura, mas ela é origem passada. Aqui (Santiago) eles já quiseram embutir a atualidade. Tem o passado, mas tem atualidade. Estão no mesmo lugar, mas de épocas totalmente diferentes. Se você olhar os livros históricos, você não vê prédios, só casas de no máximo 2 andares. E todas elas trazem a estrutura do povo que veio até o Brasil para começar a nova origem.

Entrevistadora: Alguma dessas fotografias parece o Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Não sei te dizer.

Entrevistadora: Se você fosse selecionar as 3 que você mais gostou, quais seriam?

Entrevistado: Essas aqui (Santiago, Paraty e Quito), não sei dizer por qual motivo. Talvez pelo espaço de tempo que há entre uma e outra e as construções que foram se modificando.

Entrevistadora: Agora vou te dar outras fotografias. Essa são do Largo, fotos bem antigas. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você vê transformação entre as fotos e que estamos vendo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: O que mudou pra você?

Entrevistado: Primeiro que hoje em dia é colorido e as fotos são em preto e branco. Outra coisa é que não passam mais carroças, somente carros autorizados. Não tem mais comércio de vendas e trocas, agora é só comércio de consumo. As mudanças vieram com o tempo, foram muitas evoluções.

Entrevistadora: Muitas das cores que estamos vendo não são originais do momento que foi construída essa edificação. Há 25 anos o nosso centro histórico vem sendo pintado. Essa alteração das cores das fachadas gera impacto na forma que você vê o Largo, essa paisagem?

Entrevistado: Acredito que não, porque as cores não mudam o prédio em si, elas só dão uma nova cara. A geração que vai vir depois de mim e passar aqui e vai dizer “Nossa, que lugar bonito. Quando foi criado? Quem criou? Quanto tempo faz que tem isso aqui? Quais foram as pinturas?”. Com o passar do tempo, as pessoas vão ver com uma nova visão.

Entrevistadora: O que você gostaria que fosse mantido no Largo para as gerações futuras?

Entrevistado: Acredito que as estruturas estão boas, dá pra manter. Não sei se dá pra criar mais alguma coisa nesse espaço aqui. Está perfeito. Só o tempo que desgasta a tinta, mas pode ser passada nova. Consertar rachaduras. Pra mim não mudaria nada, porque é uma parte da história de Curitiba. Se mudar ela perde a história e a essência.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 07 | 02
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 12:16

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Larissa

Idade: 33

Profissão: Empresária

Onde trabalha: Loja do Centro

Onde mora: São Francisco | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta ao Largo?

Entrevistado: Pouco.

Entrevistadora: De vir pra ficar você diz.

Entrevistado: Isso, é.

Entrevistadora: Mas você passa com mais frequência.

Entrevistado: É, umas três vezes.

Entrevistadora: Por semana?

Entrevistado: Aham.

Entrevistadora: Mas só passando pra ir pra pro trabalho, no caso?

Entrevistado: Não, eu faço coisas tipo, tem a feirinha na quinta que eu almoço e passo por aqui.

Entrevistadora: Mas você só usa o Largo pra se deslocar, você não vem para estar nele.

Entrevistado: Muito pouco. É muito pouco.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: História. Representa a história. Eu acho que é história e convivência entre as pessoas assim.

Entrevistadora: Se você fosse descrever pra um amigo que nunca veio, que nunca esteve aqui.

Entrevistado: Vá no Largo da Ordem e vá na feirinha de domingo do Largo da Ordem. Venha conhecer o que é o artesanato, como é no domingo. A minha memória afetiva do Largo é isso de domingo.

Entrevistadora: E o que é a paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem pra mim são ambientes. Mas é a natureza.

Entrevistadora: Eu vou mostrar uma série de fotografias pra você agora. São seis fotografias de centros históricos da América Latina. A ideia é que você num primeiro momento separe em dois grupos. E me diga o que te motivou né? O que justifica essa separação em grupos.

Entrevistado: O que me chamou a atenção foram as construções, que são muito parecidas e os tons, as cores.

Entrevistadora: Ótimo. Então você separou por estilo arquitetônico e as cores nas fachadas.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Perfeito. E alguma dessas fotografias parece com o Largo da Ordem? Qual seria? Se tiver uma né? Pode dizer também que não tem.

Entrevistado: Essas duas me chamaram atenção: essa daqui (Quito) eu até tive que pensar mais um pouquinho pela estrutura da igreja que me remeteu e eu até achei que era em Minas Gerais. Apesar que tem bastante colorido. É, eu acredito que é uma mistura desse (Quito) porque tem a igreja. E mais colorido assim (Salvador), é essa aqui.

Entrevistadora: Perfeito. Se você fosse selecionar três dessas fotografias que mais te atraíram, enfim, que você mais gostou. Quais seriam? Por que motivo?

Entrevistado: Essa em São Paulo!

Entrevistadora: Essa é em Santiago

Entrevistado: Essa (Ouro Preto), e essa aqui (Cusco). Pela arquitetura, me chamou a atenção.

Entrevistadora: Essas aqui são fotografias antigas do Largo da Ordem. Então você pode olhar elas com calma e já identificar alguma coisa do que a gente está vendo, né? (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Com isso em mente, você acha que houve transformação desde essas fotografias para a paisagem que a gente está vendo? Para esse espaço que a gente vê hoje em dia?

Entrevistado: As ruas, o calçamento mudaram bastante. Era para estar mais cuidado, eu sinto isso. Pela história que representa o Largo. E o movimento, tinha muito mais movimento.

Entrevistadora: O que eu pesquiso em específico são as cores das fachadas. Essas cores que a gente vê, muitas delas, não são originais. O vermelho, o amarelo, o azul que temos aqui é uma intervenção que vem ocorrendo há 25 anos. E aí pode acabar não tendo uma identificação da cultura local. Com isso em mente, você acha que essa alteração das cores tem algum impacto na paisagem, nesse impacto para você? O fato de essas cores não serem as originais pode te levar a ter uma outra leitura do espaço?

Entrevistado: Com certeza. Como eram as cores antigamente aqui?

Entrevistadora: Eram mais claras, mais tons pastéis. Não tinha essa pigmentação tão forte.

Entrevistado: Ela era padronizada?

Entrevistadora: Por exemplo, se você olhar a pintura, a única fotografia colorida, elas eram mais amareladas. Porque você tinha uma disposição de cores muito menor do que temos hoje em dia e ainda existia uma técnica que quando você construía a edificação, você usava a terra do próprio local. A terra de Curitiba não é a mesma de Paraty, não é a mesma da Bahia, de Ouro Preto. Então, teoricamente, cada lugar deveria ter uma cor única, do seu local, da sua cultura.

Entrevistado: Então sim. Que legal isso.

Entrevistadora: E com isso, eu te pergunto, mesmo com essas transformações, o que você acha que deveria ser mantido para as futuras gerações aqui no Largo? Para de repente trazer essa vida novamente, esse fluxo, esse momento de ápice.

Entrevistado: É o que eu tinha comentado com você. Domingo eu gosto de vir aqui porque eu sinto que as pessoas saem de outras cidades, até fora do estado, e vem visitar porque é uma feira conhecida no nosso estado todo e chama muito atenção essa diversidade que eu gostaria que houvesse novamente, esse fluxo. As pessoas vêm tão empolgadas, e a gente, através da feira do artesanato, que a gente trabalha com isso... Que elas consigam ver isso sempre, essa alegria, o que o Largo representa. Não só um ambiente pra você vir e tomar uma cerveja. Esse comércio, eu gostaria que fosse reavivado e continuasse. Mas eu acho que não vai acontecer, né? Podia ter mais incentivo em relação a isso. Apesar que esses dias entrei em contato com a cultura, que é ali em cima, eles fazem bastante feiras, essas coisas assim, mas eu acho que poderia ser um pouco mais fomentado aqui.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 08 | 02
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 12:35

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Jandir Carlito Pacheco

Idade: 58

Profissão: Gesseiro

Onde trabalha: Desempregado

Onde mora: Espaço Público de Curitiba (morador de rua)

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade o senhor vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Toda semana. Tem uma casa de apoio no São Francisco. Dia sim, dia não, venho tomar banho, me alimentar, comprar roupa no bazar.

Entrevistadora: O senhor só passa por aqui então?

Entrevistado: Só passo. Já teve muitos shows legais aqui, já montaram o palco gigante aqui.

Entrevistadora: E o que o espaço do Largo da Ordem é pro senhor?

Entrevistado: Para falar a verdade, tem muita coisa boa e bonita, mas tem muita droga também. Tem um monte de tudo.

Entrevistadora: Como que você descreveria o Largo da Ordem pra alguém?

Entrevistado: Um lugar gostoso. Geralmente os turistas vem conhecer o Largo da Ordem. Eu acho legal o relógio das flores, bonito, mas ultimamente não vejo ele trabalhar. Os ponteiros estão sempre parados. Tem que falar com o Seu Greca pra fazer a manutenção do relógio. Tem também o cavalo babão. Domingo que é legal, que tem a feira, que é gigante, vai daqui até no final lá. Tem várias opções de gastronomia, show. Mas tem que ter dinheiro, porque é tudo caro (risos).

Entrevistadora: E o que é a paisagem para o senhor?

Entrevistado: Paisagem eu prefiro o Passeio Público, tem bastante bichinhos, árvores, um lugar fresco, tem um ventinho gostoso. Paisagem é natureza, natureza eu adoro.

Entrevistadora: Agora eu vou dar umas fotografias pro senhor. São 6 fotografias de centros históricos. Quero que o senhor dê uma olhada e separe em 2 grupos e me

diga o porquê, o que o motivou a separar nos grupos. São cidades no Brasil e fora do Brasil.

Entrevistado: Esse cavaleiro aqui eu nunca vi.

Entrevistadora: Esse é no Chile.

Entrevistado: Santiago?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado: E esse?

Entrevistadora: Cuzco, no Peru.

Entrevistado: Achei linda essa aqui (Salvador), colorida. Essa aqui deve ser Salvador/BA.

Entrevistadora: Exatamente.

Entrevistado: Pelourinho. Está uma violência desgraçada lá, saiu no jornal. Muito lindo esse aqui.

Entrevistadora: Esse é fora do Brasil.

Entrevistado: Não imagino onde seja.

Entrevistadora: Quito. Pode separar em 2 grupos de 3 fotos. E me dizer o que motivou.

Entrevistado: Achei linda essa rua aqui (Paraty), colorida. Essas duas (Santiago e Quito) aqui porque ali é uma igreja, parece uma catedral, e o povo ali em volta. Esse aqui deve ser o anjo Gabriel.

Entrevistadora: Alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Essa aqui (Quito), por causa da Igreja do Rosário.

Entrevistadora: E quais são as suas 3 preferias, entre as 6?

Entrevistado: Acho que essas 3 aqui. Todas elas são lindas. Pode escolher todas?

Entrevistadora: Um último exercício é aqui eu tenho seis fotografias do Largo da Ordem bem antigas. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Com o que o senhor vê nessas fotos, com o que estamos vendo agora, você acha que houve uma transformação?

Entrevistado: Transformou demais. O tempo, o povo. Antes não existia pedra, as pessoas não fumavam droga, não tinha muito ladrão. Hoje está demais. Eu preferia esse tempo aqui. Mas a gente não pode voltar atrás, né? Esse tempo aqui era bom, o cavalinho puxando a gente, não tinha poluição de queimação de combustível. O combustível era milho, um pouquinho de cana.

Entrevistadora: E o Largo, você acha que os edifícios mudaram?

Entrevistado: Acho que mudou pra pior. Está faltando alguma coisa nesse Largo.

Entrevistadora: O que o senhor acha?

Entrevistado: Pintar esse largo, daqui até o cavalo babão. Pintar o chão de verde, azul. Pra ficar mais gostoso, bonito pra caminhar. Colocar uma carreira de flores aqui no meio.

Entrevistadora: Essas cores não são as originais. Não havia esse amarelo, esse vermelho que estamos vendo. Esse azul aqui ao lado. Você acha que essa alteração nas cores de fachadas gera algum impacto na forma que você vê o Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim, as cores transformam. As cores velhas são meio embaçadas, vai chovendo e caindo a tinta, vai ficando fraquinho. Acho que o prefeito não manda em todos os prédios né, fica por conta de cada um. Essa igreja aqui, vai transformar, está demorando, mas vai ficar bonita. A Igreja da Ordem, acho que deveria começar uma pintura diferente nela.

Entrevistadora: Você acha que ela não tinha que ser branca?

Entrevistado: Pode ser um branco neve, mais branco. Esse branco já está desbotado faz muito tempo. Colocar um beje, amarelinho, até um cor-de-rosa.

Entrevistadora: Mesmo com as transformações das cores das fachadas. O que o senhor gostaria que fosse mantido no Largo para as futuras gerações?

Entrevistado: Alguma coisa de educação. De noite aqui é um fervo, vira um inferno. Hoje, amanhã (sexta e sábado) vira um inferno daqui até lá em cima. Deveria ter mais ordem. Colocar umas placas ali: "não faça isso", "não beba muito", algo de educação para as crianças, porque de noite aqui é muita droga, muita maconha, você fica tonto só com o cheiro.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 09 | 04
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 17:42

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Marcel

Idade: 33

Profissão: Azulejista

Onde trabalha: Construtora Manhattan

Onde mora: Campo Comprido | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo?

Entrevistado: Ah de vez em quando. Umas duas vezes no mês.

Entrevistadora: E por que motivo que você vem aqui?

Entrevistado: Tomar cerveja.

Entrevistadora: Lazer?

Entrevistado: Lazer.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Ah é só lazer mesmo no bar, né? Tomar uma cerveja.

Entrevistadora: E por que que você vem aqui?

Entrevistado: Trabalho a semana inteira, né. Ninguém é de ferro.

Entrevistadora: E como que você descreveria o largo pra alguém que não conhece?

Entrevistado: Ah vai lá no largo? Mas tome cuidado.

Entrevistadora: Mas e como que você descreveria o lugar?

Entrevistado: Lugar legal.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: A paisagem é legal. Preservada a casa, né? Não construíram prédio. Assim está bom.

Entrevistadora: Então paisagem pra você é?

Entrevistado: Arquitetura. Desenho, pedra, mármore. Isso para mim é arte, não aqueles quadros cheios de borrão. A minha arte é um mármore bem implantado na engenharia

Entrevistadora: Eu vou te dar umas fotografias. São seis fotografias, pode pegar. São fotografias de centros históricos no Brasil e fora do Brasil. Pode dar uma olhadinha com calma, se você quiser apoiar aqui na prancheta pode ficar à vontade. E daí eu quero que você já olhe pensando em separar elas em dois grupos diferentes. E aí você me diz qual a lógica que você usou. O que te chamou atenção? Por que você separou?

Entrevistado: Acho que essas duas aí é mais legal (Santiago e Cusco).

Entrevistadora: Mas seriam dois grupos. Mais uma e daí você me diz qual o motivo que separou.

Entrevistado: E essa (Quito). Eu acho que a engenharia, arquitetura. Preservou, construiu o prédio moderno, mas preservou o antigo (Santiago). E aqui (Cusco) também, não sei quantos anos tem, mas é um negócio bem feito.

Entrevistadora: E você acha que alguma delas se parece com o Largo da Ordem, inclusive aquelas que estão na tua mão?

Entrevistado: Talvez essa, mas eu acho que não. Não achei nenhuma parecida. Essa aqui talvez.

Entrevistadora: Salvador.

Entrevistado: Mas acho que também não tem nada a ver. Talvez por causa por causa das casas. Do tempo colonial que o pessoal construía mais ou menos igual né?

Entrevistadora: Está OK. E qual das quais seriam as tuas três preferidas?

Entrevistado: Essas aqui.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistado: Porque tem essa coisa do contemporâneo e do antigo junto

Entrevistadora: E agora só mais um exercício. Eu vou te mostrar fotos do Largo antigamente, fotos preto e branco. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve mudança entre a foto e o que estamos vendo?

Entrevistado: Mudou bastante. As pessoas principalmente. A casa: os desenhos, a pintura, a moldura. Mas a fachada não mudou?

Entrevistadora: A parte arquitetônica, pouco. Na questão de pintura, o que você acha que mudou?

Entrevistado: Está bonito.

Entrevistadora: Você sabia que as cores do Largo não são as cores originais?

Entrevistado: Original fica feio, né?

Entrevistadora: Você acha que essa alteração das cores das fachadas gerou algum impacto na forma que você vê essa paisagem?

Entrevistado: As cores, não. Se mantiver a fachada. Tudo em preto e branco não fica legal, né?

Entrevistadora: E se fosse mais claro?

Entrevistado: Uma casa ou outra, sim. Mas todas elas com a mesma cor, não.

Entrevistadora: Pensando nessas transformações, o que gostaria que fosse mantido no Largo para as futuras gerações?

Entrevistado: Do jeito que está aí, está bom. Só a questão da segurança, pro pessoal poder curtir com a família.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 10 | 04
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 17:59

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Renan

Idade: 28

Profissão: Assistente Jurídico

Onde trabalha: SJBA Consultoria Jurídica

Onde mora: Vila Guaíra | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta ou passa pelo Largo da Ordem?

Entrevistado: Olha, uma vez por mês, de frequentar assim, de vim tomar uma cerveja.

Entrevistadora: Diariamente você passa caminhando?

Entrevistado: Caminhando sim, todos os dias, quando vou e volto do trabalho.

Entrevistadora: Então diariamente pra se deslocar e uma vez por mês pra ter um momento de lazer. E o que é o largo da ordem pra você?

Entrevistado: O Largo da Ordem é uma mistura de tudo que envolve uma sociedade urbana né? Então todas as culturas elas vão estar mais concentradas no centro né. É uma mistura de todos os gêneros, todas as classes, todas as pessoas.

Entrevistadora: E o espaço Largo da Ordem fisicamente?

Entrevistado: Então, eu vejo uma arquitetura antiga, preservada em certos pontos. Mas o que eu mais vejo é mendigo. Bastante. É uma coisa chocante.

Entrevistadora: Tem aparecido bastante isso nas entrevistas. E se você fosse descrever pra alguém que nunca veio aqui o Largo da Ordem?

Entrevistado: É um lugar cultural pra você conhecer a história da cidade. Eu acho que aqui o lugar ideal, é onde a cidade praticamente surgiu, acho que começou aqui, né? Não entendo muito da história de Curitiba, mesmo eu tendo nascido aqui, morado minha vida inteira eu não conheço muito da cidade, né. Curitiba é engraçado por causa disso, né? É muito grande a cidade.

Entrevistadora: O Marco Zero é aqui do ladinho, na frente da catedral. O que é paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem é uma imagem que reflete o ambiente.

Entrevistadora: Então vamos pro exercício onde eu te mostro algumas fotografias de centros históricos, pode pegar e olhar à vontade. Alguns são brasileiros, cidades brasileiras, e outras são na América Latina. A ideia é que você separe elas em dois grupos. Então três e três fotos. São seis fotografias. E aí você me diga a lógica de escolha.

Entrevistado: Tem que separar elas em dois grupos, é isso? Então, eu acho que por causa das cores, dos formatos, até por causa do chão. O chão também eu acho que é bem importante. Assim, como eu ando de skate, esse (Salvador) chão não dá pra andar de skate. Entendeu? Então esse chão aqui (blocos de concreto no Largo) até dá. Mas esse aqui (paralelepípedo do Largo) já não dá, né?

Entrevistadora: E você acha que alguma delas se parece com o largo da ordem?

Entrevistado: Sim, eu acho que o Largo da Ordem tem um pouco de tudo isso, né? De todas essas imagens. A igreja que é esse negócio aqui (Salvador), que também parece esse negócio ali (Quito) da praça ali (Cusco) também. Olha aqui também (Santiago) eu acho que todas as imagens elas realmente parecem mesmo, lembram o Largo da Ordem.

Entrevistadora: Se você fosse separar as tuas três preferidas.

Entrevistado: As minhas três preferidas? Olha, como eu sou skatista não é difícil. Eu acho que eu ia ficar com esses aqui por causa do chão mesmo e ia escolher porque eu acho que dá pra andar bem de skate, são com certeza minhas favoritas.

Entrevistadora: Então deixa só te dizer uma curiosidade, que essas três cidades são brasileiras e essas três são fora do Brasil. Então você gostou mais das que são fora do Brasil. Agora eu vou te dar umas fotografias do Largo da Ordem antigas. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Com essas imagens do passado e a cena de hoje em dia, a paisagem que temos hoje, você acha que teve alguma transformação no Largo, no espaço?

Entrevistado: Como as fotos estão em preto e branco, sobre a cor eu não posso dizer. A arquitetura, a forma não mudaram muito não.

Entrevistadora: Pelo contraste, você consegue dizer se as cores se mantiveram ou não?

Entrevistado: É difícil dizer, não posso concluir com certeza.

Entrevistadora: Então você acha que acabou se mantendo, de certa forma? A curiosidade é que essas cores não são originais. Há 25 anos tem ocorrido intervenções em vários edifícios históricos em Curitiba em que se alterou a cor. Você acha que essa alteração de cor interfere na sua leitura do centro, do Largo? Saber que essas cores não são as originais muda a sua forma de olhar pro Largo?

Entrevistado: Longe disso, acho que se tivesse com a cor original até ia achar ruim, porque ia dar um tom de abandonado, de deixado largado no tempo.

Entrevistadora: Mesmo com essas transformações das fachadas, o que você gostaria que fosse feito ou mantido para as próximas gerações?

Entrevistado: Interessante a pergunta. Eu acho que combinar o tom histórico, manter a percepção antiga, mas também trazer o moderno. Combinar, para que você não perca o passado, mas também trazer uma coisa mais nova. Por exemplo: colocar uns espaços para andar de skate. Adaptar as coisas modernas. Esse chão é bom nem só para andar de skate, mas para caminhar. As pessoas mais idosas tendem a tropeçar, se machucar. Por isso acho que o moderno é importante, mas a história é importante também.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 11 | 04
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 18:15

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: João Felipe Batista

Idade: 18

Profissão: Atendente | Garçom | Cozinheiro

Onde trabalha: Canecão Bar | Largo da Ordem

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com qual frequência você vem no largo da ordem?

Entrevistado: Diariamente.

Entrevistadora: E por qual motivo?

Entrevistado: Por morar do lado e trabalhar. Segunda-feira, que é a folga, a gente vai em barzinho aqui também.

Entrevistadora: E o que é o espaço do largo da ordem para você?

Entrevistado: Principalmente um espaço cultural. É um espaço muito cultural que chama muito turista, tem muito turista. Para mim, é uma das partes mais bonita da cidade. Por ser muito rústico. Ter prédios, pontos da cidade muito conhecidos, como o bar do alemão, como o nosso bar, sabe?

Entrevistadora: E se você fosse descrever o largo para alguém.

Entrevistado: Um lugar bonito de dia. É bem cultural, como disse, só que de noite, um lugar meio caótico.

Entrevistadora: E fisicamente?

Entrevistado: Fisicamente de estrutura você diz? Um retrô. É tudo muito antigo. Tem poucas reformas aqui nos bares, na arquitetura.

Entrevistadora: E o que é paisagem para você?

Entrevistado: Depende do que você está pensando, querendo olhar, vamos dizer assim.

Entrevistadora: Eu vou te mostrar umas fotografias. São fotografias de centros

históricos, alguns no Brasil, alguns fora do Brasil. Vou te pedir para dividi-los em 2 grupos. Use a justificativa que você achar, o que você quiser olhar aqui e dizer que une todos do grupo.

Entrevistado: A única coisa que eu vi, tipo que me lembro mais ou menos, é que isso aqui parece ser mais europeu (Santiago, Cusco e Quito), sabe? E esses daqui (Salvador, Ouro Preto e Paraty) mais do nosso Brasil mesmo, Bahia, Salvador.

Entrevistadora: Mas você consegue identificar porque remete a alguma coisa europeia?

Entrevistado: Não sei. Mais do prédio, porque esse aqui é meio mesclado, sabe? Tipo, é mais urbano, vamos dizer assim, que me lembro.

Entrevistadora: Alguma delas se parece com o Largo?

Entrevistado: Sim. Todas.

Entrevistadora: Não tem nenhuma que sobressai?

Entrevistado: Acho que esse aqui, porque tem uma estátua.

Entrevistadora: Esta é em Santiago. Se você pudesse selecionar 3 dessas que você mais gosta?

Entrevistado: Olha, não é por nada, mas seria as 3 brasileiras. Porque é mais cor, é mais e mais vivo também, sabe?

Entrevistadora: Você gostou da cor?

Entrevistado: Sim, principalmente.

Entrevistadora: Agora eu vou te dar outras fotografias, essas são aqui do largo. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). O que você nota entre essas fotografias e o que a gente está vendo. Que transformações, se teve alguma transformação?

Entrevistado: Poucas coisas. A arquitetura aqui da Hoffman tá a mesma, só as cores que estão bem diferentes. A pintura deve ser outra provavelmente.

Entrevistadora: As cores das edificações, poucas são as originais. O amarelo, o vermelho, o azul, todas essas cores. Existe essa unificação entre as paisagens no Brasil. Mesmo estando em lugares diferentes, acabamos tendo a mesma paisagem colorida. Sobre isso, você acha que esse colorido muda sua leitura do Largo da Ordem de alguma forma?

Entrevistado: Muda, acho que fica mais bonito, mais atrativo. O colorido fica mais atrativo, uma cor de cada assim, acho bem mais atrativo. Se fossem as cores padrão (cinza, preto, branco, tons de bege) não seria tão atrativo quanto é hoje. As cores dão um embelezamento cultural. As cores padrão daria um aspecto muito antigo. Não seria uma coisa tão vívida quanto era. Seria uma coisa mais de passagem do que um lugar que você goste de ficar.

Entrevistadora: O que você acha que deve ser mantido no Largo para as próximas gerações?

Entrevistado: Essa energia dos bares. A construção, eles não deixam aqui muita pixação nesse espaço principal, eles cuidam bastante disso. Menos violência.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 12 | 04
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 18:30

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Marcos (não vê cores)

Idade: 36

Profissão: Auxiliar de RH

Onde trabalha: Mercedes (Bairro)

Onde mora: Santa Felicidade | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com qual frequência você vem no largo da ordem?

Entrevistado: De vez em quando. Bem menos de uma vez por mês. Só pra curtir mesmo.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Na sinceridade mesmo, cultura. Algumas culturas, estilos diversos. Enfim, entre outras coisas. O que mata é um pouco da criminalidade, por assim dizer, entre outras coisas.

Entrevistadora: E se você for se descrever o largo pra alguém que nunca veio aqui. Principalmente o espaço físico.

Entrevistado: É um ambiente legal, só tem que tomar cuidado, devido às pessoas que a gente não conhece, não sabe o que pode vir a acontecer, e sempre andar acompanhado de pessoas que conhecem. Tem alguns pubs legais, cervejas artesanais e chopes artesanais da hora. Alguns lugares que valem a pena.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Depende muito. Aqui mesmo temos algumas culturas góticas, alguns prédios góticos, a estrutura e a arquitetura dos prédios. Aqui mesmo essa rua maravilhosa de paralelepípedos e rochas, esses prédios históricos que existem há mais tempo do que eu.

Entrevistadora: Eu vou te mostrar umas fotografias agora. São seis fotografias, pode pegar. De centros históricos no Brasil e na América Latina. Eu gostaria que você separasse em dois grupos e me dissesse o que te motivou a fazer as escolhas.

Entrevistado: Pela arquitetura do ambiente, tipo o quê? Aqui (Paraty, Salvador, Ouro Preto) é mais rústico, uma parada mais interiorana, casinhas históricas de mil

novecentos e lá vai bolinha. Já aqui, já se vê a área urbana (Santiago, Cusco e Quito), mas junto com a história, ou seja, uma arte urbana, por assim dizer. Tipo movimentação das pessoas e os lugares onde você pode andar e ver e adquirir história pra ti mesmo e conhecimento. As coisas históricas do lugar. Entendeu? Que são os prédios, ruas, pessoas e por aí vai...

Entrevistadora: E alguma delas parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu não sei definir, porque o Lago da Ordem é único.

Entrevistadora: E as três preferidas?

Entrevistado: As interioranas, porque mostra a história da cidade.

Entrevistadora: Agora vou te dar outras fotografias do Largo, em preto e branco. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve alguma transformação?

Entrevistado: Muita. O espaço urbano, urbanização, pessoas, fluxo, história, entre outras coisas.

Entrevistadora: As cores não são mais as originais. Pensando nisso, você acha que impacta na sua visão do Largo da Ordem?

Entrevistado: Talvez daqui a vinte anos não vá mais existir nada aqui, devido à proliferação de pessoas, crescimento da cidade. Lugares históricos vão cair no esquecimento. Construção de arranha céus, escritórios. É a tendência da evolução humana, do urbanismo em si.

Entrevistadora: O que teria que ser feito para que o Largo da Ordem dure para as futuras gerações?

Entrevistado: As futuras gerações estão cagando pra história, mas vamos lá. As pessoas deveriam cuidar mais da cultura, principalmente as pessoas que moram e são nativas daqui. Hoje tem prédios que são degradados pelos próprios moradores da cidade. Pichações, depredações. Talvez eu passe aqui daqui vinte anos e isso aqui não exista mais, só vou conseguir ver por fotos e vídeos. A mudança, o crescimento, urbanização, tecnologia, tudo isso engloba o crescimento da cidade e a deterioração de alguns lugares históricos da cidade.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 13 | 03
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 18:52

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Jairo Neto

Idade: 27

Profissão: Empresário

Onde trabalha: Boesia Bar | Largo da Ordem

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: Bastante. Diariamente. Por causa do trabalho.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Uma área boêmia. A área mais bonita de Curitiba, infelizmente só a parte de segurança está faltando um pouco. Mas hoje pra mim é a região, é a área mais bonita de Curitiba. A parte boêmia de Curitiba.

Entrevistadora: Se você fosse descrever o espaço físico do Largo?

Entrevistado: Os móveis, essa parte histórica, esses casarões antigos, realmente eu acho que das cidades eu já vi, na parte turística acho que é a mais bonita mesmo.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Eu gosto muito da parte tropical, mas não sei te explicar, não sei o que é paisagem pra mim.

Entrevistadora: Tem que ter verde então?

Entrevistado: Tem que ter verde, gosto de verde, gosto de mar, gosto de toda essa pegada, mas também gosto dessa parte antiga, rústica.

Entrevistadora: Eu vou te mostrar umas fotografias agora. São seis. São fotografias no Brasil e fora do Brasil. Mas na América Latina, tá? E aí você já pode olhar criando um critério pra separá-las em dois grupos. Três e três fotos. E aí você me diga qual foi a tua motivação. Por quê? Qual foi teu critério?

Entrevistado: Aqui. Gostei de três grupos aqui. Eu acho que lembra bastante Curitiba, o centro nosso, a parte histórica mais bonita da cidade. Essa parte aqui com as

estátuas (Santiago) né? Acho bem legal. A própria igreja (Cusco) lembra bastante a nossa aqui também que eu acho muito linda a praça Tiradentes. E essa parte das casas antigas (Salvador) também gosto bastante né? E lembra muito também a nossa cidade aqui.

Entrevistadora: Essa ia ser minha próxima pergunta: com qual que você identificava Curitiba né? E qual das três são tuas preferidas?

Entrevistado: Essas aqui (Santiago, Cusco e Salvador).

Entrevistadora: Agora eu vou te mostrar mais três fotografias. Essas são do Largo, antigo. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve transformação de lá pra cá?

Entrevistado: Acho que não, muito pouca. Quase nada, talvez. Muito pouco. Fora os carros que entravam diretamente dentro do pátio, eu não acredito que houve uma grande mudança, não. Acho que mantém muito ainda a origem da parte histórica.

Entrevistadora: Se eu te falasse que as cores das fachadas não são originais nesse momento, que há vinte e cinco anos, mais intensamente, as cores azuis, vermelho, amarelo, não existiam. Você acha que isso muda a tua leitura do Largo?

Entrevistado: Não, acho que não, acho que está até melhor. Porque a variedade de cores destacou mais os imóveis. Acho que ficou até mais bonito.

Entrevistadora: E então mesmo com essa transformação das cores, o que você acha que deveria ser feito pra que o largo permaneça? Pra que ele se mantenha para as próximas gerações.

Entrevistado: Acho que é segurança, né? Acho que hoje nos falta muito a parte de segurança. Eu como empresário diretamente aqui há sete anos no centro, acho que entra prefeito, sai prefeito, eu sinto que está abandonado nessa parte de segurança. Acho que tem que melhorar muito nessa parte de segurança porque é um lugar que é o cartão postal da cidade, é o primeiro lugar que o turista vem, e a gente ouve muita reclamação de turista mesmo sobre droga, sobre pedintes. Então acho que hoje o Largo da Ordem tem tudo pra ser a parte mais boêmia, mais top de Curitiba, e o que falta hoje é essa questão da segurança. E pra gente que está aqui, eu acredito que se não fosse os comerciantes hoje aqui no centro, isso aqui já teria sido invadido, já teria acabado há muito tempo. Acho que falta a prefeitura olhar isso aqui, que quem segura, quem mantém isso aqui, são os empresários. Eu mesmo investi por sete anos um bom valor aqui pra manter uma boa estrutura. Hoje o próprio curitibano acha que não compensa trazer famílias no Largo da Ordem. As crianças, as pessoas mais idosas têm medo. Acredito que está faltando essa questão de infraestrutura aqui.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 14 | 03
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 19:23

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Kalinny

Idade: 27

Profissão: Missionária

Onde trabalha: Piraquara | RMC

Onde mora: Piraquara | RMC

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: É minha primeira vez.

Entrevistadora: E por qual motivo?

Entrevistado: Para evangelismo, vou falar com pessoal.

Entrevistadora: O que seria o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: É a concentração de toda a cidade, dos turistas é o point.

Entrevistadora: E se eu pedisse para descrever o Largo da Ordem?

Entrevistado: Me remete a algo de época, retrô. Junta o antigamente com o contemporâneo.

Entrevistadora: Paisagem, o que é paisagem para você?

Entrevistado: Para mim é a expressão do belo. Da beleza, da estrutura da beleza do paralelepípedo. Então é uma expressão.

Entrevistadora: Eu vou dar seis fotografias para você. São fotografias no Brasil e fora do Brasil, mas dentro da América Latina. Gostaria que você separasse em dois grupos e me dissesse o que motivou as escolhas.

Entrevistado: Muito Bahia, Maranhão. Essa é Bahia (Salvador), eu sei que não é Maranhão porque eu conheço muito bem o centro histórico lá, mas é muito semelhante a questão dos formatos das janelas, as pinturas, as cores. Preservação da estrutura física.

Entrevistadora: E aí, alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu acho essa (Quito), tem cores aqui, mas tem muito branco, muita cor clara. Eu acho que a parte mais colorida do Largo da Ordem (entendido como Setor Histórico) é essa daqui.

Entrevistadora: E se você fosse selecionar as três preferidas?

Entrevistado: Essa aqui (Salvador) aconchego, nordeste. Essa (Quito) aqui porque me traz um outro tipo de pertencimento de casa. Essa aqui (Cusco) porque traz uma ideia de oriente médio.

Entrevistadora: Agora vou dar mais fotografias, do Largo da Ordem antigamente. Pode olhar com calma. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E em seguida me diga se você nota alguma transformação entre o Largo das fotografias para o Largo que estamos vendo.

Entrevistado: Acho que o que ainda permanece da estrutura tem também outras coisas que sobressaem exatamente para permanecer essa preservação.

Entrevistadora: Se eu te falasse que as cores das fachadas não são originais nesse momento, que há vinte e cinco anos, mais intensamente, as cores azuis, vermelho, amarelo, não existiam. Isso vem resultando em uma semelhança de paisagens pelo Brasil, acabamos não conseguindo diferenciar uma da outra. Você acha que isso muda a tua leitura do Largo?

Entrevistado: Se permanecesse na cor original, como o nome já diz, ficaria autêntico. Porque as cores, vou falar do centro histórico do Maranhão, seriam de autenticidade do centro histórico do Maranhão, as cores daqui, seriam de autenticidade daqui de Curitiba. Iria trazer mais essa singularidade local, não iria perder essa identificação local.

Entrevistadora: E então mesmo com essa transformação das cores, o que você acha que deveria ser feito pra que o largo permaneça? Pra que ele se mantenha para as próximas gerações.

Entrevistado: Eu acho que preservando o design original dele, e questionar qual a mudança das cores, qual o sentido disso. E aquilo que é original vai atrair as pessoas certas, não vai precisar de muita cor, muito isso, muito aquilo. Quem realmente quiser, vai se sentir atraído, afeiçoado. Não é necessário perder a sua originalidade para se enquadrar.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 15 | 03
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 19:23

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Gabrielly

Idade: 25

Profissão: Missionária

Onde trabalha: Piraquara | RMC

Onde mora: Piraquara | RMC

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: Eu já vim algumas vezes, mas não com frequência

Entrevistadora: E por qual motivo?

Entrevistado: Evangelismo

Entrevistadora: O que seria o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: O coração de Curitiba.

Entrevistadora: E se eu pedisse para descrever o Largo da Ordem?

Entrevistado: Centro Histórico. Essa é a primeira vez que eu estou olhando o Largo. Me lembrou um centro histórico. É tipo uma vila histórica para mim. Parece uma vila do Chaves.

Entrevistadora: E o que é paisagem para você?

Entrevistado: Seria uma visão ampla do espaço, uma visão panorâmica. Que na minha concepção, pode ou não ser bela. Tendo em mente o conceito do belo, o que é belo para mim. É algo relativo. Uma paisagem pode ser considerada bela para diferentes pessoas.

Entrevistadora: Eu vou dar seis fotografias para você. São fotografias no Brasil e fora do Brasil, mas dentro da América Latina. Gostaria que você separasse em dois grupos e me dissesse o que motivou as escolhas.

Entrevistado: Eu não sei, mas essas fotografias (Salvador, Paraty e Ouro Preto) me passaram um ar antigo, mas com muita brasilidade, por causa das cores. Aqui (Quito, Cusco e Santiago) já me passou um ar histórico europeu.

Entrevistadora: E aí, alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Seria uma mistura entre Salvador e Cusco, pelas cores e arquitetura.

Entrevistadora: E se você fosse selecionar as três preferidas?

Entrevistado: Eu gostei dos formatos das portas e janelas (Ouro Preto e Paraty), elas são coloridas, mas é um colorido organizado. Eu achei essa aqui (Santiago) bem similar, é colorida, mas é clean. A outra (Salvador) eu achei muuuuito colorido. Essa aqui (Cusco) me dá um ar turístico, não é tão belo na minha concepção, mas dá um ar de viagem.

Entrevistadora: Agora vou dar mais fotografias, do Largo da Ordem antigamente. Pode olhar com calma. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E em seguida me diga se você nota alguma transformação entre o Largo das fotografias para o Largo que estamos vendo.

Entrevistado: Eu acho que mudou um pouco, principalmente algo nas fachadas, como as portas e janelas. As cores também mudaram.

Entrevistadora: Se eu te falasse que as cores das fachadas não são originais nesse momento, que há vinte e cinco anos, mais intensamente, as cores azuis, vermelho, amarelo, não existiam. Isso vem resultando em uma semelhança de paisagens pelo Brasil, acabamos não conseguindo diferenciar uma da outra. Você acha que isso muda a tua leitura do Largo?

Entrevistado: Tem uma questão que talvez até pela semelhança, na minha cabeça da a cara de Brasil. Eu sou completamente leiga, mas na minha cabeça, as cores remetem ao Brasil. Já as outras traria um ar muito europeu.

Entrevistadora: E então mesmo com essa transformação das cores, o que você acha que deveria ser feito pra que o largo permaneça? Pra que ele se mantenha para as próximas gerações.

Entrevistado: Pra mim seria a conscientização da valorização do Largo.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 16 | 03
Data: 26/05/2023 | Dia da Semana: sex | 19:23

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Guilherme

Idade: 25

Profissão: Missionário

Onde trabalha: Piraquara | RMC

Onde mora: Piraquara | RMC

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: Segunda vez que ele entrou.

Entrevistadora: E por qual motivo?

Entrevistado: Evangelismo

Entrevistadora: O que seria o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Eu acho que é o espaço onde você pode encontrar maior diversidade em Curitiba, na minha opinião.

Entrevistadora: E se eu pedisse para descrever o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu vejo uma mistura. Eu acho que é um lado retrô, meio vintage com uma coisa mais underground. Uma coisa mais contemporânea, eu já vi grafite então eu já vi uma coisa mais nesse aspecto.

Entrevistadora: E o que é paisagem para você?

Entrevistado: Paisagem para mim é aquilo que eu acho belo. Mas aquilo que eu acho belo é baseado na minha referência do que é belo.

Entrevistadora: Eu vou dar seis fotografias para você. São fotografias no Brasil e fora do Brasil, mas dentro da América Latina. Gostaria que você separasse em dois grupos e me dissesse o que motivou as escolhas.

Entrevistado: Vou tirar pela semelhança. Eu vejo, por mais que esse prédio (Salvador) se pareça com os outros, ele tem um ar, uma cara mais brasileira, principalmente pelas cores.

Entrevistadora: E aí, alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: A que mais me traz é essa aqui (Ouro Preto), se fosse trazer a mais próxima. Mas não é muito parecido para mim. Não falei erra, essa daqui (Salvador), é mais colorida.

Entrevistadora: E se você fosse selecionar as três preferidas?

Entrevistado: Essa (Cusco) por causa da montanha.

Entrevistadora: Agora vou dar mais fotografias, do Largo da Ordem antigamente. Pode olhar com calma. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). E em seguida me diga se você nota alguma transformação entre o Largo das fotografias para o Largo que estamos vendo.

Entrevistado: Alguns pontos se mantiveram, mas não tem como sempre vai mudando. As portas são totalmente diferentes.

Entrevistadora: Se eu te falasse que as cores das fachadas não são originais nesse momento, que há vinte e cinco anos, mais intensamente, as cores azuis, vermelho, amarelo, não existiam. Isso vem resultando em uma semelhança de paisagens pelo Brasil, acabamos não conseguindo diferenciar uma da outra. Você acha que isso muda a tua leitura do Largo?

Entrevistado: Acredito que se ficasse original seria mais interessante, exatamente por representar a cor daqui.

Entrevistadora: E então mesmo com essa transformação das cores, o que você acha que deveria ser feito pra que o largo permaneça? Pra que ele se mantenha para as próximas gerações.

Entrevistado: Às vezes a galera tentam trazer o contemporâneo para lugares que não precisa. Então você acaba perdendo muito da essência do que foi construído, porque você quer estilizar e falar “a gente é Brasil e a gente põe as nossas cores”. Pensar em como somos influenciáveis pela própria indústria sobre as cores, para falar “isso aqui é Brasil”. Eu sou de Santos, o centro histórico de lá nas fotos antigas era a mesma corzinha, o branco mais assim, era meio amarelinho. Aí o padrão vai mudando, aí a galera joga um azul.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 17
Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 10:04

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Laura

Idade: 22

Profissão: Secretária | Estudante Enfermagem

Onde trabalha: Curso Dinâmico | Largo da Ordem

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade que você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Todos os dias.

Entrevistadora: Há quanto tempo?

Entrevistado: Há cinco anos.

Entrevistadora: E a motivação?

Entrevistado: Pra trabalhar.

Entrevistadora: De segunda a sexta?

Entrevistado: De segunda a sexta. Sábado é por escala. Então, uns dois sábados ao mês.

Entrevistadora: E você frequenta aqui pra lazer? Depois do trabalho ou enfim, você volta em algum momento do fim de semana?

Entrevistado: Às vezes eu venho na feirinha no domingo ou até mesmo final de semana, quinta, sexta, né? Saio do trabalho já fico por aqui.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Eu vejo o espaço de socialização, né? Um ponto bem histórico de Curitiba, né? Que o pessoal conhece. Enfim, eu gosto bastante do largo, acho bem bacana. Claro, tem algumas melhorias, alguma coisinha aqui ou ali né, mas é bem histórico e bem centralizado.

Entrevistadora: Como você descreveria para um amigo o Largo da Ordem?

Entrevistado: Então, é que aqui às vezes temos eventos: evento de natal, algum musical, ou até mesmo ali o bar Quintal do Monge, o Bar do Alemão, que é um ponto bem centralizado.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do lugar?

Entrevistado: Eu falaria geograficamente, né? É próximo à Praça Tiradentes, é onde tem o cavalo babão. Que ele é bem conhecido também, onde tem os bares e os prédios históricos com a fontezinha no meio.

Entrevistadora: O que é paisagem pra você?

Entrevistado: Para mim a paisagem remete a lugar com árvores, um gramado, um lago né? A paisagem mais do campo, né? De paisagem urbana, prédios, movimento, carros.

Entrevistadora: Agora a gente vai passar pros exercícios das fotografias. Eu vou te dar seis fotografias aqui tá? São fotografias no Brasil e na América Latina de centros históricos, assim como o Largo da Ordem. E aí você pode olhar com calma e eu já vou pedir pra você olhá-las de forma que você as separe em dois grupos. E aí você me justifica a sua escolha. As semelhanças que você vai encontrar entre elas.

Entrevistado: Tá. Os dois grupos? Pelas cores. Aqui tem mais cor, né? Essas três.

Entrevistadora: Ótimo. Então, pelas cores. E alguma dessas fotografias parece com o Largo da Ordem? Por qual motivo?

Entrevistado: Sim. Essa aqui. Pelas cores e caminho.

Entrevistadora: Salvador. E agora eu te digo assim uma curiosidade né? Essas são brasileiras e essas são da América Latina. E aí eu gostaria que você escolhesse as três preferidas. Não necessariamente do mesmo grupo.

Entrevistado: Gostei muito dessas.

Entrevistadora: Quito, Paraty.

Entrevistado: Acho que esse aqui mesmo, Salvador.

Entrevistadora: Por algum motivo específico?

Entrevistado: Eu me imagino nelas, gostaria de ir, de andar.

Entrevistadora: Então finalizamos com essas imagens e agora eu vou te dar outras seis, que são fotografias antigas aqui do Largo da Ordem tá? (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Olhando essas fotografias e a nossa paisagem, você acha que teve transformação entre as fotografias e o Largo de hoje em dia?

Entrevistado: Teve. Mudança no uso de cavalos, carroças. Com os anos, a globalização. Os prédios, também, passaram por pinturas. Acho que eles não perderam a essência. Como a Casa Hoffman, que ainda está do mesmo jeitinho. Teve algumas coisinhas que mudaram, a pintura, alguns espelhos. A própria igreja também. Mas ainda é um ponto histórico.

Entrevistadora: Sobre as cores, o que você acha que mudou?

Entrevistado: A pintura que foi renovada.

Entrevistadora: E você acha que não foi pintado da mesma cor?

Entrevistado: Não sei, acho que alguma coisa deve ter mudado.

Entrevistadora: Curitiba e o Largo vem há 25 sendo cenário dessas intervenções cromáticas, essas alterações das cores. O vermelho, o amarelo, o azul que vemos aqui não são as cores originais. Como a própria Casa Hoffman. Nessa ideia, acabamos tendo um centro muito parecido com Salvador, como você mesmo apontou. Então a gente perde essa identidade local. Você acha que essas alterações nas cores das fachadas geram algum impacto na forma como você o Largo, essa paisagem do Largo? Se ela fosse da mesma cor, você acha que seria uma outra paisagem?

Entrevistado: Sim, mudaria. Se fosse da mesma cor desde o começo, remeteria mais a algo mais histórico ainda, porque essas cores mais vibrantes são mais recentes, não é algo da época. Mas mesmo assim, pelo jeito, pelas instalações, pela arquitetura dos prédios, ainda dá pra lembrar algo histórico.

Entrevistadora: Você acha que está melhor assim ou no original?

Entrevistado: Difícil. Assim está novo, está bonito. Você olha um jogo de cores, é chamativo, chama a atenção para os bares, é uma coisa mais alegre, viva. Mas a cor original é algo histórico. Como o Largo é um centro histórico, teria que ser algo histórico mesmo. Então fico dividida nessa pergunta.

Entrevistadora: O que você gostaria que fosse mantido no Largo para as futuras gerações? Para que a gente continue vivenciando ele, frequentando.

Entrevistado: Esse chão de pedrinhas, as fontes, o cavalo babão e o formato dos prédios, manter a arquitetura.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 18

Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 10:20

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Roseli Ponce

Idade: 56

Profissão: Comerciante

Onde trabalha: Lanchonete do Curso Dinâmico | Largo da Ordem

Onde mora: CIC | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Todos os dias de segunda a sábado, das seis e meia da manhã até nove horas da noite.

Entrevistadora: Você mora no lago então?

Entrevistado: É verdade, você me encontra mais aqui do que na minha casa.

Entrevistadora: Em algum momento você vem pra lazer aqui?

Entrevistado: Não. Acabou o trabalho? Tchau.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Acho que é um centro, como é que eu vou te explicar? É o cartaz turístico da nossa cidade. É um ponto turístico da nossa cidade. Tem um lado bom, bonito e tem seu lado ruim também, né. Pra mim eu acho que é mais turístico do que qualquer outra coisa.

Entrevistadora: Como você descreveria pra um amigo o Largo da Ordem?

Entrevistado: Muito bonito. O lugar é muito bom, bonito. Eu acho que antes, no passado, era melhor ainda. Agora tem muito moradores de rua mas ainda continua sendo um ponto turístico muito bonito pra ser visitado.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do Largo?

Entrevistado: Ao mesmo tempo que é um ponto turístico, ele está sendo hoje em dia um ponto de muitos moradores de rua. Eu acho que podia melhorar um pouquinho mais. Ele está sendo frequentado por muitos moradores, muitos dependentes, né? Então acho assim que devia dar uma melhorada.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: A paisagem pra mim é um lugar lindo, ar puro, com mata verde. Isso pra mim é uma paisagem. Lagos, animais. E aqui o Largo eu acho hoje em dia está sendo um lugar muito perigoso pra você andar, pra você frequentar. Eu digo assim que sou uma pessoa maior de idade eu não aconselharia meus filhos a vir no hoje à noite aqui. Ele é bonito durante o dia para o turismo. Agora à noite eu já acho meio perigoso.

Entrevistadora: Então eu vou começar o nosso primeiro exercício com fotografias. São seis fotografias de cidades no Brasil e na América Latina. E aí eu vou te pedir pra dar uma olhada nelas e separá-las em dois grupos. Nesses grupos elas vão ter coisas similares e daí você me diga o porquê desses dois grupos, o que você identificou nessas fotografias.

Entrevistado: Eu acho que seria isso aqui com isso e esse com esse.

Entrevistadora: E por quê? O que você viu em comum aqui?

Entrevistado: Eu vi aqui em comum as casas antigas parecidas, né? Os lugares da igreja, as casas e aqui eu vejo muito ar livre. A paisagem, mato, árvores, assim o pessoal mais ao ar livre.

Entrevistadora: E alguma dessas fotografias parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Essas daqui.

Entrevistadora: Salvador essa. Por que você acha que você parece?

Entrevistado: Eu não sei, pela rua, você olhando lá de cima sabe? Descendo aqui assim, as casas parecidas, com essa igreja que parece que aquela primeira ali de cima sabe? A rua descendo assim as casas parece com o Largo. O Largo não seria nenhuma dessas, né?

Entrevistadora: Não, o Largo não está. E se você fosse escolher as 3 preferidas, entre as 6? E o porquê?

Entrevistado: Essas, por serem ao ar livres, com pessoas.

Entrevistadora: Quito, Cuzco e Santiago. As três que são fora do Brasil, por coincidência. Agora vou te dar outras fotografias, 6 fotografias do Largo da Ordem antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve uma transformação entre esse Largo e o Largo que a gente vê hoje em dia?

Entrevistado: Teve, bastante. Esse aqui ainda continua o mesmo (Casa Hoffman).

Esse aqui mudou bastante, pra melhor (Romário Martins). Esse aqui continua o mesmo, só mudou as pessoas, o transporte, hoje em dia não passa mais. Hoje com outra pintura, mais colorido. Esse aqui também mudou bastante, parece uma rua deserta e hoje em dia já é bem mais movimentado, mudou bastante. A igreja ficou mais bonita.

Entrevistadora: A senhora é curitibana?

Entrevistado: Sou cascavelense, vim pra cá com 11 anos.

Entrevistadora: A senhora comentou das cores e essa é exatamente a questão. O Largo e outras edificações em Curitiba vem há 25 anos sendo repintadas, não necessariamente na cor original. Estão mais coloridas, com uma pigmentação mais forte, mais viva. O que acontece é que as paisagens acabem se parecendo, até como a senhora disse, com Salvador, que apesar de ser no Brasil, é uma outra cultura, um outro povo. E aí a gente acaba tendo essa repetição de paisagens e a perda da identidade local. Sobre isso, a senhora acha que as cores mudaram a sua forma de ver o Largo? Se ele tivesse suas cores originais, seria uma outra forma de ver? Seria melhor, pior?

Entrevistado: Eu acho que assim está bom. Se voltassem essas cores assim, original, ficaria meio apagado. Não teria tanto esse movimento, essa coisa bonita que tem aqui. Acho que o colorido dá mais vida, chama mais a atenção. Acho que se não fosse assim, não seria um ponto turístico.

Entrevistadora: Não seria tão atrativo?

Entrevistado: Acho que não. Acho que o mais atrativo aqui, por mais que essas casas sejam antigas, essas cores, esse colorido chama a atenção e dá mais um ar de alegria, mais vivo, mais bonito.

Entrevistadora: O que você gostaria que fosse mantido no Largo para as futuras gerações?

Entrevistado: Mais fiscalização, mais segurança. Principalmente a segurança. Do jeito que está, está bonito, está lindo. Mas falta um pouquinho de segurança. Hoje em dia está muito perigoso o Largo da Ordem. O que falta aqui pra mim é segurança. Esse pedacinho aqui está virando quase uma cracolândia. Eu que chego às 6h30 da manhã, vejo muita gente dormindo nas calçadas, muito traficante vendendo drogas. Os bares são bonitos, mas você vai deixar o seu filho adolescente vir aqui? Na entrada já estão oferecendo droga. Acho que o que falta aqui é mais segurança.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 19

Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 10:43

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Jorge

Idade: 54

Profissão: Comerciante

Onde trabalha: Loja Mister Mundo

Onde mora: Barreirinha| Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade o senhor vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Todos os dias. De segunda a sexta. Domingo também. Comércio. Trabalhar no comércio.

Entrevistadora: Qual o horário de comércio?

Entrevistado: Dez e meia às oito.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Pra mim além de ser um ganha pão, eu trago a cultura pro povo, trago o bem-estar das pessoas com aromaterapia, que é os incensos, com roupas diferenciadas, com harmonia e o equilíbrio das pessoas. Porque senão eu montaria um bar e vendia droga.

Entrevistadora: Que aqui é fácil né?

Entrevistado: Bem mais fácil. Aqui ó, aqui é bar, aqui é bar, aqui é bar. Ali é bar, ali é bar, ali em cima é bar, ali pra lá separa. E vende droga e fica cheio, o cara usa o meu espaço que eu tenho que ficar lavando. Eu fecho a minha porta, ele coloca o som alto aqui, eu não tenho como trabalhar, eu tenho que fechar, aí usa todo o meu espaço e deixa tudo sujo. E eu tenho que chegar cedo e lavar todo o meu espaço. Porque não existe respeito. O urbanismo não faz nada a respeito disso. É poluição sonora, abre o bar ali, liga o som, abre o bar aqui, liga o som, abre o bar aqui, liga o som. Abre o bar lá embaixo, liga o som que dá pra escutar aqui. Então são quatro bares com som ligados no último no volume. Entendeu? Bem confuso. Bem difícil de trabalhar. E como está acontecendo, tudo leva a crer que daqui alguns anos eu vou ter que montar um bar. E deixar o turista sem as lembranças de Curitiba, sem a cultura de Curitiba, sem os produtos que eles desejam e almejam levar um presente pra família, vai ficar sem? Porque o mal está ganhando do bem. E a prefeitura, urbanismo, a comandante

Carolina, ninguém faz nada. Consegue, que é o conselho daqui do São Francisco, também não. Então eu estou de mãos atadas. Me perdendo, porque só um contra mil. Então é mais fácil montar um boteco. Daí “onde que eu compro um chaveirinho de Curitiba? Não tem. Onde que eu compro uma camiseta de Curitiba? Não tem.” E a polícia assim ó, vem agora quando não tem ninguém, que está um funcionamento tranquilo, não vem ninguém. Daí eles aparecem, entendeu? Está assim a coisa.

Entrevistadora: E como você descreveria o Largo?

Entrevistado: É mais ou menos isso que eu te falei.

Entrevistadora: Fisicamente.

Entrevistado: Os prédios?

Entrevistadora: Pode ser.

Entrevistado: É muito bonito. Eu sou curitibano e vi toda a evolução no Largo da Ordem. Fui um dos primeiros feirantes aqui na Feira do Domingo. Fui o fundador da feira do passeio público com artesanato.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você? Se eu falo paisagem, o que te vem em mente?

Entrevistado: A paisagem significa pra mim uma coisa bonita, bela. É uma harmonia de espaço, onde você olha e teus olhos enchem, fica bonito. Então isso pra mim é paisagem. Quando você vai na frente do mar você olha aquela paisagem do mar não te dá uma energia, não te dá uma coisa boa? Ou você sobe a montanha do Pico do Marumby lá em cima e fica em cima das nuvens não é bom?

Entrevistadora: É a relação então paisagem com a natureza.

Entrevistado: Isso. Não só com a natureza, mas a organização do espaço né. Então, harmonização do espaço, não adianta você ter uma casa linda, tudo bagunçada, com a louça suja, tudo mal arrumado. Então você tem lá uma mansão toda cheia de sujeira, lixo. O quintal cheio de mato. Então essa é a diferença né. Como os jogadores de futebol que tem um monte de dinheiro e se vestem tudo com calça rasgada.

Entrevistadora: Eu vou te dar 6 fotografias de centros históricos brasileiros e da América Latina. Eu pediria para o senhor separa em 2 grupos: 3 e 3 fotografias, e me dizer qual foi a motivação que embasou a sua escolha.

Entrevistado: Arquitetura portuguesa do século XVIII, e aqui as antigas igrejas. Os casarões onde moravam os barões. Aqui (Santiago, Cusco e Quito) ficam imponentes as torres das igrejas, a colônia dos jesuítas era muito forte nos séculos XVIII e XIX. Exploravam muito essa cultura das torres, do cristianismo, educavam os índios e os

povos da região. E aqui (Salvador, Ouro Preto e Paraty) as construções para os barões, quem tinha mais dinheiro, o barão do café, barão da araucária, da madeira. Construíram esses edifícios que até então não existiam, eram mais casas térreas.

Entrevistadora: Por coincidência, essas são brasileiras e aquelas são outras cidades da América latina. Chile, Cusco (Peru) e Quito (Equador). Alguma dessas fotografias parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Talvez essa aqui, é o Pelourinho?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado: O Pelourinho também foi construído pelos jesuítas, assim como a Casa Romário Martins, a Igreja da Ordem de São Francisco aqui do lado.

Entrevistadora: E se você fosse selecionar 3 dessas fotografias, as preferidas.

Entrevistado: Essas aqui.

Entrevistadora: Pelourinho, Cusco e Quito. E por que essas?

Entrevistado: Pelourinho por ter muito a ver com o Largo da Ordem, a edificação, o que eu te falei dos jesuítas, acho legal essa imigração deles, foi bem interessante. Quito também foi uma colonização deles. E no Peru também.

Entrevistadora: Fotografias do Largo antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve transformação entre essas fotografias e o Largo de hoje em dia?

Entrevistado: Sim, muito. A Casa Romário Martins passou por 3 reformas, esse prédio da esquina também, esse casarão aqui do lado o senhor gastou quase 2 milhões pra reformar, o senhor Leonardo. Esse (anexo Casa da Memória) aqui foi bar, foi um monte de coisa, o bebedouro, antigamente era um bar. Aqui nem existia ainda a casa da memória. Essa igreja foi construída para a Princesa Isabel se hospedar com o duque. Na época os barões que moravam aqui não queriam fazer a abolição dos escravos. Fizeram a via férrea só até Piraquara, para ela não vir até Curitiba. Então veio uma carruagem de São Paulo pra ela vir até Curitiba. Aí ela chegou aqui, e os barões não sabiam como ela tinha chegado. Cada colônia deu 50 escravos como recompensa por ela ter chegado aqui. E aí começou a abolição dos escravos aqui em Curitiba. Isso não contam nos livros. Então foram 150 escravos que ela deu alforria, e agora eles teriam que receber salário.

Entrevistadora: Você acha que aconteceu alguma transformação física no Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim, muita. Foram várias reformas. Na igreja está sendo feita a terceira reforma agora, desde o tempo que estou aqui. Antes disso, não sei.

Entrevistadora: Há 25 anos, o Largo e outros edifícios de Curitiba vem sendo pintados. Então essas cores não representam as cores originais.

Entrevistado: É a mudança, hoje temos uma maior tecnologia de cores, de tintas do que em 45, quando era uma cor só, o básico e usavam uma química que não era a química que tem hoje em dia

Entrevistadora: Você acha que as cores ficariam mais interessantes se fossem as originais ou esse colorido?

Entrevistado: Colorido é mais positivo, cor sempre é bom. Quando você faz um desenho em preto e branco, fica sem nexo. Quando você coloca cores, fica uma paisagem. A paisagem sempre é mais harmoniosa com cores.

Entrevistadora: O que você acha que teria que ser mantido no Largo para as próximas gerações?

Entrevistado: Manter as edificações, que está sendo valorizado aqui, e restaurar o máximo possível, permanecendo as edificações do século passado.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 20

Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 11:21

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Bruno Guilherme

Idade:26

Profissão: Garçom

Onde trabalha: Largo´s Bar

Onde mora: Pilarzinho | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Venho de quarta a domingo.

Entrevistadora: Que período mais ou menos?

Entrevistado: Da noite. Venho das quatro à meia-noite. Final de semana meia noite e meia. Das quatro à meia noite e meia.

Entrevistadora: E a motivação?

Entrevistado: Aí pegou né? Ganhar dinheiro.

Entrevistadora: E você não frequenta o largo por lazer?

Entrevistado: É raro.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Ah o Largo da Ordem tem duas visões na verdade. De dia é uma coisa e noite é outra. A gente às vezes trabalha faz uma parte de dia, é um outro público, à noite é muito diferente na verdade. Pessoal mais organizado de dia, mais família né? Noite acaba sendo um pouco mais de bagunça. Isso é o que eu acho.

Entrevistadora: E se você fosse descrever o Largo?

Entrevistado: Ai ai ai. Ah o Largo da Ordem é um lugar bom pra ganhar dinheiro. Esse ponto de vista é tranquilo. É um lugar bom pra trabalhar e ganhar dinheiro.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do Largo? O que você está vendo? Falar: "Encontrei um amigo que nunca foi pro Largo. Como é o Largo?" Como você falaria?

Entrevistado: É um lugar bonito. De dia é um lugar bonito. Pessoal legal ali. Um espaço cultural bem bacana, mas pra noite já não indico muito. Acho que é isso.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você? Se eu falo paisagem, o que te vem em mente?

Entrevistado: Praia. Uma plantação, isso é uma paisagem. Plantação bonita.

Entrevistadora: Tudo que envolve natureza.

Entrevistado: Com certeza.

Entrevistadora: Então isso (o Largo) não é não é paisagem?

Entrevistado: Não, creio que não. Creio que não. Acho que não. É um lugar bonito, mas acho que não considero uma paisagem. Não sei se porque eu estou enjoado já do Largo da Ordem. É, pra quem vem de fora talvez seja uma paisagem. Mas eu não acredito nisso.

Entrevistadora: Agora a gente vai para um momento que eu te mostro seis fotografias. São centros históricos no Brasil e fora do Brasil, na América Latina. E aí você pode olhar elas e já ir separando em dois grupos. E me dizer o que te motivou, né? Por que os dois grupos? São seis, treze em cada grupo daí.

Entrevistado: Os outros parecem todos o Largo da Ordem. Acho que a única foto que me chamou atenção mesmo foi aquela ali.

Entrevistadora: Não. Separa em dois grupos. Depois você me diz a que você gostou. Tipo essa aqui e outras duas que sejam parecidas com essa dentro da tua visão.

Entrevistado: Mais uma né?

Entrevistadora: Isso. O que te motivou a separar?

Entrevistado: A paisagem né? A vista bonita.

Entrevistadora: Algo em específico assim?

Entrevistado: Essa, a paisagem atrás parece ser algo bem legal.

Entrevistadora: Ah, tá. Você vê que tem mais natureza nela. Então essa é em Paraty, Salvador e Cusco. Se você fosse escolher as três preferidas?

Entrevistado: Essas aqui (Paraty, Salvador e Cusco)

Entrevistadora: Por quê? Sempre por causa da paisagem?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E alguma delas parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim. (Santiago, Ouro Preto e Salvador)

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistado: O modelo das casinhas, ponto turístico assim, igual ao cavalo babão lá em cima. As ruas são parecidas. Acho que é isso.

Entrevistadora: Agora vou te dar fotografias do Largo da Ordem antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Vendo essas fotografias e a nossa paisagem agora, você acha que ocorreu alguma transformação?

Entrevistado: Bastante.

Entrevistadora: E o que mudou de lá pra cá?

Entrevistado: Todos foram reformados. Todas as casas. A maioria, né? Não todas. Foram bem preservadas, até como ponto turístico, por isso que tem bastante coisa. A Hoffman também é um ponto turístico. Deram um “up” só, mas não mudou muita coisa não. A rua continua a mesma.

Entrevistadora: Essas cores que a gente vê não são originais.

Entrevistado: Não. Provavelmente não.

Entrevistadora: Esse amarelo do Largo’s não é original, aqui do lado a gente tem o vermelho, o azul que não são originais. Há 25 anos o Largo da Ordem e outros edifícios históricos vem sendo pintados em Curitiba, não de acordo com o que eles eram. O que você acha disso?

Entrevistado: Isso é bom. Muito bom. Até essa pintura da Casa Hoffman, acho legal porque ela é antipichação. Se chove ou passa uma água ela não fica marcada. Isso é legal. Uma preservação boa, acho legal.

Entrevistadora: Então você acha que tivesse sido pintado da cor original...

Entrevistado: Não sei se ficaria legal. Do jeito que está agora, está bom.

Entrevistadora: Mesmo que a paisagem do nosso centro se pareça com o Pelourinho, colorido assim...

Entrevistado: É, isso é legal. Hoje está “top”, está legal. Também não sei como era a cor realmente antigamente, né. Mas acredito que do jeito que está agora, está bom.

Entrevistadora: O que você acha que deveria, ou que você gostaria que fosse feito no Largo para que ele se mantivesse para as futuras gerações?

Entrevistado: Aqui é difícil trabalhar sossegado. Tem o policiamento, só que a quantidade de morador de rua incomodando e assaltando aí é complicado. Tem bastante polícia, mas os caras são muito rápidos, muito ligeiros. Atrapalham bastante o trabalho. Se melhorar isso, seria bom. De resto, a gente dá um jeito de tocar pra frente.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 21
Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 11:46

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Jonatas

Idade: 22

Profissão: Garçom

Onde trabalha: Bar do Alemão

Onde mora: Santa Cândida | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Bastante, trabalho aqui, diariamente.

Entrevistadora: Que dias da semana você vem?

Entrevistado: Eu venho de certeza a partir de quinta. Quinta, sexta, sábado e domingo. Todo final de semana eu estou aqui.

Entrevistadora: Que horário mais ou menos?

Entrevistado: Quinta, sexta, a partir das 5. Sábado e domingo, a partir das 11. Até 1h da manhã.

Entrevistadora: A sua motivação é o trabalho?

Entrevistado: O trabalho.

Entrevistadora: Fora disso, você não vem no Largo?

Entrevistado: Antes de eu começar a trabalhar aqui, eu vinha também. Não com tanta frequência, mas eu vinha. Assim, às vezes, no final de semana.

Entrevistadora: Agora não vem mais, já cansou?

Entrevistado: Agora, já cansei. Estou todo dia aqui, aí é complicado.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem para você?

Entrevistado: É um ambiente bem legal, tem várias opções. Se você quer sair, conhecer, é bem legal pra sair, pra se divertir com a galera. Bem da hora.

Entrevistadora: E como você descreveria para um amigo o Largo da Ordem?

Entrevistado: Dependendo do horário, é um ambiente bem hostil. Mas é um lugar bom para se vir conhecer, porque é um dos pontos aqui de Curitiba. Quando você vem conhecer o Largo da Ordem, um lugar que tem vários bares, é um lugar boêmio que você pode se divertir, se encontraria com a galera. Então é um lugar bem bom de se compartilhar com as pessoas.

Entrevistadora: Se você fosse fazer uma descrição física do Largo...

Entrevistado: Bem concreto. Deixa-me ver, mas especificamente falando. Para mim, o que resume Largo da Ordem é um lugar onde tem bastante lugar, que tem bastante opções para tomar cerveja, para se divertir bebendo, então.

Entrevistadora: E o que é paisagem para você?

Entrevistado: Paisagem que vem na minha cabeça é estética, é um lugar bonito, é um lugar onde a gente consegue se deslumbrar prestigiando aquele ambiente aqui no lugar.

Entrevistadora: Se você fosse descrever uma paisagem que aparece na tua cabeça, como ela seria?

Entrevistado: Ah, uma praia. Para mim, o que me encanta muito é praia, então a primeira coisa que vem na minha cabeça é praia.

Entrevistadora: Eu vou te dar 6 fotografias. São centros históricos pelo Brasil e pela América Latina. Aqui, e aí eu te pediria para separar em 2 grupos, daí você acha a justificativa.

Entrevistado: Esse aqui (Salvador) é porque me recorda muito do lugar de onde eu nasci, de onde eu venho, do Maranhão, que tem um centro histórico parecido com esses lugares onde é da Bahia e dos outros 3 aqui.

Entrevistadora: Salvador, Paraty e Ouro Preto.

Entrevistado: Exatamente, esse contexto histórico que remete ao passado, é uma coisa que eu acho muito da hora, tudo que remete a história. Sou muito apaixonado por história, então isso é um ponto. Esse aqui (Quito, Cusco e Santiago) parece alguns lugares europeus, que eu acho muito da hora também, tem uma estética assim, europeia, podendo-se dizer.

Entrevistadora: E alguma delas parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu acho que essas aqui são um pouco mais semelhantes ao Largo assim. Porque se remete a uma coisa mais histórica, um ambiente mais histórico. Algumas casas você pode ver que são bem antigas. Aí remete um pouco, é ligada à história, alguma coisa que é histórica. Igual esse Bar do Alemão, ele é tombado, não

pode mexer em nada nele aqui, porque ele é um patrimônio cultural histórico.

Entrevistadora: Se você fosse selecionar as tuas 3 preferidas...

Entrevistado: Seriam as brasileiras, pois remete a história, remete ao Brasil e à essência de ser brasileiro.

Entrevistadora: Agora eu te dou fotografias do Largo da Ordem. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Vendo essas fotografias, você acha que teve transformação desse Largo para o Largo que a gente vê hoje em dia?

Entrevistado: No geral, mudou muita coisa. A indústria mudou tudo. Antes se andava a cavalo, hoje se tem muito mais tecnologia. Hoje está mais atual o Largo da Ordem, comparado a antes. Esteticamente, mudou pouco. Não foi uma mudança muito drástica. Algumas casas foram reformadas, talvez tenha mudado só a pintura.

Entrevistadora: O Largo, assim como outros lugares de Curitiba, vem há 25 anos sendo pintados de diferentes cores, mais coloridas, mais pigmentadas, que não necessariamente eram as cores originais das edificações, como você notou. E aí a gente acaba tendo paisagens muito parecidas, não tendo essa coisa única do lugar, a identidade local. Sobre isso, você acha que essas cores mudam a sua forma de ver o Largo? Se ele seguisse com as cores originais, seria positivo ou negativo? Qual seria o impacto na sua visão do Largo?

Entrevistado: Eu acho que se mantivesse a cor original, preservaria muito mais a história. Toda a trajetória do Largo de 1945 até hoje. O tornaria muito mais histórico do que é hoje. Acho que no contexto atual, querem deixar o Largo da Ordem um pouco mais diversificado e não só naquele padrão de ser histórico, de remeter ao passado. Mas acho que seria positivo deixar as cores originais. Apesar de eu não saber se isso seria possível, porque talvez danificaria mais os prédios, alguma coisa assim.

Entrevistadora: Você acha que fica melhor como está ou na cor antiga?

Entrevistado: Acho que na cor antiga ficaria melhor.

Entrevistadora: O que você acha que deveria ser feito para o Largo da Ordem ser mantido para as próximas gerações?

Entrevistado: Preservar o Largo da Ordem, a cultura, tudo que tem aqui nesse ambiente que é muito legal de trazer as pessoas para conhecer, para se divertir. No geral, preservar o ambiente mesmo. Trazer mais segurança, porque às vezes acontecem umas situações meio chatas de insegurança, pessoas comercializando coisas ilícitas.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 22

Data: 03/06/2023 | Dia da Semana: sáb | 11:54

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Janice

Idade: 26

Profissão: Copeira

Onde trabalha: Bar do Alemão

Onde mora: São Francisco | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Todos os dias.

Entrevistadora: Que horário, mais ou menos?

Entrevistado: Das 16h à 1h. De domingo a domingo.

Entrevistadora: E você vem aqui num outro momento?

Entrevistado: Nas minhas folgas eu venho.

Entrevistadora: Vem pra curtir daí?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: É divertido né?

Entrevistadora: Se você fosse descrever pra um amigo o Largo da Ordem?

Entrevistado: É, alegria, um lugar aconchegante, alegre. Eu gosto daqui.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do lugar?

Entrevistado: Um lugar diferente do que meus amigos já viram.

Entrevistadora: Se você estivesse ali fora, como você descreveria o que você está vendo?

Entrevistado: Eu ia falar do cavalo babão, dos prédios mais antigos, a rua que é de pedrinhas.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Não sei direito.

Entrevistadora: Quando eu falo paisagem, o que te vem em mente?

Entrevistado: Tudo que está na minha frente e ao redor. Sei lá tudo. Tudo é paisagem.

Entrevistadora: Aí eu vou te mostrar umas fotografias de centros históricos no Brasil e na América Latina. Pode olhar com calma e aí eu te pediria pra separá-las em dois grupos. E aí você me diz o que tem de igual ou parecido nessas fotografias.

Entrevistado: Muito parecido com aqui (Salvador). (Ouro Preto, Paraty e Salvador).

Entrevistadora: E o que tem de similar aí?

Entrevistado: O que é de similar aqui é que aqui é mais histórico né? Mais antigo. Dá a entender. E aqui (Quito, Cusco e Santiago) também, porém parece ser em outro lugar. Outra cultura talvez.

Entrevistadora: Por que você acha que é outra cultura?

Entrevistado: Pelo formato dos prédios. É bem mais diferente que esse.

Entrevistadora: E alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim, essa aqui com certeza. (Salvador). Pela rua, pelos prédios, as cores, o formato dos prédios, é bem parecido com o Largo da Ordem.

Entrevistadora: E se você fosse escolher as três preferidas? Não precisa ser dentro do mesmo grupo, tá?

Entrevistado: Essa aqui de Salvador, essa aqui eu acho interessante também (Paraty). Que bonito o lugar. A paisagem. E esse aqui eu achei interessante também (Cusco). Gostaria de conhecer.

Entrevistadora: Bacana. Por qual motivo?

Entrevistado: Aqui o que me encantou muito foram as cores dos prédios e aqui só achei legal isso aqui, teria vontade de entrar lá e ver o que tem dentro.

Entrevistadora: Agora eu vou te dar mais fotografias, são fotografias do Largo da Ordem antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Olhando essas fotografias e a paisagem que temos hoje, você acha que o Largo mudou?

Entrevistado: Sim, mudou.

Entrevistadora: O que mudou?

Entrevistado: A princípio, as cores, com certeza. Parece que tem mais coisas em cima, prédios. Pode ser que seja reforma, algo assim. A rua também, o chão.

Entrevistadora: O que você acha das cores? O que aconteceu com as cores?

Entrevistado: As cores estão mais novas, mais renovadas. Essas em preto e branco não sei como eram, mas aqui as cores são mais vivas.

Entrevistadora: Há 25 anos vários edifícios históricos de Curitiba, como o Largo, estão sendo repintados, não necessariamente com a cor original. O amarelo, o vermelho, o azul que vemos aqui, a gente acaba perdendo a identidade local. Essa coisa de ser único. Sobre isso, você acha que se o centro fosse da cor original ou colorido como é hoje, como seria a sua leitura? Em que momento você acha que ele estaria melhor, mais bonito?

Entrevistado: Agora. Eu sou muito ligada com cor, cor traz alegria, eu acho que as cores chamam a atenção. E como aqui tem muito turista, acho que é por causa disso que eles gostam daqui.

Entrevistadora: O que você acha que teria que ser feito para o Largo se manter para as gerações futuras?

Entrevistado: Um pouco mais de segurança, talvez. Tem muita pichação, vandalismo. Se tivesse mais segurança, isso aqui seria muito mais bonito do que já é.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 23 | 04
Data: 04/06/2023 | Dia da Semana: dom | 11:08

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Valniceia de Oliveira

Idade: 49

Profissão: Artesã | Comerciante

Onde trabalha: Feira do Largo | Loja Praça Rui Barbosa

Onde mora: Pilarzinho | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo da Ordem? Todos os domingos?

Entrevistado: Todos os domingos por causa da feira, sim.

Entrevistadora: Que horário?

Entrevistado: Das 8 às 14.

Entrevistadora: E fora do domingo você não vem, não frequenta o Largo?

Entrevistado: Não, só a trabalho.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem para você?

Entrevistado: É um ponto turístico que o pessoal procura bastante.

Entrevistadora: Se você fosse fazer uma descrição do Largo da Ordem para uma amiga, como você descreveria o Largo?

Entrevistado: Fora da feira, seria gastronomia.

Entrevistadora: E se você fazer uma descrição física dele. O que você está vendo, o que você vê aqui.

Entrevistado: Eu ia indicar porque é um lugar que eu gosto, porque quando eu era jovem, eu frequentava o largo já. Quando era mais jovem, frequentava a passeio. Para as festas, os bares.

Entrevistadora Hoje você não vem mais.

Entrevistado: Não, não, não, hoje é só trabalho mesmo.

Entrevistadora: E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: A paisagem para mim é um lugar bem cuidado. Uma frente de um museu bem cuidado. Um jardim bem cuidado. Uma calçada bem cuidada.

Entrevistadora: Agora eu vou começar os exercícios com fotografias, tá? Vou te dar 6 fotografias. São fotografias de centros históricos, assim como o Largo. Algumas são no Brasil, algumas são na América Latina. Vou te pedir para você já dar uma olhada para separá-las em 2 grupos. E aí você pode separá-las em 2 grupos e me dizer por que você criou esses 2 grupos. O que motivou?

Entrevistado: Isso aqui é minha paixão, cores, amo cores, sou apaixonada por cores. Sou apaixonada por cores. Isso aqui pra mim, se eu pudesse, faria tudo colorido, tudo.

Entrevistadora: Por coincidência, né? Por curiosidade, essas são cidades brasileiras. Essas são cidades pela América Latina. E tem a cor mesmo em comum. E aí eu te pergunto se alguma dessas fotografias se parece com o Largo da Ordem.

Entrevistado: Olha, seria mais essa aqui (Salvador). Por causa desse corredor aqui nessa rua. Que parece o Largo da Ordem.

Entrevistadora: Só por isso?

Entrevistado: Eu acho que sim. É, seria isso.

Entrevistadora: Se você fosse selecionar as 3 preferidas, então?

Entrevistado: Seriam essas daqui.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistado: O colorido.

Entrevistadora: Eu vou te dar umas fotografias aqui do Largo, bem antigas, preto e branco ainda. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Com isso, eu te pediria pra me dizer se você acha que teve transformação?

Entrevistado: Teve muita. Muita transformação. A casa Hoffman tá diferente. Tá bem diferente. Se eu te falar que tô aqui todo domingo e não tinha reparado que tem a varanda ali em cima. A Casa Hoffman antes era mais em cima (o nome), agora está mais embaixo. Essa é uma mudança. Agora, essas aqui mudaram bastante. E daí as calçadas que mudaram bastante. Sinceramente, essa calçada aqui está mais bonita do que essa de hoje. As calçadas de antigamente é mais bonita. É, a calçada está mais bonita. E mesmo sendo preto e branco, as paredes eu acho que eram mais limpas do que hoje. Que antes não tinha tanto pichador, não tinha tanta sujeira nas paredes que nem hoje.

Entrevistadora: Sobre essas transformações, a senhora falou que gosta da cor, né? E é exatamente esse o ponto da minha pesquisa: que essas cores que a gente vê hoje, você falou bastante da Casa Hoffmann, se você olhar ela tinha um contraste diferente né? Ela era escuro-claro. Se a gente for ver hoje ela é claro-clarinho. O próprio Largo, o amarelo, tem uma edificação vermelha, azul, né? Aquela edificação fechada ali é vermelha. Então, quer dizer, elas não eram vermelhas, elas não tinham né essa pigmentação, essa cor viva. Então isso é um pouco de uma perda da identidade, não são cores originais né, e acaba se encaixando numa, quase sendo igual a Salvador, a Paraty, a outros lugares do Brasil. Não tendo essa coisa única de ser em Curitiba, né? Você acaba tendo a mesma cor de outras cidades. E daí sobre isso, você acha que essa cor nas fachadas muda a tua forma de leitura? Se ela fosse, de repente, a cor original seria mais interessante, menos interessante?

Entrevistado: Acho que ia chamar mais a atenção. Que daí o pessoal ia falar assim: “Nossa, de onde essa cor?” Aí o pessoal ia saber explicar que é a cor original das fachadas. Eu acho que seria interessante.

Entrevistadora: Apesar da senhora gostar do colorido.

Entrevistado: Exatamente. Apesar de eu gostar do colorido, mas eu acho que a cor original ia chamar mais atenção.

Entrevistadora: Pensando na nas futuras gerações, o que a senhora gostaria que fosse feito, ou acha que deveria ser feito no Largo pra que isso se mantenha né? Assim como a senhora vinha quando jovem.

Entrevistado: Segurança. É o principal. Que precisava ter mais segurança aqui aos domingos e não tem.

Entrevistadora: Até durante a feira mesmo?

Entrevistado: Durante a feira principalmente, durante a feira é mais perigoso. Se não cuidar... Esses dias atrás levaram uma capa de água aqui e eu não vi. Então durante a feira precisa sim mais segurança.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 24 | 04
Data: 04/06/2023 | Dia da Semana: dom | 11:25

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Marilu

Idade: 66

Profissão: Artesã | Comerciante

Onde trabalha: Feira do Largo | Loja de Presentes

Onde mora: Portão | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: A cada dois meses.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistado: Por ser um programa social, nós somos em doze artesãs. Então todo domingo é feito um rodízio. E só pode vir duas pessoas depois da pandemia. Então acaba que agora a gente consegue se escalar a cada dois meses pra participar.

Entrevistadora: Então tem então todo domingo a barraca está aqui mas daí são outras pessoas? E fora da feira, fora desse momento que você está aqui, você vem pro Largo por outro motivo?

Entrevistado: Dificilmente.

Entrevistadora: Você é curitibana?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Chegou a frequentar em algum momento o Largo?

Entrevistado: Há muito tempo atrás, sim. Por exemplo, que nem hoje, que nem a gente tem loja, então quando eu não estou na escala, eu abro a loja no domingo porque ela fica num espaço de um supermercado, então o período que o mercado fica aberto a loja fica aberta também.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Cultura, lazer.

Entrevistadora: Se fosse descrever o Largo da Ordem pra uma um amigo, como que você descreveria?

Entrevistado: Ontem ainda, ontem não, sexta-feira eu tive um... A gente faz parte de um programa, então a gente vai nas escolas, na comunidade escola, pra ensinar os artesãos e sexta-feira tinha uma comissão que veio de fora pra fazer, né? Vir às escolas de Curitiba, então nós estarmos lá como voluntários. Daí eu falei pra moça. Olha, você conhece o Largo da Ordem? Ela disse, não, já ouvi falar. Falei, vai lá, tem bastante artesanato, são mil e quatrocentas barracas de artesanato, é um lugar gostoso pra você passear, pra você ver o casario, quem gosta de casario é bonito, né? Artesanato também. Então foi essa que eu indiquei ela de vir aqui, olha só tem o Bar do Alemão que quem gosta né? De um chope, Bar do Alemão, né? Que é muito famoso. Aí eu indiquei ela pra vim no Largo.

Entrevistadora: E o que é a paisagem pra você?

Entrevistado: Eu gosto de casario, de ver as coisas antigas, as paisagens, de imaginar o que foi vivenciado naquela época, naquele lugar, as pessoas que viveram ali. Eu gosto muito disso.

Entrevistadora: Eu vou te mostrar umas fotografias. São 6 fotografias de centros históricos. Pelo Brasil e pela América Latina. E daí eu quero que você separe em 2 grupos, e me justifique o porquê. Separar em 2 grupos, pode ser que gostou, que não gostou, coisas que têm em comum. Enfim, a justificativa que você achar mais pertinente.

Entrevistado: Esses aqui, eu acho, são os casarios (Salvador, Paraty e Ouro Preto). Esses aqui não, eu sou mais isso aqui (Salvador, Paraty e Ouro Preto). Isso daqui (Paraty) me remete a um lugar que eu fui em São Paulo, porque tem as feiras, os artesanatos, ficam tudo nas casinhas assim. Quando eu fui olhando isso aqui me remeteu lá em São Paulo que eu fui visitar a feira, Embu das Artes.

Entrevistadora: Esse é Paraty.

Entrevistado: Me lembrou Embu das Artes, você entra em cada lugarzinho desse daqui. E tem um artesanato. Então eu gostei isso daqui para mim é casario e eu gosto disso.

Entrevistadora: E você acha que alguma dessas 6 fotografias se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Talvez isso aqui.

Entrevistadora: Salvador. Por quê?

Entrevistado: Da rua que sobe aqui, assim. Eu imagino que a barraquinha aqui, né?

Entrevistadora: E as preferidas? 3 preferidas?

Entrevistado: As 3.

Entrevistadora: Essas brasileiras, inclusive, e essas aqui são em outras cidades da América Latina. Quito, Cusco e Santiago.

Entrevistado: Não, eu sou isso aqui.

Entrevistadora: Eu vou te dar umas fotografias aqui do Largo, bem antigas, preto e branco ainda. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Com isso, eu te pediria pra me dizer se você acha que teve transformação?

Entrevistado: Mudou pouco, os casarios passaram por reformas.

Entrevistadora: Ótimo, então e aí aqui, você já deu uma olhadinha, né? A gente fez esse exercício e comentou das transformações do Largo. E aí o ponto principal da minha dissertação são as cores das fachadas que vocês até comentaram em alguns momentos, né? Então, quer dizer, o Largos Bar esse amarelo, esse vermelho, esse azul, o vermelho aqui da esquina também não remetem ao momento original, né? E a gente acaba entrando nessas cores muito parecidas. Essas cores nas fachadas acabam sendo muito parecidas com o Salvador, Paraty, acaba sendo essa reprodução da mesma cor, né? Dentro do Brasil e você acaba perdendo um pouco da identidade do lugar, tudo isso, né? E aí, sobre essas transformações, você acha que essas cores mais vivas ou se elas fossem cores mais claras, né? Próximo das originais, enfim. O que seria mais interessante? Isso compromete a leitura que vocês têm de alguma forma do Largo?

Entrevistado: Você viu ali de Paraty que você mostrou remete a vida, é vida. Você vê colorido nossa, bonito.

Entrevistadora: E aí, nossa última pergunta, o que você acha, que você gostaria, enfim, que deveria ser feito no Largo para as próximas gerações, para que ele continue, né? Pra que tenha vitalidade.

Entrevistado: Eu acho que não tem que mudar. Tentar manter essa coisa. A disposição das barracas talvez podia ser diferente no domingo. Pro turismo acho que não fica bom assim porque eles colocaram pra você ver melhor as casas talvez. Quando eu falo pra alguém que fico no Largo, a pessoa fala "No Largo? Nossa, você não tem medo?", a pessoa que não tem costume de vir. Já teve que chamar a polícia pra tirar o cidadão dali pra poder colocar as mesas.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 25 | 04
Data: 04/06/2023 | Dia da Semana: dom | 11:25

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Marjorie

Idade: 62

Profissão: Artesã | Comerciante

Onde trabalha: Feira do Largo | Loja de Presentes

Onde mora: Portão | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você vem no Largo?

Entrevistado: A cada dois meses.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistado: Por ser um programa social, nós somos em doze artesãs. Então todo domingo é feito um rodízio. E só pode vir duas pessoas depois da pandemia. Então acaba que agora a gente consegue se escalar a cada dois meses pra participar.

Entrevistadora: Então tem então todo domingo a barraca está aqui mas daí são outras pessoas? E fora da feira, fora desse momento que você está aqui, você vem pro Largo por outro motivo?

Entrevistado: Difícil.

Entrevistadora: Você é curitibana?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Chegou a frequentar em algum momento o Largo?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Comércio. Alimentação. A gente vê que o pessoal sempre vem aqui por causa dos bares, vida social na verdade.

Entrevistadora: Se fosse descrever o Largo da Ordem pra uma um amigo, como que você descreveria?

Entrevistado: Eu contaria que aqui antes desse Largo da Ordem era a feira, o Mercado das Pulgas. Você não tinha nem nascido essa menina né? Era conhecido assim na verdade como Mercado das Pulgas, era a feira dos ricos na época, né? E eu acho que nem começou aqui, começou na lá na Osório. Assim, tinha pessoas que contavam que ela começou na praça Rui Barbosa e daí ela veio crescendo, crescendo e veio pra cá. Mas não assim como a feira do Largo da Ordem, era a feira primeiro do hippie, depois a feira das pulgas e daí depois que ela se tornou a feira do Lago da Ordem. Eu, na época, morava aqui próximo do cemitério municipal. Na verdade, eu morava na frente do cemitério municipal. Eu morava na Pracinha do Gaúcho. Então eu lembro muito assim quando eu era criança que era aquela doideira assim, a feira vai ter um relógio de flores. Era aquela coisa assim, projeto Jaime Lerner, né gente? Eu que sempre fui politqueira então sempre desde pequena eu gostei de ferver com política então a gente vinha. Então acho o que começou a chamar atenção aqui mesmo foi o relógio das flores. Eu vinha com meu avô, meu avô falava vamos lá na Igreja do Rosário porque vai ter chorinho. Então são essas coisas assim que marcou o passado da gente aqui em relação ao Largo.

Entrevistadora: E o que é a paisagem pra você?

Entrevistado: Eu gosto muito de contemplar esses casarões, essa arquitetura, eu gosto muito. De contemplar essa parte histórica mesmo daqui.

Entrevistadora: Eu vou te mostrar 6 fotografias. São centros históricos pelo Brasil e pela América Latina. A ideia é separar em 2 grupos e dizer o que as une nos grupos.

Entrevistado: Eu gosto muito do colorido. Carnaval. Eu tenho 62 anos, mas se você falar: Marjorie, vamos pro Monobloco, eu estou dentro.

Entrevistadora: Então as cores te remetem ao Carnaval?

Entrevistado: Alegria, vida. Aqui (Quito, Cusco e Santiago) já vai me remeter a cultura.

Entrevistadora: Fica meio dividido. Tem alguma delas que lembra o Largo pra você?

Entrevistado: (Salvador) Quando dá uma afunilada aqui pra baixo.

Entrevistadora: E as 3 preferidas então? Porquê?

Entrevistado: Ah, com certeza (Salvador, Paraty e Ouro Preto). Colorido né? Eu gosto.

Entrevistadora: Por curiosidade, essas são as brasileiras e essas são da América Latina. Santiago, Quito e Cusco. Agora eu vou te dar outras fotografias, do Largo da Ordem antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Sobre essas fotografias, você acha que teve transformação de lá pra cá?

Entrevistado: Nossa, bastante. A Casa Hoffman praticamente só mudou a cor. É que tudo isso aqui é tombamento né. Pode ter mudado a parte interna, mas a fachada é a mesma.

Entrevistadora: E aí o ponto principal da minha dissertação são as cores das fachadas que vocês até comentaram em alguns momentos, né? Então, quer dizer, o Largos Bar esse amarelo, esse vermelho, esse azul, o vermelho aqui da esquina também não remetem ao momento original, né? E a gente acaba entrando nessas cores muito parecidas. Essas cores nas fachadas acabam sendo muito parecidas com o Salvador, Paraty, acaba sendo essa reprodução da mesma cor, né? Dentro do Brasil e você acaba perdendo um pouco da identidade do lugar, tudo isso, né? E aí, sobre essas transformações, você acha que essas cores mais vivas ou se elas fossem cores mais claras, né? Próximo das originais, enfim. O que seria mais interessante? Isso compromete a leitura que vocês têm de alguma forma do Largo?

Entrevistado: Eu já gosto de coisa colorida. É assim, por exemplo, que nem a Casa Hoffman, que é mais cultura no sentido cultural, como que eu vou falar pra você? Quando eles abrem aqui você mesmo, sabe? São mais essa coisa do folclore. Eu acho que essa tonalidade remete a isso. Assim, uma coisa mais cultural, assim, mais clean, né? Mas, por exemplo, carnaval tem que ser colorido mesmo.

Entrevistadora: E aí, nossa última pergunta, o que você acha, que você gostaria, enfim, que deveria ser feito no Largo para as próximas gerações, para que ele continue, né? Pra que tenha vitalidade.

Entrevistado: A gente até achou, por exemplo, como você chegou pra uma pesquisa que nós, que somos um projeto social. Nós não temos muita voz pra poder optar, pra poder votar. Então, antigamente, por exemplo, essa barraca era de lá pra cá. Nós ficávamos bem na porta ali, onde está essa lixeira aqui. Nós ficávamos pra cá.

Entrevistadora: Era um corredorzão central.

Entrevistado: Você lembra? Então assim pra nós, comércio isso aqui não ajuda. Isso aqui para nós não, não é legal, não rola. Já faz uns 2, 3 anos que a gente tá assim aqui. Desde que começaram a mexer aqui, pra gente não ficou legal.

Entrevistadora: A disposição, você diz?

Entrevistado: A disposição das barracas não é legal pra gente que é comerciante. E depois o fluxo, as pessoas que passam por aqui... tornou-se um local bizarro. Isso não era assim. Uma coisa meio marginalizada, não é legal. Você chega aqui e tem um cidadão dormindo dentro da sua barraca.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 26 | 04
Data: 04/06/2023 | Dia da Semana: dom | 12:02

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: -----

Idade: 65

Profissão: Artesã | Comerciante

Onde trabalha: Feira do Largo

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Uma vez por semana, só aos domingos.

Entrevistadora: Só na feira, das oito às duas?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: É um auxílio pra mim, para complementar minha renda, porque eu sou pensionista.

Entrevistadora: E se você fosse descrever o Largo da Ordem pra alguém?

Entrevistado: Faz parte do setor histórico de Curitiba, né? É onde tem a feira que é um dos principais pontos turísticos da cidade. Também para os moradores é uma atração que tem todos os domingos, talvez uma das maiores concentrações de público da cidade né? Tradicional já. Os moradores muitos reservam o domingo pra vir fazer esse passeio e pro turista também reserva esse espaço pra vir aqui aos domingos de manhã.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do que você vê no Largo da Ordem?

Entrevistado: Vejo uma arquitetura muito legal né? Bem preservada né? Que é o passado no presente no caso.

Entrevistadora: Legal. E o que é paisagem pra você?

Entrevistado: Paisagem pra mim envolve natureza né? Muitas vezes seria harmonia entre arquitetura e a natureza. Um pouco de sol, um pouco de chuva, um pouco de nuvem

Entrevistadora: E o que lhe vem em mente quando fala-se de paisagem? A paisagem que aparece assim...

Entrevistado: A paisagem tradicional pra mim seria um conjunto de montanhas, o sol, umas árvores em primeiro plano, uma estrada.

Entrevistadora: E aí eu vou te dar seis fotografias agora. Pode pegar, pode olhar com tranquilidade. São fotos no Brasil e na América Latina. E aí eu vou te pedir pra dividi-las em dois grupos. E daí você me diga o que motivou essa separação, porque né? Você fez esses dois grupos.

Entrevistado: Então assim, aqui (Quito, Cusco e Santiago) essas três porque tem a construção e pessoas né? E aqui (Ouro Preto, Paraty e Salvador) prevalece a arquitetura. Eu ia falar da questão do horizonte, né? Também do céu. Mas eu acho que seria isso aqui, no caso a arquitetura urbana com as pessoas e aqui só arquitetura. E também aqui (Ouro Preto, Paraty e Salvador) tem um colorido mais presente.

Entrevistadora: E alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Essa não com certeza. Essa daqui parece mais Paraty.

Entrevistadora: Exato, é Paraty.

Entrevistado: A que mais pareceria com o Largo seria essa daqui, mas levemente. As outras não.

Entrevistadora: O que parece?

Entrevistado: Esse casario antigo. A igreja não, a arquitetura é totalmente diferente.

Entrevistadora: Salvador essa daí. Quais seriam as suas 3 preferidas?

Entrevistado: Essas. (Quito, Paraty, Cusco)

Entrevistadora: Por que motivo?

Entrevistado: Arquitetura. Aqui mais colonial e aqui mistura o barroco com o colonial.

Entrevistadora: Essas são fotografias do Largo antigamente. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Você acha que teve transformação desse Largo para o Largo que a gente tem hoje?

Entrevistado: Muita. Várias casas. Preserva a Igreja da Ordem, a Casa Romário Martins. Esse lado aqui se mantém igual. Mas essa quadra aqui mudou muito, foi construído o memorial. Aqui, esse prédio é um prédio é relativamente novo (Loja Mister Mundo). Ali onde tem o Quintal do Monge já tinha sido mudado porque funcionava um shopping antigamente que pegou fogo. Então muita coisa mudou aqui. A maioria das construções estão preservadas, mas muita coisa mudou.

Entrevistadora: O que eu pesquiso em específico são as cores das fachadas. Essas cores que a gente vê, muitas delas, não são originais. O vermelho, o amarelo, o azul que temos aqui é uma intervenção que vem ocorrendo há 25 anos. E aí pode acabar não tendo uma identificação da cultura local. Com isso em mente, você acha que essa alteração das cores tem algum impacto na paisagem, nesse impacto para você? O fato de essas cores não serem as originais pode te levar a ter uma outra leitura do espaço?

Entrevistado: Exatamente, estão perdendo sua característica original.

Entrevistadora: Você acha que seria mais interessante deixar no original ou dessa forma mais colorida?

Entrevistado: Original. Muitas igrejas, a própria Catedral foi redescoberta a pintura original esses tempos. Eu acho lamentável, preferia que fosse feito um trabalho de pesquisa das cores originais e voltasse a ser o que era. Apesar de não termos conhecido como era originalmente, no início do século, no final do século XIX, mas eu sou sempre pela preservação.

Entrevistadora: Exatamente com essa preocupação da preservação, o que você gostaria que fosse feito no Largo para que ele se mantivesse, se perpetuasse para as próximas gerações?

Entrevistado: Independente da administração municipal, deveria ser feito um plano para a restauração contínua. Espera-se um prédio estar completamente deteriorado, aí às vezes não tem como arrumar, aí fica muito complicado para deixar como era originalmente.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 27 | 01
Data: 04/06/2023 | Dia da Semana: dom | 12:45

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Jonathas Youssef Daou

Idade: 40

Profissão: Artesã | Comerciante

Onde trabalha: Feira do Largo

Onde mora: Centro | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que regularidade você frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu venho uma vez só na semana. Só pra trabalhar. No domingo. Das oito às duas.

Entrevistadora: E fora disso você não vem curtir o Largo?

Entrevistado: Não mais.

Entrevistadora: E o que é o espaço do Largo da Ordem pra você?

Entrevistado: Eu penso que é um espaço histórico, é um centro histórico. De lazer, finais de semana. Durante a semana é completamente diferente. Acho que meio que divide assim. E os horários também. De dia bem tranquilo eu acho que até mais agradável. A noite já acho que falta um pouco de segurança. Os bares já mudam, o público muda completamente. E final de semana tem uma mistura de famílias assim, bastante gente diferente na verdade na feira de domingo. Mas o Largo é muito complexo, muda muito, durante a semana o dia é tranquilo até bonito de se ver, apreciar. À noite é um ambiente completamente diferente, mais inóspito.

Entrevistadora: E se você fosse descrever o Largo pra alguém?

Entrevistado: Centro Histórico que tem bastante lugares artísticos assim, tipo museu, a parte de igreja, que vão fazer essa reforma aí, conta bastante história né?

Entrevistadora: Se fosse fazer uma descrição física.

Entrevistado: Prédios antigos. Um centro histórico com prédios antigos. Isso que eu vejo.

Entrevistadora: O que é paisagem pra você?

Entrevistado: Acho que paisagem pra mim é um ponto de inspiração assim. A paisagem. É algo que obviamente se vê e que leva a uma inspiração de arte na paisagem. Qualquer paisagem. Isso mexe com a parte emocional assim.

Entrevistadora: E quando fala em paisagem, qual é a paisagem que te vem em mente?

Entrevistado: A que vem mas subjetiva assim. Que vem a mente pra mim... paz. Você quer saber que tipo de paisagem ou o sentimento quando você fala em paisagem?

Entrevistadora: A paisagem que você está vendo na tua mente.

Entrevistado: Aparece um lugar calmo. Eu acho que eu gosto disso. É uma cidade. Uma cidade que não tem praticamente ninguém.

Entrevistadora: Então o Largo não é uma paisagem?

Entrevistado: O largo? Não. É o oposto disso.

Entrevistadora: Eu vou te dar agora seis fotografias, são fotografias de centros históricos pelo Brasil e pela América Latina e a ideia é que você separe em dois grupos e daí me diga o que une essas fotografias de cada grupo.

Entrevistado: Primeiro a cor, mais colorido, pra mim é bem semelhante. Inclusive tem umas ruas assim da Bahia, em Minas, assim que é muito parecido com o Largo.

Entrevistadora: E o que você acha disso?

Entrevistado: Tem a mesma história. A arquitetura depende do colonizador né?

Entrevistadora: Você separou as nacionais das internacionais. Alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Essas daqui. (Salvador)

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistado: Acredito que por causa do chão e os casarões. As casas e as cores. Apesar que aqui está bem mais colorido.

Entrevistadora: E as tuas 3 preferidas?

Entrevistado: (Paraty). Gostei por causa da igreja. E essa (Cusco)! É bem minha personalidade de vez em quando. Mais escura, parece meio gótica essa aqui. Meio gótico e colorido, bem aleatório (risos).

Entrevistadora: Agora vou te mostrar fotografias antigas do Largo da Ordem. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Olhando esse Largo e o Largo de hoje, teve alguma transformação? O que mudou, se mudou?

Entrevistado: Não acho que mudou muito. Mudou muito pouco na minha opinião.

Entrevistadora: E aí o ponto principal da minha dissertação são as cores das fachadas que vocês até comentaram em alguns momentos, né? Então, quer dizer, o Largo Bar esse amarelo, esse vermelho, esse azul, o vermelho aqui da esquina também não remetem ao momento original, né? E a gente acaba entrando nessas cores muito parecidas. Essas cores nas fachadas acabam sendo muito parecidas com o Salvador, Paraty, acaba sendo essa reprodução da mesma cor, né? Dentro do Brasil e você acaba perdendo um pouco da identidade do lugar, tudo isso, né? Pensando nisso, você acha que é mais interessante ter as edificações mais pigmentadas, mais coloridas, ou ter a cor original, que de repente vai ser um pouco mais clara, mais sóbria?

Entrevistado: Acho que se fosse utilizar a cor original, seria mais interessante se você já conhecesse, mas visivelmente não sei se iria atrair tanto. Apesar de que aqui é um ponto histórico, então seria interessante preservar. Tudo depende do que está ao redor. Quando se usa uma tinta mais antiga, pode estar mantendo a questão histórica, mas também você pode olhar para uma coisa mais desleixada. Se você não entende muito, dá uma sensação que está abandonado. Talvez mesclar a questão histórica com uma ou outra coisa moderna. Mas acho que não tudo padronizado, tudo colorido. Pra um turista chegar e não achar que está desleixado, e sim que estão mantendo a cor histórica. Eu acho que Curitiba tem um pouco disso, tentar aliar a coisa moderna mantendo um pouco isso.

Entrevistadora: Pensando nisso, o que você gostaria que fosse feito no Largo para que ele se perpetuasse para as próximas gerações?

Entrevistado: Teria que voltar a como era antes. Tudo na verdade, porque acho que está bem abandonado. Tentar tornar isso mais vivo, tem muitos lugares fechados. Tinha que rever o que está abandonado e tentar negociar. Está uma mistura, tem coisas que estão muito abandonadas e tem coisas que estão começando a mudar, tipo o Quintal do Monge estão fazendo uma arquitetura diferente. Mas tem lugares que estão há muito tempo abandonados.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 28

Data: 27/05/2023 | Dia da Semana: seg | 14:02

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Sérgio Apter

Idade: 63

Profissão: Empresário | Engenheiro Civil

Onde trabalha: Quintal do Monge (proprietário)

Onde mora: Santo Inácio | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que frequência o senhor frequenta o Largo da Ordem?

Entrevistado: Todo dia.

Entrevistadora: Todo dia de domingo a domingo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Que horário mais ou menos?

Entrevistado: De manhã até de noite.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistado: Trabalho.

Entrevistadora: O que é o espaço do Largo da Ordem pro senhor?

Entrevistado: Acho que me remete a minha juventude, que é um centro histórico, né? Antigamente os carros davam acesso aqui e começou com o Bar do Alemão, né? Toda a história do Largo da Ordem. E eu frequentava, sempre gostei e surgiu a oportunidade de um ponto aqui no Largo da Ordem e eu quis seguir mais ou menos a linha de público e de trabalho do Bar do Alemão, que me inspirou a montar a nossa aqui, num formato diferente de proposta. Mas buscando um público semelhante.

Entrevistadora: E há quanto tempo o senhor está aqui?

Entrevistado: Dez anos.

Entrevistadora: Como o senhor descreveria o Largo da Ordem?

Entrevistado: Eu acho que o Largo da Ordem é o centro histórico da cidade né? Ele já teve mais largado, quando eu entrei aqui há dez anos atrás ele estava bem diferente do que é hoje. Faço parte de uma associação de donos de bares e restaurantes e

hotéis aqui da região do centro histórico. É a rede do centro histórico, né? Bar do Alemão faz parte. Hotel Blumenau aqui embaixo. Jeito Mineiro, o Nonna Giovanna, Caiçara. Somos um grupo que hoje deve estar perto de vinte estabelecimentos e a gente hoje está até transformando em PJ e tudo. A gente tem uma voz muito ativa perante os órgãos públicos né? Então a gente tem um festival de inverno que a gente fomenta trazer um público bacana todo ano que a prefeitura chancelou como apoiadora do evento. Nós temos um centro histórico divertido que é pra trazer crianças pro Largo da Ordem, né? Mas eu acredito ainda que poderia melhorar muito, melhorou a iluminação, melhorou policiamento. Mas eu acho que tem muito ainda a crescer o centro histórico como um todo. Não só o Largo da Ordem. Quando fala Largo da Ordem, as pessoas se remetem às ruínas do São Francisco ao quase que o bairro do São Francisco inteiro. Largo da Ordem é tão somente esse pedacinho aqui. Na cabeça das pessoas Largo da Ordem é diferente da realidade né? No imaginário do Curitiba Largo da Ordem é bem maior do que realmente que é né? Eu acho que o centro histórico como um todo deveria melhorar em Curitiba, né? Como exemplo de outras cidades que revitalizam, que buscam né? Eu participei aqui da Copa do Mundo de dois mil e quatorze eu participei de muita coisa que vem acontecendo e é surpreendente o número de turistas que tem vindo a Curitiba pros mais diversos motivos. Seja Copa do Mundo, seja em congressos, agora tem um congresso gigante turismo agora em junho, né? E fatalmente as pessoas caem no centro, né? E vem muito aqui, nós temos muito, né? Temos cardápio em inglês, funcionário que fala inglês pra poder fazer frente a esse público né? E acho que falta um pouco quando eles perguntam pra mim: “poxa eu posso ir a pé até não sei aonde?” “Não, não vai” Então assim eu acho que poderia ter um pouco mais de cuidado da cidade com relação ao centro histórico, não ao Largo da Ordem, que eu acho que ele está muito bom em termos assim como foi estruturado. Se você vier aqui você pode ficar muito tranquilo que no Largo da Ordem você vai estar segura. O problema é lá pra baixo ou pra trás. O entorno é que é o problema. Não o Largo da Ordem em si.

Entrevistadora: Chegar no largo.

Entrevistado: Chegar no largo e sair do largo.

Entrevistadora: E se fosse fazer uma descrição física do Largo? O que o senhor vê do Largo?

Entrevistado: Acho que o Largo da Ordem é tão somente a Igreja da Ordem e esse espaço, a antiga casa vermelha, o meu bar, é muito pouca coisa né? Memorial poderia incluir ele né? Como Largo da Ordem também. Então somente isso pra mim é o Largo da Ordem.

Entrevistadora: E o que é paisagem pro senhor?

Entrevistado: Paisagem é uma paisagem de centro histórico, né? Remete ao início da cidade. Aqui começou a cidade, é o marco zero, né? A igreja de mil setecentos e

trinta e cinco, trinta e sete, né? Porque eu tenho aparelho da igreja dentro do meu bar, né? Original né? E que a gente destaca ela. Então eu adoro o histórico né? Eu acho que eu vou em lugares, quando eu vou, eu gosto de visitar centro histórico também. Então isso me cativa bastante e eu acho que é o resgate de todo modernismo de hoje é preservar a sua história né? E você preserva através das suas construções e tudo. O Largo da Ordem é muito pouco explorado. Não se dá o destaque como se dá ao Museu do Olho, aos parques. Esse olhar falta um pouco mais. O atual prefeito, Greca, ajuda muito o centro histórico, traz muita coisa pra cá, mas acho que ainda tem muito a se criar no centro histórico. Ele está bem cuidado, mas se você andar pela rua vai ver que está lastimável o tanto de cidadão morando nas ruas.

Entrevistadora: Vou começar o primeiro exercício. São 6 fotografias de centro históricos. 3 na América Latina e 3 no Brasil. Quero que o senhor divida em 2 grupos e me dê a sua justificativa.

Entrevistado: Centro históricos dentro da mesma linha de pensamento, a arquitetura remete a mais ou menos o mesmo período.

Entrevistadora: Então a divisão Brasil e fora do Brasil.

Entrevistado: Período e arquitetura. Portuguesa x espanhola.

Entrevistadora: O Brasil você acha que é mais antigo?

Entrevistado: Me parece ser mais antigo. Talvez por ser outra maneira de construir.

Entrevistadora: Alguma delas se parece com o Largo da Ordem?

Entrevistado: Sim, essa aqui um pouco, mas nenhuma muito próximo do Largo da Ordem, mais o Pelourinho mesmo. As construções remetem um pouco o que tem aqui. Isso aqui parece com a casa vermelha, isso aqui é mais ou menos um largo, a rua.

Entrevistadora: E se você fosse selecionar as 3 preferidas?

Entrevistado: (Salvador, Quito e Paraty) pela beleza.

Entrevistadora: Agora são fotografias antigas do Largo da Ordem. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Olhando essas fotografias, o senhor acha que teve transformação na paisagem desse Largo para o Largo de hoje?

Entrevistado: Teve bastante. Nem a Casa Hoffman está fiel ao que era. A única fiel é a igreja. O resto teve muita transformação. Eu acho que essa pega antiga saiu um pouco do contexto, o memorial já tem ferro, essa outra obra com ferragem. Eu acho que, dentro do contexto, está bem preservado. As calçadas continuam, apesar de ter sido feita essa acessibilidade que ninguém respeita e só estragou o visual. Eles proibem entrar carro, a gente com muita luta conseguiu fazer carga e descarga aqui

dentro. Eles apoiam, mas não apoiam o centro histórico. O Largo em si está bem preservado.

Entrevistadora: Você acha que não mudou muito?

Entrevistado: Não. Acho que o entorno sim, ele não.

Entrevistadora: O que eu pesquiso em específico são as cores das fachadas. Essas cores que a gente vê, muitas delas, não são originais. O vermelho, o amarelo, o azul que temos aqui é uma intervenção que vem ocorrendo há 25 anos. E aí pode acabar não tendo uma identificação da cultura local. Com isso em mente, você acha que essa alteração das cores tem algum impacto na paisagem, nesse impacto para você? O fato de essas cores não serem as originais pode te levar a ter uma outra leitura do espaço?

Entrevistado: Aqui eu acho bem válido, porque chama mais a atenção. Se você deixasse original iria parecer velho. Eu acompanhei com a Coral, há 7 anos atrás, que foi trazido tipo casa vermelha, foi escolhido a dedo as cores. Eles me deram as tintas e eu obedeci a cor deles. Ou seja, foi tudo muito bem pensado, eu sou bem de acordo. Se tivesse mantido essa cara velha, não te acende teu centro histórico. Eu acho que valoriza muito uma cor. É uma harmonia. Se fosse uma coisa agressiva... A própria casa vermelha ficou bonito da maneira que foi pintado. Então acho que só valorizou os imóveis. A Casa Hoffman ficou linda a pintura. Tudo o que foi feito, por mais que seja colorido, eu vejo uma harmonia no todo. Alguém que teve bom gosto e cuidado em fazer essa combinação de cores. Eu gostei bastante, acho que só valorizou. Se fosse no cal, iria parecer sujo, seria mais difícil de manter. Sou a favor do colorido. Acho que dá uma vida legal e não desvaloriza o antigo, acho que até realça. Não é porque é antigo que não pode ter uma cor bonita. O ponto fundamental está na preservação, e não na cor.

Entrevistadora: O que você acha que deveria ser feito no Largo da Ordem para que ele se mantenha para as futuras gerações? para que ele continue sendo um atrativo até mais potencializado ainda...

Entrevistado: Falta um olhar no turismo como um todo. O turismo de Curitiba é muito voltado ao turismo de trabalho. Interligar mais a área de turismo com o centro histórico. O centro histórico todo participar das cores da Coral. A parte mais bonita do centro histórico é a Rua Riachuelo, são prédios lindos e hoje em dia estão demolindo. O nosso centro histórico não traz turistas. O turista vem por algum motivo e cai no centro histórico. Ele não vem pra ver o centro histórico de Curitiba. Isso deveria mudar. Mesmo a feirinha de domingo deveria ser mais incentivada e ter mais critério na concessão de licenças. Tem muita tranqueira na feirinha. Poderia ter um pouco mais de olhos pra feirinha também.

Agradecimentos

APÊNDICE D | TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº | CAMPO: 29

Data: 27/05/2023 | Dia da Semana: seg | 14:42

Introdução padrão + Início da gravação

PARTE 1

Nome: Viviane Gomes

Idade: 33

Profissão: Chefe de Salão

Onde trabalha: Quintal do Monge

Onde mora: Campo Comprido | Curitiba

PARTE 2 + PARTE 3

Entrevistadora: Com que frequência você vem no Largo da Ordem?

Entrevistado: Todo dia de domingo a domingo.

Entrevistadora: Que horário?

Entrevistado: Sempre das onze às quatro. Segunda a sábado. E no domingo das onze às oito.

Entrevistadora: Por qual motivo?

Entrevistadora: E o que é o espaço do Lago da Ordem pra você?

Entrevistado: O espaço do largo pra mim é um lugar muito bonito por onde você passa assim as paredes tem pintura, tem uma demanda diferente de pessoas, de artistas de rua, então eu gosto muito do Largo de dia. Pra mim é a minha parte favorita. A gente tem a feirinha no domingo. A gente tem o café do SENAC na praça em frente do Museu do Paraná que é bem legal. Sempre indico pra quem vem de turismo aqui. Então a gente tem bastante coisas culturais aqui que é legal de conhecer.

Entrevistadora: E se você fosse descrever o Largo pra um amigo?

Entrevistado: O Largo em si pode ser a praça Tiradentes também ou só aqui você fala?

Entrevistadora: Mais aqui. O Largo mesmo.

Entrevistado: Cara eu me sinto como se eu estivesse voltando no tempo, nos anos antigos, porque eu adoro monumentos antigos, o ponto de vista da catedral, o Bar do Alemão que é muito antigo, tem o Saci que fechou. Então pra mim é como se você voltasse no tempo e tivesse um pouquinho da antiguidade tudo aqui junto então eu gosto muito de estar aqui, né? Pra mim a referência aqui da igreja que é a mais antiga

do Paraná. Daí temos ali em cima a catedral também. Então eu gosto de estar aqui. Eu indicaria bastante.

Entrevistadora: E se você fosse fazer uma descrição física?

Entrevistado: Eu vejo calma durante a semana, eu vejo circulação de pessoas curiosas, querendo conhecer, indo e vindo, a mistura de culturas, a mistura de linguagem, então eu descreveria o largo como um lugar cultural mesmo. Pra quem quer vir a Curitiba o Largo da Ordem é o centro. Eu acho que é o coração de Curitiba.

Entrevistadora: O que é paisagem pra você?

Entrevistado: Nossa, a paisagem do Largo assim tanto olhando pra baixo você se sente em outro lugar. Você entra em êxtase você olha uma parede parece que você vai pro momento. Você olha pra baixo você entra em outro momento. Como ele tem vários pontos de vista então você se sente cada parede acho que te dá uma sensação diferente do lugar. Eu me sinto assim, eu me sinto apaixonada porque eu amo Curitiba então aqui pra mim assim... Vários pontos, mas aqui no centro é o meu ponto forte que eu gosto.

Entrevistadora: Então o Largo é uma paisagem pra você?

Entrevistado: O largo pra mim é uma paisagem.

Entrevistadora: Saberria dizer o porquê você acha que ele é uma paisagem?

Entrevistado: Ah eu acho aqui muito bonito. Tipo assim ele é bonito, ele é acolhedor. Tipo assim o que você está procurando aqui? Tipo eu queria um lugar pra sentar e descansar. Você tem. Ah eu queria um lugar um momento sozinho de fé. Você tem. Ah você quer conhecer uma cultura diferente ah quer ir num brechó conhecer a antiguidade? Temos aqui na lateral também. Ah eu quero ir num lugar assim mais antigo cinquenta anos de tradição, temos o Bar do Alemão. Tipo assim quero um lugar mais reservado, um quintal, um jardimzinho, também temos o Caiçara aqui em cima. Então a gente tem várias demandas diferentes. Então acho que é nessa visão que eu acho que aqui é uma paisagem pra todos os públicos.

Entrevistadora: Agora vamos pro primeiro exercício. São seis fotografias de centros históricos no Brasil e na América Latina. Daí você pode olhar eles com calma e separar em dois grupos. E daí me dizer o que te chamou a atenção pra separar os grupos.

Entrevistado: Que que eu gosto? Separaria assim.

Entrevistadora: O que motivou a tua escolha?

Entrevistado: Aqui me lembra mais Curitiba né? (Pelourinho) Descendo a rua é bem parecido com a gente se você olhar a visão de cima aqui também temos o monumento

mais antigo um mais rústico. Esse daqui é bem parecido com o Paço da Liberdade (Cusco). Esse daqui é bem parecido com a igreja que a gente tem aqui na esquina também, eu gosto bastante desses monumentos (Quito). E aqui a parte mais de aquarela né, mais tradicional, lembra mais sentido Bahia, não sei (Paraty). Mas eu ainda gosto mais dessa visão aqui, dos monumentos do que do que porta, porta, porta, não sei, eu gosto mais desse lado aqui. Da vista. Me atrai mais.

Entrevistadora: Alguma dessas fotografias se parece com o Largo? Acho que você já deu uma...

Entrevistado: Eu acho essa daqui é a mais parecida com o Largo (Pelourinho). É a mais parecida. Não sei se é por ser mais íngreme, mais monumentos antigos. Aquele alto e baixo. Eu me destaco mais com essa foto.

Entrevistadora: E as tuas 3 preferidas?

Entrevistado: Essas aqui.

Entrevistadora: Santiago, Pelourinho e Cusco. Por qual motivo?

Entrevistado: Acho que pela paisagem. Pela vista. Eu gosto de coisas que você consegue enxergar a longo prazo, que você não precisa estar próximo. Você já tem uma visão mais ampla dos lugares pra você chegar. Lugares mais abertos eu gosto também, não gosto de lugar fechado. Gosto de sentir o ar puro. Acho que aqui está mais turístico.

Entrevistadora: Agora vou te dar fotografias antigas do Largo. (Explicação relacionando as fotografias com o cenário *in loco*). Olhando essas fotografias, você acha que teve mudança, transformação entre o Largo dessas fotografias e o Largo de hoje?

Entrevistado: Acho que teve bastante mudança, mas não sei dizer se foram muito positivas, porque acho que fechou muita coisa que eu acho que deveria ter mantido. Esse café faria um grande diferencial se estivesse aberto hoje em dia, porque não temos um café bem legal aqui no calçadão. O Saci quando fechou fez muita falta porque era um ponto turístico muito forte. Aqui também se fosse um café seria incrível. Eu sinto falta. A Casa Hoffman não mudou muito, acredito que só a cor, mas é bem parecido. A Romário Martins também, bem pouca coisa, talvez a pintura, mas não mudou muita coisa não. O tempo manteve bem as nossas lembranças, a Casa Hoffman e a igreja estão numa estrutura muito boa hoje de preservação. Elas só estão sem acesso, mas não estão abandonados a olho nu, a pintura tem alguns lugares que está em dia. Então acredito que está OK, que não mudou quase nada a parte histórica. Só essa daqui que é a mais diferente (Romário Martins), com uma rua bem em frente mesmo.

Entrevistadora: O que eu pesquiso em específico são as cores das fachadas. Essas cores que a gente vê, muitas delas, não são originais. O vermelho, o amarelo, o azul que temos aqui é uma intervenção que vem ocorrendo há 25 anos. E aí pode acabar não tendo uma identificação da cultura local. Com isso em mente, você acha que essa alteração das cores tem algum impacto na paisagem, nesse impacto para você? O fato de essas cores não serem as originais pode te levar a ter uma outra leitura do espaço?

Entrevistado: A Coral é patrocinadora de Olinda, né?

Entrevistadora: Olinda, Fortaleza, Curitiba... Você acha que essas cores impactam na sua leitura do Largo? Se ele fosse numa cor mais clara ou o colorido estaria melhor?

Entrevistado: Uma parede acho legal. Mas se você mexe muito, quebra o passado, você já não se sente naquela época histórica. Que parece que está tudo tão recente, tão igual, que você não volta naquela história. Se você entra aqui numa estrutura tão igual, já não chama tanto a atenção, já não é tão atrativo. Acho que rouba um pouco a identidade. Se você vem passando colorido, acho que vira uma coisa só e acaba perdendo a graça. Eu prefiro a parte mais antiga. Quanto mais mantém o tradicional, mais bonito fica. Se é uma história do passado, tem que preservar. Como vamos conseguir passar uma história pra frente se fica mudando, mudando, mudando? Vai chegar uma hora que ninguém vai saber o que era verdade e o que era mentira. Se você não mantém a identidade, você não consegue passar pra frente como era no início. Então acho que manter o original é a melhor opção. Eu gosto.

Entrevistadora: O que você acha que deveria ou gostaria que fosse feito ou mantido no Largo para que ele se perpetue para as próximas gerações?

Entrevistado: Acho que deveria dar mais espaço/liberdade para reabrir os locais fechados. Aqui tem o Memorial, é muito fechadinho, as pessoas não chegam ali sozinhas. Eles precisam de informação. Por que não tem uma placa indicativa ali embaixo "Memorial, Museu do Paraná". Deveria ter uma referência maior de localização. Tudo tem que procurar no Google. As pessoas chegam aqui e não sabem onde é a ruína do Paraná. A gente não tem uma indicação forte aqui no Largo da Ordem de referência. Deveria focar mais nessa parte turística. Um fácil acesso aos locais culturais. Antigamente tinham os totens, mas tiraram, não sei se por vandalismo. Como as pessoas vão chegar nos lugares se elas não sabem? Tem gente que não tem acesso à internet. Mais informações de acessibilidade, é o que falta no Largo da Ordem.

Agradecimentos

APÊNDICE E | TABELA SÍNTESE ENTREVISTAS

QUADRO 3: Entrevistas | Partes 1 e 2

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 1							parte 2		
			nome	idade	profissão	onde trabalha	onde mora	frequência no Largo	motivo	o espaço do Largo	a descrição do Largo	o que é paisagem
Moradores	01 01	sex 10:35	Gerovane	56	Pedreiro	Strahl Reformando a Igreja	Colombo RMC	Diariamente 1 vez por ano	Obra da Igreja Lazer	local de lazer e de trabalho	prédios históricos	Paisagem é tudo
Moradores	02 01	sex 10:50	Francisca de Oliveira	60	Ex-cabeleira Aposentada	-	Carapó Mudou de Curitiba a pouco tempo	Diariamente	Religioso	Antigamente era ponto de paquera Hoje dá tristeza em ver o Largo assim	Era um ponto de encontro Ainda é um lugar que você tem memórias	Lugar tranquilo Verde
Moradores	03 01	sex 11:06	Rozeli Carneiro	63	Ex-professora Aposentada	-	Santa Felicidade Curitiba	Com frequência	Passa para ir nos brechós e feiras	Barzinhos e Feirinhas	Feirinhas com Artesanatos e Lembrancinhas	Tudo que é bonito Tem a ver com o verde A feirinha é uma paisagem bonita por causa do relógio das flores
Moradores	04 01	sex 11:21	Celina	38	Artesã	Praças Espaços Públicos	Centro Curitiba	Diariamente	Mora ao lado Trabalho (expondo a arte)	Muito turismo, muitos encontros, tem muitos bares, encontro de pessoas	Ponto importante de Curitiba museus, histórias, igrejas que conta histórias de Curitiba.	representa a história, a imaginação da gente e desse lugar
Moradores	05 02	sex 11:35	João Victor	20	Estudante de Direito	Estagiário Ministério Público (Ahú)	Colombo RMC	3 vezes por mês	Lazer	espaço de multicultural underground agrega tudo no mesmo espaço	parte histórica de Curitiba prédios antigos foram cedidos para os comércios sábado, sexta (a noite) tem uma concentração de pessoas por causa dos bares, é uma região mais movimentada de Curitiba.	É toda imagem construída pelo homem ou não, que é possível ser visualizada de perto ou de longe Vem na mente imagens do horizonte. É uma coisa pitoresca
Moradores	06 02	sex 11:57	Patriciane	39	Costureira Estudante de Moda	Rua Trajano Reis	Piraquara RMC	Diariamente	Passa pelo Largo para ir trabalhar	Calçada com casas antigas Início de tudo Traz a memória de quando se iniciou a cidade Algumas casas foram reformadas, mas ela não perdeu a essência de quando começou	Os que vieram antes batalharam para deixar uma lembrança. Hoje em dia os prédios, seguem um padrão. No largo existem padrões diferentes, culturas misturadas, que cada um quis deixar a sua herança	Mata Como no Largo tem poucas árvores, então é o colorido que traz vida ao local. A paisagem onde eu moro, tem mato, água, espaço ao ar livre
Moradores	07 02	sex 12:16	Larissa	33	Empresária	Loja do Centro	São Francisco Curitiba	3 vezes por semana	Passa pelo Largo para ir trabalhar Feirinha e almoço	Representa a história e convivência entre pessoas	Feirinha de domingo, artesanato Memória afetiva de domingo	Ambientes e Natureza
Moradores	08 02	sex 12:35	Jandir Carlito Pacheco	58	Gesseiro	Desempregado	Espaço Público (morador de rua)	Dia sim, dia não	Tomar banho, se alimentar e comprar roupa (casa de apoio e bazar)	Tem coisa boa e bonita Tem muita droga também	Lugar turístico Relógio das Flores e Cavalo Babão Feirinha e Gastronomia	Paisagem é natureza Árvores, bichos, lugar fresco e ventinho gostoso.
Moradores	09 04	sex 17:42	Marcel	33	Azulejista	Construtora Manhattan	Campo Comprido Curitiba	2 vezes no mês	Lazer	Um espaço de lazer	Vá, mas tome cuidado Legal	Arquitetura, desenho, mármore Arte
Moradores	10 04	sex 17:59	Renan	28	Assistente Jurídico	SJBA Consultoria Jurídica	Vila Guaíra Curitiba	Todos os dias Uma vez por mês	Passa pelo Largo para ir trabalhar Lazer	Tudo que envolve uma sociedade urbana Concentração de culturas, mistura de gêneros, classes.	Arquitetura antiga, bem preservada História da cidade, onde ela surgiu Muito mendigo	Imagem que reflete o ambiente
Moradores	12 04	sex 18:30	Marcos* não vê cores	36	Auxiliar de RH	Mercês (Bairro)	Santa Felicidade Curitiba	Menos de uma vez por mês	Lazer	Diversidade cultural	Pubs e cervejas Insegurança	Piso, prédios históricos, estrutura e arquitetura do Largo

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 1							parte 2		
			nome	idade	profissão	onde trabalha	onde mora	frequência no Largo	motivo	o espaço do Largo	a descrição do Largo	o que é paisagem
Moradores	14 03	sex 19:23	Kalinny	27	Missionária	Piraquara RMC	Piraquara RMC	Primeira vez	Evangelizar as pessoas do Largo	Point turístico	Algo de época, retrô Antigo + contemporâneo	Expressão do belo Beleza da estrutura, do piso
Moradores	15 03	sex 19:23	Gabrielly	25	Missionária	Piraquara RMC	Piraquara RMC	Não com frequência	Evangelizar as pessoas do Largo	Coração de Curitiba	Centro e Vila Histórica Vila do Chaves	Visão ampla do espaço Pode ou não ser bela Belo é relativo
Moradores	16 03	sex 19:23	Guilherme	25	Missionário	Piraquara RMC	Piraquara RMC	Segunda vez	Evangelizar as pessoas do Largo	Diversidade	Mistura entre retrô, vintage com underground (grafites)	Aquilo que eu acho belo Baseado na minha referência do que é belo
Comerciantes	11 04	sex 18:15	João Felipe Batista	18	Atendente Garçon Cozinheiro	Canecão Bar Largo da Ordem	Centro Curitiba	Diariamente	Trabalho, lazer e mora do lado	Espaço cultural, turístico Rústico	Lindo de dia Caótico de noite Retrô, antigo	Depende do que você está querendo olhar
Comerciantes	13 03	sex 18:52	Jairo Neto	27	Empresário	Boesia Bar Largo da Ordem	Centro Curitiba	Diariamente	Trabalho	Área boêmia Parte mais bonita de Curitiba	Casarões antigos, parte históricas	Tropical, tem que ter ver, mar. Mas também gosto da parte antiga e histórica
Comerciantes	17	sáb 10:04	Laura	22	Secretária Estudante Enfermagem	Curso Dinâmico	Centro Curitiba	Diariamente Esporadicamente	Trabalho Feirinha aos domingos	Espaço de socialização Ponto histórico	Eventos e musicais Bares Próximo a Praça Tiradentes e Cavalô Babão Prédios históricos e fonte no meio	Paisagem de campo: lugar com árvores, gramado, lago Paisagem urbana: prédios, movimento, carros.
Comerciantes	18	sáb 10:20	Roseli Ponce	56	Comerciante (lanchonete)	Curso Dinâmico	CIC Curitiba	Diariamente	Trabalho	Cartão postal de Curitiba Lado bom e lado ruim	Lugar bonito Antigamente era melhor Muitos moradores de rua	Lugar lindo, ar puro, mata verde, lagos, animais.
Comerciantes	19	sáb 10:43	Jorge	54	Comerciante	Loja Mister Mundo	Barreirinha Curitiba	Diariamente	Trabalho	Ganha pão Eu trago a cultura e bem-estar para o povo	Conflito entre os usos e ocupação Bem-estar x bares Bonito Conta história da feirinha do Largo	Coisa bonita, bela Harmonia e organização do espaço Ver o mar ou montanha e a energia boa que dá
Comerciantes	20	sáb 11:21	Bruno Guilherme	26	Garçon	Largo's Bar	Pilarzinho Curitiba	Quarta - domingo	Trabalho	Duas visões (dia x noite) Dia: família, pessoal organizado Noite: bagunça	Lugar bom de trabalhar e ganhar dinheiro Lugar bonito, espaço cultural	Praia, plantação bonita Natureza Largo não é paisagem
Comerciantes	21	sáb 11:46	Jonatas	22	Garçon	Bar do Alemão	Santa Cândida Curitiba	Quinta - domingo Folgas	Trabalho Lazer	Ambiente legal para conhecer e sair com a galera	Dependendo horário ambiente hostil Ponto de Curitiba, boêmio	Estética, lugar bonito Deslumbrar e prestigiar o ambiente Praia
Comerciantes	22	sáb 11:54	Janice	26	Copeira	Bar do Alemão	São Francisco Curitiba	Diariamente	Trabalho	Divertido	Alegria, lugar aconchegante Lugar diferente, Cavalô Babão, prédios antigos, rua de pedrinhas	Tudo é paisagem
Comerciantes	23 04	dom 11:08	Valniceia de Oliveira	49	Artesã Comerciante	Feira do Largo Loja Praça Rui Barbosa	Pilarzinho Curitiba	Todos os domingos	Trabalho	Ponto Turístico	Feira e gastronomia	É um lugar bem cuidado
Comerciantes	24 04	dom 11:25	Marilu	66	Artesã Comerciante	Feira do Largo Loja de Presentes	Portão Curitiba	A cada dois meses	Trabalho	Cultura, lazer	Artesanato, casario antigo, bares	Casario, coisas antigas Imaginar como era antigamente
Comerciantes	25 04	dom 11:25	Marjorie	62	Artesã Comerciante	Feira do Largo Loja de Presentes	Portão Curitiba	A cada dois meses	Trabalho	Comércio, alimentação, bares Vida social	Conta a história da feirinha do Largo com fatos da infância Relógio da Flores, Igreja do Rosário e música chorinho	Casarões, a arquitetura, parte histórica
Comerciantes	26 04	dom 12:02	-	65	Artesã Comerciante	Feira do Largo	Centro Curitiba	Todos os domingos	Trabalho	Auxilio econômico	Faz parte do Setor Histórico Feira é um dos principais pontos turísticos Arquitetura bem preservada Passado no presente	Envolve natureza Harmonia entre arquitetura e natureza

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 1						parte 2			
			nome	idade	profissão	onde trabalha	onde mora	frequência no Largo	motivo	o espaço do Largo	a descrição do Largo	o que é paisagem
Comerciantes	27 01	dom 12:45	Jonathas Youssef Daou	40	Artesão Comerciante	Feira do Largo	Pinheirinho Curitiba	Todos os domingos	Trabalho	Espaço histórico Lazer no final de semana Duas realidades semana x fds dia x noite	Centro Histórico Lugares artísticos, religiosos e culturais Conta a história Prédios antigos	Ponto de inspiração Mexe com o emocional Paz, um lugar calmo Uma cidade sem pessoas Largo é o oposto de paisagem
Comerciantes	28	seg 14:02	Sérgio Apter	63	Empresário Engenheiro Civil	Quintal do Monge (proprietário)	Santo Inácio Curitiba	Diariamente	Trabalho	Remete a juventude Centro Histórico Antigamente carros tinham acesso	Centro Histórico Já esteve mais largado Associação de donos de bares e restaurantes e hotéis da região do centro histórico Voz ativa perante os órgãos públicos Daria pra melhorar No imaginário das pessoas o Largo é maior, alguns se confundem com as ruínas do São Francisco Melhorar a segurança do entorno Igreja da Ordem, Casa Vermelha, Memorial	Paisagem de Centro histórico, onde começou a cidade O Largo deveria ser mais valorizado Moradores de Rua
Comerciantes	29	seg 14:42	Viviane Gomes	33	Chefe de Salão	Quintal do Monge	Campo Comprido Curitiba	Diariamente	Trabalho	Bonito Paredes com pintura Artistas de Rua Feirinha no domingo Café do SENAC Muita oferta cultural	Sentimento de voltar no tempo, monumentos antigos, bar do Alemão e o Saci Antiguidade reunida Igreja mais antiga do Paraná Calmaria durante a semana, circulação de pessoas, mistura de culturas, lugar cultural Coração de Curitiba	As paredes do Largo te transportam para o momento, cada parede dá a sensação de um lugar diferente

FONTE: A autora (2023).

QUADRO 4: Entrevistas | Parte 3

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 3 exercício 1					parte 3 exercício 2			Particularidade	
			separação em 2 grupos	justificativa para separação	parece o Largo	motivação	as 3 preferidas	motivação	a transformação do Largo	as cores no Largo		o Largo para as gerações futuras
Moradores	01 01	sex 10:35	G1: Quito Cusco Santiago x G2: Salvador Paraty Ouro Preto	G1: cunho religioso, presença de igrejas G2: histórico	Salvador	Caminho descendo	Salvador Paraty Ouro Preto	Gostaria de visitar São mais históricas	Ausência comércio Hoje muitos bares e pessoal em situação de rua	A cor não impacta, pois mantiveram os resquícios da história da época	Manter as fachadas, o trabalho artesanal na execução dos ornamentos	Parece Maranhão (Ouro Preto)
Moradores	02 01	sex 10:50	G1: Salvador Cusco Santiago x G2: Quito Paraty Ouro Preto	G1: Salvador (maravilhosa a história) Cusco (igreja linda) Santiago (mais moderno) x G2: Quito Paraty Ouro Preto	Salvador	Estrada	Salvador Cusco Santiago	Mais bonitas	Não teve transformação Teve conservação	No começo a pintura ficou bonita bem colorida com cores mais vivas, tirou aspecto de sujeira	Conservar, tem estado abandonado O cack fez com que as pessoas deixassem de vir Melhorar segurança	
Moradores	03 01	sex 11:06	G1: Quito Paraty Santiago x G2: Cusco Salvador Ouro Preto	Tudo parecido, quase a mesma coisa G1: centros históricos G2: casarões antigos	Salvador	Casarões antigos	Cusco Salvador Ouro Preto	Casarões mais antigos	Não teve transformação	Falta cuidado, casarões abandonados. Uma pintura bem feita daria vida. Essa cor desbotada não da vida	Preservar e cuida melhor os casarões antigos	
Moradores	04 01	sex 11:21	G1: Quito Cusco Santiago x G2: Salvador Paraty Ouro Preto	G1: mais rústico, mais antigo G2: as cores, as janelas dão um ar mais moderno	Quito Cusco Santiago Salvador	Estilo arquitetônico	Salvador (espaço amplo) Quito (tem praça) Paraty (reflexo na água)	pelas cores reflexo na água (Paraty) por ter espaço bastante gente andando (Quito) lembra o Largo da Ordem (Salvador)	Cenário Cores Os proprietários não são os mesmos	Dá um ânimo, um ar. As cores mexem muito com a gente. Ficou bom!	Continuar sendo bem cuidado, sempre com as cores. Manter a história	Teve mudança x mas se manteve Cores espelhadas no Pelourinho
Moradores	05 02	sex 11:35	G1: Quito Cusco Ouro Preto x G2: Salvador Paraty Santiago	G1: Estrutura das igrejas é meio similar (Quito e Cusco); Estrutura mais colonial (Ouro Preto), não tem quase nada a ver, mas ela é mais singular G2: A estrutura da igreja (Salvador); espaço bem reservado da cultural, prédios preservados (Salvador e Paraty); prédios mais misturados com o urbanismo (Santiago)	Salvador	Por causa da rua, da extensão	Salvador e Paraty: por causa do colorido, sai do cinza nós estamos tão acostumados. Quito: por causa do branco, mas me traz uma memória, me lembra da Igreja aqui do centro histórico.	Algumas mudanças calçada de concreto ao invés dos pavimentos de paralelepípedo; prédio mais moderno (Memorial de Curitiba e Mister Mundo) De regra geral que se manteve.	Acho mais bonito colorido. Imagino que a pintura tenho sido para se espelhar no Pelourinho O colorido eu acho que traz uma vida	A vida que ele tem Característica histórica, a estrutura do Largo é o diferencial, evitar substituição das edificações históricas		
Moradores	06 02	sex 11:57	G1: Ouro Preto Salvador Cusco x G2: Santiago	G1: Mesmo design de fora do país G2: Passado e atualidade no mesmo lugar	Não sei dizer		Santiago, Paraty e Quito	Pelo espaço de tempo entre as construções	Hoje em dia é colorido e as fotos são em preto e branco. Não passam mais carroças, somente carros autorizados. Não tem mais	As cores não mudam o prédio em si, elas só dão uma nova cara. A geração que vai vir depois de mim e passar aqui e vai dizer "Nossa, que lugar bonito. Quando foi criado? Quem criou? Quanto tempo faz que tem isso aqui? Quais foram as pinturas?".	Manter as estruturas. Passar nova demão de tinta Consertar rachaduras Tudo faz parte da história de Curitiba,	Parece Minas Gerais (Quito) Parece São Paulo (Santiago) Movimento de turistas na feira

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 3 exercício 1					parte 3 exercício 2			Particularidade	
			separação em 2 grupos	justificativa para separação	parece o Largo	motivação	as 3 preferidas	motivação	a transformação do Largo	as cores no Largo		o Largo para as gerações futuras
			Paraty Quito						comércio de vendas e trocas, agora é só comércio de consumo.	Com o passar do tempo, as pessoas vão ver com uma nova visão.	se mudar perde a história e a essência.	Parece Maranhão (Ouro Preto)
Moradores	07 02	sex 12:16	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	Cores e estilo arquitetônico	Quito Salvador	Igreja + colorido	Santiago Ouro Preto Cusco	Pela arquitetura	As ruas, calçamento Era pra estar mais cuidado Tinha muito mais movimento	Sim, muda a leitura de paisagem	Gostaria que tivesse fluxo e diversidade de pessos frequentando Ver a alegria que o Largo representa indo além dos bares, que o comércio voltasse Mais incentivo e fomento para retorno do comércio	
Moradores	08 02	sex 12:35	G1: Paraty Santiago Quito x G2: Cusco Salvador Ouro Preto	Colorida (Paraty) Santiago e Quito (Igreja e Catedral)	Quito	Parece a Igreja do Rosário	Paraty Santiago Quito	Todas são lindas	O povo, não existia drogas, poluição Falta pintar o Largo, o chão, colocar uma floreira no meio.	As cores transformam, a tinta antiga desbota. Renovar e colocar mais cores no Largo	Educação para as crianças contra as drogas, ordem no Largo	
Moradores	09 04	sex 17:42	G1: Santiago Cusco Quito x G2: Salvador Paraty Ouro Preto	Preservação e Contemporaneidade juntos (Santiago) Arquitetura e Engenharia bem feita (Cusco)	Salvador Mas também não tem nada a ver	Talves somente as casas coloniais	Santiago Cusco Quito	Contemporâneo x antigo	As pessoas Os desenhos, a pintura, a moldura A pintura está bonita	Cores originais ficariam feias, não impactam na leitura Precisa manter a fachada	Está ótimo Melhorar segurança	
Moradores	10 04	sex 17:59	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: Cores e pisos sem acessibilidade para andar de skate G2: Menos cores e piso acessível para andar de skate	Todas as imagens parecem, um pouco de tudo, principalmente as igrejas		Quito Cusco Santiago	Por causa do chão acessível para andar de skate	A forma e a arquitetura não mudaram, sobre as cores não sei dizer por serem fotografias em preto e branco	Cor original seria ruim Tom de abandono	Conciliar o antigo com o moderno Adaptação acessibilidade para andar de skate e para terceira idade	
Moradores	12 04	sex 18:30	G1: Paraty Salvador Ouro Preto x G2: Santiago Cusco Quito	G1: mais rústico, ambiente mais interiorano, casinhas históricas G2: área urbana com história (arte urbana)	Não	O Largo é único	Paraty Salvador Ouro Preto	Interioranas Mostra história da cidade	Espaço urbano Urbanização Pessoas Fluxo História	No futuro lugares históricos vão cair no esquecimento Tendência da evolução humana e urbana	Valorização da cultura local Hoje deprecação pelos próprio moradores	
Moradores	14 03	sex 19:23	G1: Salvador Paraty Ouro Preto	G1: parecidas com Maranhão, formatos das janelas, as pinturas e cores.	Quito	Cores + branco	Salvador Quito Cusco	Aconchego (Salvador) Pertencimento de casa (Quito)	Permanece a estrutura e a preservação	Original ficaria autentico, espelhando autenticidade de cada lugar	Questionar as mudanças de cores Autenticidade vai atrair as pessoas	

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 3 exercício 1					parte 3 exercício 2			Particularidade		
			separação em 2 grupos	justificativa para separação	parece o Largo	motivação	as 3 preferidas	motivação	a transformação do Largo	as cores no Largo		o Largo para as gerações futuras	
			x G2: Quito Cusco Santiago						Cusco (Oriente médio)				
Moradores	15 03	sex 19:23	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: ar mais antigo, brasilidade por causa das cores G2: ar histórico europeu	Salvador e Cusco	Cores e arquitetura	Paraty Ouro Preto Cusco	Formato das portas e janelas, colorido organizado (Paraty e Ouro Preto) Cusco (ar turístico)	Portas e janelas Cores	As cores remetem a Brasil O contrário traz um ar europeu	Conscientização da valorização do Largo		
Moradores	16 03	sex 19:23	G1: Paraty Salvador Ouro Preto x G2: Santiago Cusco Quito	G1: Ar mais brasileiro principalmente pelas cores	Salvador	Cores	Cusco	Montanhas	Portas	Cor original, espelhando a cor local	Tem lugar que não precisam do contemporâneo, assim como das cores para dizer que brasileiro		
Comerciantes	11 04	sex 18:15	G1: Quito Cusco Santiago x G2: Salvador Paraty Ouro Preto	G1: Parece Europa G2: Parece Brasil	Santiago	Por causa da estátua	Salvador Paraty Ouro Preto	Mais cor, mais vivo	Pouca coisa Pintura da Casa Hoffmann mudou	Muda, fica mais atrativo, embelezamento cultural As cores originais não seriam atrativas, seria um lugar de passagem	Conservar as edificações Manter os bares Melhorar segurança		
Comerciantes	13 03	sex 18:52	G1: Santiago Cusco Salvador x G2: Quito Paraty Ouro Preto	Lembra Curitiba As estátuas (Santiago) A Igreja (Cusco) Casa antigas (Salvador)	Santiago Cusco Salvador	Estátua, Igreja, Casas Antigas	Santiago Cusco Salvador	Parece Curitiba	Pouca coisa Somente os carros que não acessam o pátio Bem conservado	Está melhor pintado, mais bonito Variedade de cor destacou mais os imóveis	Melhorar segurança e infraestrutura Falta um olhar da prefeitura		
Comerciantes	17	sáb 10:04	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: mais cores G2: menos cores	Salvador	Cores e caminho	Quito Paraty Salvador	Gostaria de visitar e caminhar	Muita coisa Cavalos e carroças Prédios com pintura renovada, mas não perderam a essência	Fico dividida Cor original remeteria a algo mais histórico Cores vibrantes são mais recentes, chamam a atenção, alegria A arquitetura mantem a essência histórica	O chão de pedrinhas, fonte, cavalo babão, arquitetura e formato dos prédios		
Comerciantes	18	sáb 10:20	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: casas antigas parecidas G2: Pessoas ao ar livre, a paisagem, mata	Salvador	Caminho descendo As casas	Quito Cusco Santiago	Pessoas ao ar livre	Teve bastante Casa Romário Martin e Igreja para melhor Mudaram as pessoas, o transporte que não passa mais Outra pintura, mais colorido	Eu acho que assim está bom Cores originais ficaria apagado, não seria um ponto turístico Colorido dá vida, chama atenção	Melhorar segurança Está quase virando uma cracolândia		

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 3 exercício 1					parte 3 exercício 2			Particularidade	
			separação em 2 grupos	justificativa para separação	parece o Largo	motivação	as 3 preferidas	motivação	a transformação do Largo	as cores no Largo		o Largo para as gerações futuras
									Hoje em dia mais movimentado			
Comerciantes	19	sáb 10:43	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: arquitetura portuguesa, igrejas antigas, casa dos barões G2: torres das igrejas, a colônia dos jesuítas	Salvador	Construído pelos jesuítas assim como a Casa Romário Martins e a Igreja	Salvador Cusco Quito	Edificações Colonização jesuítas	Muita transformação Várias reformas nas edificações	Hoje temos mais tecnologia de cores Colorido é mais positivo Quando coloca cor fica uma paisagem Paisagem mais harmoniosa com cores	Manter e restaurar as edificações	
Comerciantes	20	sáb 11:21	G1: Paraty Salvador Cusco x G2: Quito Ouro Preto Santiago	Paisagem, vista bonita A natureza	Paraty Salvador Cusco	Pela paisagem verde	Santiago Ouro Preto Salvador	Modelo das casinhas, ruas parecidas, ponto turístico, lembra o Cavalo Babão	Casas reformadas Deram um "up"	Está "top", original não ficaria legal Tinta antipichação é legal Preservação boa	Melhorar segurança	Bastante x mas não mudou muita coisa
Comerciantes	21	sáb 11:46	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: centro histórico parecido com Maranhão (terra natal) G2: estética europeia	Salvador Paraty Ouro Preto	Remete a uma coisa mais histórica Assim como a Bar do Alemão que tombado como patrimônio cultural histórico	Salvador Paraty Ouro Preto	Remete ao Brasil, à essência de ser brasileiro	Muita coisa A indústria mudou tudo Antes se andava a cavalo Esteticamente mudou pouco, talvez tenha mudado só a pintura	Acho que querem deixar o Largo mais diversificado A cor original preservaria a história, mas talvez danifique os prédios	Preservar o Largo e a cultura Melhorar a segurança	
Comerciantes	22	sáb 11:54	G1: Ouro Preto Paraty Salvador x G2: Quito Cusco Santiago	G1: histórico G2: histórico mas parece ser outra cultura	Salvador	Rua, formato dos prédios e cores	Salvador Paraty Cusco	Gostei da cores, gostaria de conhecer	Mudou As cores estão mais novas, mais vivas Algumas reformas nos prédios, a rua	Cor traz alegria, chama a atenção Os turistas gostam das cores	Melhorar segurança	
Comerciantes	23 04	dom 11:08	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	Cores, por ela faria o Largo todo colorido	Salvador	Corredor, rua	Salvador Paraty Ouro Preto	Colorido	Trasformações das casas, que eram mais limpas A calçada antigamente era melhor	Cor original iria chamar mais a atenção "De onde essa cor?"	Melhorar segurança	
Comerciantes	24 04	dom 11:25	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: Cores e casarios	Salvador	Rua que sobe	Salvador Paraty Ouro Preto	Colorido	Mudou pouco, os casarios passaram por reformas	Cor remete a vida, é vida	Manter como está, melhorar disposição das barracas Melhorar segurança	
Comerciantes	25 04	dom 11:25	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x	G1: Cores, carnaval G2: Cultura	Salvador	Caminho quando afunila	Salvador Paraty Ouro Preto	Colorido	Bastante x Parte inteira, fachada igual Cor da Casa Hoffmann	Colorido Uso cultural com cor mais clean Carnaval tem que ser colorido	Melhorar disposição das barracas Melhorar segurança	

grupo	nº campo	dia de semana horário	parte 3 exercício 1						parte 3 exercício 2			Particularidade	
			separação em 2 grupos	justificativa para separação	parece o Largo	motivação	as 3 preferidas	motivação	a transformação do Largo	as cores no Largo	o Largo para as gerações futuras		
			G2: Quito Cusco Santiago										
Comerciantes	26 04	dom 12:02	G1: Quito Cusco Santiago x G2: Ouro Preto Paraty Salvador	G1: arquitetura urbana e pessoas G2: arquitetura e colorido	Paraty	Parece levemente	Quito Paraty Cusco	Arquitetura colonial e barroca	Muita A maioria das construções foram preservadas A quadra do memorial tem várias edificações novas	Perda da característica original Preferia que fosse feita pesquisa das cores originais e que voltasse a ser o que era	Plano de restauração contínua		
Comerciantes	27 01	dom 12:45	G1: Salvador Paraty Ouro Preto x G2: Quito Cusco Santiago	G1: Cores, mesma história, arquitetura do mesmo colonizador	Salvador	Chão, casarões Cores	Paraty Cusco	Colorido Gótico Reflete a minha personalidade	Não acho que mudou muito	A cor original seria interesse se os usuários conhecessem Mas visivelmente não atrairia muito, ar de coisa desleixada/abandono Aliar a cor histórica com a cor moderna	Tornar mais vivo, muitos lugares fechados Preocupação com a preservação das fachadas históricas		
Comerciantes	28	seg 14:02	G1: Ouro Preto Paraty Salvador x G2: Quito Cusco Santiago	Período x arquitetura G1: Arquitetura Portuguesa x G2: Arquitetura Espanhola	Salvador	Construções Rua	Salvador Quito Paraty	Pela beleza	Teve bastante Só a Igreja está fiel ao que era A pegada antiga saiu do contexto, o memorial já tem ferro, o mister mundo tem ferragem Dentro desse contexto está bem preservada O entorno mudou, o Largo não	As cores aqui são validas, chamam a atenção, é harmonia, dá uma vida legal e não desvaloriza o antigo, até realça Valorização dos imóveis Original parece velho A tinta a cal parece suja, difícil de manter não é porque é antigo não pode ter cor bonita Ponto fundamenta está na preservação, e não na cor	Falta um olhar turístico, o turismo de Curitiba é volta para o turismo de trabalho Nosso centro não traz turistas, eles caem no centro sem por outros motivos, não para ver o centro histórico		
Comerciantes	29	seg 14:42	G1: Salvador Cusco Quito x G2: Paraty Ouro Preto Santiago	Lembra Curitiba (Salvador) Lembra o Paço da Liberdade (Cusco) Lembra a Igreja do Rosário (Quito)	Salvador	Rua descnedeo, os monumentos mais antigos e rústicos	Santiago Pelourinho Cusco	Paisagem A visão mais ampla Lugares mais abertos	Teve bastante Fecharam muitos negócios Mudança da cor na Casa Hoffmann Pintura da Casa Romário Martins A parte histórica mudou pouco	Uma parede colorida seria legal, mas mexer demais quebra o passado, parece tudo tão recente, tão igual, que você não volta naquela história Rouba a identidade O colorido vira uma coisa só e perde a graça Quanto mais mantem o tradicional mais bonito fica Como vamos conseguir passar uma história pra frente se fica mudando, mudando, mudando? Vai chegar uma hora que ninguém vai saber o que era verdade e o que era mentira. Se você não mantém a identidade, você não consegue passar pra frente como era no início. Então acho que manter o original é a melhor opção. Eu gosto.	Incentivar a reabertura dos locais fechados Comunicação visual e indicativa dos pontos turísticos		

FONTE: A autora (2023).